

D. VALENTI

Jardim de *inverno*





Jardim de Inverno

D. Valenti

Copyright © 2019 D. Valenti

Capa: Jéssica Macedo

Diagramação: da autora

Revisão: da autora

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida, seja por qual meio for, mecânico, eletrônico, fotográfico etc., sem autorização expressa da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com fatos, nomes e datas reais é mera coincidência.

<https://www.facebook.com/Deborah-Valenti-1742214162680549/>

CONTEÚDO

[Title Page](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“O segredo é não correr atrás das
borboletas... É cuidar do jardim

PERIGOSAS ACHERON

para que elas venham até você.” D. Elhers.

1

“O caos não tem estátua nem figura e não pode ser imaginado; é um espaço que só pode ser conhecido pelas coisas que nele existem, e ele contém o universo infinito.” Frances A. Yates

Daniel

Quando eu era mais novo — e até pouco tempo atrás — pensava ter o poder de, assim como na ciência clássica, descrever minha vida em uma equação linear; que com minhas ações perfeitamente planejadas eu poderia controlar e

PERIGOSAS NACIONAIS

prever cada evento. Mas viver comprova nossa ingenuidade, viver é como lançar uma pluma ao vento e descobrir quão ufanos somos ao supor que é possível prever sua trajetória. De formas inesperadas, a vida nos mostra quão pequeninos e impotentes podemos ser ante a infinitude, a imprevisibilidade do Universo e de quase tudo que nos cerca.

Somos donos de nosso destino? Não, pois há sempre algo que nos escapa, aquele simples bater de asas que muitas vezes é circunstancial e que pode ser a origem de uma tormenta.

É assombroso e irônico que o mesmo Universo composto de fractais, padrões semelhantes, seja o palco de tanta imprevisibilidade, tanto na natureza como na vida, mas eu, em meu pueril otimismo, pensei que fosse possível realizar tudo com que eu havia sonhado. Como se a “borboleta” fosse um títere, e eu, o titereiro que calcula cada movimento de suas asas.

Então cheguei ao ponto em que apenas uma pergunta parecia reger minha existência: como

PERIGOSAS ACHERON

transformar minha vida nessa equação linear se uma das variáveis era a mulher que a cada dia eu descobria conhecer menos? Se as peças desse quebra-cabeça que deveria ser perfeito se desvirtuavam ou se perdiam indefinidamente.

Para começo de conversa, eu jamais imaginei, em todos os anos que eu e Aline vivemos juntos, que ela pudesse correr tanto. Um detalhe simples, na aparência insignificante, que, na certa devido a essa ironia cósmica maior que todos nós, resultaria no completo caos. Certo, tenho que admitir que a primeira peça do dominó caíra muito antes disso; talvez quando eu tinha metido os pés pelas mãos ou, talvez, quando uma peça se desvirtuara, ou quando outra ainda mais importante se perdera... literalmente partira.

Aquela tarde em que pensei ter resolvido a questão da “variável imprevisível” em minha vida, eu me vi correndo feito um demente pela trilha que entremeava a área preservada do condomínio onde eu vivia. Esquivando-me da vegetação, irritado, desconcertado, eu seguia logo atrás dela, mas Aline se distanciava com facilidade assombrosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar da temperatura baixa, o suor empapava meu torso e o rumor produzido pelo ar que eu agitava soprava em meus ouvidos como o urro vitorioso da própria deusa do caos.

Como eu havia deixado que nossa situação chegasse àquele ponto? Eu não queria que tivesse sido daquela maneira; apesar dos pesares esperava terminar com aquilo de modo civilizado e menos doloroso possível, sobretudo para ela.

Senti um ardor próximo aos olhos e me abaixei, desacelerando o passo. Um galho tinha atingido meu rosto, retardando a corrida e dando mais vantagem à Aline. Reprimi um xingamento, passei o dedo sobre o pequeno ferimento e me recompus. Ignorei a dor e voltei a correr pela estreita trilha feito um tornado.

Naquele bosque o inverno era perene e a noite se adiantava, cúmplices devotíssimos do frondoso dossel que as árvores teciam. Mas, apesar das sombras, eu ainda podia vê-la, seus cabelos balançando ao ciciar do vento e ao sabor dos movimentos do corpo dela.

PERIGOSAS ACHERON

Aline se distanciava cada vez mais, e isso me preocupava. O local era ermo e logo anoiteceria. No momento, além da minha respiração ofegante e do pulsar descontrolado do coração repercutindo em meus ouvidos, eu ainda ouvia o chilrear de algumas aves, mas logo ouviria apenas o pio de alguma coruja, o cricrilar recalcitrante dos grilos, o zunir de alguma outra ave noturna... Aquele lugar podia ser perigoso e assustador à noite.

Preocupado, empreendi mais energia à corrida e agradei ao alcançar um descampado. Minha pele ardia, coberta de vergões avermelhados, mas em alguns minutos eu estava muito próximo dela.

— Aline! — gritei arfante. — Espera. — Pensei em gritar que queria me explicar, mas julguei que essa não era bem a palavra. Queria apenas que ela entendesse que eu não pretendia machucá-la e que havíamos chegado a um ponto a partir do qual já não poderíamos prosseguir. Precisávamos ter uma conversa definitiva, já não podíamos protelar. — Aline, que diabos, quer parar de correr?! — esbravejei começando a me impacientar. Estava a poucos passos dela, estiquei o braço e toquei

fugazmente um de seus ombros. — Precisamos conversar, droga!

— Não! Tira a mão de mim! — Esquivou-se abaixando-se e mudando de direção.

Obstinado, eu a imitei apertando os dentes e os passos.

— Merda! — Aline teria que me ouvir, pensei e vi que ela se aproximava de uma encosta, então estaquei. — Aline, cuidado — adverti gesticulando de modo apaziguador.

— Não chega perto de mim, seu cretino! — Ela já não corria e, de costas para o perigo, de frente para mim, recuou um passo.

Cauteloso, refreei o ímpeto de me aproximar, mantive distância. Relanceei o acentuado declive atrás dela e calculei em pensamento a tragédia iminente. Eu precisava me acalmar, acalmá-la, encontrar um modo de afastá-la dali.

— Tá, tudo bem, eu vou, mas... — modulei o tom tentando manter a voz o mais plana possível;
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha a impressão de que, se subisse uma oitava, Aline voaria feito um passarinho assustado. Mas precisava dizer a ela que se afastasse dali. — Você precisa... — eu me interrompi ao vê-la recuar mais um pouco e, instintivamente, avancei um passo. — Não... — comecei, mas houve um grito, e eu vi os pés dela desfazendo o tapete de folhas secas que cobria o terreno.

Empurrei para um lado o choque e corri tentando alcançá-la, mas ela parecia ser sugada para baixo. Num instante eu já não a via mais.

Parei em seco próximo à encosta. Horrorizado com aquele quadro — Aline de braços vários metros abaixo —, levei as mãos à cabeça e senti os cabelos empapados de suor.

— Jesus! — sussurrei.



Duas semanas depois.

PERIGOSAS ACHERON

— Já vai! — gritei do patamar da escada.

Acabava de sair do banho, estava sozinho em casa e não esperava visitas àquela hora da noite. Verifiquei o relógio na tela do celular, passava das vinte e uma, e eu estava exausto.

Quem poderia ser e como havia passado pelo portão?, eu me perguntei enquanto enxugava os cabelos. Passei a toalha mais algumas vezes pelo corpo e a joguei sobre a cama em seguida. Então me aproximei do armário, peguei e vesti a primeira bermuda que vi. Saí do quarto e descii rapidamente os dois compridos lances de escada.

— Estou indo... — Dei mais alguns passos através da sala e abri a porta, surpreendendo-me. — Kayla.

— Oi.

Abri mais a porta francesa, recuei um passo e inclinei a cabeça em um convite silencioso.

A mulher correu o olhar por meu torso desnudo e corou parecendo constrangida, mas não hesitou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em entrar. Venceu a soleira, a bolsa sobre o peito, qual um escudo.

Fechei a porta e, ao me voltar, dei com uma figura abatida. Com as mãos nos quadris, observei a mulher com atenção. Suas pálpebras inchadas denunciavam o choro recente.

— Como ela está? — indagou Kayla, a voz quebrada.

Presei os lábios enquanto exalava, extenuado. Elevei os braços, corri os dedos pelos cabelos molhados e respondi:

— Melhor nos sentarmos.

— Não pretendo demorar.

— Quer beber alguma coisa? — ofereci ignorando sua observação. — Acabei de chegar, não sei se tenho algo além de água para oferecer, mas posso...

— Não, obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Não pude evitar outra exalação.

— Não quer se sentar? — insisti e, vendo que ela aceitava, dei dois passos, acomodando-me na poltrona em frente.

— Não tive coragem de ir ver a Aline. Desculpe — confessou ela, o olhar repleto de culpa.

— Sua irmã está internada há quinze dias — não pude evitar o tom recriminatório.

— Eu sei, mas... não tive coragem — repetiu-se.

Elevei uma sobrancelha, incontido. Não pretendia fazer julgamentos, mas não pude evitar certa perplexidade ante aquela atitude, sobretudo da parte dela.

— Em algum momento você terá que enfrentá-la. — *E eu também*, pensei.

Kayla apenas meneou a cabeça concordando.

— Como ela está? — voltou a indagar.

— Ainda desacordada. Os médicos disseram que o edema cerebral diminuiu e que ela está fora de risco; vão interromper o coma induzido a qualquer momento — respondi e notei as lágrimas que sulcavam o rosto dela.

— Se ela morresse, eu não...

— Shhh... — Eu me ergui rapidamente e me sentei ao lado de minha cunhada.

Preferia manter certa distância, mas não pude evitar consolá-la, agi por impulso. Na realidade eu me sentia culpado pelo que estava acontecendo. Vinha evitando pensar no assunto desde que Aline se accidentara, mas no fundo sabia que em algum momento, ainda que inconscientemente, eu havia engatilhado toda uma situação fazendo uma bagunça.

Passei as mãos com suavidade por seus cabelos e beijei uma de suas têmporas castamente.

— Você não tem que ficar se culpando...

Ninguém planejou que as coisas acabassem assim. Foi uma fatalidade — falei, mas apenas dei vazão ao choro torrencial dela, seu corpo tiritando entre meus braços. Esperei alguns minutos até que Kayla se acalmasse e então me afastei, segurando-a pelos ombros. Olhando-a nos olhos, acrescentei: — Não podemos passar a vida lamentando o que passou; o que está feito está feito. Não era você mesma quem sempre nos dizia isso? Agora sua irmã precisa do nosso apoio e estaremos ali por ela enquanto for preciso, ou pelo menos tanto quanto ela permita. É o mínimo que podemos fazer. — Vi que ela anuía e enxugava as lágrimas com o dorso de uma mão, então tomei a iniciativa de me afastar.

— Você não vai mais...

— Vou — respondi, categórico, antes que ela pudesse concluir a pergunta. — Meus planos são os mesmos. Claro que vou esperar que ela se recupere, mas estou decidido. Eu vou me divorciar da sua irmã, Kayla — acautelei com firmeza e a vi assentir mais uma vez.

— Ahn... — ela começou timidamente, as mãos

delicadas e inquietas denunciando sua tensão. — Sobre...

— Isso foi um erro — interrompi, sabia o que ela diria. Nem mesmo queria evocar a lembrança daquela idiotice e, quando a vi concordar, continuei. — Não deveria ter acontecido, sinto muito ter...

— Tudo bem. Entendi. Concordo. Concordo plenamente com você.

— Bom.

— Então já vou andando — disse erguendo-se, parecendo ainda desconcertada.

— Irá vê-la? — Fiquei de pé e analisei suas feições.

— Eu... Eu só preciso de um tempo... Eu... — Deu-me as costas como se não pudesse me encarar. — Mande notícias, por favor — murmurou apressadamente.

Balancei a cabeça, embora ela não pudesse me
PERIGOSAS ACHERON

ver. Abri passo através da sala, mas, antes que fosse possível alcançá-la, ela abriu a porta e saiu.



Abri a gaveta, encontrei uma *t-shirt* e a vesti. Antes de fechar a porta do armário, eu me olhei no espelho afixado à porta. Toquei com o dedo a pequena cicatriz junto à pálpebra inferior direita, examinando-a, e então deslizei o olhar para meus cabelos escuros, um pouco mais compridos que o habitual, já roçando a nuca. Na manhã seguinte, antes de ir ao hospital, eu passaria pelo barbeiro e aproveitaria para apará-los, pensei deslizando a mão pelo maxilar.

Observei a barba cerrada, de repente uma vontade de, depois de anos, retirá-la, ver minha pele nua novamente. Poderia ser uma forma de marcar um recomeço. Eu a conservava por causa de Aline, que gostava, mas já não via motivo para isso. Aliás, fazia anos que ela se mostrava indiferente a qualquer detalhe referente a minha

aparência, e eu nem saberia explicar a razão de ter mantido minha figura imutável por tanto tempo. Talvez porque não tivesse saído do lugar durante muitos anos, pelo menos não do ponto de vista emocional.

Oprimi os lábios ante o pensamento. Desci o olhar, de repente tomado por uma sede de autoconhecimento, mas, pelo espelho, sob as roupas que pendiam no armário, antevi um conhecido envelope pardo. Isso mudou o rumo dos meus pensamentos. Eu o tinha recebido pelos correios, algumas semanas atrás, vindo de meu advogado; este, inclusive, já havia carimbado e assinado a documentação.

Num gesto automático, peguei o envelope e me sentei na cama. Abri-o, retirei de dentro dele a papelada e a examinei de modo displicente. Tinha lido tantas vezes aquelas linhas, que já sabia de cor o que diziam. Mas olhava assim mesmo, como se o simples ato de correr os olhos através daquelas palavras pudesse concretizá-las.

Entortei os lábios ante a ironia que me cercava;

mesmo sem ter tomado conhecimento daqueles documentos, de alguma forma Aline tinha conseguido me prender por mais algum tempo ao seu lado.

Eu estava casado fazia mais de seis anos, e meu relacionamento declinava ladeira abaixo havia pelo menos três. Tinha tentado resgatá-lo sendo paciente, compreensivo, mas chegara o momento em que eu me via como um mero objeto de uso cotidiano com o qual ela havia se acostumado. Não que Aline fosse alguma espécie de mau-caráter, insensível. Não, pelo contrário. Talvez ela fosse até mais sensível do que eu tinha suposto ao conhecê-la. Ela era apenas um náufrago, em um mar de infundável desespero, e agarrava-se a mim como se eu fosse sua tábua de salvação; embora me afogasse no processo, matando-me aos poucos.

Aquela tristeza profunda tinha levado o que havia de mais precioso em Aline, pensei enquanto tentava rememorar o que me levara a casar com aquela mulher. Eu tinha me casado apaixonado, certo? Ambos estávamos apaixonados, mas, agora, eu já não conseguia encontrar sequer a sombra

daquele sentimento, ao examinar meu íntimo, ou minhas memórias, a lembrança dos momentos que havia passado ao lado dela. Havíamos chegado ao fim, e era irrevogável.

Eu estava ansioso por viver. Tinha tanta sede de recuperar o tempo perdido, embora soubesse que aqueles anos não voltariam mais. Em meus trinta e três anos, ainda era jovem o bastante para recomeçar, quem sabe conhecer alguém, construir uma família; achava que não era tarde demais, embora ainda tivesse que vencer aquele novo obstáculo.

Agora eu era obrigado a esperar antes de dar um novo rumo a minha vida, e isso era indiscutível; ainda que já não a amasse, era inevitável nutrir por ela algum apreço. Não podia negar, sentia muita pena de Aline, que, na verdade, era escrava de um jugo autoimposto, do jugo implacável da culpa.

Ela não tinha sido forte o suficiente para superar aquela tragédia... e eu não a poderia condenar. Sempre a vi como uma mulher guerreira, batalhadora, mas, ao que parecia, o ocorrido cerca

PERIGOSAS NACIONAIS

de três anos atrás tinha sido demais até mesmo para Aline.

A princípio eu tinha sido paciente e compassivo, até que aquilo tinha deixado de ser algo de fora para dentro dela; passara a retaliar destruindo meu espírito também e me contaminando. Ainda assim, aferrando-me ao papel de marido, resisti por alguns anos. Eu me sentia culpado por querer deixá-la sozinha naquela bolha de desolação. Até que meu amor por ela foi sobrepujado pela carência e pela sede de viver. Meu espírito tinha sido provado até um limite insuportável e, de uma hora para outra, eu já não encontrava aquele amor que um dia tinha sentido por minha esposa.

Bom, havia alguns meses, enquanto eu cultivava a ideia de liberdade que estalava com fúria dentro de mim, já não havia culpa. Eu tinha tentado. Tinha transitado com paciência entre aquelas promessas trocadas no altar (“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença...”), tinha me deixado levar pela pena e até mesmo pelo remorso, ao passo que me via morrer paulatinamente por

PERIGOSAS ACHERON

dentro, adoecido também. Agora, para meu próprio bem, e talvez para o dela, eu precisava recobrar a posse da minha alma.

Alma raptada pela angústia consumidora dela.

Ainda sentado, olhando para aqueles documentos, pensei mais uma vez na espera, no tempo que seria obrigado a aguardar para começar a reconstruir minha vida. Eu me via mais uma vez cativo, mas não poderia abandoná-la naquele momento.

Suspirei frustrado, quase sentindo pena de mim mesmo.

Esperar. Parecia que isso era tudo o que me era permitido havia anos, mas dessa vez eu não poderia culpá-la. De certa forma, embora não premeditadamente, eu tinha sido responsável pela queda dela naquela encosta. E havia me colocado nessa situação sozinho.

Aquilo, naquele chalé, tinha sido um erro, um equívoco terrível, pensei ao me recordar da tarde em que Aline havia me encontrado naquele lugar,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

naquela situação, e, chocada, fugira mata adentro até terminar inconsciente naquele buraco.

Eu tinha agido impelido por uma euforia incontrollável — uma ânsia, um afã que me dominava desde que tinha resolvido tomar as rédeas da minha vida —, sequer tinha cogitado as consequências daquele ato impensado. Bem, agora eu arcaria com o prejuízo, fosse como fosse.

Não conhecia ainda a proporção dos danos que aquilo tudo traria para ela e fechei os olhos ao pensar nisso, desejando apagar as imagens que se desenhavam em minha mente, um prognóstico perturbador; o rosto de Aline quando acordasse e deparasse comigo.

Certo remorso me roçava a alma, mas, apesar de admitir as próprias responsabilidades, rejeitei aquele fardo. Afinal, antes de tudo acontecer eu já havia tomado uma decisão. Ainda que ela não soubesse, era fato consumado.

Deixei o torso tombar sobre a cama e soltei os papéis de qualquer maneira ao meu lado. Repousei

PERIGOSAS ACHERON

os antebraços sobre o abdome e, com o olhar contemplativo preso ao teto, toquei a aliança na mão esquerda, girando-a. Senti a tentação de retirá-la. *Não. Não ainda. Não antes de nos falarmos*; não seria correto, e eu devia isso a ela.

Cobri os olhos com um antebraço, agastado, e permaneci assim por vários minutos; nem percebi quando o sono me venceu.

2

“Divide as dificuldades que tenhas de examinar em tantas partes quantas for possível, para uma melhor solução.” René Descartes.

Daniel

Com a primeira onda de vibração emitida pelo celular, eu já estava acordado. Não encontrava o aparelho, que tremia sem parar, tinha dormido de qualquer maneira e, ao procurar o travesseiro sob o qual costumava deixá-lo, percebi que eu estava bem abaixo da cabeceira, os pés fora do colchão.

Eu me volvei, fiquei de joelhos sobre a cama e
PERIGOSAS ACHERON

engatinhei, alcançando o celular.

— Alô? — atendi estranhando minha própria voz, rouca pelo sono.

Sequer tinha conferido o visor e tombei de novo sobre o colchão.

— Sr. Romano?

— Ele — resmunguei.

— Meu nome é Manuela, eu falo do Hospital Padre Adolfo Ludock.

Abri os olhos, surpreso e preocupado. Acordado agora.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Não, senhor. Dr. Caiado pediu que eu entrasse em contato e informasse que sua esposa acordou. Ele está pedindo que o senhor venha vê-la esta manhã, antes do encerramento do plantão.

Retirei o aparelho do ouvido e conferi as horas

no visor, seis e dez.

— A que horas ele encerra? — perguntei.

— Às sete.

— Estarei aí antes disso, obrigado.

— Disponha, Sr. Romano.

Joguei o aparelho sobre a cama, esfreguei os olhos, bocejei e ergui o tronco, esticando-me todo. Então saltei sobre os pés, andei em direção ao banheiro e retirei a camisa no caminho, soltando-a de qualquer maneira sobre a cômoda.

Quando alcancei o boxe, já estava nu. Ainda meio sonolento, abri a porta e cambaleei para dentro, abrindo o registro ao máximo. Só depois de molhar o rosto e os cabelos, eu me permiti pensar na ligação que tinha acabado de receber. Suspirei aliviado, que bom que Aline tinha acordado. Quanto mais rápido ela se recuperasse, melhor para todos, disse a mim mesmo e então me concentrei no banho. Descarreguei sabonete líquido na bucha e esfreguei todo o corpo rapidamente. Não podia

PERIGOSAS ACHERON

perder tempo com reflexões, precisava chegar ao hospital antes das sete.

Enquanto ensaboava os cabelos, porém, os pensamentos, de novo e sorrateiramente, se esgueiraram em minha cabeça. Passei por um segundo de pânico ao pensar no que o médico diria — para ter me convocado àquela hora da manhã, devia ter algo importante a dizer —, mas empurrei para um lado a apreensão, afinal havia dias o quadro dela tinha se estabilizado.

Aline ficaria bem.

Eu ficaria bem.

Todos ficaríamos bem.



A porta do elevador se abriu e dei dois passos à frente, deparando com minha própria imagem no espelho, ao fundo. Observando minha aparência, lembrei que havia planejado passar pelo barbeiro antes de ir ao hospital; o chamado do médico logo

ao amanhecer tinha precipitado minha saída e me obrigado a mudar os planos.

Um timbre curto e agudo me resgatou dos pensamentos, e eu me virei, recostando-me ao espelho. Duas mulheres entraram e continuaram a conversar, aparentemente alheias à minha presença; eu tampouco me incomodava com a delas. Meus pensamentos já estavam alguns andares acima, antecipando-se a mim.

Logo eu passava pela porta, saindo no corredor impoluto, revestido de cores estéreis, em que se localizava o CTI. Enchi os pulmões respirando o denso silêncio que alvejava a atmosfera daquele lugar saturado de tristeza e segui em frente, parando junto à recepção.

— O doutor Caiado — disse à mulher sentada do outro lado de um vidro.

— Quem deseja? — perguntou a recepcionista antes de subir o olhar, sem deixar de digitar no teclado à frente.

— Daniel Romano, ele está me esperando —
PERIGOSAS ACHERON

respondi, embora tivesse visto o brilho de reconhecimento nos olhos castanhos da recepcionista.

Ela sorriu e sustentou meu olhar por um par de segundos.

— Certo, um momento — pediu e pegou o telefone, discando vários números rapidamente. Disse algumas palavras a alguém do outro lado da linha e desligou. — É só aguardar — balançou a cabeça em direção à antessala à esquerda —, ele já vem.

— Obrigado. — Assenti e me dirigi ao mesmo local em que havia permanecido, durante muitas horas, nos últimos dias.

Em vez de me sentar em uma das inúmeras cadeiras, caminhei até uma das janelas basculantes no outro extremo da sala, onde permaneci por vários minutos, absorto em pensamentos.

Aquele era um dos maiores edifícios da região e, de lá, era possível avistar vários municípios vizinhos, entre os quais aquele em que eu morava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia mais de seis anos: o pequeno povoado de Belo Vale.

— Sr. Romano — ouvi e me voltei, deparando com o médico.

— Ah, Dr. Caiado, como vai? — cumprimentei com um aperto de mão.

O homem, que devia ter por volta de sessenta anos, compôs um sorriso cansado de fim de plantão.

— Temos boas notícias — contou, mas tive a impressão de que aqueles lábios impressados significavam algo que eu não gostaria de saber.

Teriam havido sequelas?

— Ela acordou, a recepcionista me disse — adiantei-me ao médico, ansioso.

Dr. Caiado confirmou com a cabeça.

— Sim, e está bem...

PERIGOSAS ACHERON

Não perdi a hesitação na voz dele e entrecebrei os olhos.

— E o que mais, doutor?

— Uma pequena complicação... — coçou a região da mandíbula, talvez sopesando as palavras —, mas nada que ela não possa superar — explicou com calma.

Contive o fôlego, temeroso de perguntar o que havia acontecido, ao mesmo tempo que sentia a condenação da minha própria consciência cair como chumbo sobre os ombros. Como eu podia ser tão egoísta, tão mesquinho, pensando na ameaça que isso poderia significar para meu futuro, quando o da minha esposa talvez estivesse completamente arruinado? A julgar pela queda que ela havia sofrido, eu não me espantaria se o médico me atirasse na cara um diagnóstico de paraplegia, ou coisa pior, algum dano cerebral irreversível, que a deixasse incapacitada, em estado vegetativo, talvez. A apreensão me atingia de tal maneira, que eu nem mesmo atinava para a última frase proferida pelo médico: “[...]nada que ela não possa superar”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esvaziei os pulmões finalmente, obrigando os pensamentos a centrarem-se em Aline, razão pela qual eu estava ali naquele momento.

— O que houve? — perguntei e rilhei os dentes até a dor.

— Ao que tudo indica, sua esposa tem amnésia dissociativa — soltou.

Silêncio por um momento, as ideias tentando e não se assentando muito bem em minha mente, até que enfim perguntei:

— Que significa isso? — Estreitei os olhos, presumindo e duvidando de minhas próprias suposições. — Perda de memória?

— Exato.

— Ela não se lembra de nada? — Parecia inacreditável.

— Na verdade ela se lembra do próprio nome e perguntou pela irmã. No entanto não parece compreender onde está, nem...

PERIGOSAS ACHERON

— Nem o quê?

— Ao que tudo indica, não se lembra do senhor. Age como se estivesse vivendo quase uma década atrás e tivesse vinte e um anos de idade.

Separei os lábios para dizer algo, mas nada me ocorria. Devia estar escrito CONFUSÃO em letras garrafais em minha testa, pois ele logo tentou me acalmar.

— Sr. Romano, apesar da queda que sua esposa sofreu e do edema cerebral, os exames não mostraram qualquer lesão grave e, pelas características do quadro, acreditamos que seja um estado transitório, possivelmente recorrente do susto, do trauma. Bom, de qualquer forma ela está muito confusa e precisa do apoio dos familiares neste momento. Por isso o chamei. Ah, e desculpe ligar tão cedo; eu quis evitar que o senhor deparasse com esta situação mais tarde, fora do meu plantão, sem que estivesse prevenido.

Fechei a boca e então perguntei, como se não o tivesse ouvido:

— E isso é permanente?

— Como eu disse, a princípio não. Mas não há previsão de melhora. Tanto pode acontecer em dias como em meses, ou anos. Pode até ser permanente, embora muito raramente isso aconteça.

Merda.

Respirei fundo, cansado e perplexo.

Mãos nos quadris, a cabeça inclinada, perguntei: — Quando posso vê-la?

— O horário de visitas começa às dez, mas, como já está aqui, deixarei que entre para vê-la daqui a pouco. Pode ser bom para ela. Está um pouco confusa e assustada.

— Tem alguma previsão de alta, doutor?

— Amanhã mesmo quero transferi-la para um apartamento. Ela será submetida a alguns exames esta semana e, verificando que está tudo bem, pretendo lhe dar alta em alguns dias. Creio que no próximo fim de semana o senhor já poderá levá-la

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para casa. — Sorriu, e eu não pude corresponder.

— E quanto à... ahn... — eu custava a acreditar naquilo, era até difícil pronunciar a palavra — amnésia? Não é melhor que Aline fique aqui até estar bem? — Hoje sinto vergonha de ter cogitado isso.

— Não, não há necessidade. — Ele balançou a cabeça. — Se ela estiver bem fisicamente, poderá voltar para casa logo, logo. Terá que fazer acompanhamento com um neurologista e um psiquiatra, dentre outros especialistas, claro, mas nada que requeira uma internação. Sua esposa está bem, rapaz — disse tocando meus ombros de modo tranquilizador. — Fique calmo, isso vai passar.



Já no CTI, junto à porta do boxe em que se encontrava Aline, vi uma funcionária do hospital. Hesitei apoiando-me ao batente, então ouvi:

— Pode entrar, já estou terminando — a mulher que ajustava o volume do soro liberou.

PERIGOSAS ACHERON

No mesmo instante, Aline, deitada na cama, voltava o rosto em minha direção. Parei e deixei que, visivelmente apreensiva, ela me esquadrinhasse de cima a baixo. Não percebi qualquer reação, apenas o receio que já parecia instalado no momento da minha chegada.

A outra mulher pareceu também notar a tensão da paciente e disse:

— Tudo bem, querida. — Tocou um ombro de Aline de modo apaziguador. Tive impressão de que tentava aquietá-la, e minha esposa voltou a olhá-la, parecendo agradecida, embora se mantivesse em silêncio.

Nos últimos dias, eu tinha imaginado aquele momento de muitas maneiras, e em nenhuma delas era recebido com aquele olhar tão... preocupado, sim, mas... pacífico também. Nada, absolutamente nada, do ódio para o qual eu tinha me preparado nos dias anteriores.

— Vou deixar os dois a sós — avisou a funcionária do hospital, retirando-se. — Precisando

de algo, é só chamar.

— Obrigado — agradei, ainda que não soubesse se a mulher havia se dirigido a mim, com os olhos fixos em Aline.

Desconcertado, meti as mãos nos bolsos do jeans e dei os passos que faltavam para alcançar a cama. Parei a cerca de um metro e analisei o rosto dela. Parecia abatida, claro, mas, estranhamente, tinha o semblante mais agradável do que nos últimos anos. Pelo menos aquele gesto amargo que curvava as comissuras labiais não era tão contundente, parecia atenuado.

— Oi — cumprimentei. Não obtive resposta, exceto por um sutil menear de cabeça, então continuei. — Como se sente? — e inclinei a cabeça sondando-a.

Um manto do mais denso silêncio pairou. O bip do aparelho ligado a ela soava mais alto aos meus ouvidos, como o tique-taque de um relógio, em contagem regressiva, anunciando a iminência de um momento decisivo, irrevogável.

— Bem — sussurrou.

Ela torcia as mãos sobre o colo, na certa incomodada.

Imutável, eu a observei por mais alguns segundos, descendo os olhos através do braço imobilizado, retornando ao rosto repleto de escoriações.

— Parece bem realmente. Foi uma queda e tanto, você teve muita sorte. — Limpei a garganta, descomposto, e me movi alternando o peso do corpo entre as pernas, cruzando os braços. Ainda que prevenido sobre o estado dela, eu não estava preparado para lidar com aquele silêncio impassível e procurei algo que dizer para evitar o incômodo. — Conversei com o médico, e ele disse que você vai receber alta logo.

Essa informação pareceu despertar o interesse dela, vi em seu olhar, no discreto erguer das sobrancelhas castanhas. Vi mais que isso; havia um quase temor inscrito naquele rosto tão conhecido e que me fitava de modo tão estranho. Retraí as

pálpebras como se isso pudesse me ajudar a enxergar melhor a situação, caindo então em mim: Aline devia estar muito assustada. Quem em seu lugar não estaria?

Bom, eu também estava.

Apesar de ter sido avisado pelo médico de que minha esposa havia perdido parte da memória, eu esperava que, quando me visse, Aline a recobrasse imediatamente. Se não se lembrasse de tudo, ao menos de mim se lembraria. Parecia inconcebível que isso não acontecesse, mas, ao que tudo indicava, eu tinha me equivocado. A verdade era que essa situação parecia surreal, era tudo muito absurdo para mim.

— Você não se lembra de nada mesmo, não é?
— perguntei como se precisasse confirmar, olhando-a como que diante de um achado.

A princípio, ela se limitou a balançar a cabeça negando, mas logo esclareceu, a voz quebrada: — Não me lembro de *você* — ressaltou a última palavra.

Ah, claro. Seria muita presunção minha pensar que algum dia eu tinha sido “tudo” na vida dela, de modo que o termo “nada” não caberia de fato naquela situação, pensei, não sem certo cinismo.

Então resolvi sondar. Precisávamos saber onde estávamos e, sobretudo, *se* estávamos em algum lugar, porque, pelo que havia dito o médico, “estávamos” não existia mais.

— Lembra como veio parar aqui? — indaguei.

Ela negou com a cabeça.

— Você escorregou e caiu em uma encosta. Eu trouxe você desacordada para o hospital, numa ambulância.

Ela acenou com a cabeça, mas em seu semblante li pura incredulidade. Tentei imaginar o que poderia estar passando pela mente dela; em seu lugar eu na certa me perguntaria o que estava fazendo próximo a uma encosta e por que um completo estranho havia me levado a um hospital. Então me lembrei do que o médico havia dito; ela agia como se vivesse quase uma década atrás.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe onde está? Sabe que lugar é este?

— Não — murmurou.

— Belo Vale. Isso diz alguma coisa?

— Quê? — sua voz soava fraca e cautelosa.

— Belo Vale. É o povoado onde moramos. Este hospital fica perto da nossa casa.

— Nossa casa — repetiu como um autômato e fechou os olhos, apertando-os como se operasse grande esforço.

— Não se lembra daqui, de quando se mudou?
— pressionei.

— Isso... Não.

Vi seus olhos se inundarem de lágrimas. Ela olhava para a porta, como se o socorro fosse entrar por ali a qualquer momento. Por uns instantes mais, analisei suas feições como se olhasse para uma estranha, procurando-a.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem de mim? — insisti recusando-me a crer.

— Especialmente de você. — Uma lágrima verteu. — Nunca vi você, tenho certeza. — Elevou uma mão trêmula ao rosto e espalhou as lágrimas. Parecia perdida. Desesperada.

Assenti, embora estarrecido. Era tudo tão estranho.

— Ao menos tem ideia de quem eu possa ser? Alguém disse algo sobre mim a você? Disseram que eu viria?

Aline desceu o olhar até encontrar meu antebraço direito. Ali repousava minha mão esquerda, na qual eu carregava a aliança. Em seguida olhou para a própria mão, que descansava sobre o colo, e observou a faixa de pele mais clara, o vestígio de que um dia carregara um anel no dedo anelar, assim como eu.

Compreendi a mensagem. Curvei os lábios não exatamente sorrindo e concordei com a cabeça. E pensar que tinha cogitado retirar a aliança na noite

PERIGOSAS ACHERON

anterior.

— É isso mesmo. Sou seu marido — confirmei com menos tato do que poderia. — Consegue se lembrar do meu nome agora? — forcei teimando em extrair dela qualquer resposta, recusando-me a encarar as implicações de tudo aquilo em minha vida. *A minha* vida.

Ela pareceu pensar por alguns segundos e então respondeu:

— Não faço a mínima ideia de quem seja. Você é um completo estranho para mim — e então elevou a mão livre, massageando uma têmpora com dois dedos, o semblante crispado.

Deus, o que eu faria com ela?, pensei olhando para o alto, elevando uma prece silenciosa.

Penalizado, sabia que Aline necessitava de apoio, de saber que não estava sozinha, desprotegida, mas em meu íntimo recusava-me a romper a distância que já havia algum tempo vinha se estabelecendo entre nós; distância vital se eu quisesse retomar minha vida e dar uma chance a PERIGOSAS ACHERON

mim mesmo.

Relutante, respirando fundo e tragando um nó na garganta, busquei uma das mãos de Aline, esforçando-me para ser gentil.

— Não se preocupe, querida — obriguei-me a dizer. — Vai ficar tudo bem. Logo você vai para casa e, aos poucos, vai se lembrar de tudo. As coisas vão entrar nos eixos de novo — prognostiquei tentando deixá-la mais tranquila.

Deixei um beijo no dorso de sua mão, mas logo a soltei, precisando manter distância.

— Obrigada — ouvi Aline murmurar e voltei a meter as mãos nos bolsos, sem saber o que fazer com elas. E com a mulher a minha frente.

Evitei pensar no quanto ela demandaria de mim e tratei de inventar um pretexto para sair dali. Precisava de um tempo para pensar, organizar as ideias, buscar a serenidade necessária para lidar com tudo aquilo.

— Tenho que ir agora — soltei. — Volto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amanhã. — Inclinei a cabeça despedindo-me e me afastei, dando-lhe as costas.

— Espera — ouvi e estaquei, sem me voltar.

— O que é? — perguntei.

— Onde está minha irmã?

Fiquei de frente para ela de novo, mas demorei um pouco para falar, ponderando a resposta. Como poderia dizer a verdade? Avaliei a situação com rapidez, decidindo que não poderia soltar aquela informação naquele momento em que ela estava tão vulnerável. Seria como golpear uma região já machucada, cutucar uma ferida, intuí.

— Sua irmã virá logo, mas... — Pensei em acrescentar que talvez Kayla demorasse um pouco, mas mudei de ideia. — Em breve ela virá vê-la — evadi e quis sair voando dali.

Ela prensou os lábios, aparentemente resignada.

— Certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tchau. — Dei meia-volta e saí.

PERIGOSAS ACHERON

3

“Se uma causa exterior te perturba, a tua aflição não vem dessa causa, mas, sim, do teu juízo a respeito dela.” Marco Aurélio.

Aline

Um ruído me despertou, e eu me movi na cama.

— Bom dia, moça — ouvi. — Sinto muito acordá-la, mas está na hora da sua medicação.

— Tudo bem — resmunguei e tentei erguer o tronco, logo recebendo auxílio da mulher que acabava de entrar. — Que horas são? — perguntei, embora o tempo ainda fosse um ponto de

PERIGOSAS ACHERON

desequilíbrio, de incerteza, para mim.

— Sete.

— Nossa, dormi muito.

— Por causa do tranquilizante — explicou a enfermeira.

Ela me entregou um copinho com vários comprimidos e outro, maior, com água.

— Colocou mais um daqueles aqui? — Balancei o pequeno recipiente plástico pensando que não seria nada mal voltar a apagar e a esquecer a realidade, ou melhor, fingir que não havia esquecido tudo, inclusive que havia me mudado e que tinha um marido. Minha cabeça era uma bagunça, dizer que eu estava confusa seria um eufemismo.

— Ahn... não. Só analgésico, anti-inflamatório e antibiótico, mas, se achar que precisa, posso falar com o m...

— Não preciso — decidi de um golpe. Eu tinha
PERIGOSAS ACHERON

que ficar acordada e lúcida, mesmo que isso me custasse a paz.

— Está mais calma? — sondou aproveitando a deixa. Ela havia testemunhado meu pequeno ataque de pânico no dia anterior e parecia penalizada.

Tinha acontecido depois da visita de um estranho que se dizia meu marido. Após isso eu havia sentido um forte aperto no peito, tinha cismado que não podia respirar e, mesmo que insistissem em me dizer que a saturação de oxigênio estava normal, eu não me convencia. Eu tremia, suava frio e o ar parecia não alcançar meus pulmões. Não me aquietara enquanto não me ofereceram auxílio para respirar e de me ministrarem um tranquilizante.

— Estou — respondi tentando convencer a mim mesma.

— Ele vai vir hoje de novo — acautelou-me —, acha que está preparada para recebê-lo? — A mulher me olhou com atenção.

Eu a observei com os olhos alargados, mas,
PERIGOSAS ACHERON

depois de uns segundos, aquiesci em silêncio.

— Claro. — Ele era só um homem, afinal, e, por mais estranho que tudo parecesse, eu me esforçava por arrumar aquela confusão em minha cabeça.

Sentia como se tivesse caído de paraquedas num mundo de loucos onde não diziam coisa com coisa, mas aos poucos me dava conta de que a confusa era eu. De alguma forma, eu intuía que todo o desacerto provinha de mim, embora a maior parte do tempo fosse difícil aceitar e resistir à tentação de atribuir toda aquela maluquice à insânia de todos a minha volta.

— É muita coisa para digerir, não é? — perguntou retoricamente e continuou. — Mas fique calma, tudo a seu tempo. Seu marido é muito dedicado, não deixou de vir vê-la um dia sequer, desde que você foi internada. Quando se lembrar dele, verá que tenho razão.

Marido.

— Ele não pareceu muito feliz em me ver bem

PERIGOSAS ACHERON

— deixei escapar.

Na noite anterior eu tinha tentado soterrar essa ideia junto de minhas memórias perdidas, mas ali estava ela, vindo à tona sem que eu a invocasse; como uma advertência, embora eu não entendesse o porquê.

Ele afirmava ser meu marido, mas tinha agido de modo tão frio, distante... Ou era só impressão minha devido ao fato de não o conhecer? Não que eu desejasse manifestações de afeto da parte dele ou de qualquer outro estranho, mas, de alguma maneira, eu não conseguia conceber o comportamento daquele homem como o de alguém tão importante e íntimo como um marido. Algo não se encaixava, mas busquei apaziguar meu espírito dizendo a mim mesma que tudo devia ser decorrente do desajuste de minha própria mente; afinal, ao que tudo indicava eu era, dentre todos ali, a que tinha um parafuso a menos na cabeça.

— Ah, de onde tirou isso, menina?

— Não sei. Ele pareceu distante, quer dizer;

aquele homem é um estranho, tenho certeza de que não o conheço e... — hesitei.

— E o quê?

— Ele mal conversou comigo e disse tchau, só isso. Deu as costas e saiu. Minha irmã não aparece. Vou ter que ir para a casa dele... — praticamente sussurrei.

— Para a *sua* casa. Irá para sua casa. Mas isso ainda levará alguns dias; quem sabe, até lá, já tenha se lembrado — falou, otimista. — Você está confusa, é natural na sua situação. — A mulher exalou compondo um gesto pesaroso, na certa notando como eu me retesava sobre a cama. — Não deve estar sendo fácil para ele também, querida — ponderou. — Imagine, não ser reconhecido pela própria esposa; deve ser um senhor golpe.

Inclinei a cabeça considerando.

— Olhando por esse lado... — Alcei os ombros.

— Sim, veja por esse lado, minha filha. Os dois terão que ser compreensivos e pacientes agora. —

Sorriu, recolheu o material que havia levado consigo e saiu.

Voltei a me recostar, pensativa. Ainda sentia os efeitos do tranquilizante e temi o momento em que a leve letargia se dissipasse. *Será que eu ando assim ultimamente, tão ansiosa e desequilibrada?* Não, não podia me deixar levar por aquelas loucuras que passavam por minha cabeça, eu sabia muito bem como andava minha cabeça, meu humor. Droga, pensar nisso só aumentava aquela sensação de que eu estava à deriva, de que era um ponto infinitamente pequeno e perdido no meio de um nada assustadoramente grande.

Fechei os olhos e fiz uma oração silenciosa, clamando por serenidade. *Deus*. Pelo visto, não havia me esquecido Dele. *Será que ele também não se esqueceu de mim?* Não. Eu precisava crer que não. Tinha alguém a quem me apegar.

Logo que terminei a oração, senti-me fortalecida, senti que não estava só.

Quando o tal marido chegasse para me visitar,

eu não agiria feito uma palerma, aproveitaria para perguntar, explorar, extrair o máximo que pudesse daquele homem, que, pelo visto, era quem me conhecia melhor. Tudo o que eu tinha em mãos no momento.

Naquela tarde fui transferida para um apartamento. O marido — Daniel, como eu havia averiguado — não me visitara pela manhã, e eu já tinha desistido de esperar. Não que estivesse ansiosa por vê-lo.

Houve uma batida à porta.

Àquela altura, eu já tinha desistido de me debater sobre a situação em que me encontrava; negar a verdade, fugir e não a enfrentar, não me tiraria daquela enrascada e, se não existia outro caminho senão o confronto, eu estava pronta para ele.

Ao menos por ora.

— Olá — ele me saudou ao entrar.

Não contive certa surpresa ao deparar com o
PERIGOSAS ACHERON

homem barbeado e de cabelos aparados, mas tratei de compor um semblante impassível. Tinha prometido a mim mesma conter-me, não queria de maneira alguma demonstrar quão fora das casinhas me sentia.

Mas não me abstive de reparar na aparência dele e o analisei de ponta a ponta. Preferia-o com a barba sem sombra de dúvidas, mas não podia negar que, ainda assim, ele era um homem muito atraente. Mesmo vestido informalmente, jeans escuros e camisa de malha cinza, era imponente, e sua presença notável não permitia que eu olhasse para qualquer outro canto senão para ele. Sem falar naqueles olhos escuros e tão... ternos, ainda que distantes, talvez preocupados.

Lançando mão da força e da determinação de que precisaria, forcei um sorriso e o vi estacar. Na certa ele estava surpreso ao ver meus lindos dentes brancos, pensei com cinismo. *Que homem mais estranho, difícil de interpretar*, mas a duras penas sustentei o gesto, centrada no objetivo de mantê-lo ali o maior tempo possível. No mínimo precisávamos vencer um verdadeiro abismo que,

pelo que eu podia ver, abria-se entre nós. Por alguma razão, eu intuía que algo estava errado; algo além do detalhe assombroso de não me lembrar dele. Quer dizer, assombroso para todos, não para mim.

Bom, pensei ao me recordar do que havia dito a enfermeira, talvez o homem estivesse tão perdido quanto eu; então decidi que seguiria por essa via, pensando assim e procurando conter a ansiedade até que tudo se ajeitasse.

— Oi. Pensei que não viria mais — falei com as bochechas doendo de tanto sorrir.

— Desculpe. — Inclinou a cabeça em claro lamento. — Fiquei muito tempo ausente no trabalho nos últimos dias, precisei me empenhar mais hoje. — Sorriu mais contidamente que eu. — Como está?

— Bem.

Ele ficou sério de repente.

— Dr. Caiado disse que ontem você não se
PERIGOSAS ACHERON

sentiu bem.

Deixei de sorrir e balancei a cabeça tirando a importância do fato.

— Não foi nada, só estresse. Não é todo dia que esquecemos quase dez anos da nossa vida — não pude evitar o sarcasmo, e ele arqueou as sobrancelhas. — Por que não se senta? — perguntei apontando a poltrona ao lado da cama, temendo que ele fugisse de novo.

Ele ignorou a sugestão, o olhar estreito sobre mim.

— Já se lembrou de algo?

— Não.

O semblante dele se escureceu ainda mais. Preocupação? Angústia, lástima? Tentei ler algo concreto naquela expressão, que, exceto por um ar sombrio, era inescrutável.

— Isso vai passar — afirmei sentindo-me obrigada a dizer algo que dissipasse o que quer que

PERIGOSAS ACHERON

anuviava aquele rosto bonito, e isso pareceu funcionar, porque ele finalmente mostrou a sombra de um sorriso.

— Vai. Claro que vai.

— Então, não vai se sentar? — convidei de novo, levada pela forte impressão de que aquele homem queria sumir dali numa nuvem de fumaça. — Eu queria conversar, você podia falar um pouco sobre você, sobre minh... nossa vida — forcei-me a dizer. — Talvez isso ajude.

— Claro, tem razão. — Sentou-se, os ombros curvados. Um pé tamborilando o chão delatava sua pressa de sair correndo dali, mas ele ficou. — O que quer saber?

— Seu nome completo.

— Hein!? — Por que ele parecia surpreso? E que tipo de interjeição imbecil era aquela?

Apenas sorri, um sorriso quase triste.

— Claro — Daniel falou —, você não se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lembra de nada, qualquer detalhe é importante — ele se deu conta e riu, também sem humor. — Desculpe, a pergunta soou meio estranha, você tem que admitir. E ainda não me acostumei com isso. — Esfregou o rosto com as duas mãos.

— Espero que nem precise se acostumar.

Ele crispou a testa.

— Eu também — e soltou o ar ruidosamente.

— Bom, então...? — Ri tentando quebrar o gelo e deixá-lo mais à vontade.

— Ah, é. Meu nome é Daniel Vilas Boas Romano.

Forcei a mente, o olhar perdido. Esperei o “clique”, e nada, aquele nome não me dizia nada. Então sacudi a cabeça tentando dissipar a sensação de estar presa em uma tela surrealista.

— E o meu?

— Seu nome de casada, né?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro. — Sorri e inclinei o rosto.

Ele também mostrou um meio sorriso, parecia desconfortável pela própria falta de manejo ante a situação. E eu não podia deixar de compreendê-lo.

— Aline Cristina Dolabella Romano.

Romano, repeti mentalmente, pensativa.

Enchi os pulmões, sentia que a ansiedade e o medo se apoderavam de mim, então perguntei:

— O que mais pode me dizer... sobre os... últimos anos. Custa a acreditar que passou tanto tempo.

Ele entortou os lábios parecendo ponderar, então encolheu os ombros e perguntou:

— O que quer saber primeiro?

Repeti seu gesto de mover os ombros e disse a primeira coisa que me ocorreu:

— Quantos anos eu tenho? — O médico já me

havia dito, mas eu precisava ouvir de novo para acreditar. Ou tentar.

— Vinte e nove.

Quase trinta! Emudeci por um momento. Eu tinha vinte e um, vinte e um anos, tinha certeza!

— E você? — gaguejei aferrando-me à última gota de sanidade.

— Trinta e três.

Velho, pensei.

— Temos filhos? — nem sei por que essa pergunta estranha me ocorreu.

— Ahn... — Daniel hesitou. Qual era o problema dele?

— Não — soltou categoricamente, parecia ouvir meus pensamentos.

— Ah, qual é o nome desta cidade?

— Monte Belo. Mas moramos em um povoado próximo, Belo Vale.

— Ah. — Olhei em volta, aflita, nada do que eu ouvia servia para me confortar. Engoli um nó na garganta e, num hercúleo esforço por suavizar a conversa que só me deixava mais angustiada, comentei. — Ouvi falar em uma cidade chamada Bela Vista — tentei sorrir —, pelo que vejo é tudo belo por aqui...

Sentia o abraço do pânico, logo ele me prensaria, e eu precisava voltar a uma zona segura, uma que não me fizesse sentir desamparada e perdida. Não estava tão preparada para o confronto quanto tinha pensado.

Sustentei o forçado sorriso, embora não estivesse muito interessada nas respostas; elas apenas sobrecarregavam a minha mente.

— É tudo bonito, sim... — começou, e um olhar sonhador transformou seu semblante, transmitindo-me repentina calma.

Apesar de toda a tensão que aquele homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exalava às vezes, seus olhos eram plácidos lagos escuros, pacíficos poços de águas túbias. E eu tinha que admitir que formavam um agradável contraste com as linhas tensas que eu via em seu rosto, um quadro estranhamente belo.

Ele se recostou ao assento, parecendo mais relaxado, e continuou:

— Monte Belo, Belo Vale, Bela vista, Belas Paragens. Belo Vale, onde moramos, faz jus ao nome; é um distrito bem pequeno, pitoresco, cravado entre uma cadeia de serras. Apesar de coberto de verde, é como o diamante que enfeita um anel incrustado de peridot, a cereja do bolo, o miolo da flor... Já Monte Belo fica acima, onde estamos agora; ao leste está Bela Vista e, a oeste, Belas Paragens.

— Nossa, parece que você gosta mesmo daqui. Pelo jeito como descreve tudo. — *De um jeito bonito, sonhador, talvez até poético*, pensei.

Ele ficou pensativo e, por um instante, pensei ver uma sombra resvalar sobre seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, eu gosto.

— Nós nos mudamos recentemente?

— Não, viemos para cá logo que casamos.

— Ah.

— Há cerca de cinco anos, fui transferido pela empresa em que trabalho e, desde então, moramos aqui.

— Eu gosto daqui?

Ele inclinou a cabeça como se sopesasse.

— Costumava gostar.

Silêncio. Um momento desconfortável, enquanto eu pensava em como continuar a conversa.

— Em que você trabalha? — mais uma vez desviei o assunto, tomada pelo medo de ouvir mais sobre essa estranha Aline.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou engenheiro de minas. — Ele na certa viu que eu plissava o cenho e completou. — Exploramos jazidas, e eu avalio os possíveis danos ambientais, a estabilidade das minas etc.

— Deve ser um trabalho de grande responsabilidade — joguei conversa fora.

— Com certeza.

Fiquei pensativa por um momento, encarando-o fixamente. Embora temerosa, aos poucos eu superava o medo de estar perto daquele desconhecido — ele não mordida —, mas ainda tinha a sensação de que ele não agia como um marido agiria. Não que estivesse ansiosa por ver isso, eu apenas precisava de qualquer dado que me ajudasse a encaixar aquelas peças soltas em minha cabeça, sobretudo quando estava quase certa de que todos falavam a verdade e de que a surtada ali era eu.

Percebi que Daniel começava a ficar incomodado com meu escrutínio e desconfiei que ele estava a ponto de quebrar o contato visual,

PERIGOSAS ACHERON

quando soltei:

— A gente se ama?



Daniel

Expandi os pulmões e rilhei os dentes, fazendo os músculos das mandíbulas saltarem.

— Boa tarde — Uma mulher junto à porta me salvou de ter que responder *àquilo*, e eu soltei o ar, aliviado. De onde Aline havia tirado aquela pergunta maldita?

— Boa tarde — respondeu ela.

Eu apenas inclinei a cabeça, sequer uma sílaba podia pronunciar, ainda chocado.

— Posso ter uma palavrinha com vocês? — perguntou a invasora, já entrando.

— Claro — eu me apressei em concordar.

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher se aproximou e puxou uma cadeira, colocando-a perto da cama.

— Que bom que está aqui. — Sorriu para mim.
— Eu procurei pelo senhor ontem, mas meu plantão não coincidiu com o horário de visitas no CTI. Meu nome é Carmen Lúcia, sou psicóloga e estou aqui para ajudar vocês. Podemos conversar um pouco?

Aline parecia lamentar a interrupção de sua “entrevista exploratória”, mas anuiu. Eu, por outro lado, me sentia mais leve, embora nenhuma das duas mulheres tivesse notado quando escorreguei na poltrona.

Nos próximos minutos, minha salvadora conversou conosco, fez perguntas estimulando-nos a falar, buscando também nos tranquilizar. Deixou o quarto prometendo voltar ainda naquela semana e colocando-se à nossa disposição caso necessitássemos de ajuda.

— Bom... — Aproveitei a deixa e anunciei, batendo as palmas das mãos nos braços da poltrona.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso ir — e me ergui sem demora.

— Já? Pensei que podíamos conversar um pouco mais... — lamentou, o olhar desamparado.

— Ahn, é que ainda tenho que passar pela empresa, assinar uns laudos e providenciar uns detalhes importantes... — expliquei sem jeito, uma mão alisando a nuca.

— Ah. — Aline deu sinais de estar desapontada, mas não se opôs.

Cruzei o espaço que me separava da cama. Por um instante, senti o impulso de me aproximar ainda mais e deixar um beijo fugaz nos lábios dela; o pouco e relutante contato que, às vezes, muito raramente, ela ainda permitia. Não era desejo o que me movia, era só um impulso inesperado, no intuito de consolá-la. Mas apenas perscrutei o ferimento em sua testa e me afastei logo em seguida, já que a situação agora era outra. Por mais amistosa que tivesse sido aquela conversa, não estava tudo bem e, embora eu a poupasse devido a seu estado de saúde, eu não poderia mentir para mim mesmo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuar agindo como antes.

— Se precisar de algo, não hesite em me ligar — tentei ser gentil.

— Eu tenho seu telefone? — tentou brincar com a própria condição, embora os olhos brilhassem mais que o normal, rasos d'água.

Ignorei seu esforço, assim como as lágrimas prestes a verter, procurando manter uma distância segura:

— Eles têm. Se precisar, peça que me liguem, e eu venho — instruí e reparei que ela mais uma vez me olhava com fixidez, daquele modo desconcertante, mais especificamente para a região dos maxilares.

— Que foi? — indaguei num ímpeto.

Aline elevou uma mão e a roçou no rosto.

— Prefiro com — respondeu.

Retraí os músculos da face, confuso.

PERIGOSAS ACHERON

— A barba — esclareceu ela. — Prefiro com a barba.

Por um instante, sustentei seu olhar, então respondi:

— Eu sei. — Vi as sobrancelhas delicadas dela se arquearem e me despedi. — Bom, já vou. Fica com Deus. — Dei-lhe as costas e saí, apressado como o corpo que leva o Diabo.

4

“Leais são as feridas feitas pelo
que ama, porém os beijos de quem
odeia são enganosos” Provérbios
17:17

Aline

Se ele sabia que eu o preferia com a barba, por que
diabos a tinha retirado?, pensava eu dois dias
depois, absorta, como que tentando resolver um
enigma. Estava pronta, de banho tomado e (não
sabia por que cargas d’água) ansiosa por receber a
visita do tal marido.

Ri de mim mesma. Talvez o humor ajudasse a
PERIGOSAS ACHERON

amainar aquela sensação de abandono. Eu não sabia por que infernos me sentia assim, não conhecia aquele homem e, portanto, se me sentia de alguma forma defraudada, não era por culpa dele. Não podia ser.

Mas que espécie de marido era aquele sujeito que deixava a esposa sozinha em um hospital, que não demonstrava qualquer afeto, que se mantinha tão distante?, perguntava-me. Aquele homem não me amava, eu tinha certeza.

Não que eu me importasse.

Mas, deixando de lado a esquisitice do que eu estava vivendo, o que me levava a pensar sobre tudo isso era o fato de estar sozinha naquela situação. Minha irmã ainda não havia aparecido, meus amigos também não e, quando eu perguntava por eles, os funcionários do hospital se esquivavam dizendo sempre que meu marido poderia responder a essas perguntas. Isso me confundia ainda mais.

Por que, Deus do Céu, todos agiam assim?

Nos dias anteriores, eu havia esperado por toda
PERIGOSAS ACHERON

a manhã, e Daniel também não tinha aparecido. Nem mesmo dera alguma satisfação.

Olha só, ri desdenhando de mim mesma. Isso era patético, eu estava mesmo ficando louca; num dia não reconhecia o sujeito, no outro já queria satisfações. Deus me ajudasse, eu estava a ponto de surtar.

Mas, na realidade, ele era tudo o que eu tinha no momento, a âncora e única possibilidade de conseguir me manter estável naquela realidade que parecia inventada e à qual eu sabia que precisava me adaptar; eu era um grão de poeira que, no espaço, precisava de uma trilha de luz pela qual se guiar. Inevitavelmente temia que ele, assim como todos a quem eu considerava próximos, se afastasse e sumisse, já que parecia mais distante do que um marido deveria ser, ou que eu achava que deveria; *maldição*, meus pensamentos estavam uma verdadeira bagunça, eu não sabia o que pensar.

Fechei os olhos e inspirei enquanto me recordava do perfume dele. Dois dias atrás, ao se retirar do quarto, Daniel tinha deixado um rastro de

PERIGOSAS NACIONAIS

seu aroma amadeirado; eu definitivamente gostava daquele cheiro. Por que gostava do perfume de alguém que, pelo que eu podia notar, não gostava tanto assim de mim, bem, isso eu não saberia responder. Aliás, não sabia de quase nada, e mais um detalhe para minha vasta lista vazia não faria diferença.

— Olá — uma voz suave me arrancou dos pensamentos. Quem seria agora? Eu já havia recebido enfermeiras, fisioterapeuta, neurologista, psiquiatra, o diabo a quatro, o que mais poderiam querer comigo? Já estava farta de tantos exames e perguntas. — Posso entrar?

— Pode, claro — respondi à mulher morena e de rara beleza que cruzava a soleira com vários ramos de flores apoiados a um braço.

— Oi, meu nome é Tessa. Como está? — indagou, a voz serena.

— Bem melhor, obrigada.

— Que bom.

PERIGOSAS ACHERON

Eu a observei. Usava jeans, camiseta branca com singelos bordados na gola e sapatilhas. Nada de jaleco. Seria mais algum parente apagado da minha memória? Não, pelo amor de Deus!

A garota pareceu perceber meu escrutínio e disse:

— Ah, não sou médica. Costumo passar por aqui de vez em quando e bater um papinho com os pacientes... É um trabalho voluntário.

— Que gentil da sua parte — falei, na falta de algo melhor.

— Ah, eu trouxe uma flor. — Retirou uma rosa amarela do ramalhete sortido e me entregou de modo solene, como se o tivesse colhido especialmente para mim. — As rosas amarelas representam admiração e amizade — explicou.

— Obrigada — agradei, mas não a rosa.

Ela poderia ter me dado qualquer uma das flores, mas escolheu aquela que representava algo de que eu precisava muito naquele momento. Devia

PERIGOSAS ACHERON

ser um anjo.

Forcei um sorriso e observei a flor, tentando diminuir o desconforto causado pelo estranho silêncio que se sucedeu.

— Você devia desembaraçar os cabelos, vão secar assim e virar uma gafurina — ela deu um jeito de quebrar o gelo.

— Uma o quê? — perguntei abandonando a autocomiseração.

— Uma gafurina, uma confusão, sabe? — Fez um gesto com as mãos sobre os cabelos anelados.

Mais confuso que minha cabeça? Rá!

— Pois é, eu tentei dar um jeito neles, mas... — expliquei elevando o braço imobilizado, evitando falar da minha falta de interesse em minha própria aparência.

— Não seja por isso, tem uma escova?

— Acho que não. — Olhei em volta e para a

PERIGOSAS ACHERON

mesa de cabeceira.

— Então espere um minutinho, eu já volto — e me deu as costas em direção à porta.

— Não quero incomodar — falei.

— Imagina, estou aqui justamente para me incomodar com os outros — respondeu sem deixar de andar e sem se voltar.

Menos de cinco minutos depois, a moça estava de volta portando uma escova, como se carregasse uma espada, pronta para a batalha que travaria contra o ninho de passarinhos em minha cabeça. Ela logo se pôs a desembaraçar os longos fios, com habilidade e delicadeza, tempo que aproveitamos para nos conhecer.

Inspirei a fragrância do creme para pentear que Tessa tinha tirado da bolsa e usava em meus cabelos. Fechei os olhos ao detectar um aroma oriental de fundo, talvez âmbar, e, confortada pela maciez da distinta nota, comecei a relatar o que me havia acontecido. Mas ela pareceu muito impressionada com meu quadro amnésico, tanto

PERIGOSAS ACHERON

que resolvi mudar de assunto. Aquela conversa fazia tudo parecer mais real e eu não queria ficar mais tensa do que já estava.

— Mora na região há muito tempo? — indaguei dando um giro no assunto.

— Desde sempre. Papai lecionava na Universidade Federal.

— Ah. Não sabia que era uma cidade universitária.

— Pois é.

— E o que você faz por aqui? Além de visitar pessoas desconhecidas no hospital, claro.

— Sou professora do Ensino Fundamental no turno da manhã, trabalho no antiquário de uma amiga à tarde e curso Pedagogia à noite. Ah, e, quando sobra tempo, dou uma forcinha na ONG que um amigo meu dirige.

— Nossa, e ainda arranja tempo para vir aqui pentear gafurinas em potencial. Impressionante! —
PERIGOSAS ACHERON

brinquei e recebi um riso sincero.

Então fiquei pensativa. E eu, o que eu fazia da vida? — mais uma pergunta para a lista mental que eu pretendia despejar sobre meu relutante marido.

— Por falar nisso, tenho que ir — anunciou dando uma última ajeitada em meus cabelos. — Adorei conhecer você, prometo tentar voltar até o final da semana.

— Jura?! — choraminguei sem querer e só então me dei conta do quanto necessitava de calor humano. — Vou ficar esperando, mas deixe seu telefone, por via das dúvidas. Vai que recebo alta... — justifiquei meu pedido assim, mas em minha mente reverberava a palavra “apoio”.

Alguma coisa me dizia que eu precisaria disso. Claro que eu não verbalizaria essa necessidade; admitir isso, até para mim mesma, fazia com que eu me sentisse ainda mais vulnerável.

— Boa ideia. Vou pedir uma caneta na recepção e anotar. — Agarrou os ramos de flores que havia deixado na poltrona, aproximou-se e me

PERIGOSAS ACHERON

deu um beijo na bochecha. — Peço a alguém que entregue aqui. Fica com Deus.

— Amém.

Mais tarde eu viria a saber que aquela visita inesperada fora um alento, um alívio ante as emoções e sentimentos que, pouco a pouco, como a poeira que se assenta depois do vendaval, revestiriam minha tarde. Eu podia não saber nada sobre minha vida nos últimos anos, mas tinha certeza de nunca ter experimentado aquela sensação de abandono. Nem antes de ser adotada, ainda bebê, quando eu nem mesmo tinha consciência do que acontecia a minha volta.

Depois que Tessa deixou o quarto, olhei para o relógio digital ao lado. O horário de visitas já havia terminado, mas, sendo meu único acompanhante (ainda que um acompanhante fantasma) e tendo em vista que eu estava em um apartamento, ele poderia aparecer a qualquer hora do dia ou da noite.

Aguardei acordada durante toda a tarde e, aborrecida, enjoada de fitar as cores opacas das

paredes do quarto, busquei me distrair assistindo à TV, tentando não me afetar pela sensação de desamparo que espreitava meu espírito e fazia arder meus olhos.

Com a ajuda dos medicamentos que ainda estava tomando, dormi cedo, por volta das dezenove horas.



Daniel

Acho que a amizade, depois do amor, é um dos sentimentos mais aclamados pela humanidade; brada em pensamentos filosóficos, em frases, histórias e poemas.

Quando penso nisso, um monte de clichês me vem à mente, e algumas frases célebres, também. Até Jesus Cristo falou de alguma forma sobre a amizade e, pelo que entendo, para Ele amigo é aquele que se doa de forma integral, que dá a própria vida pelo outro e compartilha tudo o que tem de melhor com alguém. Parece falar do tal

PERIGOSAS NACIONAIS

amor ágape, mediante o qual há um querer recíproco da felicidade do outro; aquele amor puro e altruísta que poucos alcançamos, pequeninos demais, falhos demais, egoístas demais.

Eu não consigo imaginar um sentimento assim sem pensar em eternidade, mas Oscar Wild, pelo que parece, conseguia: “A melhor maneira de começar uma amizade é com uma boa gargalhada. De terminar com ela, também”, dizia ele.

Eu tenho um amigo, mas ele não compartilha só o que tem de bom, ele às vezes materializa meus piores pesadelos infantis. Verdadeiro monstro, solta fogo pelas ventas e ameaça me fulminar. Ele ri muito também, é bem-humorado quando não está trabalhando, mas nem sempre distribui gargalhadas.

Acho que ele é meio como o amigo descrito por Fernando Pessoa. Imprevisível. Bobo e sério; criança e adulto. Louco e santo.

Também é amoroso e leal, mas uma fera quando alguém ousa tocar com maldade nos dele. Não chora comigo nem com ninguém, mas bate na

PERIGOSAS ACHERON

minha cara para que eu não me deprima nos maus momentos.

É um espinho na carne às vezes, o cara que cutuca minhas feridas e me joga da cama quando quero desaparecer entre as tramas do lençol. Que me apoia em minhas obstinadas loucuras, de modo calculado, mesmo sabendo que vou cair, comer poeira; espera para me ajudar a levantar e simula um daqueles sorrisos enfronhados.

Às vezes ele aparece quando menos espero. Nos momentos em que preciso de silêncio, e é quando eu penso em enxotá-lo de uma vez por todas da minha vida, até que ele, sem me dizer isso abertamente, me convence de que preciso dele perto de mim.

Como naquela noite. Era quase madrugada e eu trabalhava tranquilo na empresa, eu e o suave farfalhar das páginas que eu folheava enquanto analisava uma pilha de documentos, quando ele apareceu.

— Quem está fazendo serão em plena véspera

de feriado? — ouvi a conhecida voz tronar pelos corredores da empresa e quis me esconder debaixo da mesa.

O que ele estava fazendo ali àquela hora? Um homem precisa de sossego, às vezes, porra! E eu precisava disso, do silêncio limpo e plano; liso como a superfície da mesa em que eu apoiava os papéis e o antebraço. O silêncio não dizia nada se eu me concentrasse apenas nas palavras inscritas naqueles papéis; se eu ficasse centrado no trabalho, o silêncio não me fazia perguntas e nem conjuraria pensamentos que eu não queria pensar, culpas que eu não desejava remoer. Não naquela noite.

— Dr. Romano — soou a resposta do guarda noturno que fazia a ronda naquele andar, e eu torci os lábios.

Havia sido descoberto.

Quase pude ver dois sulcos se formarem entre as sobrancelhas escuras do meu amigo, antes que ele invadisse minha sala sem qualquer preâmbulo.

Gabriel era um alto executivo da mineradora
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em que eu trabalhava, diretor geral daquela sucursal, meu chefe, e se sentia no direito de invadir meu espaço quando bem entendesse, não só por isso, mas por ser meu melhor amigo.

— Que porra você está fazendo aqui? — inquiriu, as mãos nos quadris, aquele jeito autoritário que ele usava e que era quase tão autêntico quanto a pele que revestia seus ossos.

Meus braços pairaram sobre a mesa repleta de papéis.

— Não é óbvio?

— O que é tão importante assim para que você deixe sua esposa sozinha no hospital? — Elevou o braço esquerdo e conferiu as horas no relógio de pulso. — Mais de meia-noite.

— É, e você também está aqui — eu me esquivei, incapaz de suprimir o tom defensivo.

— Eu não tenho uma mulher doente no hospital — replicou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas tem uma na cama e, por sinal, ela anda reclamando da sua ausência, Sr. *Workaholic*.

Gabriel puxou uma cadeira e se sentou de frente para a mesa; aparentemente não achava graça em minha brincadeira. Eu sabia que ele queria me intimidar como fazia com todos os outros, mas disse a mim mesmo que ele podia procurar um banquinho acolchoado e se sentar, esperar a vida inteira, porque comigo aquela pose arrogante não ia colar.

Foi dito e feito. Embora eu procurasse ignorá-lo fingindo estar centrado nos papéis, ele pousou os antebraços sobre a mesa, inclinou-se em minha direção e, depois de cravar os olhos escuros em mim, contrapôs:

— Não tem comparação. Abreu não podia cuidar disso para você? — Entortou os lábios com desdém.

— Não quis incomodar, ele já segurou a onda sozinho durante aqueles dias todos — expliquei e tentei retomar a leitura do laudo, mas, ao notar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio e o tamborilar dos dedos de Gabriel sobre a mesa, não pude me concentrar. — Que foi? — perguntei sem elevar o olhar.

— Estou tentando entender que porra passa na cabeça de um sujeito que abandona a mulher desmemoriada num quarto de hospital, para fazer serão numa porcaria de empresa.

— Porcaria, né — ironizei ainda sem subir o olhar. — Agradeço a preocupação, meu chapa, mas minha mulher não está sozinha.

— Não? Kayla resolveu dar as caras, então? — Ele finalmente se afastou e se recostou ao espaldar da cadeira, parecendo relaxar.

— Não, mas ninguém fica sozinho em um hospital. Costuma haver enfermeiras e médicos de plantão vinte e quatro horas por dia, sabe — ironizei de novo.

Houve um momento de silêncio, mas o que pesava mesmo era o olhar duro que eu sentia sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua mulher está desmemoriada, seu demente! — explodiu ele. — Consegue imaginar como uma pessoa se sente nessas condições?

— Você sabe melhor que ninguém que não estávamos bem... — tentei justificar minha falha e elevei brevemente o olhar.

— Foda-se! — Gabriel se exaltou e já não pude deixar de encará-lo. — Ela não sabe de nada disso agora. Que aconteceu com a porra dos votos que vocês trocaram quando se casaram?

Aquilo já era demais. Gabriel era um grande sujeito, meu melhor amigo, meu irmão, mas isso não lhe dava o direito de me pressionar.

Eu endureci o olhar e imagino que foi possível ler o ressentimento em minhas feições naquele momento. Pressionei o maxilar tentando conter uma réplica, mas as palavras encaparam, por entre meus dentes cerrados, como gás venenoso.

— Foram pelos ares nos três anos em que ela me tratou como se eu não passasse de uma parede daquela casa — falei baixo, a voz ominosa. — Foi PERIGOSAS ACHERON

isso o que aconteceu com a PORRA dos votos! — desabafei subindo o tom e fiquei de pé. — Eu estava preparando tudo para me divorciar, você sabe disso e foi o primeiro a me apoiar. Eu não via a hora de me livrar dela e não posso... Simplesmente não posso “pagar” de marido dedicado agora. Merda! Cacete! — Soquei a mesa.

Gabriel movia a cabeça negando, não parecia afetado por minha exibição de temperamento.

— Não reconheço você, cara — falou com a voz muito calma, a despeito da arrogância de antes, e isso só serviu para me deixar mais irritado. — Não percebe? Isso não é sobre você, do seu ego você pode cuidar depois. Trata-se de uma pessoa desamparada, que não tem mais ninguém além do *marido*. Eu fui, sim, o primeiro a apoiar sua decisão e não mudei de ideia; aquilo não era vida, e você precisava recuperar a sua de volta. Mas agora a situação mudou. Você não vai conseguir assentar sequer uma fileira de tijolos dessa vida que quer reconstruir se não fizer o que é certo agora. Não você — e ergueu-se abruptamente, retirando-se sem se despedir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia. Aquela entrada intempestiva em minha sala tinha sido o tiro de aviso. Maldita a hora em que Gabriel havia resolvido fazer as vezes da minha consciência, pensei debruçando-me sobre a mesa, abatido. Ele me conhecia quase melhor que ninguém, e suas palavras me atingiram como um míssil teleguiado.

Meu amigo estava total e incontestavelmente certo. Eu não conseguiria ser feliz construindo minha vida sobre a desgraça alheia. Na realidade eu pensava assim também e jamais havia cogitado abandoná-la, mas nosso último encontro... aquelas perguntas todas, sobretudo a última, “A gente se ama?”, tudo isso tinha sido demais para mim, eu precisava de um escape.

Naquela noite não mais consegui trabalhar. Organizei a papelada, recolhi alguns objetos e fui para casa, apenas para um banho rápido, antes de ir para o hospital.

Aline não me viu quando, por volta de uma da madrugada, eu entrei. Levava comigo uma bolsa e uma frasqueira, deixei tudo sobre a poltrona ao

PERIGOSAS ACHERON

lado. Continham alguns objetos pessoais dela. Nem sabia se Aline estava precisando de alguma coisa, mas, no afã por aliviar o peso que a conversa com Gabriel tinha acrescentado a meus ombros, recolhi alguns produtos; xampu, creme hidratante, escova de cabelos, enfim, a parafernália feminina que encontrei em nosso banheiro. Confesso que não havia pensado por esse lado antes, mas, refletindo enquanto estava a caminho do hospital, concluí que isso poderia ajudá-la na recuperação da memória. Talvez retomar a rotina, sentir os aromas a que estava acostumada, detalhes como esses, ajudasse a puxar o fio das lembranças perdidas.

Sob a penumbra observei Aline por alguns minutos. Parecia serena e isso, de alguma forma, diminuiu o peso em minha alma. Não a queria mal. Controlei o impulso de acordá-la, conversar e de alguma forma assegurá-la de que não estava sozinha, mas obriguei meus pés a se afastarem.

Exausto, retirei os calçados e me dirigi à outra cama que havia no apartamento. Eu me deitei e dormi quase em seguida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

5

“Nostalgia lembra-te de um passado que não volta. Faz-te lembrar, porém, que nem tudo que passou é esquecido.” Alef Birchler

Aline

De manhã bem cedo, ao acordar, senti um perfume familiar. Olhei em volta, mas só encontrei vestígios da estada dele ali: a cama desarrumada ao lado, uma bolsa e uma frasqueira sobre a poltrona.

Preocupada, presei os lábios. Por que eu tinha a sensação de que Daniel preferia me encontrar dormindo? E por que isso me angustiava tanto?,
PERIGOSAS ACHERON

cheguei a me fazer essa pergunta, mas a confusão em minha mente, por si só, era resposta.

À tarde, o motivo da minha angústia já não era uma impressão, eu tinha certeza de que meu marido não fazia questão de me encontrar acordada.

Meu marido... Isso, sim, era estranho.

Apesar dos pesares, eu albergava esperanças de que Daniel me visitaria, afinal o fato de que ele havia passado a noite ali devia significar alguma coisa; no mínimo que ele se importava comigo, que não era tão indiferente a minha situação como parecia.

Para meu espanto, bastou o pensamento e, antes que o verde-claro da decoração do quarto me entediasse de novo, ele se materializou a minha frente.



Daniel

— Desculpe, não quis assustar você — pedi.

— Tudo bem, não assustou, eu só estava distraída. — Ela sorriu mais abertamente do que eu esperava, e eu mais uma vez fiquei impactado com sua espontaneidade.

— Como está se sentindo hoje? — perguntei procurando disfarçar a forte comoção.

— Bem. Mas continuo perdida... Não quer me ajudar com isso?

Inferno, mais perguntas?, pensei. Mas eu não deveria ter me espantado. Nem com a pergunta, nem com o jeito doce com que ela havia pedido. Era de se esperar que Aline me colocasse contra a parede de novo, mas a verdade é que seu pedido provocava uma enormidade de sentimentos antagônicos dentro de mim.

E se ela me fizesse *aquela* pergunta outra vez?

Eu quis desaparecer, mas, por outro lado, estava paralisado, seduzido pela leveza de seu semblante. Fazia anos eu não via seu rosto tão expressivo, o

PERIGOSAS ACHERON

olhar meigo e tingido de uma súplica doce. Isso era tão... *dela*. Da mulher com quem eu havia me casado, não da outra de quem eu queria me separar: tudo que eu via agora era daquela por quem um dia eu tinha me apaixonado e que havia ficado no passado. Esta última havia morrido anos atrás, sepultada viva, e, quando aquela que estava deitada na cama recobrasse as memórias perdidas, saberia disso também. Confuso, mas verdade.

— E então, vai me ajudar? — insistiu rompendo meus pensamentos.

— Claro, por que não? — respondi, apesar de meus sentimentos e das sensações bizarras que a visão dela me provocava. — Como posso ajudar?

— Queria fazer mais perguntas, pode ser?

Não pode.

— Pode. — Suspirei exalando minha resignação, mas mantive o semblante impassível. Sentei-me sem saber como me esquivar e não parecer um idiota covarde. — Dormi aqui esta noite — comentei de modo casual. — Cheguei bem tarde

PERIGOSAS ACHERON

e não quis acordar você, mas estive aqui. — Fiz questão de ressaltar.

Não sabia se fazia isso para deixá-la tranquila ou se para aliviar minha consciência, mas precisava da sensação de que não fazia a coisa certa só para manter o remorso a um braço de distância. De que fazia a coisa certa porque era um homem que fazia a coisa certa. Sempre. E porque era o mínimo que Aline merecia. Mas, logo, apenas por pensar assim, eu estava de novo nessa linha finita mas inacabável, e circular, e de pontas unidas, que nos deixa nova e indefinidamente no campo do interesse próprio; o que me deixava mal comigo mesmo. Mas pelo menos *isso*, a neura da culpa, devia ser um sinal de que eu não era um sujeito tão mau assim, certo?

— Eu sei que você veio. — Ela sorriu radiante.

Elevei as sobrancelhas interrogativo.

— Vi as coisas que você trouxe — explicou. — Muito obrigada. Foi muita gentileza sua.

— De nada. Se precisar de algo mais, é só dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aline inclinou a cabeça parecendo avaliar a sinceridade das minhas palavras. Com certeza estava ressabiada a meu respeito.

Depois de uns segundos de silêncio, esclareceu a voz e começou:

— Daniel... você podia falar um pouco sobre mim? Você deve me conhecer bem. Quer dizer, eu me conheço, mas é que tantos anos passaram... Eu devo ter mudado um pouco, né?

E como... pensei, mas “mordi a língua”.

— O que quer saber? — logo que fiz a pergunta, eu quis bater a cabeça na parede. Para que dar asas à imaginação dela, seu idiota?

— Sei lá, qualquer coisa... meus costumes, meus gostos... O que eu gosto de fazer ultimamente? Sou muito ativa? O que eu ando fazendo para me manter ocupada e em que eu trabalho? Aliás, no meu trabalho devem ter sentido a minha ausência e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma! — Ri com as mãos espalmadas. — Está me deixando tonto.

— Ai, desculpe. Já calei. — Cobriu a boca com as mãos, um brilho pícaro nos olhos. — Pode falar agora. — Riu e então oprimiu os lábios.

Também esbocei um sorriso, o meu quase triste ante sua ansiedade. Eu estava sem saída. Ainda que abalado por vê-la tão vivaz, precisava ajudá-la.

Olhando para um canto qualquer do quarto, expandi os pulmões e ponderei por um momento. Conhecia duas Alines; uma com quem tinha me casado, outra de quem me divorciaria. De quem deveria falar? *Da primeira, não vá assustá-la!*, ouvi a resposta em minha cabeça e comecei:

— Você costumava ser perspicaz. Era sincera sem deixar de ser suave, delicada; leal, afetuosa, alegre, bem-humorada...

— Não sou mais? Ouvir você falar assim, conjugando os verbos no passado, dá a impressão de que mudei muito mesmo — me pegou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha feito isso inconscientemente, a verdade escapando em minhas palavras mesmo que eu tentasse ocultá-la, mas ela tinha notado.

— Está vendo? Perspicaz. — Pisquei um olho e pensei vê-la corar, sem jeito. — Mas... Sim, acredito que você ainda seja assim — tentei consertar considerando apenas *aquela* Aline de semblante leve a minha frente. Se eu pensasse na outra, que estava adormecida em algum lugar daquela cabecinha, ela poderia não gostar do que ouviria. Talvez Aline não estivesse preparada para isso, pensei.

Porém mais uma vez eu soava impreciso, não podia evitar; era um péssimo mentiroso e, se ela se lembrasse de mim, saberia imediatamente que eu não falava a verdade.

— Ahn... Você é tudo isso, sim, claro que é — tentei de novo.

Aline entrecerrou os olhos, talvez detectando a falta de convicção em minha resposta. Mas então deu de ombros e prosseguiu sem me pressionar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como nos conhecemos? Quando nos casamos? Quando...

— Faz quase sete anos.

— Sete anos, o quê?

— Que casamos. A gente se conheceu através de amigos em comum, era o casamento deles.

— Não me lembro de nada disso.

— Na verdade, disso você nunca se lembrou mesmo. — Curvei os lábios, de repente absorto nas lembranças.

— Como assim?

— Segundo você mesma, o espumante estava “bom demais da conta”.

— O que... Eu fiquei bêbada? — Crispou o cenho.

— Arram. Com direito a amnésia alcoólica.

PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito! — Aline cobriu parte do rosto ruborizado, mas percebi, pela comissura de seus olhos, que ela sorria.

— No dia seguinte nem lembrava mais de mim. Liguei pra você, sabe? Aí, quando falei meu nome, você respondeu: “Que Daniel?” Fiquei “P” da vida e não liguei mais. Não esperava ver você de novo, mas...

Ela ergueu as sobrancelhas em expectativa.

— Você era madrinha da noiva, e eu, padrinho do noivo, então foi inevitável.

— Qual era o nome deles?

— Vanessa e Paulo Henrique. Lembra deles?

— Definitivamente, não. Mas continue, quero saber tudo.

— Fomos apresentados pela segunda vez, uns meses depois, no chá de bebê do primeiro filho deles. Casaram grávidos. A Vanessa explicou como você tinha se sentido mal depois daquele porre e

PERIGOSAS ACHERON

que por isso não conseguia se lembrar de mim.

— Você não notou que eu estava de pileque no dia do casamento?

— Ahn... Até onde conversamos, você só parecia meio alegrinha, mas eu fui embora cedo da festa de casamento e não vi o que você aprontou depois.

De novo ela corou, embaraçada mas sorrindo.

— Você se dá conta de que esta é a terceira vez que somos apresentados? — Aline perguntou.

— Verdade e, pelo jeito, eu continuo causando fortes emoções em você, porque, pelo que eu soube, depois que saí daqui a última vez você ficou até sem ar — tentei brincar.

— Presunção, seu nome é Daniel.

Eu ri. Naquele momento era tão fácil falar com ela. Como antes. Fiquei paralisado, incapaz de desviar o olhar de seu rosto. Maravilhado com o som de seu riso cristalino. Era evidente seu esforço

PERIGOSAS ACHERON

por manter a serenidade e a leveza, algo que nos últimos anos eu não via Aline fazer. Estava muito impressionado, não podia evitar. Era como se acabasse de conhecê-la. Outra vez. Um *déjà-vu* real demais para ser só isso. Uma oferta tentadora para minha alma desiludida, mas um perigo para meu coração empedernido e machucado. Eu tinha a sensação de ter voltado no tempo, bem no início do nosso relacionamento. Quando ela queria que tudo desse certo e acreditava nisso.

— Engraçado como às vezes você age de modo tão... familiar — deixei escapar, os olhos ainda absortos no rosto dela, da Aline por quem eu tinha me apaixonado um dia.

— Como assim? Por acaso perdeu a memória também? — Ela riu de novo. — É claro que eu sou familiar, sou sua esposa, dâ! — zombou fazendo uma careta.

Assim era demais. Meu corpo ficou tenso, a descontração que eu tinha conseguido atingir dando lugar ao medo e à angústia. Eu estava diante da Aline otimista e cheia de sonhos que eu havia

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecido um dia. Pisquei como se estivesse preso em um sonho, ante uma aparição.

— Que foi? — perguntou ao notar minha inquietação.

Encolhi os ombros, incapaz de deixar de olhá-la.

— Seu modo de se expressar, sei lá... — consegui dizer sem de fato falar da apatia em que ela, durante anos, tinha estado imersa.

Eu teria que me acostumar a ouvir aquele riso novamente, pelo menos até que ela se lembrasse e voltasse a se fechar.

— Qual o problema com meu jeito de falar? — indagou.

— Está diferente — respondi automaticamente. — Não sei... É que você já não... — *Será que eu devo dizer isso?*, considerei em silêncio. — Nos últimos anos, você ficou um pouco mais... séria — era uma delicadeza colocar assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela deu de ombros.

— Não consigo me imaginar diferente de como sou agora; alguma mudança, sim, mas em essência a mesma. — Aline bocejou e se recostou.

— Está cansada.

Ela sorriu encolhendo os ombros, os olhos morteiros.

— E você nem respondeu minhas outras perguntas.

— Fica para depois, descanse.

— Obrigada por me contar todas essas coisas, Daniel. Acho que eu preciso mesmo tirar uma soneca agora... Esses remédios todos... — terminou em outro bocejo.

— Claro — concordei, mas não me levantei.

O sono dela pareceu ser maior que sua percepção, pois ela não pareceu se importar que eu estivesse ali e se virou de lado, fechando os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti com a cabeça, embora Aline não pudesse me ver. Logo a ouvi ressonar e, ainda relutante em sair, permaneci por muitos minutos como estava, velando o sono dela em silêncio. Por alguma razão inexplicável, eu não conseguia me levantar e sair dali. Prevalecia em minha mente o espírito suave e otimista da Aline que havia anos eu não via. E eu só conseguia pensar nisso. Angústia, medo, apreensão... Saudade.

— O que eu faço com você, Line? — murmurei o pensamento, o apelido dela escapando sem que eu me desse conta; talvez por que, de fato, eu havia tido um encontro com a Line. A minha Line do passado.

6

“Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso perdido.”
Machado de Assis

Daniel

Fechei a porta e deixei que ela amparasse as minhas costas, esperando que a dureza da madeira me trouxesse de volta para o mundo material. Respirei fundo e clamei em silêncio para que o cheiro de éter, ou do que quer que empestasse o corredor daquele hospital, entorpecesse meu

cérebro, meus sentidos e, se não fosse pedir muito, meu coração, que estava em punho e padecendo de dor aguda.

Sempre pensei que uma sessão espírita, falar com entes ou amigos queridos já falecidos, fosse como revestir-se de um bálsamo, um alento para almas saudosas, consumidas pela incompletude que, fatalmente, encontra cada um de nós. Mas eu acabava de vivenciar minha própria experiência sobrenatural, saía de um encontro casual com minha esposa (falecida em vida anos atrás) e tudo o que eu sentia era a dor da perda. Aquela Aline com quem eu tinha acabado de falar era a mulher por quem eu tinha me apaixonado e com quem tinha planejado compartilhar tudo. A Aline que havia desaparecido, fechada em si mesma. Eu tinha pensado que era para sempre, já tinha desistido de reencontrá-la. Sentia-me confortável vivendo meu momento egoísta, e lá estava ela: de volta ao mundo dos vivos, virando minha alma pelo avesso. Eu devia estar feliz por vê-la de volta, tinha esperado anos a fio por isso, mas na verdade me sentia afrontado. Como ela se atrevia a aparecer *agora*? Como se atrevia a me encher de ilusões,

logo quando eu podia ver um atalho pelo qual seguir? Eu sabia que ela desertaria de novo algum dia, portanto não podia me permitir albergar qualquer sentimento dessa natureza agora. E por isso aquele encontro era sinônimo de dor.

Abri os olhos tentando me fixar nas pessoas vivas. Uma enfermeira que passava; uma mulher aflita deixando o quarto de algum paciente; uma maca vazia; uma cadeira de rodas transportando alguém com os ouvidos cheios de prognósticos animadores. Era a vida seguindo, ainda que em um local no qual ela muitas vezes se abreviava. E minha mulher, a minha — *falsa ou verdadeira?* — esposa, ao que tudo indicava, havia ressuscitado ali mesmo.

Mas eu não me permitiria devaneios, sabia que a aparição dela era temporária. Respirei fundo e me afastei, obrigando-me a manter os pés no chão e a seguir o fluxo dos vivos.

Dois passos no corredor, e avistei Dr. Caiado. Ele vinha meio apressado, seguido por dois outros profissionais, médicos ou enfermeiros, não sei ao

certo.

— Ah, preciso falar com o senhor — interpelou-me e eu parei. Ele, porém, continuou seguindo, de modo que me voltei. Enquanto se afastava, o médico olhou por sobre o ombro e pediu: — Pode me aguardar na recepção? Só vou levar um instante.

O instante durou quinze minutos, em que andei de um extremo ao outro da sala de espera. contei e recontei os assentos. Notei as várias nuances de cinza que graduavam a formação das cadeiras. Um quadrado perfeito, preenchido por grafismos que mudavam dependendo do ângulo do qual eu olhava, algo que só alguém com o olhar muito aguçado notaria.

O médico se desculpou dizendo que um procedimento havia demorado um pouco mais do que ele imaginava e anunciou com um sorriso:

— Estou pensando em dar alta à sua esposa amanhã.

Eu apenas balancei a cabeça recusando-me a
PERIGOSAS ACHERON

pensar nas implicações disso. Minha mente, em branco, tentava debandar, voltar ao cinza prescindível e descomplicado das cadeiras; eu desejava ter mantido meu traseiro ali. Mas Dr. Caiado foi implacável e despejou uma montanha de informações em minhas orelhas.

— O braço ainda terá que ficar imobilizado por alguns dias e, depois, ela precisará de fisioterapia — a litania do médico me mantinha aceso. Isso era o que eu chamava de retorno ao mundo dos vivos. — Também terá que fazer acompanhamento psiquiátrico e neurológico. No geral, o estado de saúde dela é bom, não vejo razões para mantê-la aqui por mais tempo. — Sorriu.

— Certo. — Não estava nada certo, mas eu achava que era minha obrigação fingir que sim.

— Alguma dúvida? — Eu tinha várias, mas não acreditava que ele pudesse me ajudar nelas.

— A que horas posso buscá-la? — perguntei, um suspiro resignado.

Muitos me entenderiam mal, pensariam que eu
PERIGOSAS ACHERON

não queria que Aline voltasse para casa. Não, de maneira alguma. Aquela casa era dela, eu jamais a tiraria de lá. A questão era que não estava em meus planos habitá-la também, não depois daquele dia fatídico. E, sobretudo, não depois de ter tomado *aquela* decisão.

— Por volta das dez, começo a ronda — informou o doutor. — Acredito que, mais tardar às onze, ela já estará liberada.

— Tudo bem — anuí apesar das preocupações que atribulavam minha mente.

E agora, como vai ser?

Bom, Aline dizia que nem tanto, mas eu me considerava um cara objetivo. E foi resgatando esse sopro de assertividade que empurrei todas as perguntas para um lado e me obriguei a focar nas questões práticas. Havia o mais difícil, preparar meu espírito para fingir normalidade até que ela recuperasse a memória, voltasse a me odiar e pudéssemos retomar nossa história de onde havíamos parado, do fim. Mas isso teria que

esperar.

O tempo tinha passado rápido, ela já estava havia mais de vinte dias internada, e a casa estava uma bagunça. Eu precisava dar um jeito nisso. Bom, essa era a parte prática de que eu precisava cuidar e, talvez, a minha salvação.

Segundo a orientação de um dos médicos que cuidava dela, eu deveria ser cauteloso. Ir devagar. Não a pressionar. Não precisava falar de detalhes que porventura tinham sido traumáticos, exceto se a situação pedisse; deveria ter paciência e esperar que viessem à tona de forma natural, pois sua mente podia ter bons motivos para mantê-los ocultos. A retomada da rotina, a volta para casa, nossa convivência e o contato com objetos familiares, por si só, deveriam constituir estímulo para que a memória se restabelecesse a seu próprio tempo; leia-se, nada de conversar sobre a documentação que eu havia recebido do advogado e tampouco sobre os detalhes desagradáveis de nossa relação nos últimos anos, ao menos a princípio.

Deus me ajudasse, eu precisava de forças e de

mais paciência do que imaginava que pudesse necessitar ou de que pudesse dispor.

Saindo do hospital, fui direto à empresa. Precisava adiantar meu trabalho, delegar algumas tarefas e avisar que me ausentaria por uns dias. Após refletir, eu havia concluído que deveria acompanhá-la de perto até que ela se sentisse segura para ficar sozinha em uma casa que, agora, lhe era totalmente estranha.

Naquela mesma manhã, entrei em contato com Ivone, a senhora que costumava nos prestar serviços domésticos algumas vezes por semana. Desde o acidente de Aline, ela não aparecia, mas, por sorte, tinha a tarde daquele dia livre, o qual se dedicaria a colocar alguma ordem em minha casa.

E fez um bom trabalho, constatei mais tarde, por volta das oito da noite, ao entrar pela porta da sala e ser recebido pelo aroma de jasmim misturado a pinho. O porcelanato brilhava, os móveis reluziam. Até a forma como as cortinas de *voil* dispunham-se sobre as janelas parecia mais ordenada, como se a distância entre cada ilhós

tivesse sido milimetricamente calculada; e isso me lembrou do tempo em que minha vida também era assim.

Deparar com o ambiente tão organizado e limpo me trouxe a impressão de que encontraria Aline ali, pois era assim que ela sempre mantinha a casa, apesar da apatia ante a vida, da falta de sorrisos e de entusiasmo para o que quer que fosse. Talvez tivesse sido esse o motivo de eu ter demorado tanto a tomar uma decisão. Durante o dia, ou à noite ao chegar do trabalho, eu tinha sempre a sensação de normalidade, de que tudo estava em seu devido lugar e de que, se havia problemas, era questão de tempo até que se resolvessem. Era em geral mais tarde, quando eu a procurava na cama, ou até mesmo em outras ocasiões, quando buscava qualquer contato mais afetoso, enquanto tentava recobrar a intimidade que havíamos construído ao longo do relacionamento — às vezes eu só queria um abraço — que eu tomava consciência do muro de gelo que nos separava e de que, mesmo tendo uma mulher ao meu lado, eu estava só.

Ainda me lembrava da última vez que tinha

tentado alguma aproximação, fazia bastante tempo:

“Saudade...”, sussurrei ao ouvido dela.

Tinha me aproximado por trás, envolvendo-a com um dos braços. Havia acabado de entrar em nosso quarto, encontrando-a seminua — algo que ela evitava a todo custo e com muito sucesso. Sentir o calor daquela pele macia, minha mão correndo suavemente pela estreita cintura, o aroma, de notas doces e outras cítricas, tão controverso como sua personalidade — doce e franca, sutil e assertiva — tinha sido como encontrar um esteio, um impulso para minha alma alquebrada; mas a sensação fora fugaz. Seu rechaço era como um forte empurrão para baixo e me dobrava mais uma vez ao meio.

Eu tinha chegado mais cedo do trabalho. Na certa Aline não me esperava e, por isso, tinha se descuidado trocando de roupa com a porta destrancada.

“Line, por favor, eu...” Meu rosto colado à curva delicada do pescoço dela, os lábios roçando

a pele que eu desejava acariciar, beijar... a promessa de calor, para aquele deserto de gelo, tão perto e...

“Você sabe que eu não estou pronta, que ainda não consigo, eu...” Esquivou-se com rudeza, tratando logo de buscar o roupão para se cobrir.

“Até quando, Aline?” Eu me afastei de forma abrupta, ficando de costas. “Até quando eu tenho que esperar? Não aguento mais essa frieza, eu preciso de você, eu...”

“Você sabe que isso está além da minha vontade! Eu simplesmente não posso.”

“Faz quase dois anos! Há quase dois anos, você me evita e me trata como se eu fosse seu irmão! Pior que isso! Há quanto tempo eu não recebo um abraço, há quanto tempo não a toco?! Há quanto tempo você não me toca, Aline?! Por quanto tempo mais pretende arrastar essa situação?” Balancei a cabeça despejando tudo que estava atravessado a minha garganta. “Talvez seja melhor pararmos com isso”, e então ela se voltou,

olhando-me surpreendida, os olhos alargados.

“Como assim?”, indagou aflita.

“Eu disse que talvez seja melhor tomarmos rumos diferentes. Cada um para um lado, como aliás já tem sido, só que... sendo sinceros com nós mesmos. Sem hipocrisia. Sem fingimento. Não está tudo bem, você não percebe? Não consigo mais fingir que está tudo bem!”

“Não, você não pode fazer isso comigo.” Ela se aproximou, mas não muito. Não me tocava, mas seu olhar era como tentáculos venenosos prestes a se aninharem às minhas entranhas. Um contato desesperado que apenas subtraía. Roubava tudo de mim, sem me dar nada. “Não pode... As coisas vão melhorar. Olha, eu prometo”, juntou as mãos em gesto de oração como em tantas outras vezes, “prometo procurar ajuda, vou resolver isso, só preciso de mais um tempo. Não me deixe, pelo amor de Deus”, pediu com um gesto desolado que partia meu coração. “Prometo me esforçar...” Assentiu ansiosamente. E assim vinha me mantendo preso. Não se doava, mas exigia meu sangue em

troca de uma falsa paz de espírito.

Aline não estava de fato comigo, mas também não me deixava ir. Cada vez mais a noção de que o tempo nada resolveria se arraigava dentro de mim, a cada dia eu tinha mais certeza disso. Era preciso atitude, e isso não viria da parte dela.

Tentando dissipar essas lembranças desagradáveis, eu me recostei ao balcão que separava a cozinha da sala. Recordar aquela tentativa de aproximação ainda doía, *foco, Daniel, foco.*

Olhei para a frente, a geladeira em inox reluzia parecendo pedir para ser abastecida, e eu permiti que questões como essa suplantassem meus pensamentos. Iria às compras no dia seguinte, naquele momento tinha coisas mais importantes a fazer.

Subi diretamente ao quarto e, entrando lá, eu me dirigi ao armário, de onde tirei o envelope com os documentos referentes ao divórcio. Em seguida saí em direção ao quarto que tinha sido de Nicolas.

O único vestígio de que alguém um dia dormira ali era o armário, laqueado em branco, embutido à parede. O restante do espaço era preenchido por um sofá em camurça cinza e um tapete cor de gelo. Na parede, uma TV LCD sobrepunha o painel também branco. Tudo muito frio e congruente com o que agora era aquele cômodo. Um pedaço de papel branco mas manchado. Um retrato apagado e ilegível do passado.

Apoiando um pé ao braço do sofá, alcancei e abri a porta do maleiro, de onde retirei a caixa que guardava as únicas lembranças do meu filho. Era de madeira, pintada de branco, com uma estampa axadrezada em nuances mais escuras na tampa. Desci, sentei-me com a caixa no colo e, tomando coragem, a abri. Evitei olhar dentro, apenas enfiei o envelope ali e voltei a fechá-la. Os gritos de Aline após abandonar o telefone, eu apreensivo do outro lado da linha, ainda reverberavam em minha memória. Isso ainda me atormentava e, confesso, preferia ser covarde e evitar as lembranças.

Em seguida a guardei no mesmo lugar. Depois pensaria em um local mais seguro para guardar

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo aquilo; teria algum tempo antes que Aline estivesse em condições de explorar lugares mais altos.

Eu tinha pensado em voltar ao hospital e passar lá a noite, mas, depois de um banho e de comer um congelado, o sono me pegou.

No dia seguinte, acordei antes da seis da manhã e me sentia um trapo. Havia apagado no sofá, de qualquer maneira, sem sequer pegar um travesseiro. Fui para a cama com a intenção de descansar um pouco antes de sair, mas a apreensão não permitiu que eu pregasse os olhos. Às nove tomei um banho e me aprontei para buscar Aline, apesar de que só poderia sair do hospital com ela por volta das onze. É, eu estava ansioso. Apreensivo.

Antes de sair, abri o armário dela para separar algumas peças de roupa, um jeans, uma bata e o primeiro calçado que encontrasse. Olhei para a cavidade repleta de roupas perfeitamente organizadas. O aroma conferia uma atmosfera intimista ao que eu estava fazendo, mas a verdade era que eu nem sabia por onde começar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descomplicando, segui o planejado e optei pelo básico, mas, num ato de pura rebeldia, peguei uma camiseta regata de algodão — cor clara, alças finas —, o tipo de blusa que ela, para me manter a distância, não usava fazia muito tempo. Mas hesitei antes de abrir a gaveta onde ficavam as peças íntimas; sentia como se estivesse invadindo sua privacidade, e aquilo já era demais. Evitando olhar muito detalhadamente, retirei de lá uma calcinha de algodão branca e um sutiã que parecia fazer conjunto. Isso devia servir.

Eram quase dez quando entrei no apartamento e a encontrei, de banho tomado, sentada na cama, enquanto um auxiliar — *Espera, um homem?* — a ajudava com os cabelos. Senti um frio no estômago, os músculos do corpo se enrijeceram e os da face se contraíram como que por reflexo. Era tão estranho ver outro homem tocando Aline daquela maneira, apesar de tudo. Certo, o cara só estava fazendo o trabalho dele, mas pentear os cabelos de uma mulher me parecia algo tão íntimo, que... Bom, não importava, era melhor mesmo que eu me acostumassem com visões daquele tipo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, tudo bem? — cumprimentei tentando dissimular o desconcerto.

— Oi! — Mais uma vez fui recebido com um sorriso aberto de minha esposa.

O auxiliar apenas balançou a cabeça, e eu retribuí o gesto.

— Pronta para ir para casa? — perguntei a Aline, que parecia mais tensa que no dia anterior.

Ela inspirou profundamente, como que buscando força, coragem, e logo ouvi a resposta:

— Claro. Ansiosa por isso — mentia, tenho certeza.

Concordei com um gesto e tentei sorrir.

— Bom. Trouxe uma roupa. — Estendi a bolsa e me aproximei.

— Ah, obrigada. — Aline a recebeu e abriu, sondando o conteúdo. Retirou as peças, parecia cautelosa e ao mesmo tempo curiosa.

PERIGOSAS ACHERON

Ao pegar as roupas mais cedo, eu não havia pensado nisso, mas, quando dei por mim, aguardava com expectativa que Aline esboçasse alguma reação ao vê-las, peças que ela mesma havia comprado. Mas nada aconteceu. A expressão avaliadora era só isso, nenhum gesto de reconhecimento, apenas um que denotava certo receio. Os dentes brancos mordiam o lábio inferior, e meus olhos se fixaram ali por um momento. Num ato reflexo eu admirava a boca que sempre tinha achado bonita, viçosa; mas tinha a sensação de era a primeira vez que a via. Como se durante todos esses anos ela tivesse estado escondida por uma máscara, ou uma mordaça, *merda*, o que estava acontecendo comigo?

— É, parece que minhas medidas já não são as mesmas — disse chamando minha atenção, e eu elevei o olhar, agora atento a outras partes do rosto dela.

— Não mudou muito — contrapus.

— Pela roupa mudou, sim, mas meu cérebro parece não saber disso. Acho que vou precisar de

PERIGOSAS NACIONAIS

terapia — zombou e riu. — Tenho a nítida sensação de que ainda visto 38 e de que essa calça vai ficar enorme em mim. — Olhou a etiqueta e fez uma careta.

— E agora, quanto veste? — a pergunta me escapou.

— Não sabe?

Neguei com a cabeça e torci os lábios.

— Nunca me liguei nesses detalhes, desculpe.
— Encolhi os ombros.

— Que vergonha, senhor meu marido — brincou. — Eu agora visto 40 — disse em falso tom de repreensão.

Exceto pelos últimos anos, Aline sempre fora assim, bem-humorada, irônica sem ser debochada ou muito ácida. Naquele momento, contudo, suas brincadeiras pareciam mera tentativa de desanuviar o próprio humor ou, talvez, de serenar as emoções. E ainda assim era admirável.

PERIGOSAS ACHERON

Era interessante lê-la tão facilmente; até aquele momento eu não havia parado para pensar em como a conhecia bem.

— Bom, vou deixar você com seu marido. Acho que ele pode ajudar com essa roupa, certo? — falou o enfermeiro, que saiu de trás de minha esposa e apressou-se para a porta.

— Ahn... — começou Aline, mas o rapaz na certa havia pensado que ela se dirigia a mim. Ele nem mesmo titubeou antes de atravessar a soleira e nos deixar a sós.

Eu o vi fechar a porta atrás de si e então me dirigi até lá para passar a chave no trinco.

Ao me voltar deparei com uma mulher tímida, de rosto corado, muito interessada no piso do quarto. Então me dei conta de que o que parecia natural para mim devia ser constrangedor para ela. Eu me aproximei e toquei-lhe o queixo, fazendo com que Aline me olhasse nos olhos.

— Deve ser estranho para você, mas para mim é muito natural — eu disse numa tentativa patética

PERIGOSAS ACHERON

de tranquilizá-la. — A gente se conhece de ponta a cabeça, Aline. Não há nada aí que eu já não tenha visto e tocado — falei toda essa tolice e ela ficou rubra de vergonha. Será que eu não podia pensar em algo menos idiota para dizer?

Falando francamente, fazia tempos que eu não vivenciava cena tão íntima com ela, mas isso era só um detalhe e, afinal, que diferença poderia fazer àquela altura, quando eu estava decidido a dar novo rumo a minha vida?

— É que... para mim...

— Sou um completo estranho, eu sei. Mas sou tudo o que você tem no momento. — Talvez eu tenha soado um pouco frio, mas aquela situação começava a me exasperar. — Tudo bem. Se prefere, posso pedir o enfermeiro de volta... — ameacei e franzi o cenho, estranhando a falta de reação da parte dela. — Ué, dele você não tem vergonha? — soltei sem querer, incapaz de evitar certa acidez no tom.

— É diferente, ele não é...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu marido?

— Um marido que caiu de paraquedas na minha vida?

Eu ri, não, na verdade gargalhei, embora sem humor.

— Okay, vou encontrar alguém. Mas não se esqueça de que, em casa, você não vai ter ninguém além de mim — não sei por que, mas senti necessidade de dar essa alfinetada. E isso era ridículo, eu nem queria ter que ajudá-la nessas coisas! — Até que esteja com esse braço bom, não vai conseguir muita coisa sozinha — adverti antes que pudesse me refrear e dei-lhe as costas, começando a caminhar para a porta.

Estava prestes a tocar o trinco quando ouvi:

— Daniel.

Parei, mas permaneci em silêncio.

— Você tem razão, desculpe. É melhor me acostumar logo.

PERIGOSAS ACHERON

Curvei os lábios. Ela detestava parecer frágil, exceto por... bom, pelos últimos anos.

Procurando não pensar em como aquela mulher desmemoriada lembrava a velha Aline, dei meia-volta.

— Okay, então vamos com isso. — Vi como ela aquiescia e me aproximei, colocando-me atrás dela.

Apesar de agir feito um insensível miserável, tentaria não a constranger, ou ao menos evitar isso tanto quanto possível, mas quase ri da ironia que nos cercava: podia ser que eu estivesse diante de uma Aline muito parecida, na verdade igual, àquela por quem eu tinha me apaixonado, mas ainda havia um muro inexpugnável entre nós, porque, apesar de conhecê-la como a palma da minha mão, eu não passava de um estranho para ela.

Sem cerimônias, segurei a bainha da veste do hospital, mas, quando tentei levantá-la, senti uma força contrária, os braços de Aline se contraíam em volta do corpo feito um torniquete; até mesmo o

que estava imobilizado trabalhava em obediência ao pudor.

— Ei, relaxa. Só dá para ver suas costas daqui.
— Na verdade, eu estava olhando para o lado, para o lençol que cobria a cama, evitando-a.

— Certo, desculpe — murmurou o pedido, respirou fundo e se soltou.

Eu, então, continuei meu trabalho, passando a veste com cuidado pelo braço imobilizado, depois pelo outro e, em seguida, pela cabeça de Aline. Mantive os olhos centrados no tecido branco, nos minúsculos losangos verdes que o estampavam, até que ele se foi e... *Putá merda*, Aline não usava nada por baixo.

Claro, durante aqueles dias eu não havia levado uma só peça de roupa para ela.

Permaneci estático por um instante. *Natural, né?*, zombei de mim mesmo, fascinado pela visão das costas esbeltas e perfeitas, a pele imaculada. Bem, o que eu esperava encontrar por trás daquela veste, um cadáver preservado?

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos se perderam numa viagem instintiva pela cavidade da cintura fina, nem de longe era a de uma múmia. Era como se me dirigisse por uma senda havia muito não percorrida e encontrasse a familiaridade, o caminho que me guiaria até meu destino. Um caminho, aliás, que eu queria perfazer, constatei num susto e na dureza de certa parte da minha anatomia.

Eu julgava que, depois de anos sem tocá-la e após tomada a decisão de me divorciar, certo de que já não a amava, estava imune a ela, mas, pelo visto, ao menos sexualmente eu não estava. Meu corpo reagia, bastava olhá-la, mas atribuí isso à temporada forçada de celibato. Apesar de que... *Melhor não pensar nessa merda agora.*

Um movimento chamou minha atenção, e eu despertei dos pensamentos. Tomei uma inspiração profunda e busquei me concentrar, em vão. *Devia ter dado ouvidos a ela e chamado o maldito enfermeiro.* Droga, isso também não. Não sabia por que, mas não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De onde eu estava, pelos movimentos dos ombros dela, supus que Aline havia posicionado o bojo do sutiã sobre os seios, o que me fez estar mais ciente deles do que deveria naquele momento. *Merda. Porra. Caralho. Puta que pariu, desfiei um rosário de xingamentos, mas só no pensamento.*

Tratei de acelerar, precisava terminar logo com aquilo. Segurei a alça direita e a ajudei a traspasar por ela o braço imobilizado. Aline fez o mesmo com o outro, sozinha. Abotoei o sutiã de fecho traseiro e rapidamente estendi a mão para pegar a blusa que ela me entregava por sobre o ombro esquerdo. Pelo visto minha esposa também tinha pressa.

Eu a vesti com cuidado e o mais rápido que pude, retirando em seguida os cabelos úmidos de dentro da blusa.

— Você acha que... — comecei e, antes que eu pudesse concluir a pergunta, ela, como se pudesse ler meus pensamentos, respondeu:

— Sim, eu faço isso.

PERIGOSAS ACHERON

Recuei um passo e observei seus movimentos desajeitados enquanto ela vestia a calcinha, ainda sentada. Eu me virei de costas, sentia-me desleal de repente. De certa maneira, sabia que não tinha direito de vê-la em situação tão íntima. Muito menos de ficar excitado.

— Pronto — ouvi e me virei, alcançando logo a calça jeans que ela me estendia.

Diabos, se eu soubesse como seria, teria levado um daqueles vestidos de freira que ela usava nos últimos tempos; assim acabaria com aquilo muito mais rápido.

Eu me abaixei à frente dela e a ajudei a vestir-se. Fui rápido, procurando me centrar na aspereza e na cor escura do jeans, o exato oposto da pele clara e sedosa de Aline.

Ela logo teve que ficar em pé, e eu, segurando o cós da calça, fui me erguendo, trilhando inevitavelmente as curvas pronunciadas e recobertas de pele macia.

Já totalmente erguido (em mais de um sentido,
PERIGOSAS ACHERON

inclusive), tentando tirar os olhos do corpo que ainda me acendia, elevei o rosto e dei com o olhar esverdeado preso a mim. Sustentei-o por um par de segundos e então quis desaparecer. E foi o que eu fiz.

Dei-lhe as costas de súbito e saí feito um tornado.

— Termine enquanto procuro o Dr. Caiado.

7

“É possível inspirar tanto a coragem quanto o medo.” S. Ceccato.

Aline

Estática, sentada na cama, eu não conseguia tirar os olhos da porta por onde ele tinha acabado de passar. Novamente era acometida pela sensação de que aquele homem queria distância de mim, de que eu o repelia. Depois da conversa do dia anterior, em que tínhamos inclusive rido juntos, eu pensava que já tínhamos superado o mal-estar, mas pelo visto estava errada. E isso fazia com que me sentisse um fardo. Um fardo confuso.

Procurei não pensar em como seria nos próximos dias, em que eu dependeria dele, pois, apesar dessa sensação de rejeição para a qual eu já havia encontrado explicação, o que me afligia de fato era ver minha intimidade violada. Por mais que me dissessem que aquele era meu marido, e que isso supusesse intimidade, eu não sentia que era assim. Não que eu fosse indiferente a ele, seu cheiro ainda me provocava comichões pelo corpo; mas daí a desfilar nua na frente dele havia uma enorme distância.

Uma batida suave à porta me despertou dos pensamentos.

— Olá. — Uma funcionária que eu ainda não conhecia apareceu.

— Oi.

— Trouxe suas coisas. — Levantou uma embalagem plástica e me entregou, saindo logo. — Boa recuperação!

A princípio fiquei um pouco confusa, a embalagem nas mãos, mas logo caí em mim

PERIGOSAS ACHERON

percebendo do que se tratava. Rasguei o plástico de qualquer maneira e deparei com um jeans sujo, rasgado, que logo abri, observando-o criticamente. Nunca em minha vida tinha visto aquela roupa.

Notei que algo caía e baixei os olhos; era uma embalagem idêntica, porém menor. Deixei o jeans de lado, sobre a cama, e me dobrei para alcançar o objeto.

Voltei a me sentar e furei a embalagem com o dedo. Olhei dentro e vi dois anéis, além de um par de singelos brincos. Retirei tudo de dentro do saquinho e observei as joias na palma de uma mão.

Uma aliança clássica, idêntica à que Daniel tinha no dedo anular, e um anel aparador, cravado de minúsculas pedras avermelhadas, que eu não soube identificar. Os brincos eram pequenas esferas incrustadas pela mesma pedra.

Após um instante de hesitação, coloquei no dedo a aliança, servia como uma luva.

Contemplei, por um minuto ou dois, a joia, seu contraste em relação à minha pele, e cheguei a

PERIGOSAS ACHERON

pensar em colocar o outro anel, como supostamente eu usava antes de estar naquela situação, mas, num ato quase reflexo, sentindo que aquilo tudo estava muito errado, retirei-a, guardando de novo junto com o aparador. Coloquei o saquinho no bolso do jeans e traguei saliva, angustiada.

Com dificuldade, calcei as sapatilhas e procurei dar um jeito em minha aparência, embora cegamente. Ainda não havia encontrado o valor necessário para encarar minha imagem no espelho. Eu o evitava com veemência, temia deparar com uma estranha. E não faria isso agora.

Meia hora depois de Daniel sair do quarto, estávamos deixando o hospital. Foi tudo muito estranho quando, a caminho da saída, paramos na recepção. A Aline do dia anterior tinha dado lugar a outra, tensa, apreensiva. Eu sequer conseguia dissimular meu estado de espírito.

Como uma criança indefesa, testemunhei o momento quase surreal em que ele, de posse de minha carteira de identidade, preenchia um formulário e assinava guias do plano de saúde ao

qual, aliás, eu nem sabia que era associada.

— Eu tenho um plano de saúde? — perguntei atendendo a uma necessidade quase infantil de confirmar.

— Claro — respondeu sem tirar os olhos dos papéis. — E não tem que se preocupar com essas questões agora. — Olhou-me de esguelha, com um ligeiro ar de advertência.

— Eu costumo... — limpei a garganta. — Quer dizer, costumava me preocupar com esse tipo de coisa.

Ele então parou o que estava fazendo e me encarou. Também não era o mesmo Daniel do dia anterior e nem de quando havia chegado para me buscar.

— Mas não tem mais — disse apenas.

Eu nem mesmo soube como reagir a isso; se comemorar ou se me deprimir. Então, em vez de queimar meus poucos neurônios em funcionamento tentando decidir, olhei de esguelha para o balcão,
PERIGOSAS ACHERON

precisamente para meu documento, do qual ele copiava dados.

Li meu nome: “Aline Cristina Dolabella Romano”. Não era mentira. Não era um pesadelo.

— Romano — sussurrei provando a palavra.

Eu estava mesmo casada com o homem ao meu lado, vivendo uma vida completamente distinta daquela de que me lembrava.

Uma pontada na têmpora direita me obrigou a fechar os olhos com força e me impediu de ler sequer mais uma letra dos documentos sobre o balcão.

— Vamos — chamou após guardar meu RG na própria carteira, o que me deixou ainda mais atônita.

— Vamos — aquiesci e segui ao lado dele, sentindo-me uma criança indefesa.

Alguns metros após a portaria, no estacionamento, paramos frente a um sedã prata, e

PERIGOSAS ACHERON

eu tive o primeiro vislumbre da região. Uma vasta porção de serras sobrepunha a visão de alguns pontos mais claros aqui e ali. A vista era majestosa, diferente de tudo a que eu estava acostumada.

Respirei fundo apreciando a brisa fresca tão distinta do ar viciado do hospital e ergui o rosto, permitindo que a calidez dos raios solares aquecesse, se não meu coração ou minha alma, ao menos a minha pele.

Alguns minutos depois, o silêncio imperava no interior do carro e, sobe ladeira, desce ladeira, repicando sobre paralelepípedos, algumas moradias começavam a aparecer em meu campo de visão.

— É uma cidade histórica? — perguntei ao me dar conta da arquitetura da maioria dos imóveis.

— Monte Belo, sim. As outras também são muito antigas, mas não têm essa arquitetura tão rica. São regiões mais rurais.

— Ah. Não sabia... — respondi, encantada ao passar por uma igreja certamente construída no Período Colonial.

Daniel desacelerou, quase parou, parecendo adivinhar minha curiosidade e o encantamento.

Uma senda estreita, ladeada por pequenas construções esculpidas em relevo, abria-se dando passagem a um majestoso edifício em estilo barroco, que coroava o pico de uma ladeira verdejante. A passagem que a precedia parecia querer escondê-la, mas nada seria capaz de ocultar a opulenta construção anteposta por amplos parapeitos e suntuosa escadaria. Eu já havia visto, em fotos, cidades com arquitetura semelhante, mas nunca ao vivo. Tudo destoava tanto do que eu conhecia, e isso só aumentava a sensação de irrerealidade que eu experimentava. Eu não entendia do assunto, mas sabia que a disposição das construções, suas linhas e cada detalhe que as adornava escondiam elementos significativos de um tempo. Para mim, a paisagem era como um mistério a ser desvendado, qual minha vida, ou parte dela, que aos poucos se descortinava perante meus olhos.

— A maioria dos edifícios aqui datam do

século XVIII — esclareceu olhando para a igreja e voltando a acelerar.

Eu assenti, mais interessada em ver do que em ouvir.

Ruas estreitas, delimitadas pelos sobrados e casas. Telhados de duas águas, encimando a paisagem em vários picos escuros, espraiavam-se ante meus olhos, em declives e curvas acentuadas; um manto ondulado e sombrio, ao mesmo tempo que pitoresco.

Vários metros de aclave depois, cessamos de subir e descemos, e descemos, e descemos ainda mais, até que me vi cercada por uma cadeia de serras, as mesmas que eu antevira do alto de Monte Belo, onde ficava o hospital.

— Chegamos — Daniel anunciou ao pegar uma estreita estrada de terra. — Não conseguiu se lembrar de nada?

— Eu...

— Ah, esqueça, não quero pressionar. É só que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é estranho ficar explicando os detalhes da região a você — esclareceu ele.

— Entendi.

— Mas não hesite em perguntar qualquer coisa que queira saber.

— Obrigada — sussurrei.

— Moramos em um condomínio. É um terreno bem grande, e o clima aqui é agradável a maior parte do ano. Você vai ver.

Mais alguns minutos e passávamos entre duas guaritas, após a abertura de uma cancela.

No interior do condomínio, as ruas, apesar de estreitas, eram asfaltadas e entremeadas por canteiros descuidados, mas naturalmente embelezados por profusos tufos de cosmo-amarelo. Nas duas extremidades da rua, estendiam-se amplas áreas não construídas, arborizadas e repletas de sombras, que deixavam o clima mais ameno do que eu estava acostumada. Ou melhor, com que eu pensava estar acostumada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo paramos em frente a um portão de ferro, a dianteira do carro voltada para ele. Enquanto a pesada chapa metálica se abria, eu controlava a vontade de abrir a porta e sair correndo pela rua. Algo, talvez a angústia que pesava sobre meu peito, me dizia que eu não deveria entrar ali.

Então, percebendo que o portão já estava totalmente aberto, eu me inclinei um pouco e pude ver a construção de linhas perpendiculares e cor clara.

Alguém, por favor, poderia me devolver à realidade?

Daniel estacionou e desceu; deu a volta e abriu a porta para mim. Hesitei antes de saltar, mas, ao ver como ele alçava o sobrecenho, saí do carro pisando a grama verde e fofa que cercava o terreno em volta da casa. Tomara a falsa transição que ocorria em minha vida fosse tão tenra quanto o solo que amparava meus pés, orei.

Caminhei atrás de Daniel, enquanto ele explicava por que havíamos decidido por certos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

detalhes na construção da casa. Ele falava de minhas escolhas e, conhecendo-me, eu constatava que tudo era muito coerente com a minha personalidade. Havia algo de mim naquela vida. Mas saber disso, encontrar essa familiaridade, não era suficiente para aplacar o medo que me consumia.

— Quantos metros? — indaguei ao perceber a extensão do terreno; procurava me distrair com detalhes que pouco importavam.

— Em torno de mil — respondeu, aparentemente alheio a meu mal-estar.

— E, se é um condomínio fechado, por que temos cerca e um portão? — Sabia que fazia perguntas bobas e sem importância, mas precisava me agarrar a qualquer coisa superficial. As questões que de fato importavam — como meu plano de saúde — estavam nas mãos dele, então precisei inventar qualquer uma a que me aferrar; uma maneira de me sentir conectada com o planeta Terra, e não nessa terra de loucos na qual queriam me introduzir a todo custo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele exalou parecendo resignado e respondeu à minha pergunta:

— Porque temos um labrador não muito comportado e que gosta de devorar os faisões do vizinho. — Daniel me olhou de esguelha, um olhar que anunciava problemas. — Está ouvindo? — Apontou com a cabeça para os fundos da casa, e eu, então, prestei atenção aos latidos. — Tive que prendê-lo no pomar. Ontem ele escapou e voltou com a boca cheia de penas; nem quero imaginar o que aquele cachorro doidivas aprontou dessa vez.

Eu ri, o primeiro riso de verdade desde que havia deixado o hospital.

— Qual é o nome dele? — perguntei.

— Marrom.

— Que nome estranho.

— Você escolheu — eximiu-se encolhendo os ombros.

Balancei a cabeça negando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuei seguindo atrás dele. Até o momento nada, absolutamente nada, havia me parecido familiar, exceto o nó em minha garganta. Este, mesmo que nossa conversa desanuviasse um pouco meu humor, assumia a agudez de uma adaga e a familiaridade de um dia triste.

Subimos alguns metros, sobre pedras brutas cravadas na grama, até uma ampla varanda e, apesar do receio, reparei na tonalidade das paredes externas da casa.

— Bonita cor — elogiei observando a fachada plana e acinzentada, mas estava na verdade muito apreensiva.

A cada detalhe que eu conhecia daquela casa, crescia a convicção de nunca ter estado ali. Ainda que o design anguloso e rígido fosse tão distinto das curvas coloniais que minutos atrás eu contemplava, tudo ainda parecia avesso ao que eu conhecia. Tudo parecia estranho.

Daniel me olhou sobre um ombro e sorriu, aparentemente concordando com minha opinião

PERIGOSAS ACHERON

sobre a cor. Subiu três degraus, que davam em uma extensa varanda, sacou um chaveiro do bolso e destrancou uma ampla porta francesa em madeira. Abriu-a, afastou o *voil* de cor clara que bloqueava a entrada e recuou um passo dando-me passagem.

Ao notar que eu hesitava, voltou a arquear as sobrancelhas. Pelo que eu percebia, aquele era um gesto todo dele. Conferia-lhe um ar inteligente, do tipo de homem para quem tudo é óbvio.

Presei os lábios dando o máximo de mim para dissimular a consumição, mas logo assenti com a cabeça e cruzei a soleira, pisando o reluzente porcelanato claro.

O primeiro detalhe em que reparei, depois do piso, foi uma escada de dois compridos lances, em madeira castanha, que contrastava lindamente com o piso claro, alocada numa extremidade do amplo espaço. Este, percebi após tirar os olhos dos degraus, era uma sala de pé-direito alto. Muito alto.

Abri passo devagar pela casa e, olhando para a direita, deparei com uma cozinha americana

PERIGOSAS NACIONAIS

bastante ampla e funcional; mobília planejada e de bom gosto, bem equipada, com eletrodomésticos de primeira linha. *Cadê aquela minha geladeira amarela caindo aos pedaços?*

E o punhal em minha garganta desferindo o golpe final; era tudo, tudo desconhecido.

Senti turvar a visão e pisquei tentando impedir que as lágrimas transbordassem, mas, quando dei por mim, já estava soluçando, girando em torno do próprio eixo, desorientada feito uma criança perdida em uma loja de departamento.

Ouvi um baque surdo, minha bolsa e a frasqueira, que Daniel segurava, deixadas de qualquer maneira no chão. Então fui envolvida por braços fortes e acolhedores. Retraí o corpo tal qual minha alma se encolhia dentro de mim, desejando fundir-me em mim mesma e desaparecer.

— Shhh, calma. O que é isso? — a voz murmurada me acalantava.

— Quero ir para casa — soluzei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você já está em casa, querida. — Enterrou uma mão entre meus cabelos, em gesto consolador. — Esta é a sua casa. — Afastou-se um pouco e beijou minha testa, observando meu rosto com ar interrogante.

— Não. Não é — neguei veementemente e chorei, enterrando o rosto no pescoço dele.

Uma exalação deixou os lábios de Daniel e acariciou minha pele. Meus pés se apartaram do chão sem que eu fizesse qualquer movimento voluntário e, com a ligeira noção de que era carregada para algum lugar, recostei-me ao seu peito. Deixei que o pranto me entorpecesse, levasse-me à exaustão.



— Aline. Aline — ouvi a voz, longínqua, chamar meu nome. — Aline.

Um toque cálido em meu ombro e acordei, deparando com dois olhos castanhos e ternos a me fitar, bem perto dos meus. Não os reconheci de

PERIGOSAS ACHERON

imediatamente, pisquei algumas vezes antes que isso acontecesse.

Achava-me deitada em algo macio. Olhei para o lado, dando com uma superfície aveludada de cor escura, e percebi que estava em um sofá.

— São quase três da tarde, fiquei preocupado. Você não come desde o café da manhã — explicou Daniel, ainda bem próximo, agachado ao lado do estofado.

Resmunguei qualquer coisa e fiz menção de me erguer, recebendo logo o auxílio de dois fortes braços. De pé, sonolenta, cambaleei e precisei me amparar nele, as mãos em seu peito.

— Quer lavar o rosto?

Nem respondi e fui conduzida até um lavabo, sob a escada.

— Espero na cozinha. Quando terminar, vá até lá para comermos alguma coisa.

Concordei com a cabeça e fechei a porta. Evitei

PERIGOSAS ACHERON

deliberadamente o espelho e baixe a cabeça, abrindo a torneira. A água jorrou, e eu enchi a mão esquerda, umedecendo o rosto. Repeti o gesto pelo menos três vezes, até que me senti desperta.

Fechei a torneira e apoiei a mão livre à pia, os olhos fixos no escuro granito, mas os pensamentos distantes, anos atrás. Aos poucos viajei no tempo retornando ao presente, em que não podia encarar meu próprio rosto. Como um turbilhão, lembranças de algumas horas atrás me acometeram, minha demonstração de fragilidade constrangendo-me.

Tentando provar a mim mesma que eu não era aquela criatura tão vulnerável, subi o rosto devagar e me olhei no espelho. Era eu. Claro que era eu. Eu costumava repicar as pontas dos cabelos castanhos, mas agora estavam retos e lisos. Bonito, mas sério demais para meu gosto.

Aproximei-me mais do espelho e reparei em algumas marcas de expressão que nunca antes tinha notado. Movi os lábios esticando-os como se sorrisse e os relaxei em seguida, notando dois risquinhos junto à comissura direita. Esta e também

PERIGOSAS NACIONAIS

a esquerda, reparei, pareciam suavemente voltadas para baixo, denotando um gesto amargo ou triste. Plissei o cenho estranhando a ausência da leveza que costumava ler em meu próprio semblante. Na certa aquela expressão e aquele olhar melancólicos deviam-se a minha situação atual, pensei.

E por falar nela, tendo em conta a visão triste que obtive ao me olhar no espelho, eu me enchi, se não de vigor, ao menos de resolução. Estava decidida a não fraquejar. Assenti para mim mesma perante o espelho e curvei os lábios, não exatamente sorrindo, e deixei em sequência o lavabo.

Chegando à cozinha, encontrei Daniel, que trabalhava de frente para a pia.

— Precisa de ajuda? — perguntei.

— Oi? — Ele pareceu um pouco sobressaltado ao relancear por sobre um ombro. — Não, já estou terminando. Sanduíches. Tinha pensado em ir ao mercado agora à tarde, mas achei melhor não deixar você sozinha tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON

— Árram — respondi distraidamente, tocada pelo cuidado dele comigo. — Nossa — exprimi enquanto roçava um dedo na porta do forno elétrico, impressionada com a cozinha, sua beleza e funcionalidade.

— O quê? — Daniel me relanceou de novo.

— Nada — Fiz um gesto de pouco caso, ele não entenderia.

Daniel não insistiu, e eu me aproximei, parando em frente às peças que ele já havia disposto sobre a bancada. Quatro fatias de pão integral, cenoura ralada, presunto de peru defumado...

Ele se afastou em direção à geladeira e, um pouco desajeitada, com a mão esquerda, alcancei uma espátula. Besuntei as fatias de pão com um patê, que, pela aparência, presumi ser de tomate seco; dispus sobre elas uma fração de queijo, outra de peito de peru; uma folha de alface e uma porção de cenoura ralada.

— Cenoura? — perguntou com ar surpreendido. — Não, não, no meu não.

— Ah, desculpe — pedi e usei a espátula para remover as raspinhas alaranjadas de um dos sanduíches. *Ele não gosta de cenoura, então*, repeti para mim mesma, como se precisasse memorizar isso.

Daniel deu de ombros e colocou sobre a bancada um pote cheio de uvas-passas. Colocou uma generosa porção das frutinhas secas sobre o sanduíche dele, e eu disse:

— No meu não pre...

— Não precisa, eu sei — ele me interrompeu.
— Você odeia.

— É, odeio — concordei e ele sequer me olhou, nada impressionado com minha confirmação.

— Tomate pode? — perguntei.

— Hum-hum.

Coloquei uma rodela em cada um, ele arrematou com uma generosa porção de molho de

PERIGOSAS NACIONAIS

azeitona preta, e pronto. Se viver em minha pele nos próximos dias fosse tão fácil quanto montar aqueles sanduíches com ele, eu ficaria muitíssimo agradecida. Mas sabia que não seria assim. E também não importava, porque eu tinha tomado uma decisão.

Daniel terminou nosso trabalho pegando nos armários dois pratos, nos quais dispôs os lanches prontos. Operando intuitivamente, eu os peguei e carreguei para a ilha no centro, onde havia três bancos altos. Pela visão periférica, vi que ele abria a geladeira, e logo Daniel estava ao meu lado, com uma caixa de suco e dois copos nas mãos. Ele se acomodou em um dos bancos e encheu os dois copos com o líquido amarelo.

— Você não falou sobre meu trabalho — falei enquanto olhava pela ampla janela que dava para a varanda.

Silêncio, silêncio... Um silêncio longo demais, e eu resolvi olhar para ele.

— Você não trabalha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não? — Isso, sim, era inesperado.

— Hã-hã.

Eu quis perguntar por que razão, mas tudo que conseguia fazer era olhar para ele. E isso pareceu ser suficiente, porque Daniel logo esclareceu:

— Você resolveu dar um tempo para... — hesitou — para cuidar do, quer dizer, da casa... ahn... de mim.

— Eu resolvi ser dona de casa, então?

— Isso.

— Ah.

Mais um momento de silêncio.

— Pelo menos eu me formei? Eu estava pensando em desistir de Letras e...

— Sim, formou. Depois que casamos. Já estava acabando o curso, então resolveu terminar.

PERIGOSAS ACHERON

— E meus amigos, por que ninguém foi me visitar?

— Amigos?

— É, amigos. Eu devo ter alguns por aqui, não é?

Ele pigarreou e tomou um pouco de suco. Mastigou em silêncio parecendo um pouco entalado. Eu o observei em expectativa.

— É que... — Ele enfim me encarou. — Você não, quer dizer, você andava mais reservada nos últimos tempos.

Não consegui dizer nada, apenas o olhava tentando ler algo mais em seu semblante, algo que me permitisse encaixar tudo isso ao que eu conhecia de mim mesma. Reservada, dona de casa. Casada com aquele homem tão distante. Dependente financeiramente dele...

Continuamos a comer em silêncio.

— Está tudo bem? — ele perguntou; talvez a

PERIGOSAS ACHERON

falta de conversa começasse a incomodá-lo.

— Sim — respondi. — É só que...

— O quê?

Suspirei me esforçando por não deixar que o desânimo voltasse a me aterrorizar.

— Às vezes eu fico com medo dessa mulher com quem você se casou — confessei.

Daniel balançou a cabeça parecendo concordar comigo, e eu quase perguntei por que ele não tinha tentado me convencer do contrário. Temendo ouvir o que ele tinha a dizer, desviei o olhar e fingi dar de ombros. Apesar de tudo, estava firme no propósito de não sucumbir.

Ele terminou antes de mim e recolheu o prato, além do copo. Acabei segundos depois e fiz o mesmo, erguendo-me e quase topando com Daniel no caminho.

— Opa, desculpe. — Segurou meu braço bom, impedindo que a louça se desequilibrasse e caísse.

— Obrigada — agradei e me encaminhei à pia, onde logo ele se juntou a mim.

Daniel me empurrou sutilmente para um lado, assumindo meu trabalho com a louça. Com rapidez, limpou os pratos separando-os num canto.

— Daniel — chamei, e ele interrompeu o que estava fazendo, fitando-me com o semblante sério.

— Sobre mais cedo, desculpe.

Ele meneou a cabeça e alcançou os pratos.

— Não precisa pedir desculpas, não tem que pedir. — Deu alguns passos para a direita e abriu a lava-louças.

Eu observei seus gestos com curiosidade; não me lembrava de já ter usado uma daquelas, mas de alguma maneira sabia o que ele deveria fazer.

— Olha só, eu não costumo ser assim, eu... — duvidei ao ver como ele me olhava, com uma sobrancelha arqueada. — Pois é, você me conhece, deve saber que não costumo ser tão suscetível. —

PERIGOSAS ACHERON

Ele ainda me olhava de modo estranho, parecendo duvidar, mas eu o ignorei e continuei. — Bom, tomei uma decisão — declarei e, agora sim, vi como ele se voltava. Recostado à bancada, braços cruzados, Daniel prestava total atenção em mim. — O que temos para hoje? — perguntei retoricamente, estiquei o braço bom e respondi. — Temos o hoje, então é isso o que eu vou viver. O hoje. O amanhã a Deus pertence, como dizem. Não quero tornar essa situação ainda mais difícil para mim e tampouco para você. — Dei um passo na direção dele e notei uma sutil reação em seu olhar, mas não recuei; fixei os olhos nos dele e o obriguei a me encarar também. — Muito obrigada — murmurei. — Você tem sido gentil e paciente comigo, nem sei como agradecer. — Num gesto intempestivo, elevei os calcanhares e o beijei no rosto.

8

“Quem aceitou um beijo e não aceita tudo merece perder aquilo que recebeu.” Ovídio

Daniel

Beijar é a coisa mais normal do mundo. Um hábito comum e que, se não pararmos para pensar sobre isso, até nos parece inato, como rir, chorar, comer, ou fazer sexo. Talvez por isso quase ninguém perca tempo *pensando* nisso; ou talvez não pensem porque que é muito melhor praticar e porque, se pararmos realmente para analisar, podemos chegar à conclusão de que pode ser... estranha essa coisa de se aproximar e estralar os

lábios junto à pele de alguém.

Uma mãe beija o filho, que beija os irmãos. Alguém beija uma amiga, que beija os avós e as tias. Primos e amigos se beijam. Alguém beija alguém no aniversário; sempre damos e ganhamos muitos beijos nos aniversários. Isso sem falar no melhor de todos e que realmente transcende qualquer noção de normalidade, o beijo na boca. De língua. Só que não é desse que estou falando.

Por acaso, certo dia, eu folheava uma revista e acabei lendo algo sobre a história do beijo na humanidade; eu tinha ficado curioso, afinal o que tinha levado o homem a esse tipo de manifestação tão... curiosa? Um daqueles momentos bobos em que a gente, talvez por falta do que fazer, resolve questionar o que é simplesmente aceito e vivido pela maioria das pessoas.

Apesar de não encontrar informações precisas sobre como esse gesto começou — não que eu tenha me empenhado em encontrar —, creio que seja como tantos outros em que o ser humano se toca, uma necessidade intrínseca de reafirmação de

algo, de transmitir uma mensagem afetuosa ou apenas de sentir-se próximo de alguém.

Mas aprendi que o beijo é mais antigo do que a civilização hindu e que já no *Kama Sutra* havia referências a ele. Também aprendi que, já no Império Romano, existiam até tipos de beijos; de amizade, protocolares, lascivos... está tudo lá, na *Superinteressante*.

Mas, naquele dia em que eu conversava com Aline na cozinha, depois de comermos os sanduíches, descobri, *na própria pele*, que os beijos mais singelos, um fugaz roçar de lábios e bochecha, podem ter a função de matar um cidadão de susto. Foi assim que me senti quando aquela criatura delicada, que atendia por minha esposa (bom, já não atendia mais), se aproximou, ficou nas pontas dos pés e me beijou no rosto. Que Diabos ela pretendia?

Descruzei os braços e segurei o fôlego, pego totalmente despreparado. Limpei a garganta, desconfortável. Gestos afetuosos a essa altura, *partindo dela*, pareciam de fato assustadores,

afinal, havia quanto tempo Aline não me tocava?

Procurei me abstrair da forte impressão que o beijo me havia causado, meu rosto queimava exatamente onde os lábios dela tinham tocado, mas reprimi o impulso de elevar a mão e esfregar a face, apagar o efeito ou marca que parecia ter se afixado ali. Segurei com força a borda da pia em que me apoiava, como que para me proteger, enquanto susto e desconcerto rivalizavam por um espaço dentro de mim. Ah, e medo. Havia temor também e mais um amontoado de emoções que eu era incapaz de interpretar com clareza.

Alheia ao meu estado emocional, Aline se afastava de costas. Seu andar era suave, airoso como o olhar que imaginei estampar seu rosto enquanto ela observava o ambiente a nossa volta; nem de longe tão impressionada como eu.

Houve dois latidos, e ela se voltou novamente, brindando-me com um sorriso largo, honesto, que quase me desestabilizou de novo.

— Que tal me apresentar ao Marrom agora? —

sugeri.

Aquiesci agradecido pela distração e, sem palavras, me dirigi a uma porta à esquerda, que dava para uma varanda. Esta era mais larga e mais curta que a outra, da entrada da casa, e abrigava uma ampla mesa em madeira de demolição, na qual costumávamos fazer as refeições quando havia visitas.

Passando por lá, eu me encaminhei a outra porta, também à esquerda, descendo uma escada estreita e terminando em um corredor que ladeava a casa.

Aline vinha atrás de mim. Eu não podia vê-la, mas imaginava que ela tentava absorver tudo o que via.

Chegamos à área externa da casa e paramos junto ao canteiro que precedia uma ampla faixa gramada em declive. Mais abaixo havia uma piscina e logo em seguida, cercado por um deque, um chalé.

— Marrom! — chamei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo o cachorro surgiu detrás da pequena casa de madeira, correndo em nossa direção. Ao nos alcançar, a princípio se mostrou indeciso, talvez decidindo a quem “atacaria” primeiro, rodeando-nos e farejando, o rabo abanando e fustigando minhas pernas feito um látego. Então latiu olhando-me no rosto e ficou sobre as patas traseiras, pousando as dianteiras sobre meu peito.

— Que cor linda! — Aline se aproximou admirando a pelagem cor de chocolate e o acariciou.

Eu apenas sorri e afaguei os pelos macios, mas ele nem ligou, desceu e saltou sobre Aline com a mesma sutileza de um elefante. Sobressaltada, ela deu um gritinho agudo e recuou dois passos aparentemente involuntários, o braço bom para o alto. Eu me apressei em ampará-la, mas vi que ela ria deliciada com os “beijos” úmidos dele, então me acalmei. Ainda assim, segurei o labrador e o obriguei a ficar sobre as quatro patas. Ela se abaixou e, com a mão esquerda, voltou a alisar a pelagem do cachorro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, rapaz, parece que você também me conhece, hein — disse notavelmente admirada com a maneira intimista com que ele retribuía seus carinhos.

Aline se levantou e observou a área em volta da casa. Tinha um semblante leve e sorridente, bem mais leve que antes.

— Eu gosto daqui — declarou. — É bonito, cheira a relva e... — fechou os olhos e inspirou — lavanda — completou expirando.

Enruguei a testa e olhei para a esquerda, para o canteiro que contornava a lateral do chalé. Ela olhou na mesma direção e então virou o rosto, encarando-me com um olhar interrogativo.

— Lavanda — respondi e vi um novo sorriso tocar seu rosto expressivo. — Amanhã levo você até lá. A grama está úmida, escorregadia.

— Tudo bem — Aline anuiu, olhou para a frente e então, sem aviso e despreocupadamente, sentou-se no chão.

PERIGOSAS ACHERON

Marrom já não revoava a nossa volta, um pouco mais distante farejava parecendo intrigado com um ponto qualquer da grama. Talvez tivesse encontrado um formigueiro.

Eu não tinha a intenção de estender o momento, planejava levá-la logo ao quarto — sua presença exigia muito de mim —, mas não vi como apressá-la sem parecer um idiota mal-educado. Acabei me sentando também.

Permanecemos em silêncio, cada um com seus pensamentos, por longos minutos. Aline parecia abstraída, eu podia jurar que nem mesmo a paisagem prendia sua atenção, até que ela baixou o rosto e passou a mão sobre os coléus que cresciam em profusão no canteiro e emolduravam quase todo o tapete verde que cercava a casa.

Curioso sobre o que ela poderia estar pensando, observei cada gesto. Aline tocou uma folha e riscou com a ponta do indicador a borda verde-clara; delineou as ranhuras roxas que se estendiam por quase toda a folha e, por fim, o padrão rosa-intenso que se derramava, como um lastro de tinta, bem no

centro.

— São incríveis essas folhas — falou, talvez externando um pensamento. — Têm cores vivas, parecem pintadas à mão.

Inclinei um pouco o torso e, com dois dedos, tateei a textura aveludada de outra folha. Espelhava os movimentos dela, mas permanecia calado.

— Parecem a obra de um artista. Não acha? — perguntou.

— É... Parecem — respondi, distraído.

— Você acha que algo assim pode ter surgido ao acaso? Essas folhagens de cores tão... soberbas, o desenho impressionante de algumas plantas, da pelagem de certos animais...

— Ahn... Não. Não acredito — respondi e deparei com seu olhar de Alexandrita.

— Sério? — Ela parecia surpreendida. — Engraçado, pensei que você diria que sim.

Elevei as sobrancelhas com curiosidade.

— Então por que perguntou? — Notei que minha resposta a constrangera, então emendei: — Brincadeira. — Estiquei os lábios num meio sorriso. — Mas agora quero saber, por que achou que eu diria que sim? — perguntei, de repente muito curioso para saber como *aquela* Aline, que na verdade não me conhecia, me via.

Ela encolheu os ombros e oprimiu os lábios.

— Sei lá. Você parece tão cético, tão... racional.

Ela não estava totalmente errada, mas isso não era quase nada de mim.

— E você não acredita que pode haver lógica nisso, em tanta perfeição e beleza?

Aline afastou o olhar e observou o céu, como se a resposta estivesse nas nuvens; e talvez estivesse mesmo.

— Lógica, sim, acaso não. Você tem razão, acho que dá para pensar racionalmente sobre isso.

É só que, uma coisa parece contradizer a outra. Beleza me faz pensar em Arte, em sensibilidade, criatividade e intencionalidade, requer resposta e um olhar muito mais emocional, pelo menos de mim; lógica me faz pensar em números.

— Talvez a matemática esteja muito mais implicada na arte e na beleza do que você imagina — provoquei.

— Mesmo? Como?

— Para começar, ela é uma invenção humana. Pense na música. Música é matemática pura — não sabia se ela havia me compreendido, mas também não fiz qualquer esforço em explicar. — Você acredita em Deus — afirmei em vez de começar a falar sobre escalas musicais.

— Acredito.

— Então, não acha que Ele pode ser uma mente inteligente por trás disso tudo?

— Você acredita? — perguntou ao invés de responder.

— Sim. Acredito. — Voltei a tocar a folha como que para ratificar o que eu falava e comecei a desenhar, com um dedo, as ranhuras. — Tudo na natureza tem um padrão, como uma marca, uma assinatura. Até os flocos de gelo que compõem a neve têm um padrão. Padrões se repetem em plantas, árvores, conchas e até nas espirais de um furacão. Eles não são acidentais. — Relanceei o olhar para ela, e o que vi me encorajou a continuar. — Existe uma sequência matemática encontrada nesses padrões, a *Sequência Fibonacci*. O ângulo que ela forma garante a formação de padrões mais, digamos, funcionais. Alguns artistas utilizaram esse ângulo como ponto de partida de algumas de suas obras acreditando que fosse uma secção perfeita; Da Vinci, por exemplo. E alguns a chamam de “assinatura de Deus”.

Aline balançou a cabeça notavelmente fascinada.

— Então você não acredita em acaso? — indagou.

— Em relação ao Universo, não.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela me olhou por um momento, talvez pensativa, então perguntou:

— E em relação à vida? — esmiuçou, mais uma vez me desconcertando. Era mais fácil falar do Universo e de matemática do que de algo tão humano e subjetivo.

— Ahn... Acho que não, não sei. Depende.

— Depende como?

— Sei lá, eu posso me encontrar com alguém ao acaso, mas isso não necessariamente significa que haja alguma trama transcendental, por trás, tentando nos unir, ou qualquer outra armadilha cósmica. No entanto isso pode mudar o rumo da minha vida. Vai depender das decisões que eu tomar.

— Faz sentido — comentou inclinando a cabeça e continuou: — E mostra que eu estava certa sobre você.

Eu a olhei pedindo, em silêncio, uma explicação.

PERIGOSAS ACHERON

— Sobre você ser um cara muito racional. — Ela suspirou e, sem que eu tivesse pedido mais explicações, continuou. — Sei lá, fico pensando nisso tudo que está acontecendo comigo, Daniel. Você acha que é por acaso, que é só uma fatalidade? Será que não foi algo que eu fiz que me levou a isso?

O que ela fez, o que eu fiz, tantas variáveis tinham formado a espiral da nossa vida em comum, e com certeza ela não era resultado de uma sequência matemática perfeita, como a de Fibonacci, não era uma *secção de ouro*. Era mais como uma sucessão de erros, enganos e decepções; tudo que eu tinha obtido disso fora uma muito apertada trama de angústia dentro de mim. Essa Aline julgava me conhecer, mas ela não sabia nada. Nada de mim, e nem dela mesma.

Eu não queria pensar em nada daquilo. Só queria minha vida de volta, retomar meus planos, tecnicamente fazer o que ela fazia agora, esquecer o passado e recomeçar. E fazer tudo direito. Eu não acreditava em acasos mágicos, mas também não acreditava em destino; ainda achava que o que

determinaria minha existência seriam as minhas ações e por isso queria agarrar as rédeas da minha vida logo de uma vez.

Meus pensamentos vinham em cadeia, espraíavam-se imparáveis, ocupando cada seção do meu cérebro, tanto que acabei me esquecendo da pergunta que ela havia feito. Baixei os olhos de novo e voltei a tocar a planta buscando qualquer assunto alheio a tudo que me consumia por dentro, mas parecia que meu próprio inconsciente conspirava contra mim:

— Sabe qual é o nome dessa planta? — perguntei tentando escapar pela tangente.

Ela demorou para responder, talvez não compreendesse o giro que nos levara novamente às folhas coloridas dos coléus.

— Não.

— Coléu ou... coração-magoado. — Subi o olhar, como que desperto de um sonho, e a encarei. — E então, quer ... ahn... conhecer o restante da casa? — perguntei ignorando seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconcertado.

PERIGOSAS ACHERON

9

“Preferi sempre a loucura das
paixões à sabedoria da indiferença.”
Anatole France

Aline

— A casa é bem grande só para nós dois —
observei assim que entramos na sala de jantar.

— Nem tanto. — Daniel contraiu os ombros e
se voltou de frente para mim. — O pé-direito alto
da sala dá essa impressão de amplitude, mas na
verdade é uma casa de apenas três quartos e
tamanho razoável.

— Para quem está acostumada a viver em um apartamento de 45 m², isso é uma verdadeira fortaleza — retruquei, era inevitável me comportar feito a garota de vinte e um anos que um dia eu tinha sido; e quem poderia me culpar?

— Faz tempos que você deixou esse apartamento.

— Mas neste momento, para mim, é como se ainda vivesse lá.

— Eu sei... — respondeu e tive a impressão de que seu olhar se transformava, talvez compassivo.

Daniel oprimiu os lábios e deu um passo, parando bem próximo a mim. Depois de alguns segundos em que pareceu relutar, subiu a mão direita; tocou meu queixo com muita delicadeza e dois dedos apenas. Estudou meu rosto por um momento, como se buscasse algo.

Eu não esperava que ele se aproximasse muito, mas naquele momento pude perceber, em seus gestos, que ele guardava certa distância e que até mesmo aquele toque era cauteloso demais. Talvez

PERIGOSAS ACHERON

apenas me preservasse, refleti e tomei isso como verdade. Era mais cômodo pensar assim, melhor do que encarar sua atitude como frieza. Pensei até ter visto um rastro de ternura em seus olhos. Bom, eles pareciam naturalmente ternos, e eu sabia que a aparência poderia enganar, mas não podia negar que, a maior parte do tempo, ele era paciente e atencioso. Parecia preocupar-se de verdade com meu bem-estar. De alguma maneira, minhas impressões sobre esse homem fortaleciam um pouco mais o frágil estrato de confiança que nos separava.

— Vamos? — Baixou a mão, deu-me as costas e se dirigiu à sala de estar, indo diretamente à escada.

Eu tinha esperado que ele dissesse algo consolador, algo que me tranquilizasse, mas parecia que no momento tudo que Daniel tinha para me dar era a fugidia calidez daquele contato.

Subimos, ele na dianteira, e, após alcançar o patamar, Daniel apontou um cômodo. Ele o abriu muito rapidamente e, sem entrar, explicou de

maneira sucinta que era uma sala de TV. Nem deu tempo para eu reparar na decoração. Parecia esconder um tesouro ali dentro, mas tudo que vi foi um painel branco e um armário na mesma cor.

Com mais alguns passos pelo largo corredor, ele me apresentou um pequeno escritório, com duas mesas, cada qual amparava um notebook. Agora, sim, pude entrar. Ele explicou que a mesa da direita era minha e eu me aproximei, deslizando o dedo sobre o moderno notebook.

Aproximando-se da janela, apontou para um ponto não muito distante, fora dos limites do condomínio e me explicou que era o vilarejo.

— Vamos? — Voltou-se, perguntou e, sem esperar resposta, seguiu em frente.

Ele não disse, mas eu sabia que só faltava conhecer o *nosso* quarto, e isso me encheu de apreensão.

A porta estava aberta, e Daniel entrou com naturalidade. Mais ou menos no centro do recinto, ele se voltou e perscrutou meu rosto, dessa vez com

PERIGOSAS ACHERON

certa expectativa. Provavelmente esperava que entrar naquele lugar me traria de volta a memória perdida, mas tudo o que eu tinha era a certeza de nunca ter estado ali. E medo. E frustração.

— Bom, aqui está. — Abriu os braços. — Tome um banho, troque de roupa, dê uma olhada em suas coisas, suas roupas, enfim... — Retrocedeu até a porta e então disse. — Ah, já ia me esquecendo. Seu celular espatifou naquela encosta... Depois providenciamos outro.

— Obrigada — agradei, mas mal prestava atenção.

— Amanhã podemos fazer compras lá em Monte Belo. Tinha pensado em ir hoje, mas você dormiu e achei melhor que descansasse — explicou levando uma mão à nuca, pelo que parecia, pouco à vontade. — Bom, é isso. Descanse.

Permaneci estática, observando com curiosidade o quarto, e um ruído suave anunciou a saída dele. Olhei para a porta fechada atrás de mim e só então prestei realmente atenção ao que Daniel

havia dito. O celular. Era uma pena que o havia perdido na queda, pois ele poderia ajudar a aclarar muitas coisas. Pelo menos era o que eu achava. Na pior das hipóteses, eu poderia procurar minha irmã e saber por que diabos ela não havia aparecido quando eu precisava tanto dela. De qualquer maneira, agora que eu estava “em casa” poderia buscar uma maneira de me comunicar com ela, fosse pelo telefone fixo que eu tinha visto no piso inferior, fosse via Internet, MSN, enfim...

Algo devia estar acontecendo, pensei e me sentei na beirada da cama. Kayla nunca havia desaparecido assim, sempre fomos muito ligadas, apesar de nossa relação não ser exatamente fácil. Só tínhamos uma a outra. Ou, talvez, não. Talvez ela também estivesse casada, tivesse agora uma família; talvez seu telefone sequer fosse o mesmo; mais questões para minha interminável lista.

De repente me senti enjoada. Tinha tantas perguntas, estava perdida, confusa; a angústia debruçava-se em meus ombros com o peso do céu e da Terra. Busquei na memória o número de telefone de algum conhecido, alguém, uma colega

da faculdade, uma vizinha, já que não tinha parentes além da minha irmã. Sequer isso me ocorreu, como se um escuro vazio tivesse comido, um a um, os meus neurônios.

Aflita, eu disse a mim mesma que isso era apenas momentâneo, que estava com a mente sobrecarregada com tanta informação “nova” e que logo me lembraria de alguns números, mas, e se eu conseguisse, o que eu diria a essas pessoas? “Estou aqui, perdida em outro planeta... Por favor, venham me buscar?”

Ri sem humor. Só a possibilidade de explicar a alguém o que me acontecia era suficiente para fazer pulsar minhas têmporas.

Suspirei e, então, os últimos conselhos de Daniel ecoaram em meu cérebro: explorar minhas coisas. Olhei em volta — *minhas*. Entortei os lábios desanimada, exausta e, em vez de seguir as sugestões dele, deixei o tronco pousar sobre a cama. Inclinei a cabeça para o lado e admirei o belo painel de cor clara que recobria parte da parede cor de chocolate ao leite. Eu gostava de tudo que via e

PERIGOSAS NACIONAIS

também do que sentia; da textura da colcha, da fofura do tapete. Ambos contrastavam com o tom castanho do piso laminado, formavam uma composição muito agradável. A decoração do cômodo não era singela e tampouco suntuosa, para mim era perfeita. E a combinação de cada detalhe era soberba.

Sem me erguer, retirei as sapatilhas, provei a maciez do tapete sob os pés e elevei as pernas, repousando-as sobre a cama. Rolei para o lado, subi um pouco e apoiei o rosto em um dos macios travesseiros. Inspirei, senti o perfume de Daniel, e isso me fez lembrar que ele também dormia ali. Era o quarto *dele* também, e eu soube instintivamente que aquele em que eu me encontrava, o direito, era o lado em que ele costumava dormir. Pensei em rolar para a outra extremidade, provavelmente a *minha*, mas o cheiro era agradável, reconfortante e lembrava que eu não estava só. Estranhamente relutante em renunciar àquele alento, fechei os olhos e ignorei o chamado persistente do travesseiro ao lado. Nem notei quando o sono me levou mais uma vez à inconsciência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando abri os olhos, algumas horas mais tarde, o cenário através da janela já era azul-cobalto, incrustado de pontinhos brilhantes. Era noite. Pisquei, um pouco confusa a princípio, e me perguntei até quando seria assim. Contudo não demorei a me situar e agradei em pensamento não ter perdido a capacidade de memorizar os eventos recentes.

Precisava de um banho, talvez isso me ajudasse a recobrar os ânimos. Então, atribuindo aquela exaustão e o sono persistente aos inúmeros medicamentos que estava tomando, eu me ergui e me olhei, pensando em como seria difícil retirar aquela roupa sozinha, com um braço só. Olhei para a porta e balancei a cabeça, extinguindo a ideia de pedir ajuda. Não, eu não passaria por aquilo de novo, não enquanto pudesse evitar.

O orgulho, ou a timidez, sei lá, requereu um esforço extra. Paguei caro por isso, mas, usando apenas uma mão, eu me desnudei. Foi bem difícil, não só pelo braço torpe preso à tipoia, mas pelo cansaço que me dominava.

PERIGOSAS ACHERON

Um pouco mais tarde, já de banho tomado, dei uma olhada no guarda-roupa. Não reconheci sequer uma peça, mas gostei de muito do que vi, apesar de achar algumas roupas mais recatadas e sérias do que eu estava acostumada. Nada de minissaias ou camisetas decotadas. Para falar a verdade, eu nem usaria algumas delas. Bom, eu era uma mulher de vinte e nove anos, lembrei a mim mesma ao contemplar um jeans de cintura um pouco mais alta do que eu estava acostumada. Eu não tinha certeza se sabia me comportar como uma mulher madura de quase trinta, mas teria que me vestir assim, se não quisesse andar nua por aí. Mas o jeans ficaria para depois, uma vez que eu já havia comprovado a dificuldade de me enfiar dentro de um, pela manhã no hospital.

Encontrei pijamas de malha e curvei os lábios quase sorrindo. Poderia vesti-los sozinha, pensei e retirei da gaveta um deles. Short e camiseta de algodão, simples e confortável.

Já pronta, descalça, caminhei em direção à porta. Não tinha planejado descer, agia automaticamente, mas, pensando melhor, resolvi

ficar. Descer para quê?, perguntei-me e retrocedi até a cama.

Dessa vez retirei a colcha e de novo me deitei no lado que, supostamente, era de Daniel, abraçando o travesseiro. Não sabia ao certo que horas eram, mas imaginava que logo ele estaria ali; afinal era a cama dele também. Por estranho que parecesse, não fiquei muito apreensiva por ter que dormir ao lado dele... Na verdade, não queria ficar sozinha e, de alguma maneira, não acreditava que aquele homem fosse tão insensível a ponto de buscar alguma intimidade comigo naquele momento; não sabia se devido à distância que ele mantinha, ou se por outro motivo, eu apenas sabia.

Já estava de olhos fechados e sentia a aproximação do sono. Eu apagaria a qualquer momento e sabia que precisava passar para o outro lado. Tentei me manter alerta, mas meus cílios pareciam pesar uma tonelada. Aquele cheiro bom me acalentava e provocava um gostoso formigamento sob as pálpebras. Eu estava indo...

Eu estava em lugar morno e muito, muito

PERIGOSAS NACIONAIS

apertado. Encolhida em posição fetal, não havia meios de esticar as pernas ou os braços. Para cada canto que eu me movia, sentia uma parede macia a minha volta. De olhos fechados, eu não enxergava nada e tinha a sensação de que sequer respirava, apesar de não sentir qualquer desconforto pela falta de ar.

De repente senti certa turbulência ao meu redor, e isso se repetiu muitas vezes, compassadamente, pelo que pareceram horas, cada vez em intervalos menores. As paredes que me abrigavam, de repente, apertavam-se ao meu redor, como se quisessem me expulsar dali. E, a cada vez que isso acontecia, minha cabeça era comprimida, até se encontrar em uma passagem muito estreita.

Mais aperto, mais sofrimento e senti que era, por fim, expulsa, de onde quer que estivesse. Algo se fechava ao redor de meus tornozelos e senti como se pendesse de cabeça para baixo.

Meus pulmões se encheram num só golpe e, sumamente assustada, eu gritei.

PERIGOSAS ACHERON

Acordei com meu próprio grito. Uma luz ofuscante, que se infiltrava pela janela ganhando o quarto, me cegou. Banhada em suor, dei-me conta de que tinha tido um sonho. Um sonho muito, muito bizarro.

Mas, alguns minutos depois, estranhamente eu me sentia muito bem. Eu me levantei e, enquanto fazia a higiene matinal, fiquei pensando e tentando encontrar um nome para a maneira como eu me sentia. Era uma sensação de recomeço, mais que isso, era como se, no ponto de partida eu pudesse ver todo o caminho a minha frente. E era um caminho tangível, uma estrada plana, com poucos obstáculos perfeitamente superáveis. Um caminho que terminava no horizonte, uma linha intrigante que me convidava a seguir.

Revigorada. Sim, era essa a palavra.



Daniel

Suspirei, um pouco aborrecido. Havia horas
PERIGOSAS ACHERON

assistia à TV no quarto de Nicolas. Não tinha costume de passar o dia assim, ocioso, e, ao contrário do que tinha pensado ao levar Aline para casa, ela não tinha dado trabalho algum naquela tarde. Permanecia no quarto fazendo sabe Deus o quê.

Olhei para a janela e me dei conta de que era noite. Ela devia estar com fome e, dificilmente, tomaria a iniciativa de buscar algo na cozinha; não quando se encontrava tão ressabiada e, para todos os efeitos, fora de seu ambiente.

Desliguei a TV e me ergui, indo para o quarto. Aproveitaria para pegar uma roupa, precisava de um banho.

A porta ainda estava fechada. Bati com suavidade e aguardei por um momento. Depois de um par de minutos, ela não atendeu, então, com cautela, entrei. A luz estava acesa, e Aline, deitada em nossa cama, as costas voltadas para a porta.

Fui pego despreparado, confesso. Ela sempre tomava o cuidado de se cobrir dos pés à cabeça;

fazia tempos eu não a via tão à vontade e, exceto pela manhã no hospital, quando tive que a ajudar a vestir-se, não me lembrava de ser tão duramente testado quanto naquele instante.

Ela continuava linda, a mesma pele lisa, as mesmas formas deliciosas; tão sexy quanto eu me lembrava. Fato era que, conformado com nossa situação, eu já nem a olhava da mesma forma.

Até então.

Droga, eu estava excitado, e o momento não poderia ser mais inoportuno. Eu precisava distrair minha mente; essa mulher, ao menos naquele sentido que ataçava meu corpo, já fazia parte do passado.

— Aline — chamei brandamente, não queria assustá-la.

Não houve resposta, então resolvi me aproximar; contornei a cama até estar de frente para ela. Aline tinha os olhos fechados, a respiração compassada de quem está em sono profundo, ferrado. Pela segunda vez naquele dia, eu me

PERIGOSAS ACHERON

agachei frente a ela. Presumi que os medicamentos eram responsáveis por tanto sono; ou talvez fosse o estresse o que a deixava tão exausta. Perguntei-me se devia chamá-la, mas acabei decidindo deixá-la em paz. Deixaria algo pronto na cozinha para o caso de ela acordar com fome.

Só então me dei conta de que ela dormia em meu lado da cama. Isso nunca tinha acontecido, estranhei. Mas não importava. De qualquer maneira eu não dormiria ali naquela noite. Em nenhuma noite mais.

Apesar de toda a distância dos últimos anos, ainda dormíamos na mesma cama antes que ela caísse naquela encosta e perdesse a memória; até conversávamos um pouco, todas as noites, sobre algo corriqueiro. Desde que eu não a tocasse, passaríamos por um casal normal. Nós não brigávamos, nem nos desentendíamos; não, nossa relação era mais como um deserto de gelo, inóspita, vazia.

Agora, contudo, eu já não poderia me deitar ali. Seria desleal, leviano. Aline não sabia, mas eu já

não estava com ela. Ela também não sabia da repulsa que sentia em relação a mim e, quando descobrisse isso, me odiaria ainda mais.

Aline se moveu encolhendo-se, até formar um caracol. Com o semblante plácido, sereno, nem parecia passar por tudo aquilo. Então notei que a observava por mais tempo do que pretendia. E do que deveria. Eu me levantei.

Rapidamente fui até o armário, peguei uma malha, uma boxer e saí.

10

"Como o que sabemos do futuro é feito apenas de elementos abstratos e lógicos — inferências, palpites, deduções —, ele não pode ser degustado, sentido, visto, ouvido ou desfrutado de alguma forma. Persegui-lo é como perseguir um fantasma, um que constantemente nos escapa, e, quanto mais corremos para alcançá-lo, mais rapidamente ele foge."

Alan Watts

Daniel

Na manhã seguinte eu me levantei cedo. Para falar a verdade, não tinha dormido muito bem, tinha estranhado o sofá-cama. Desci, preparei o café, tomei uma xícara e deixei umas torradas para Aline, que ainda não havia dado as caras. Então, um pouco ansioso, tratei de procurar algo para fazer.

Desci para o quintal e segui a trilha de pedras brutas que entremeava a ladeira gramada. Ao avistar o pomar, parei, pousei as mãos nos quadris e observei o estado da grama alta que circundava o terreno. Precisava ser cortada. Era estranho pensar em questões corriqueiras quando tantos assuntos sérios pendiam, sobre minha cabeça, como uma espada prestes a cair. Mas a vida tinha que seguir seu curso, a casa precisava de cuidados, e Marrom, também.

De olhos fechados, inalei o ar frio e úmido da manhã; orvalho, relva, lavanda e madeira úmida. Talvez, ao abri-los, eu me sentisse mais leve, refleti, mas, quando elevei as pálpebras, os pensamentos conturbados ainda eram os

protagonistas em minha mente. Tanto que meu olhar se tornou fixo, daquele modo irresistível e inevitável, e minha visão, turva. Quase esqueci o que tinha ido fazer ali, enquanto a paisagem se transformava no amontoado de borrões, em cores decompostas, de uma tela impressionista.

Pisquei várias vezes e, aos poucos, os feixes luminosos e etéreos que delineavam as sombras matizadas daquele quadro fictício voltavam a ser cálidos raios do Sol verdadeiro. O astro-rei já se elevava bem acima do horizonte; logo Aline estaria de pé.

Emiti um suspiro resignado e perseverei em meu propósito. Varri a grama e recolhi as folhas secas, mas ainda eram oito da manhã quando terminei. Tinha pensado em subir logo em seguida para ver Aline, mas era cedo. Eu teria tempo para dar uma olhada no pomar, havia dias não passava por lá.

Desci o gramado, Marrom me seguindo entusiasmado, e me surpreendi logo que atravessei o cercado, com a visão da amoreira tingida de

borrões vermelhos, boninas e quase negros. Eu deveria saber. Tinha ido até lá nos dias anteriores, para prender e soltar Marrom, mas nem tinha reparado nisso, tal era a atribulação em minha mente.

Eu me aproximei, colhi apenas um punhado e comi saboreando o contraste doce-azedo, observando a área distraído. Voltei a apreciar a amoreira e decidi colher mais alguns bagos. Olhei para a bacia que ficava sempre por ali e fiz nota mental para não me esquecer. Faria um suco para o café da manhã; Aline adorava, e eu ainda não me havia alimentado.

Por volta das nove, terminei de varrer a grama do pomar e subi. Entrei pelos fundos, pela cozinha, e dei de cara com Aline. Ela tomava um copo d'água perto da geladeira, de costas para a porta, e ainda não me tinha visto.

— Bom dia — cumprimentei com as mãos nos quadris, e a vi voltar-se sobre os pés descalços.

— Ah, oi, bom dia! — cumprimentou,

ligeiramente surpreendida, pelo que pude notar.

Parecia cheia de energia, como fazia muito tempo não a via, e eu entrecerrei os olhos, intrigado, ao mesmo tempo que impressionado. Assenti com a cabeça e desci o olhar observando-a de cima a baixo; o volume dos seios sob a camisa cavada, a curva da cintura, o quadril redondinho... Foi involuntário, juro.

Ela estava mais desarrumada do que costumava estar pelas manhãs nos últimos anos. Os cabelos soltos, desalinhados, e ainda de pijama. Era interessante vê-la assim, tão lindamente à vontade. Da maneira como tinha se comportado nos três anos anteriores, eu não estranharia se ela aparecesse diante de mim usando uma burca. Sim, era interessante... Ou qualquer outro adjetivo ainda mais perturbador, no qual eu não me atreveria a pensar.

Incomodado, desviei os olhos para o braço fraturado. Ela havia retirado a tipoia, e, apesar de ainda imobilizado, o braço pendia quase esticado.

— Já consegue mexer o braço normalmente? — indaguei mais para distrair meus pensamentos, resgatá-los dos “lugares” perigosos.

— Ahn... — Olhou-o e o moveu, como que experimentando. — Na verdade, não. Ele não dói, mas não consigo esticar completamente. Também não tenho força nele, sabe. — Ergueu-o e eu notei os movimentos limitados.

Perguntei-me como ela havia feito para lavar os cabelos na tarde anterior. Pensei os lábios e fiz nota mental de marcar a visita ao fisioterapeuta. Logo ela retiraria aquelas restrições e precisaria reabilitar-se.

— Não deveria ficar sem a tipoia — adverti.

— Eu sei, é só um pouco... — titubeou levando a mão à nuca. — Meu ombro dói, e o cotovelo parece sobrecarregado por ficar tanto tempo articulado.

Concordei com a cabeça e permaneci em silêncio, voltando, sem querer, a reparar nela. No resto dela que eu não queria olhar. Ou talvez

PERIGOSAS ACHERON

quisesse, sei lá. Expandi os pulmões e, sem saber por que razão, represei o ar.

A roupa era bem decente, mas ainda assim... Maldição, dava para notar a forma dos seios, a curva da cintura sobressaindo-se junto aos quadris, apesar da blusa larga... E o decote deixava ver uma faixa de pele, justo a do entresseio, que parecia mais clara do que eu me lembrava, ainda mais delicada, suave... Eu quase pude sentir a textura da pele dela nas mãos e cerrei os punhos automaticamente, como se assim pudesse deter as reações do meu corpo.

Limpei a garganta, um pouco constrangido. De repente, apesar de que era eu quem a comia com os olhos, e não o contrário, eu me senti nu; como se ela soubesse de tudo que se passava pela minha cabeça, de tudo que eu sentia e que tentava dissimular.

Percebi que ela sorria. Acredito que tentava quebrar o gelo, e isso me fez notar seu repentino desconforto; não sei se devido ao meu escrutínio, ou se ao silêncio que pairava entre nós, mas era

indisfarçável.

— Dormiu bem? — perguntei tentando deixá-la à vontade, quanto a mim eu nada podia fazer.

— Sim. E você?

— Também — menti e dei mais alguns passos para dentro.

Então olhei para a bancada onde havia posto a mesa do café.

— Não comeu ainda? — indaguei.

— Não, acabei de descer.

— Eu também não, vamos... Ahn, droga... — Levei uma mão à cabeça.

— O quê?

— Esqueci... — e dei meia-volta, caminhando para a porta. Estava fugindo, na verdade.

Poderia fazer o desjejum sem o bendito suco de

amoras, mas precisava pôr alguma distância entre nós dois naquele exato instante. Algo me incomodava — algo muito específico entre as minhas pernas —, e eu tinha que ficar longe dela.

Antes do acidente não seria assim. Eu tinha aprendido a me conter, e Aline fazia sua parte vestindo-se de modo austero. Ela escondia cada pedaço de pele, cada curva, evitava colocar o corpo em evidência e acender em mim um fogo que não estava disposta a apagar. Agora, tendo que lidar essa “Aline de ontem”, que perambulava de pijama pela casa..., eu não sabia mais.

— Esqueceu o quê? — perguntou a voz que me seguia sem ser convidada.

— Ia fazer um suco de amoras, esqueci de...

— Amoras? — Por que a voz dela não se distanciava? Não era para ela vir atrás de mim, *merda!*

— É, vou ao pomar, já volto.

— Pomar? Você tem um pomar? — perguntou,
PERIGOSAS ACHERON

ainda em meus calcanhares.

— Temos. — Elevei os olhos, exasperado. — Pode esperar na cozinha, eu não demoro — dispensei-a mais ríspidamente do que pretendia. — *Vá se trocar, quando eu voltar faço o suco.* — *Vá se trocar, pelo amor de Deus!*, roguei com mais afínco em pensamento e desci os degraus com pressa, meu humor azedando.

— Espera. Vou com você. — *Inferno!*

Segui meu caminho sem olhar para trás, mas, apesar dos passos silenciosos, sabia que ela ainda seguia em meu rastro. Já no pomar, peguei a bacia que descansava sob a sombra da frondosa jabuticabeira.

Caminhei logo em direção à amoreira, a única árvore que já dava frutos naquela época do ano, em meu quintal. Logo teríamos pêssegos e caju — talvez eu tivesse tempo para testemunhar isso —, mas nem sinal de flores nas outras árvores.

Relanceei Aline sobre um ombro e vi que ela observava cada uma das árvores com o olhar

PERIGOSAS ACHERON

curioso, como se nunca as tivesse visto. Tentei ignorá-la e comecei a colher as amoras que podia alcançar, nos galhos mais baixos, ordenando ao meu cérebro concentrar-se nisso.

— *Morus nigra* — ouvi às minhas costas. — Por que não “amoras”?

Por um momento eu me esqueci, mas a mulher que me fazia aquela pergunta era justo a autora da placa que pendia abaixo da ampla e espalhafatosa copa, assim como de todas as outras.

— É o nome científico — respondi automaticamente, sem a olhar.

— Percebi. Eu teria colocado o nome vulgar...

Surpreendido, voltei-me um pouco e a observei, como que ante uma estranha.

— Assim qualquer um saberia do que se trata — argumentou encolheu os ombros e, talvez um pouco duvidosa, continuou, como se eu precisasse de uma explicação. — Aquela ali, por exemplo — apontou para uma árvore de pequeno porte, um

PERIGOSAS ACHERON

cajueiro anão-precoce —, não faço ideia do que seja. Seria legal compartilhar isso com as pessoas, você não acha? — Enrugou o nariz olhando para a inscrição na placa.

Acho que não conseguiu ler, e eu não fiz qualquer esforço por ajudá-la, nem respondi à pergunta que pairava no ar. Estava estarecido demais para esboçar qualquer reação além da expressão que, na certa, transformava meu rosto.

Esquecido das amoras, eu me virei completamente e, de frente para Aline, entrecerei os olhos; a imagem daquela mulher era tão difusa quanto a que eu via ao descer pela grama iluminada mais cedo. Não a imagem física, mas a que provinha da alma.

Instintivamente, cruzei o pequeno espaço que nos separava e a encarei olhando-a nos olhos.

— Você fez as placas. Quer dizer, foi ideia sua.

Ela enrubesceu violentamente, ampliando os olhos, e isso serviu para confirmar, ao menos para mim, quão alheia ao mundo e aos outros andava

PERIGOSAS ACHERON

minha mulher antes da queda naquela encosta. Não que eu não soubesse.

Respirei fundo e me contive. Eu queria poder lhe dizer o que eu estava pensando; queria poder contar que quem não pensava em partilhar o nome daquelas árvores com os outros era *ela*. Queria que Aline soubesse quão incapaz ela era de enxergar para além da escuridão que habitava em si mesma.

— Ah... Bom...

— Quer me ajudar? — interrompi e dei-lhe as costas, voltando para a amoreira.

Não era minha intenção constrangê-la, apenas havia dito a verdade.

— Claro — respondeu suavemente e, apesar de não a ver, senti sua aproximação.

Não desviei a atenção do que fazia e permaneci em silêncio, colhendo os frutos, na aparência alheio, mas totalmente ciente da presença dela.

— Aqui — ouvi e então uma mão acrescentou
PERIGOSAS ACHERON

peso à vasilha que eu segurava.

Continuamos. Exceto pelo ciciar das folhas que se movimentavam devido a nossa intromissão, imperava entre nós estranha quietude.

— Quer dizer que plantei essas árvores todas?
— perguntou.

— Não, fui eu. Mas você ajudou.

— Ah... — murmurou, e, de canto de olho, notei que ela interrompia a ceifa, observando entorno. — Elas são grandes.

Lancei-lhe um olhar interrogativo, que ela logo entendeu.

— As árvores.

— Ah. Pois é, plantei logo que nos mudamos para cá, e a goiabeira já estava aí. — Não pensava em me estender, mas, quando dei por mim, já divagava em voz alta. Eu gostava de falar sobre meu pomar e não era todo dia que encontrava alguém disposto a me ouvir. — Tinha planejado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cultivar só árvores nativas do Brasil, mas não consegui mudas por aqui, e isso iria requerer muito tempo. Acabei plantando tudo o que conseguia encontrar na região e... — dei de ombros — suspendi esse projeto.

Sem querer, a maneira como eu havia falado fez parecer que se tratava de uma suspensão temporária, mas eu sabia que não. Claro que não desmenti. Não diria a ela que agora, depois da importante decisão que eu havia tomado, meus antigos planos, pelo menos no que dizia respeito àquela casa e à família que eu havia formado ali, haviam sido definitivamente cancelados. Não poderia. Não agora. Não antes que ela recuperasse a memória.

— Então essas não são nativas?

— Só o cajueiro, a goiabeira e a jabuticabeira. O restante, não.

— Pêssego não?

— Não. Também é de origem asiática.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossa, eu nem imaginava. E o que é aquele ali? — Apontou para um delgado arbusto de folhas pequenas.

— Caqui — respondi. — Nativo da Ásia — acrescentei antecipando a pergunta.

— Quais você pretendia plantar? Nativas, quero dizer.

— Além do maracujá, que ainda não plantei, tinha em mente algumas bem exóticas.

— Quais? — *Mulher curiosa.*

Interrompi a coleta e, observando os frutos localizados nos galhos mais altos, aqueles que eu não alcançaria sem o auxílio de uma escada, puxei na memória a resposta.

— Ahn... Amora-do-mato... — foi a primeira que me ocorreu.

— E essas? — Apontou para a amoreira.

— Essa espécie não é nativa. É típica da Ásia,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da América do Norte...

— Nossa, eu podia jurar que era brasileira. —
Riu.

— A amora-do-mato é bem parecida, mas é
típica do Cerrado.

— E o que mais? — quis saber.

— Cambuci, da Mata Atlântica, mandacaru, do
Sertão...

— De onde você conhece tudo isso?

— Pesquisando, descobri o trabalho de um
frutólogo brasileiro que conseguiu reunir mais de
1000 espécies de árvores frutíferas nativas do
Brasil.

— Já provou alguma?

— Algumas... Bem poucas, só as mais
conhecidas. Algumas são desconhecidas dos
brasileiros. E você também já provou — respondi,
e ela ergueu as sobrancelhas, nitidamente surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então também se pôs a contemplar, com o olhar ambicioso, as graúdas e negras pelotas que pendiam mais acima.

— Se você permitir, vou acrescentar às placas os nomes vulgares das árvores.

— Não me lembro de você ter pedido minha permissão para colocar as placas — tentei imprimir um tom brincalhão à voz, mas o mau humor era mais forte que minha própria vontade, e acabei soando mordaz.

Eu não tinha planejado estar ali naquele momento, com Aline e colhendo amoras, conversando amenidades. Àquela altura, já devia estar cuidando da minha própria vida. Cada um na sua, vivendo como bem lhe aprouvesse; ela naquele mundo insosso em que tinha se fechado; eu juntando os farrapos de esperança que me restavam para tentar reconstruir a minha de maneira decente; não brincando de “casal feliz”, fingindo uma tranquilidade e uma felicidade que não existiam, ao menos não no interior de qualquer um de nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela riu, a despeito de meu tom.

— Considere feito, então.

— Você não tem que me pedir autorização para nada. Esta casa é sua.

Só sua, acrescentei em pensamento.

Percebi que ela, alheia a meus pensamentos atribulados, se movia. Olhei para a esquerda, onde Aline se encontrava, e a vi virar a abertura de um galão vazio para baixo.

Fazendo exatamente como eu suspeitava, apoiou o braço bom na cerca que contornava o tronco da árvore e subiu na lata. Ficou nas pontas dos pés e estendeu o braço bom. Dependurou-se à flexível haste, que, recoberta pela abundante folhagem e cravada de pontos negros, era presa fácil para os pássaros que revoavam por ali.

Com a mão boa, enquanto afundava o galho com o peso do próprio corpo, Aline desmanchou um pequeno cacho, e outro, e outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me aproximei com a vasilha, e um punhado generoso de amoras escorregou para dentro dela.

— Droga, acho que não consigo alcançar aquele galho ali.

— Cuidado, Aline — adverti ao perceber que ela queria ousar mais do que deveria.

— Uma ajudinha aqui não seria mau... — insinuou e apoiou um pé ao tronco da árvore, acima da pequena cerca.

— Chega, Aline. Já está bom. Anda, vamos subir.

— Ah, não. Não sem aquele cachinho tentador ali — teimou.

Exalei impaciente, mas não me ofereci para subir no lugar dela. A visão de toda aquela estripulia dizimava meus nervos um a um, por inúmeros motivos: preocupação, impaciência, um tesão dos infernos... Eu me via incapaz de raciocinar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, vai ficar parado aí?

— O que quer que eu faça? — indaguei com rispidez.

— Pode me dar “pezinho”.

— Você está louca — desdenhei.

— Louca por aqueles bagos suculentos ali. — Apontou com a cabeça, sorridente. — Anda logo, desamarre essa cara e me dê uma mãozinha aqui.

— Uma mãozinha, um pezinho, o que mais quer de mim? — resmunguei, e nem sei se ela me ouviu.

Com um suspiro resignado, resolvi ajudá-la, antes que ela se estatelasse. Deixei a vasilha no chão e me aproximei. Entrelacei os dedos das mãos e ofereci as palmas. Aline pisou.

— Cuidado, segure firme aí. — Meneei a cabeça negando, irritado pela estupidez que eu estava cometendo.

PERIGOSAS ACHERON

Isso não vai prestar.

Senti o peso nas mãos e subi os olhos, atento. Não satisfeita, ela se esticava toda, quase tocando as frutas. Então percebi que Aline se desequilibrava, um pé apoiado ao tronco, outro em minhas mãos, e praguejei furioso.

— Chega! Você vai descer daí agora! — Soltei as mãos e rapidamente empunhei a canela de Aline, ainda a sustentando.

— Ai! — ouvi o grito assustado e abracei as pernas da minha mulher.

Eu sabia o que estava fazendo, tinha plena certeza de que poderia sustentá-la. E estava certo, confirmei enquanto o corpo dela escorregava entre meus braços.

11

“As mesmas paixões no homem e na mulher são diferentes em seu andamento e é por isso que o homem e a mulher jamais deixam de se desentender.” Friedrich Nietzsche

Aline

Ao subir naquela árvore, eu estava ciente da minha imprudência — era impossível esquecer o braço imobilizado enquanto me dependurava no flexível galho de amoreira —, mas eu não tinha sido capaz de resistir, impulsionada por aquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

energia desconhecida que me havia preenchido logo ao acordar.

Meus músculos doloridos protestavam, e a restrição no braço me irritava, mas a verdade era que tudo isso soava como um desafio, embora eu soubesse que era uma loucura fazer aquele tipo de extravagâncias depois de ter estado internada por tantos dias, e recentemente!

Nem sei por que fiz aquela loucura. Talvez fosse minha maneira de protestar contra a situação em que me encontrava; a única maneira com a qual eu podia me rebelar.

Sob uma das axilas, eu baixava o galho e então roçava a mão boa entre os cachos escuros, que se desmanchavam com facilidade. A voz de Daniel me alertava do perigo, impaciente. Apesar de não responder ao comando dele, eu pretendia descer em seguida, precisava apenas me firmar melhor sobre o tronco áspero que amparava um dos meus pés, antes de voltar a pisar no galão, mas, quando dei por mim, não sentia mais o apoio sob os pés e escorregava velozmente para baixo.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração pareceu sofrer um tombo, e eu gritei assustada, deixando as amoras escorregarem entre os dedos. Foi um susto e tanto, mas logo eu estava abrigada entre braços fortes e protetores, presa de ferozes olhos castanhos.

Apesar da expressão pouco amigável dele, em todos aqueles dias era a primeira vez que eu me sentia tão perto. Até ousei pensar que aquele poderia ser um começo de algo. Algo que... ahn... Não sabia com exatidão que “algo” seria esse, eu só sentia. Ponto final.

E, por falar em começo, não pude deixar de pensar no pouco que eu sabia sobre nós. Pelo que Daniel já me havia contado, nossa relação anos atrás tinha se iniciado de um modo bem trivial; conhecemo-nos no casamento de amigos em comum e voltamos a nos encontrar graças a essas mesmas pessoas. Tirando a irônica coincidência de que depois daquele casamento eu o havia esquecido devido a uma amnésia alcóolica, tudo tinha sido bem normal.

Quem poderia supor que, ao despencar de uma

PERIGOSAS NACIONAIS

amoreira, eu seria lançada de volta aos braços dele? Certo, isso é um exagero. Só caí nos braços dele no sentido literal da palavra, e para ser lançada fora logo em seguida; a presa amarga e intragável, expulsa da boca de um dragão que solta fogo pelas ventas. Mas é o que acontece quando alguém balança o pano vermelho à frente da fera, certo? E eu deveria ter percebido antes de trepar naquela árvore, desde aquela conversa na cozinha uns minutos antes, que ele não estava no “modo” amável e pacífico.

Bom, talvez não tenha sido a deixa para um reinício, mas pode-se dizer que, depois de tudo, havíamos dado o primeiro passo para uma trégua.

Ainda me refazendo do forte sobressalto, notei que meus braços o envolviam e, sem saber por que razão, estreitei o aperto ainda mais, pressionando os dedos da mão esquerda sobre a musculatura tesa.

Devia me sentir embaraçada, mas a verdade era que me sentia bem. Confortável. Acolhida. O retumbar em meu peito coincidia com as batidas do coração dele e, ainda tentando controlar a

PERIGOSAS ACHERON

respiração, baixei os olhos, encontrando lábios apertados em uma linha rija, as mandíbulas fortes contraindo-se. Tomei alguns segundos tentando interpretar aquela expressão tão feroz, meus olhos fitos nos dele, e os dele, nos meus.

O rosto a minha frente se contraiu e, em uma fração de segundo, tive a impressão de ler preocupação, angústia e até dor naqueles expressivos olhos. Então senti doer o braço imobilizado e o baixei, deixando a mão escorregar pela manga da blusa dele.

O semblante de Daniel se anuviou ainda mais, ressaltando a expressão sisuda a que eu já vinha me acostumando, e, então, eu não vislumbrava nada além de aborrecimento.

— Vamos subir — ordenou secamente e me soltou sem qualquer gentileza. Deu-me as costas e saiu.

Bruto.

Eu o acompanhei com o olhar por um momento e então me volvei, pensativa. Todo aquele mau

PERIGOSAS ACHERON

humor era só por que eu tinha subido na lata e...? Okay, eu tinha sido impulsiva e imprudente, precisava admitir. Talvez ele só estivesse preocupado comigo, o que eu não deveria lamentar, mas... Por que eu sentia que havia algo mais que eu não estava captando?

Àquela altura, minha própria irritação era também indisfarçável, e, ainda desconcertada, vi que ele havia deixado a vasilha com as amoras para trás. Eu me abaixei, catei as frutas que caíram no chão, coloquei na bacia e a peguei. Então parti, sem pressa, de volta para a casa.



Daniel

Subi apressadamente e, em segundos, estava de volta à cozinha. Transtornado, parei de frente para a pia, onde apoiei os punhos cerrados. Tinha que terminar logo com aquele martírio, antes que ela me enlouquecesse.

Elevei as mãos e entrelacei os dedos aos

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos, empunhando-os com força. Olhei para o alto como se a resposta que me escapava estivesse ali, no teto. Devia haver algo; algo que pudéssemos fazer para acelerar o processo de recuperação dela, eu não suportaria aquela situação por muito tempo. Apenas um dia, e eu já estava assim; o que seria de mim em quinze?

Eu já sabia que aquela convivência forçada não seria fácil àquela altura dos acontecimentos (por motivos diferentes para cada um de nós), mas não esperava aquela verdadeira tortura. Vê-la daquela forma, tão espontânea, alegre, tão moleca como costumava ser... Aquilo doía. Era como se alguém esfregasse na minha cara tudo o que eu tinha perdido. O que ambos havíamos perdido e que era irrecuperável. Inferno, o fato de ter decidido mudar o rumo da minha vida não significava que eu não lamentasse as perdas.

Ouvi um ruído vindo da porta e me afastei da pia, indo em direção ao gaveteiro, à direita. Não precisava de nada ali, mas também não queria que ela reparasse em meu estado.

PERIGOSAS ACHERON

A vasilha de amoras surgiu sobre o granito à minha frente e eu me volvei para agradecer. Nem havia me dado conta de que a tinha esquecido de novo.

Tarde demais, percebi que Aline se retirava caminhando em direção à sala e, então, às escadas. Eu reconhecia aquele andar, o ritmo lóbrego parecia trazer de volta a Aline amargurada que evadira naquela encosta, e eu estremeci ante o pensamento. Eu desejava, mas, de alguma maneira, também temia sua volta.

Mas ela ainda não se lembrava de nada, ou teria dito algo.

No mesmo instante, senti pesar a consciência. Aline não tinha culpa pela situação em que se encontrava, precisava de apoio, e eu era a única pessoa no momento de quem ela poderia esperar algo; e me comportava feito um jumento com as ferraduras recém-lustradas.

Merda.

Dei dois passos pensando em segui-la, mas

PERIGOSAS ACHERON

mudei de ideia. Daria algum tempo a ela e, enquanto isso, prepararia o suco.

Voltei para a pia, lavei e higienizei as amoras. Separei algumas para o suco, outras para pôr na mesa e coloquei o restante de molho, em uma vasilha com água filtrada, que guardei no freezer.

Ela voltaria?, perguntei-me enquanto batia as amoras com água no liquidificador. Se não voltasse, eu teria que ir buscá-la, não desperdiçaria a jarra de suco que acabava de depositar sobre a bancada.

Talvez Aline só precisasse esfriar a cabeça, disse a mim mesmo, contendo os ímpetos de subir e convencê-la a descer. Resolvido a lhe dar mais algum tempo — e a mim também —, abri a geladeira à procura de alguma fruta de que ela gostasse. Talvez, inconscientemente, estivesse tentando compensá-la de alguma forma. Aline estava perdida, e o modo distante como eu me comportava a deixava ainda mais insegura.

Descasquei, piquei um mamão; mal dispus a

tigela sobre a bancada, percebi um movimento junto à entrada. Então me volvei.

Era ela.

Tinha voltado de livre e espontânea vontade.

— Ah, já ia subir para chamar você. — Tentei sorrir e imprimir tranquilidade à voz, mas não fui muito feliz; e tampouco ela, que, eu sabia, não queria demonstrar fragilidade, embora tivesse os olhos e o nariz vermelhos.

Era evidente que tinha chorado.

Ótimo.

— Obrigada — sussurrou.

— Sente-se. Tentei improvisar um café decente, nossa despensa ainda está vazia.

Aline assentiu, sentou-se em um dos bancos, e eu me acomodei a sua esquerda. Servi o suco em dois copos, coloquei um à frente dela e então besuntei uma torrada com requeijão, oferecendo-

lhe.

Enquanto comíamos, meus olhos permaneceram fixos na janela, e os dela também, na paisagem lá fora. Eu resistia à tentação de olhá-la, sondar suas feições, mas Aline parecia alheia, remoendo os próprios pensamentos.

Ambos em silêncio.

Um momento depois, olhei para o copo dela, talvez uma tentativa de quebrar o incômodo muro de gelo. Servi mais suco para os dois e, ainda sem a olhar, coloquei perto dela a tigela de mamão.

— Coma. Piquei pra você — disse e esperei com ansiedade uma reação.

— Obrigada — murmurou a única palavra que parecia ser capaz de me dirigir naquele momento, e deixei escapar uma exalação, incomodado.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Aline limpou a garganta e rompeu o silêncio:

— Sabe da minha irmã? Tenho tentado falar

PERIGOSAS ACHERON

com ela desde ontem. Liguei no telefone fixo, no celular, e nada. Por que ela não apareceu? — perguntou, sua voz parca, desprovida de toda a energia que eu tinha sentido emanar dela antes do incidente na amoreira.

Um momento de solene silêncio, e eu inspirei uma grande porção de ar antes de responder:

— Ela... — hesitei tentando ganhar tempo. Sabia por que Aline procurava a irmã. Embora fosse bastante estranho o desaparecimento de Kayla, Aline buscava apoio. Apoio que *eu* deveria dar. Estava chateada por meu comportamento, e a culpa era *minha*. — Sua irmã não mora aqui na cidade e deve estar enfrentando alguma dificuldade para vir — inventei qualquer desculpa e nem me dei ao trabalho de informar que os telefones de minha cunhada já não eram os mesmos de anos atrás.

Talvez fosse melhor que não se encontrassem tão cedo. E também era melhor que Aline não se comunicasse com ela antes que eu tomasse certas providências. Kayla sequer sabia que a irmã havia

perdido a memória e podia acabar metendo os pés pelas mãos sem querer.

— Entendo... Mas nem uma ligação? Acabei de sair do hospital, e ela é minha única parente. Quer dizer... — Apesar de não a olhar, percebi que ela voltava o rosto para meu perfil. — Não me entenda mal, mas ela é...

— Aline, olha só... — comecei olhando fixamente para a bancada, gesticulando com as mãos sobre o granito. — Você não tem que ficar preocupada com a Kayla agora...

— Não estou preocupada, eu só...

— Você só ligou para ela porque estava aborrecida comigo — contrapus.

— Eu só queria entender o que está acontecendo! — subiu o tom.

— Você só tem que se cuidar e ficar boa... Você não está sozinha, tem a mim.

— E por que você não diz isso me olhando nos

PERIGOSAS ACHERON

olhos? — desafiou.

Respirei fundo, baixei as pálpebras por alguns segundos e então inclinei a cabeça, encarando-a.

— Você tem a mim — reafirmei, e era verdade, ela teria meu apoio incondicional, ainda que isso me roubasse a paz!

Eu só precisava de um tempo para me acostumar à ideia de viver mais um tempo com ela. *Só isso*, disse a mim mesmo.

— Por que tenho a sensação de que o aborreço?
— questionou bravamente.

— Não é você. É esta situação. Entenda, eu...

— É o fato de eu não me lembrar de você que o irrita tanto, ou você é sempre tão ranzinza? — interrompeu-me, a petulante.

— Não sou ranzinza — refutei em tom cabal.

Já não suportava olhá-la nos olhos enquanto me engasgava com aquele feixe de omissões, então

desci o olhar, parando-o na boca dela.

— Sério?! — indagou com sarcasmo e continuou a falar. — Claro, eu que bati a cabeça e não devo estar interpretando bem...

Vi os lábios bonitos se moverem e me dispersei enquanto ela esquentava minha orelha com algum sermão que já não prendia minha atenção. Eu já nem ouvia o que Aline dizia; as emoções ecoavam dentro de mim e sobrelevavam qualquer som real.

Então notei uma mancha escura no lábio superior dela, e isso me distraiu ainda mais. Desde que a tinha encontrado mais cedo, eu havia saltado da exasperação à excitação e agora queria rir feito uma hiena por causa daquele bigode de suco amora. A mancha lhe conferia um aspecto engraçado, destoava de sua feminilidade e do discurso indignado dela sobre meu recorrente mau humor, de modo hilariante.

Limpei a garganta e franzi os lábios contendo um sorriso. Ainda disperso, fiz um esforço supremo e respondi distraidamente à última pergunta de que

me lembrava:

— Sou um sujeito muito bem-humorado, se quer saber — então me permiti observar o resto daquele rosto que eu conhecia de cor, mas que agora me parecia quase... estranho.

Ela inclinou a cabeça e elevou as sobrancelhas. Ostentava um ar muito sério e até desdenhoso, mas isso, aliado ao bigode de amora, formava um conjunto impagável. Já não pude conter um curvar de lábios, que logo se transformou num riso baixo e, na medida do possível, abafado. Eu a olhava e certa histeria me alagava, como se grande euforia pedisse passagem e eu já não pudesse contê-la. Presei os lábios e desviei a atenção para o café da manhã a minha frente. Senti os olhos lacrimejarem pelo esforço de conter o riso e mordi os lábios.

Aline inclinou a cabeça para ver meu rosto, os olhos entrecerrados em desconfiança.

— Uau, o que foi isso? — zombou. — Agora fiquei impressionada como meu *savoir-faire* — ela ainda soava irônica, mas de relance vi que seus

olhos dançavam divertidos. — Que foi? O que eu fiz para provocar esse sorriso? — perguntou com uma expressão arguta.

Balancei a cabeça enquanto passava geleia em uma bolacha, procurando manter os olhos no que fazia.

— Você ri com os olhos, sabia? — falou, agora sem resquícios de sarcasmo.

Aline já me havia dito isso inúmeras vezes na época em que namorávamos, e a lembrança fez meu coração saltar descompassado. Foi difícil, mas consegui sustentar o sorriso. Voltei o rosto e vi que ela me olhava fixamente.

— Conte o que é — pediu com doçura—, e sou capaz de fazer, o que quer que tenha provocado esse sorriso, todos os dias — garantiu e curvou os lábios.

— Hum. — Arqueei as sobrancelhas e estiquei ainda mais os lábios, num largo sorriso. — Mesmo? — Inclinei o rosto pensando em ser malvado.

Aline balançou a cabeça confirmando, e o dissipar do clima sombrio que gravitava entre nós era como uma massagem em meus ombros. Resolvi dar corda. Talvez, com humor, fosse mais fácil superarmos aquela situação tão complicada.

— Dou minha palavra — ratificou.

Eu gargalhei e tomei um sorvo do suco.

— Duvido que esteja disposta a exhibir esse bigode todos os dias. — Apontei.

— Hein? — enrugou o nariz e olhou para um ponto da mesa, aparentemente perdida.

— O bigode. — Roci um dedo próximo ao meu lábio superior.

— Como é que é? Mas eu nunca... — Enrubesceu e ficou de pé, como se quisesse fugir dali.

Pensei em desmentir, mas preferi brincar com ela um pouquinho. Encolhi os ombros e deixei que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aline pensasse o que quisesse.

— Mentira — acusou. — Olhei no espelho ontem e não vi nada disso — refutou e voltou-se para, certamente, procurar um espelho.

Puxei-a pelo braço bom, impedindo-a.

— Volta aqui. É bigode de amora, bobinha — confessei e ri.

Ela entrecerrou os olhos e sentou-se, a boca aberta.

— Palhaço! — Pegou uma amora e a atirou em minha cara.

— Ai! — Cobri o rosto antes receber outro “tiro”, mas não pude conter o riso.

— Idiota — grasnou fingindo aborrecimento.

Eu dei de ombros e lhe dirigi um sorriso descarado, lembrando-me das repreensões de meu amigo no escritório. Ela precisava de mim. Droga, ela precisava muito de mim. Ainda, e de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabe de tomar seu café — sugeri, satisfeito que minha voz soasse mais leve.

— Ahn... Daniel — chamou girando o banco, parando de frente para mim.

Eu me obriguei a fazer o mesmo e girei no assento.

— Diga — e aguardei, um tanto apreensivo.

— Desculpe — pediu inclinando a cabeça.

Parecia genuinamente arrependida, embora não tivesse motivos.

— Não tem que pedir isso. Ao contrário, eu é que...

— Tenho, sim — interrompeu-me e esticou o braço bom, tomando minha mão esquerda.

Baixei o rosto e observei o contraste entre nossas peles.

— Sei que não deve estar sendo fácil para você

PERIGOSAS ACHERON

também. Eu queria... queria poder me comportar como... como antes — ela explicou e eu pensei naquela Aline que me queria a léguas de distância; na Aline que não me queria e não me deixava ir. — Quer dizer... Você entende, né? — continuou. — Talvez esteja me achando um pouco imatura, mas é que eu não me sinto como essa mulher em que, pelo que parece, eu me transformei ao longo dos anos. Prometo me esforçar por recuperar logo a memória...

Sua voz ia se tornando cada vez mais difusa aos meus ouvidos, enquanto eu contemplava nossas mãos conectadas. Ambas abrigavam as alianças, e eu me perguntei em que momento ela tinha colocado a dela. Talvez naquela mesma manhã, pensei e não pude deixar de associar esse fato ao humor contagiante com que a tinha encontrado mais cedo.

Na certa sem se dar conta do que fazia, ela acariciava a minha aliança com o polegar e o indicador, fazendo com que a argola dourada rolasse em torno do meu dedo anular. Um gesto que ela costumava fazer distraidamente, muito anos

atrás, quando ainda tínhamos o hábito de dar as mãos para assistir a algum filme no sofá, ou enquanto conversávamos, na cama. Depois de fazer amor...

— Hein, Daniel? Daniel — despertou-me dos pensamentos.

— O quê? — Quase sem fôlego, sobrepujado pela emoção de relembrar momentos que achava esquecidos, eu a encarei.

— Aborreci você de novo? — indagou observando meu rosto; no dela, uma expressão aflita.

Elevei a mão que ainda segurava a minha e beijei seu dorso, condoído.

— Você não me aborrece. Eu só estava me lembrando de uma coisa... — Exalei e tentei soar o mais sereno possível. — Aline, não está sendo fácil para mim, não vou negar. Mas isso não é sua culpa — expliquei sem dar detalhes.

Ela soltou minha mão, elevou a dela e roçou um

PERIGOSAS ACHERON

dedo em meu rosto.

— Eu sei. Você deve pensar que eu não me importava tanto com você, já que o esqueci — presumiu totalmente enganada, e, apesar de não ser esta a verdade, deixei que ela acreditasse nisso. Não podia dizer o que de fato me afligia. — Realmente, eu... não me lembro de ter conhecido você antes, isso não é segredo. Mas... para que saiba, não me vejo vivendo com alguém a quem não ame, então... — deixou que eu concluísse seu raciocínio e, nesse momento, eu já não dominava meus próprios pensamentos.

Então esse amor ainda está aí dentro em algum lugar, ocorreu-me esse absurdo, e eu tratei de recuperar a razão diluindo o pensamento, por pura força de vontade, imediatamente.

— E eu me sinto muito bem perto de você — terminou, e sua mão, de novo sobre a minha, pressionou meus dedos.

Aline desfez o contato e voltou a se posicionar de frente para a bancada. Alheia ao que me ocorria,

PERIGOSAS NACIONAIS

comeu uma amora e continuou o desjejum como se nada tivesse acontecido. Demorei um instante para me voltar também. Imagino que em meu rosto desenhava-se uma expressão dolorida, porque era isso o que eu sentia. Dor. Isso é algo parecido com saudade. Ainda bem que ela já não me olhava, agradei em pensamento, sentindo os olhos e o nariz pinicarem.

Eu me voltei finalmente e fiz um esforço monumental para me manter impassível. Não queria que ela notasse quão conturbado se encontrava meu interior, não queria deixá-la triste ou preocupada. Estávamos na mesma casa havia dois dias, e Aline já tinha me pedido desculpas duas vezes, quando não me devia isso. Eu me sentia um canalha por deixar que ela acreditasse que eu merecia tanta preocupação logo agora, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Logo ela “acordaria” e se lembraria do ponto exato em que havíamos parado. Então conversaríamos, e eu a deixaria a par do divórcio que, em segredo, eu já havia providenciado. Assim poderíamos cada um seguir o rumo que quisesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou pensando em ir ao mercado. Quer ir?
— perguntei. — Talvez seja bom dar uma volta por Monte Belo, espairar, ir a lugares que você costumava frequentar, o que acha?

— Em Monte Belo? Aqui não tem mercado?

— Não. É um arraial, lembra que mostrei pela janela lá em cima? — Eu a vi concordar e continuei. — Só temos uma mercearia bem pequena, mas lá não encontraríamos tudo de que precisamos.

— Se eu conseguir remover esse bigode, prometo pensar no seu caso — respondeu simulando um tom sério e até um pouco arrogante, que me deixou mais leve.

Gargalhei e limpei os lábios com um guardanapo de papel.

— Vou tomar um banho e podemos ir. Quero voltar a tempo de preparar o almoço — eu disse.

— Sim, senhor — prestou continência e levantou-se também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

12

"Os homens deviam ser o que parecem ou, pelo menos, não parecerem o que não são." William Shakespeare

Kayla

As pessoas traçam planos desde a infância, imaginam-se em inúmeras profissões e papéis; planejam aventuras, criam cenários. Mais tarde é comum rirem desses devaneios pueris, quando olham para as próprias vidas e constataam que seguiram rumos totalmente distintos. Mas não é sempre que é possível rir e, às vezes, até os sonhos mais absurdos são melhores que a realidade.

PERIGOSAS ACHERON

Jamais imaginei morar em um lugar como esse, pensei enquanto observava a fachada decrépita de meu atual endereço. Não que alguma vez tivesse vivido cercada de luxos, a maior parte da infância vivi em abrigos para vulneráveis, até que eu e minha irmã fomos adotadas por um casal, que, embora simples, não nos deixou faltar nada.

É bem irônico o fato de que, sendo a mais velha, eu tivesse sempre que agradecer a sorte de ter uma irmã caçula tão encantadora como Aline. Não fosse por ela, e a obstinação da Assistência Social em nos manter juntas, eu não teria saído daquele abrigo antes dos 18 anos.

Aline é aquele tipo de pessoa que, para além de beleza ou qualquer atributo que atraia as pessoas, possui um encanto especial, é cativante por natureza. Claro que, nos últimos anos, ela mudou muito; vive pelos cantos, com a mente sabe Deus onde e aquele semblante amargurado de quem viveu e viu muito. Daniel merece ser canonizado por tê-la suportado durante todos esses anos. Coitado, casou com uma pessoa e foi obrigado a viver boa parte do casamento com outra. Por isso o

PERIGOSAS NACIONAIS

apoiei naquela decisão e, mais que isso, não tive escrúpulos em aliar a isso meus próprios interesses. Não que eu não me compadecesse da minha irmã, que não me entendam mal.

Nunca desejei mal a ela e até tentei ajudá-la, mas, como ajudar alguém que se fecha em uma cova de martírio e recusa qualquer tipo de apoio para emergir? A situação era desoladora, mas, como a triste fachada desse edifício, escapava às minhas mãos e não me restava mais que me desresponsabilizar. Além disso, eu tinha meus próprios problemas com que me preocupar; o mais urgente de todos, sobreviver.

Depois de um suspiro resignado, eu adentrei a portaria, que, congruente com minha vida e a de minha irmã, caía aos pedaços. Minhas pernas doíam como se eu tivesse acabado de percorrer a Via Crúcis com uma trouxa de roupa na cabeça, e cada poro do meu corpo minava suor. Mais um dia perdido, em que eu tinha batido pernas feito louca, em vão.

Depois de subir quatro lances de escada, entrei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em meu apartamento. Tudo o que eu queria era um copo d'água. Corri para a geladeira e, apesar da sede opressiva, não pude deixar de notar a escassez de alimentos enquanto enchia um copo com água. Quatro maçãs que já começavam a ficar murchas, três caixas de leite e menos de uma dúzia de ovos. Pode parecer muito para uma pessoa sozinha, mas, dadas minhas perspectivas de renda, era no mínimo preocupante.

Até alguns meses eu tinha um emprego decente, vivia bem, embora com simplicidade; nada me faltava. Como eu tinha chegado àquilo? Certo, eu sabia muito bem como, envolvendo-me com um homem proibido e metendo os pés pelas mãos de todas as formas possíveis. Isso sem falar no quanto havia me enganado sobre ele, mas, enfim, é nisso que dá confiar nos outros.

Talvez eu também tivesse sido um pouco ambiciosa, assumo, mas isso não quer dizer que não havia sentimento envolvido. Eu só queria dar um giro em minha vida, e aquela tinha parecido uma oportunidade ímpar.

PERIGOSAS ACHERON

Sentei-me na cama e inventariei em pensamento o pouco que eu tinha para sobreviver até que conseguisse outro emprego. A mixaria que tinha no banco daria para pagar mais dois meses de aluguel e, se sobrasse algo, eu compraria pouco mais que o necessário para sobreviver uma semana.

A única pessoa a quem eu poderia recorrer naquele momento devia me odiar, e eu não queria nem pensar no que seria de mim se certa suspeita se confirmasse. *Não, não quero pensar nisso* — rejeitei mentalmente e me deitei, tirando os sapatos com os pés.

Como será que ela está?, pensei debatendo-me entre procurá-lo ou não. Daniel não havia mais se comunicado comigo, e eu tinha tomado seu silêncio como um “Está tudo bem”. Não precisava ser um gênio para interpretar as outras implicações desse distanciamento. Ele tinha toda a razão de não querer me ver, e eu não queria importuná-lo, mas confesso que naquele momento, mesmo com meus próprios e sérios problemas, minha consciência doía. Eu deveria, ao menos, ter buscado notícias

dela. E se tivesse acontecido algo mais sério? E se Aline tivesse morrido?

Tais hipóteses fizeram meu coração palpitar, e eu me ergui como um gêiser em erupção, piscando como se tivesse saído de um transe. Apesar de tudo, eu amava minha irmã e não tinha mais ninguém além dela.

Com os olhos muito abertos, vi passar por minha mente todas as verdades que pendiam sobre minha cabeça e que, como a areia na ampulheta, não tardariam em deslizar pelo vértice e a me enterrar, junto com essa falsa paz que revestia o mundinho medíocre em que eu me escondia.

Num ímpeto, estiquei o braço e alcancei o celular no criado-mudo. Eu guardava aqueles últimos créditos para uma emergência e tinha relutado muitas vezes em usá-los com esse fim, mas sopesei e decidi que, se não o fizesse, padeceria sepultada sob minha própria culpa.

Antes que pudesse mudar de ideia, busquei o número do hospital de Monte Belo no Google.

PERIGOSAS NACIONAIS

Poderia tentar falar diretamente com ela, embora duvidasse que Aline me atenderia, mas me contentaria com qualquer notícia.

— Hospital Pe. Adolfo Ludock, em que posso ajudar?

— Ahn, boa tarde, eu... estou ligando porque queria saber notícias sobre uma paciente.

— Lamento, senhora, não estou autorizada a fornecer informações sobre os pacientes.

— Eu sei, claro, mas é que... — hesitei e, após uma inspiração profunda, continuei: — Só preciso saber se ela está bem. Ela é a minha irmã. Por favor, só quero saber, estou aflita sem notícias dela.

— Qual é o nome da paciente?

— Aline Cristina Dolabella... Romano.

— E o da senhora?

— Kayla Dolabella.

PERIGOSAS ACHERON

— Um momento, senhora.

Aguardei ansiosa, balançando a perna, ouvindo o ruído das teclas que ela pressionava rapidamente.

— Senhora, essa paciente não consta em meu sistema, talvez tenha recebido alta. Só as movimentações mais recentes aparecem para mim. Vou transferi-la para o SAC, talvez possam ajudá-la.

Anuí e aguardei ouvindo uma música ao fundo. Ao passo que os minutos decorriam, a aflição se expandia e, de repente, ocupava um espaço muito grande em meu peito, pressionando meus pulmões. Confrontar a realidade era, agora, mais difícil do que eu havia suposto. Eu tinha medo do que ouviria. Precisei me esforçar para manter a respiração compassada e não sucumbir às sensações opressoras que tentavam suplantar a falsa sensação de estabilidade que me mantinha de pé.

Após várias transferências e alguns minutos aguardando, uma alma piedosa resolveu se compadecer de mim. Não obtive muitas

informações, mas soube que Aline já tinha recebido alta e que seu quadro geral de saúde era estável, com ótimos prognósticos. Só isso.

Mas era tudo de que eu precisava saber e muito mais do que eu merecia; respirei aliviada e consegui dormir aquela noite.

13

“A recordação é o perfume da alma. É a parte mais delicada e mais suave do coração, que se desprende para abraçar outro coração e segui-lo por toda parte.”
George Sand

Daniel

Após o café, Aline subiu para se arrumar e, enquanto a esperava, resolvi fazer algumas ligações, agendar as consultas para ela. Sentado no sofá na sala de estar, já havia marcado psiquiatra e fisioterapeuta, quando, cerca de quinze minutos

depois, uma sombra se assomou sobre mim. Com o celular no ouvido, aguardando para marcar com um neurologista, elevei os olhos devagar e a vi, parada, a minha frente.

Não pude deixar de reparar em sua aparência, nos cabelos soltos e no vestido simples, de alças finas. Antes que minha imaginação começasse a trabalhar contra mim, olhei para o lado, para a ampla janela à direita, e contemplei a paisagem lá fora.

O céu estava nublado, e as árvores oscilavam. Algumas, relutando em curvar-se perante a majestosa força do vento, desfiavam os lautos buquês amarelos que as adornavam, formando uma chuva flavescente de flores. O suave perfume dos Aldragos divagava com a brisa e passeava pela casa, reverenciando-a com seu frescor.

Pensei em comentar algo sobre a roupa dela, Aline sentiria frio, mas ignorei deliberadamente a ideia. Eu tinha a impressão de que falar disso naquele momento me deixaria ainda mais ciente daqueles ombros e pernas à mostra, da cintura

delineada pelo fino tecido, da beleza que o verde da roupa compunha ao refletir-se nos olhos dela. Mas só o fato de pensar nisso me desmascarava, transformava meu simulacro em dunas de areia expostas às intempéries do tempo, à minha humana fragilidade.

Aqueles olhos eram duas encantadoras e brilhantes gemas de alexandrita, duas pedras míticas e transparentes, que revelariam meus mais bem-guardados segredos; era melhor manter meus próprios olhos longe daquelas joias sedutoras, elas me subtraíam a razão.

Abandonei a vista da janela, mas não me atrevi a olhar no rosto de Aline. Enquanto aguardava uma resposta da recepcionista ao telefone, eu me fixei no quadril de minha esposa, onde descansava sua mão esquerda. Um brilho avermelhado fulgurou chamando minha atenção, e eu aproximei as pálpebras, notando então do que se tratava. Agora, junto da aliança, distinguia-se o anel do qual, antes do acidente, ela nunca se separara. Parecia que, a cada instante, Aline dava um passo em direção ao futuro; bom, na verdade ao presente, ao *verdadeiro*

presente, e isso, ao mesmo tempo que aliviava, me amedrontava.

Procurei afastar os pensamentos e tentei presumir o motivo de ela ter voltado a colocar o anel. Talvez se sentisse mais confiante para enfrentar a realidade, ou, quem sabe, estivesse apenas fazendo algum esforço no sentido de encará-la.

Eu ainda me lembrava da manhã em que havia lhe dado aquele anel e, distanciando-me da música clássica que soava ao telefone, deixei-me arrastar pelas lembranças:

Aline ainda dormia, de bruços, descoberta; apenas a seda fina da camisola cobria seu dorso e o quadril. Deixei a bandeja com o café da manhã sobre o criado, subi na cama, posicionei os joelhos nas laterais do corpo dela e coloquei as mãos uma em cada lado do travesseiro.

Baixei o tronco até estar bem perto dela e rocei o nariz em seu pescoço delicado, inalando o cheiro familiar que me enlouquecia. Aline se moveu e

resmungou algo ininteligível.

— Acorda, dorminhoca — falei baixinho e, antes de me inclinar para o outro lado da cama, como era minha intenção inicial, não resisti, arrastei a mão direita sob seu abdome plano, envolvendo sua cintura. — Acorda — insisti acariciando-a e disseminando beijos suaves em seu pescoço.

Por um momento, quase cedi à tentação de continuar até acordá-la, só para ver como ela se derreteria em meus braços e deixaria que eu a amasse preguiçosa e apaixonadamente, como sempre que fazíamos amor ao acordar. Eu me afastei um pouco, elevei o braço e alcancei a caixinha de veludo que jazia na bandeja. Deixei o corpo repousar em meu lado da cama e, por um momento, permaneci deitado de lado, de frente para ela.

Afastei os fios de cabelo que caíam sobre seus olhos e desenhei carícias na pele delicada daquele rosto encantador. Logo abri a caixinha, retirei o anel e me ergui um pouco, apoiando-me sobre um antebraço. Procurei a mão de Aline e, com

delicadeza, coloquei o anel junto da aliança. Depois voltei a me deitar e selei os lábios dela com um beijo suave.

Aline enfim reagiu, suas pálpebras tremeram, abriram-se e piscaram. Eu apenas a observava até que vi as íris esverdeadas fixas em mim.

— Feliz aniversário — murmurei e recebi um sorriso aberto.

Peguei a mão em que havia colocado o anel e a beijei. Aline então notou as minúsculas pedras vermelhas e levou a mão para perto do rosto. Sorriu com a emoção quase derramando de seus olhos.

— Obrigada, é lindo — sussurrou. — O que são? — perguntou referindo-se às pedras que cravejavam o anel.

— Basicamente, cálcio, magnésio, alumínio, ferro, cromo, manganês e titânio. — Tentei manter o semblante sério.

Ela revirou os olhos.

— *Exibido — e alargou o sorriso.*

Eu ri e beijei seus lábios demoradamente:

— *Granadas.*

Aline assentiu satisfeita, afastou a mão e observou a joia. Baixou o braço, voltou o rosto sorrindo e, então, sem aviso, aproximou-se, colocando-se sobre mim.

— *Amo você — disse e me beijou o pescoço repetidas vezes. — Fala mais sobre as pedras? — Ela sabia que eu sempre pesquisava sobre o significado das gemas antes de lhe presentear com uma joia; e eu pesquisava justamente por saber que ela perguntaria isso.*

— *Ahn... dizem que as granadas protegem contra pesadelos e melhoram a autoestima... — respondi afastando os cabelos que lhe emolduravam o rosto.*

— *Hum, isso é bom... E o que mais? — incentivou com o queixo apoiado ao dorso das mãos, que agora descansavam sobre meu peito.*

Aline me olhava nos olhos, e eu me distraía tentando distinguir cada nuance que tingia suas íris, cada faceta da joia mais fascinante que eu já tinha visto na vida. Estiquei o braço e desmanchei um cacho de uva da bandeja ao lado, então coloquei uma esfera entre os lábios dela. Observando como a fruta eclodia entre os dentes brancos de minha esposa, eu continuei:

— Ajuda a eliminar o cansaço, o desânimo, a depressão... — Desci uma das mãos acariciando-lhe as costas, o quadril. — Ajuda a ter paciência, compaixão, coragem... Estimula ao amor — insinuei com um sorriso enviesado. — Limpa os pensamentos impuros... — Ri e pressionei o bumbum redondinho dela com as mãos.

Ela pegou uma uva que havia caído na cama, mordeu-a e suspirou.

— Que pena — lambeu os lábios —, eu estava tendo uns pensamentos impuros sobre você e estava a ponto de fazer uma demonstração bastante explícita. — Ergueu as sobrancelhas e alojou uma perna entre as minhas, mostrando um sorriso

ladino.

— *Mas também é um ótimo estimulante sexual!*
— *Eu me apressei em acrescentar, rolando e me colocando sobre Aline. Afastei suas pernas com um joelho, posicionei-me entre elas e movimentei os quadris, beijando-lhe o pescoço. — Voltando aos pensamentos impuros...*

— Dr. Renato só tem vaga para o próximo mês
— a voz da recepcionista, ao telefone, intrometeu-se em meus pensamentos, e as lembranças desvaneceram.



Aline

— Pronta? — Daniel perguntou.

Procurei ignorar o estranhamento no olhar dele sobre minha roupa e assenti. Não queria ter que explicar que não tinha conseguido vestir uma blusa de manga comprida e que tampouco conseguira enfiar as pernas na maldita calça jeans enquanto

tentava imitar uma contorcionista do Cirque de Soleil; também preferia não contar que a única bermuda que tinha conseguido vestir sozinha eu não tinha tido a capacidade de abotoar. Temia que ele se oferecesse para me ajudar.

Meu braço não doía, mas seus movimentos limitados, tal como os dos dedos, dificultavam o trabalho e então, sim, faziam doer cada osso do meu corpo.

Ele pareceu entender meu dar de ombros, mas não disse nada, apenas balançou a cabeça e se levantou.

— Vamos?

— Vamos — concordei, aliviada.

Passamos pelo vestíbulo, onde ele alcançou um chaveiro no porta-chaves.

— Vamos no seu carro. O meu está com um barulho estranho, preciso ver o que é.

Novamente apenas balancei a cabeça, nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que tinha um carro. Aliás, eu nem sabia dirigir!

Entramos no sedã prata, o mesmo que ele havia usado para me buscar no hospital e, sabendo agora que era meu, não pude deixar de observar com curiosidade seu interior, talvez procurando alguma conexão com ele. Nada. Nadinha mesmo.

— Aproveitando, antes que me esqueça... — Daniel disse abrindo a carteira. — Seus documentos... — Entregou-me o RG e a CNH. Eu os observei, atônita, embora assentisse feito uma palerma. — Vou ficar com a carteira do plano de saúde, ainda tenho que agendar uma consulta.

— Tudo bem — concordei, já olhando para a frente.

— Não trouxe bolsa? — perguntou ao notar que eu continuava com os documentos na mão.

— Não, eu... — *Por que eu precisaria de uma?*

Ele deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, na volta você guarda.

Eu não respondi, ele deu partida e deixamos a casa.

— É bom prestar atenção no caminho. Se tiver alguma emergência e precisar sair quando eu não estiver aqui... As farmácias delivery da região não entregam aqui e a de Belo Vale fecha cedo. Quando seu braço estiver melhor, claro — acrescentou distraidamente.

Já abstraída pela paisagem bucólica que ladeava as ruas do condomínio, demorei um pouco em captar o sentido daquelas palavras. Eu não poderia percorrer aquela distância toda a pé. Ele esperava que eu fizesse isso dirigindo?

— Daniel. — Olhei para o perfil dele.

— O quê? — Não correspondeu ao olhar, continuava centrado nas curvas que descreviam a principal via do condomínio.

— Eu não sei dirigir.

Ele me olhou de um golpe, surpreendido. Notei o movimento em seu pescoço, parecia tragar alguma resposta, talvez uma exclamação. Mas balançou a cabeça como se aceitasse com naturalidade o que eu havia dito.

Mordi o lábio inferior, eu me sentia ainda mais distante de mim mesma, daquela Aline de vinte e nove anos que todos esperavam que eu fosse.

Daniel voltou a se concentrar na direção, os dedos tamborilando o volante e me deixando ansiosa. Eu detestava pensar no que poderia estar passando na cabeça dele naquele momento. Provavelmente estava concluindo que eu daria muito mais trabalho do que o previsto. Morando tão distantes de Monte Belo, ele teria que me levar ao médico, ao fisioterapeuta, enfim...

— É... — disse de repente. — Você só tirou carteira de habilitação um pouco antes de nos casarmos. Eu tinha esquecido. Mas... pelo que entendi quando conversei com o médico, a amnésia compromete apenas lembranças circunstanciais; não pensei que fosse possível perder

conhecimentos adquiridos... Enfim... Talvez esse conhecimento só esteja adormecido em algum lugar da sua mente, afinal você não se lembra da época em que tirou carteira de habilitação. Talvez, quando estiver de frente para o volante, isso venha à tona automaticamente.

Eu o olhei duvidosa, mas balancei a cabeça concordando.

— Não queria dar tanto trabalho — comentei sem o encarar.

Houve um momento de silêncio, tempo suficiente para que um manto de angústia se estendesse sobre mim, ameaçando me envolver completamente. Então uma mão grande e forte cobriu a minha, e seu polegar deslizou com suavidade sobre os nódulos dos meus dedos. Ele me alentava e, apesar da ausência de palavras, a tensão se desfez como o gelo exposto ao calor.

A mesma calidez me alagou. Daniel era um bom homem. Eu detestava admitir quão vulnerável me sentia, mas não podia negar, ao menos para

mim mesma, o quanto me confortava sua presença. Aquele homem era pouco mais que um desconhecido, mas, a cada hora que passava ao seu lado, eu me apegava mais a ele.

— Você disse que eu já provei algumas frutas nativas do Brasil com você, mas não me contou quais — mudei de assunto tentando terminar de dizimar a tensão.

Ele voltou a colocar a mão no volante e, por um instante, temi ter dissipado a frágil e reconfortante atmosfera ao nosso redor.

— Ahn... — Estreitou um olho parecendo puxar na memória. — Abacaxi, mamão, maracujá... — ele zombava de mim, claro.

— Ah, jura? — Estreitei os olhos sobre ele. Daniel não me olhava, mas as ruguinhas ao redor do olho direito dele o delatavam. Qualquer brasileiro na face da Terra já havia experimentado ao menos uma dessas três frutas. — Palhaço! — Dei uma leve cotovelada nele.

Daniel riu, parecia também determinado a

PERIGOSAS ACHERON

deixar a atmosfera mais leve entre nós dois, o que me animou. Isso sem falar que resplandeci por dentro enquanto ouvia sua risada gostosa, impressionada com o bem que o som daquele riso me fazia.

— Ahn... Para falar a verdade não sei se me lembro do nome delas, são diferentes e faz tempo...
— Encolheu os ombros. Ele estreitou os olhos e me olhou de relance. — Nós viajamos muito quando estávamos recém-casados, rodamos o Brasil.

— Você deveria me mostrar umas fotos.

— Claro, só me lembre depois. Ah, acho que me lembro de uma. Phis... phis alguma coisa, phisalis, isso, acho que é isso mesmo. Foi um verdadeiro achado, nós comemos essa fruta no sítio de um frutólogo amazonense.

— É boa?

Daniel pareceu sopesar antes de responder, talvez tentando se lembrar:

— Eu gostei, é adocicada com um toque cítrico.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele me olhou de um jeito estranho.

— Que foi? — perguntei.

Voltou a olhar para a frente e meneou a cabeça, sugando o lábio inferior. Continuei olhando-o à espera de resposta, até que, depois de um momento em que pareceu relutar, resolveu falar:

— Doce e cítrico... Como seu cheiro — soltou e me olhou com o semblante muito sério; contrito, talvez, já que os músculos da mandíbula saltavam.

Senti o rosto queimar pela intimidade que pressupunha sua resposta. O creme hidratante que eu usava desde a adolescência cheirava exatamente como ele descrevia, e, mesmo ciente de que Daniel era meu marido, saber que ele me conhecia tão bem era estarrecedor. Ao mesmo tempo, contudo, o calorzinho que subiu por meu ventre e se alojou em meu coração fez brotar um sorriso em meus lábios, que mordi tentando dissimular o gesto involuntário.

Mais vinte minutos e estávamos no mercado. Saltei do carro, recebida por um vento gelado, que me fez estremecer. Logo me vi aconchegada sob a

PERIGOSAS ACHERON

jaqueta que Daniel tinha colocado sobre meus ombros, e entramos.

Ele havia feito uma lista, o que acelerou nosso trabalho. Tirando a parte de escolher legumes, em que Daniel era péssimo, correu tudo bem. Se não fosse por mim, comeríamos tomates podres e eu teria que descascar e picar inhames do tamanho de bolas de basquete. Em sua defesa, ele disse que não costumava fazer isso, era tarefa minha desde sempre.

— Deixe os ovos, eu levo na frente comigo — eu disse enquanto guardávamos as compras no porta-malas. — O pão também. — Eram pequenos detalhes, mas tomar a dianteira ao menos nisso melhorava meu humor e, de alguma forma, me fortalecia.

— Sim, senhora — brincou.

— Aline? — ouvi uma voz feminina às minhas costas.

Virei-me e deparei com a moça bonita que havia penteado meus cabelos no hospital. Bonita,
PERIGOSAS ACHERON

não, linda. Ela era mais alta do que a imagem gravada em minha memória, e sua pele morena era ainda mais brilhante. Os olhos verdes, rasgados, conferiam-lhe um aspecto mais exótico do que eu me lembrava e eu me vi perguntando, em pensamento, o que uma mulher como aquela fazia naquele lugar perdido de Deus em vez de em alguma passarela Europeia.

— Oi! — Aproximei-me e recebi um beijo no rosto.

— Já recebeu alta? — perguntou e, antes que eu pudesse responder, continuou. — Que bom, foi rápido!

— É, já estou em casa. — Sorri.

Eu realmente havia simpatizado muito com aquela garota.

— Que bom! — Assentia com a cabeça e me observa dando sinais de estar satisfeita.

Ouvi o som do rolamento do carrinho e, pelo canto de um olho, vi que Daniel se afastava para

PERIGOSAS ACHERON

tirá-lo do caminho. Logo senti sua aproximação ao meu lado direito, sua sombra pairando até os pés da mulher a minha frente.

— Conhece o Daniel? Ele é... — Hesitei e o observei. Daniel tinha um olhar francamente apreciativo, embora respeitoso, em cima da outra mulher. Senti um incômodo repentino; na ocasião nem saberia dizer do que se tratava, embora hoje saiba muito bem a razão do desejo inesperado de que Tessa virasse fumaça e desaparecesse das minhas vistas. Senhor, eu não estava me reconhecendo. — Meu marido — declarei com firmeza, para meu próprio espanto.

— Oi, muito prazer! — cumprimentou simpática, estendendo uma mão.

— Prazer. — Daniel sorriu, e eu, confesso, franzi o cenho com despeito.

Ele apertou a mão dela e então me olhou com curiosidade, talvez se perguntando quem era aquela mulher e como era possível que eu a conhecesse.

Captando seu estranhamento, expliquei:
PERIGOSAS ACHERON

— Ela presta trabalhos voluntários no hospital.
— Vi as sobrancelhas dele se arquearem e continuei. — A Tessa me visitou um dia e me ajudou com meus cabelos. — Tessa, por que não aparece lá na nossa casa um dia desses e toma um café comigo? — o “nossa casa” saiu com tanta naturalidade que até me espantei; eu parecia um cachorrinho marcando território.

Mas queria, sinceramente, que ela fosse me visitar; eu não era tão mesquinha assim!

Ela alargou o sorriso em resposta.

— Claro, vamos marcar. Ainda tem meu telefone?

— Tenho, sim.

— Ótimo. — Aproximou-se e me beijou de novo. — Fico feliz em ver que está tão bem. Mas tenho que ir — lamentou. — Tenho que ir para a escola daqui a pouquinho. A gente se vê.

— A gente se vê.

— Tchau, foi um prazer — despediu-se de Daniel, que só teve tempo para balançar a cabeça, pois ela já nos dava as costas, caminhando até um bicicletário próximo.

Olhamos distraídos na direção dela até a vermos sair pedalando uma bicicleta de linhas suaves e cor escura.

— Vamos? — chamou ele.

— Claro.

Entramos no carro e seguimos nosso caminho.

Bem antes da entrada do condomínio, o celular de Daniel vibrou sobre o painel.

— Alô? — atendeu e permaneceu calado por um par de minutos, apenas ouvindo. — Estou indo. — Desligou e voltou-se para mim. — Preciso ir à empresa. Não tenho tempo para levar você para casa primeiro, espero que não se importe de dar um pulinho lá comigo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei ao

PERIGOSAS ACHERON

notar seu semblante preocupado.

— Não sei... Tenho que averiguar.

Balancei a cabeça e não rendi assunto, ele agora parecia distraído e pouco propenso a conversar.

14

"[...] Um homem dorme nos braços de uma mulher e sua alma se transfere de vez. Nunca mais ele encontra suas interioridades." Mia Couto

Aline

Após vencermos uma cancela e nos distanciarmos dos metros e metros de alambrado, Daniel estacionou o carro junto a outros que estavam no pátio da mineradora.

Saltamos.

O lugar era imenso, e o chão recoberto de cascalho destoava do moderno edifício de três andares, de fachada em vidro fumê, onde logo entramos. Passamos direto pela recepção e Daniel usou uma credencial para liberar nossa entrada por uma catraca eletrônica. Então subimos pelo elevador privativo da diretoria e em alguns segundos estávamos em uma aconchegante antessala.

— Pode entrar, Dr. Luthar está aguardando o senhor — liberou uma senhora de meia-idade instalada atrás de um pequeno balcão em madeira escura.

— Obrigado, Val — Daniel agradeceu e se dirigiu a uma porta que já se encontrava aberta.

Eu hesitei um instante antes de atravessar a soleira.

— Entra, Aline — Daniel chamou ao notar que eu havia parado.

Obedeci e deparei com um homem moreno e alto, vestido formalmente, que saiu de trás da mesa

PERIGOSAS ACHERON

assim que nos viu. Veio em nossa direção e tocou o ombro de Daniel com certa camaradagem, apesar de ostentar um semblante tenso. Logo ele me olhou e sorriu calorosamente.

— Aline. — Aproximou-se com gesto intimista, apertou com suavidade um de meus braços e beijou minha face direita. — Como está? — Pelo visto ele me conhecia.

Procurei sorrir, mas acho que não fui muito convincente. Ele pareceu perceber que eu não o reconhecia, apertou os lábios e se afastou, um pouco desconcertado.

— Ahn, vamos nos sentar. — Afastou-se indicando os estofados de cor escura.

Eu me sentei ao lado de Daniel, e o homem moreno, cujo nome eu ainda não conhecia, acomodou-se a nossa frente, em uma poltrona de dois lugares. Suas costas, afastadas do respaldo, e os antebraços apoiados aos joelhos denunciavam a pressa em abordar o que quer que ele tivesse para tratar com Daniel.

Olhou-o com um semblante preocupado.

— Solta, cara — Daniel incentivou com uma informalidade que deixava clara a natureza daquela relação, uma amizade.

O homem de terno assentiu com a cabeça e começou, em tom confidencial:

— Estão correndo uns rumores de que uma de nossas barragens tem um vazamento.

— Qual?

— Indaraí.

Daniel concordou com a cabeça. Pegou o iPhone no bolso e concentrou os olhos no visor, correndo dois dedos rapidamente nele.

— Não está na minha área — disse, e Gabriel concordou com um gesto. — Já averiguaram?

— Não. Estou enviando nossos técnicos agora. Vão inspecionar a barragem e colher amostras do rio. A Secretaria não demora em enviar seu pessoal,

e eu quero estar um passo à frente. E então? — Olhou para Daniel de modo interrogativo.

— Pelo laudo, está tudo okay, de acordo com os protocolos. Mas não fui eu quem emiti este, você sabe. — Ele passou mais um momento em silêncio, lendo algo, o olhar preocupado. — O laudo daquela empresa canadense também atesta a estabilidade da barragem. Não vejo nada de anormal nas fotos de satélite...

Gabriel soltou o ar, aliviado.

— Mas você sabe, com esse tipo de barragem, por alteamento a montante, não dá para falar em risco zero. — Uma expressão contrariada dançava nos olhos de Daniel.

— Eu sei, cara.

— O monitoramento está em dia?

— Claro, porra! — Gabriel exclamou. — Para além das normas, você sabe como eu sou rigoroso com isso.

— O ideal é descomissionar essas barragens. — Daniel lançou-lhe um olhar de advertência.

— Eu sei, eu sei... você não imagina como eu queria tirar esse peso dos meus ombros logo. Mas você também sabe que não depende de mim. Não posso ser um espinho na bunda dos acionistas antes de chegar à presidência, afinal de contas estamos dentro da lei. — Relanceou-me com um olhar de desculpas, na certa pelo linguajar.

— O que quer que eu faça? — Daniel perguntou a ele.

Gabriel me olhou rapidamente, parecia constrangido, e então encarou Daniel.

— Acha que consegue acompanhá-los? Eu confio no Abreu, mas queria alguém imparcial ali, acompanhando tudo enquanto seguro as pontas por aqui com o RP.

Daniel também me olhou, como que se perguntando algo, e eu logo percebi o motivo.

— Ah, não, não precisa se preocupar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estou bem, vou ficar bem em casa, sozinha.

— Tem certeza? — Duas ruguinhas se formaram entre as sobrancelhas de Daniel.

— Claro — respondi sem titubear.

Ele ainda me olhou por um momento, o olhar analítico em meu semblante.

— Não precisa se preocupar comigo, eu já disse — reafirmei incomodada. — Não sinto dores, posso me virar sozinha. — Eu detestava ser um peso para as pessoas.

Ele anuiu em silêncio.

— Tenho tempo para levar Aline em casa? — perguntou ao outro.

— Importa-se de ir com um motorista da empresa? — o homem de terno perguntou diretamente a mim, o que me agradou.

— Claro que não — respondi.

PERIGOSAS ACHERON

A ideia de ficar sozinha naquela casa, por estranho que parecesse, já não me era tão aterradora.



Meia hora mais tarde, um motorista da mineradora me deixava em casa. Acabei almoçando um congelado e pensei em aproveitar a tarde sozinha para explorar a casa, mas acabei me entretendo com o notebook que Daniel dissera ser meu. O dispositivo pedia uma senha de acesso, mas acertei de primeira, era a minha data de nascimento.

Ele parecia novo e, tal como minha mente, guardava muito pouco. Alguns arquivos da pós-graduação que Daniel havia contado que fiz, mas nada de fotos ou algo significativo e que pudesse destravar minha memória. Acessei meu antigo e-mail e descobri que havia expirado. Então tentei acessar o Facebook, mas minha conta já não era a mesma de antigamente. Já não sabia o que mais poderia procurar naquele notebook, quando encontrei uma pasta com meu nome. “Aline”,

apenas. Eu a abri e descobri uma infinidade de arquivos de texto intitulados apenas com uma data.

Sempre gostei de escrever, fazia diários e compunha poemas na adolescência, então imaginei que fosse algo assim. Não foi à toa que escolhi estudar Letras.

Com a ameaça de um sorriso no rosto, escolhi aleatoriamente um texto e o abri. Logo nas primeiras linhas, descobri que não eram poemas e tampouco páginas de um diário, mas devaneios; uma espécie de autoflagelação que não revelava nada de concreto, exceto pela aura angustiosa que lavrava cada palavra impressa na tela branca. Na certa a Aline que minha mente sufocava compreenderia cada vocábulo não apenas como abstrações, mas como fios condutores diretamente ligados à concretude de cada instante que a levaria a estados de espírito tão sombrios. Mas, para a Aline que eu era agora, trazia apenas um amontoado de emoções; pena, medo e, sobretudo, culpa.

Aos poucos a leitura revelou-se exaustiva. À medida que eu lia, meu coração se encolhia e eu

senti que, se continuasse, ele se fundiria em si mesmo. Deus, o que havia acontecido para que eu escrevesse aqueles textos tão... pesados?

Fechei o arquivo, deixei o notebook ligado e, após um banho, tratei de descansar, tentar suprimir da mente a elaboração, evitar a todo custo a síntese de tudo o que eu havia lido, pois algo me dizia que seria tão tenebrosa quanto aquele pequeno vislumbre da outra Aline.



Não sei ao certo o que me acordou, mas, logo que me vi desperta, notei o assobio do vento junto à janela do quarto. Eu me encolhi sob as cobertas e, instintivamente, me volvei para o lado de Daniel. Vazio.

Para falar a verdade, logo ao abrir os olhos eu tinha sentido a falta dele, e isso era muito estranho, afinal não me lembrava de já ter dormido ao lado daquele homem algum dia.

Será que Daniel ainda não chegou?

Olhei para a janela tentando adivinhar as horas, devia ser madrugada. Ele já devia ter chegado, pensei e me levantei. Notei o frio congelante e puxei a manta, ajeitando-a sobre os ombros como pude. Então saí do quarto, sem destino certo. Ia prosseguir à direita, em direção à escada, mas algo no corredor, à esquerda, me chamou a atenção e, como um robzinho teleguiado, deixei-me ir.

Uma luz azulada se infiltrava, oscilante, pelas frestas da porta da pequena sala de televisão.
Daniel.

Titubeei por alguns instantes, então rocei os nódulos timidamente sobre a madeira maciça. Aguardei, e nada. Eu devia sair dali, ir para a cama e tentar conciliar o sono de novo, dizia minha consciência, mas algo me impelia a ficar. A verdade era que eu queria confirmar se Daniel estava ali e, Deus sabe por que motivo, arrastá-lo para a cama. Era uma ideia estranha, absurda, afinal por que eu iria querer um quase estranho ocupando metade do meu colchão?

Bem, para meus pés e mãos inquietos, fosse

qual fosse a reposta, dava no mesmo; e acredito que para meu coração também, já que ele retumbava de forma ostensiva no peito, um aríete prestes a derrubar o portão de uma fortaleza inexpugnável. Não, eu não raciocinava e talvez não tivesse de fato acordado, obedecia a um comando que não parecia vir de mim, embora, hoje eu sei, viesse exatamente daquela minha parte obscura que precisava dele. Um fragmento desconhecido para a Aline de vinte e um anos. E também de uma outra parte, ainda implume, recém-nascida, mas que ganhava força a cada hora que eu passava ali, na pele da esposa de Daniel, ainda que eu não estivesse muito consciente dela.

Então minha mão obedeceu a essa imperiosa voz e tocou o trinco. Ela o girou e eu vi a porta se abrir. Com um par de passos, meus pés estavam sobre a soleira gelada, onde parei e me recostei ao batente para observá-lo.

Daniel estava lá, deitado de qualquer jeito no sofá-cama, o pescoço pendendo num ângulo estranho. Ele ressonava, a respiração parecendo trabalhosa, provavelmente devido à posição. Senti

uma pontada de culpa, talvez contaminada pelos textos que eu tinha lido mais cedo.

Era a segunda noite que ele dormia ali, e eu podia imaginar por quê; Daniel não queria que eu me sentisse desconfortável. Poucos dias de convivência foram o bastante para que eu soubesse: ele era cavalheiro demais para impor sua presença, um estranho, em minha cama.

Sem me dar conta, dei os passos que faltavam para alcançá-lo e me sentei na beirada do sofá, bem ao lado de Daniel. Estiquei o braço bom e, sem me importar que o cobertor escorregasse por meus ombros, acolhi com uma mão uma face dele. Tentei, como pude, ajeitar seu pescoço, mas acabei me distraindo com a textura da barba incipiente e terminei segurando seu rosto por mais tempo que o necessário. Ele se moveu e eu desfiz o contato rapidamente, enquanto, ainda dormindo, Daniel terminava de se endireitar sozinho, enroscando-se mais à manta.

Então eu me virei para a TV, que ainda estava ligada. Acabei me distraindo por uns segundos com

um clipe de Keane, a canção era boa. Um homenzinho choroso e decadente, em *stop motion*, vagava nu pela sarjeta; tão triste que achei melhor desligar. Pensei em voltar para a cama e cheguei a me levantar, mas em vez disso contornei o sofá e peguei o controle remoto, desligando o aparelho.

O clarão vindo da ampla janela atraiu meu olhar. Eu me aproximei e contemplei a noite enluarada, o frio corado pelo zunido do vento, o ciciar das folhas tão acorde e intenso como um murmurejo marítimo. Algumas árvores inclinavam-se à vontade do mau-tempo. Copas mirradas, sustentadas por finas hastes, quase beijavam o chão, e eu aprendia rápido que, à noite naquela região, era sempre inverno.

Em vez de seguir meu caminho, retrocedi de costas, o olhar ainda preso à janela, e me sentei, refém de pensamentos. Um arrepio me fez encolher as pernas sobre o estofado. Recostei-me distraída à almofada e nem sei por quanto tempo permaneci de olhos abertos.



Daniel

Macadâmia e alguma nota cítrica bem fugaz, que apenas equilibrava o aroma adocicado. Nunca pensei que pudesse sonhar com um cheiro e tampouco que fosse possível acordar por conta disso. Mas lá estava o perfume suave intrometendo-se em meu sonho. Eu já estava tão acostumado àquele aroma e, talvez por isso, já nem o notava. Por que naquela noite?

Abri os olhos deparando com a resposta, o rosto dela bem próximo ao meu. Fazia quase um mês que não dormíamos na mesma cama, mas para mim parecia uma eternidade; talvez por que, desde muito tempo, dormir com ela significasse apenas isso. Dormir.

Quando caí em mim, um pouco sobressaltado por vê-la ali, encolhida bem junto ao meu peito, eu me afastei. Por todos os infernos, o que Aline estava fazendo no *meu* sofá?, perguntei-me tentando, ainda confuso pelo sono, refazer mentalmente as ações que tinham me levado àquela situação. Uma coisa era dormir com a Aline apática

que parecia uma porta e que fingia que eu era uma parede; outra totalmente diferente era ter a *minha* Line, aquela que tinha me perturbado durante todo o dia, aconchegada ao meu peito e não poder tocá-la.

Antes que minha mente desanuviasse, Aline se moveu e resmungou. Deve ter sentido falta do calor que gerávamos juntos — eu pelo menos senti —, porque abriu os olhos e elevou um pouco o queixo.

Por um instante apenas nos olhamos, eu ainda desconcertado.

— Por que não está na cama? — soltei, a voz rouca.

Ela demorou um pouco para responder.

— Acordei, dei pela sua falta e... acabei pegando no sono aqui. E você?

Eu não esperava essa pergunta. A resposta era tão óbvia para mim que esqueci que ela não sabia que estávamos nos separando. Nem ela, nem a outra Aline.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também peguei no sono — eu me esquivei.

— Comeu alguma coisa? — Aline quis saber.

— Comi na empresa... E você?

— Um congelado. Guardei metade pra você.

— Obrigado — sussurrei.

Alguns minutos decorreram em silêncio, e eu já começava a ficar incomodado com aqueles olhos claros sobre mim.

— Deu tudo certo na empresa? — indagou ela.

— Parece que sim. Amanhã eu conto tudo, já está quase amanhecendo, é melhor dormirmos.

— Hum-hum — resmungou, e pensei que Aline se levantaria logo em seguida, mas ela não fez isso, apenas fechou os olhos.

Que diabos ela pensava estar fazendo?

Aguardei um momento retendo o ar; a

PERIGOSAS ACHERON

impressão por tê-la tão perto suprimia minha capacidade de expirar.

— Não vai voltar para a cama? — perguntei assim que consegui esvaziar os pulmões, e ela abriu os olhos.

— Você não vai? — Por que ela tinha que devolver todas as minhas perguntas?

— Vou ficar aqui mesmo.

— Então eu também vou. — *Merda!*

Voltou a fechar os olhos e não os abriu mais. Eu continuei com os meus bem abertos, fixos na silhueta delicada daquele rosto que, mesmo tão familiar, ainda me intrigava. Logo ouvi um suave ressonar, Aline tinha pegado no sono, que já não queria nada comigo.

Passei longos minutos ruminando toda aquela situação. Estava sendo tão difícil conter a ansiedade por virar a página, começar o outro capítulo que eu havia planejado para minha vida, mas a proximidade de Aline, a despretensão morna com

PERIGOSAS ACHERON

que ela se aconchegava à minha alma, tornava meus sentimentos mais antagônicos a cada instante. Eu sabia que precisava manter os pés no chão e ter em mente que o futuro era irrevogável e certo. *Ela* voltaria, a minha Line iria embora de novo e era melhor que eu não me apegasse a ela mais uma vez. A outra voltaria e não viria só com a frieza e a indiferença; com certeza traria uma boa dose de hostilidade, o que, aliás, eu merecia.

Sem me dar conta do que fazia, elevei uma mão até bem perto do rosto dela, tentando a tocá-la. Precisava conferir se ela era real, se aquele rosto sereno que havia tanto tempo eu não contemplava estava mesmo ali, a minha frente. Aline se encolheu feito uma bolinha sob a manta e eu caí em mim do que estava prestes a fazer. Não tinha nada que pôr a mão nela, droga, já não tinha esse direito. E nem disposição para brincar com o perigo.

Ela se encolheu ainda mais. Devia estar com frio e, como se não bastasse, se achegou ao meu peito de novo. Levantei a ponta da manta e a compartilhei com ela. Senti, claro, a tentação de envolver Aline entre meus braços, de trocar calor

com ela, mas não cedi. Cerrei os punhos, mantendo as mãos ocupadas nisso, e, com cuidado, dei-lhe as costas, fazendo um enorme esforço para me desligar de seu cheiro, da proximidade tépida de seu corpo.

15

“Atos são pássaros engaiolados.
Sentimentos são pássaros em voo.”
Rubem Alves

Aline

É um senso comum, mas também parece um consenso a ideia de que a rotina deteriora um relacionamento. Por isso mesmo era no mínimo inusitada a admissão de que o meu e de Daniel se reconstruísse justo nessas bases.

Tão sutilmente como uma massa de ar que se desloca com lentidão e produz alterações na temperatura, nascia certa atmosfera intimista entre

nós. Na ambivalência e na improbabilidade da situação que nos levara àquele ponto, minha perda de memória.

Várias semanas haviam passado desde que eu tinha recebido alta. Eu já havia retirado a imobilização do braço, fazia fisioterapia e frequentava o consultório de vários médicos, inclusive o de um psiquiatra. E, aos poucos, sem querer, Daniel de alguma forma se tornava o centro da minha vida.

Com frequência, eu me via, no afã por compensá-lo pelas consequências do meu pecado — tê-lo esquecido — me esforçando por restabelecer a rotina que supostamente existira naquela casa e que delineava nossa vida em comum. Não que ele me cobrasse isso. Não, nem mesmo de modo subliminar eu percebia tais expectativas vindas dele. Era eu. *Eu* me sentia constantemente culpada por ser o pivô daquele desarranjo; a causadora do desconcerto que lia nos olhos dele quando eu fazia algo para agradá-lo; da incongruência que eu entrevia no sorriso doce e ao mesmo tempo pesaroso, ambíguo, que ele não raro

me oferecia.

Às vezes era fácil, o conforto que eu tanto buscava vinha quando eu menos esperava; em conversas espirituosas durante o café da manhã, que eu fazia questão de compartilhar com ele; no cumprimento das rotinas de acompanhamento médico nas quais ele estava impreterivelmente ao meu lado... Mas às vezes era exaustivo, sobretudo quando eu me via obrigada a preencher os eternos momentos de silêncio e desfazer a tensão que aparecia nas linhas do rosto dele; ou quando os pensamentos ocupavam-no e ele me deixava à margem, com apenas minhas próprias especulações por companhia.

Meus esforços cada vez mais tinham como fim a reparação e uma adaptação, a qualquer preço, àquela vida que parecia alheia; e eram muito pouco fruto de uma busca por mim mesma. O próprio Daniel, ainda que inconscientemente, lembrava-me disso, nas inúmeras ligações durante o dia, quando perguntava se estava tudo bem comigo, como eu me sentia, se eu precisava de algo; ou quando, nas noites em que chegava mais tarde do trabalho e me

encontrava dormindo, entrava no quarto furtivamente, apenas para verificar como eu estava — nesses momentos eu emergia parcialmente do sono e notava os passos, o cheiro, a proximidade quase escaldante; às vezes um toque suave e fugaz, um dedo que com supremo cuidado ajeitava uma mecha de cabelos, mãos que puxavam a coberta me protegendo do frio e me envolvendo com um calor para além de qualquer um que eu poderia experimentar apenas com o tato.

Numa das conversas com o psiquiatra que me acompanhava, eu falei sobre como me sentia e mencionei as plangentes divagações da “Aline de vinte e nove anos”, aqueles textos que eu havia encontrado no notebook, incomodada com o sentimento de culpa que eles e a situação em que eu me encontrava me instilavam. Com sutileza, ele me fez refletir sobre a exagerada preocupação em me redimir e devolver a Daniel aquilo que supostamente eu lhe havia roubado. E ele tinha razão; eu me sentia responsável pela infelicidade que, às vezes, podia quase respirar perto dele.

— A culpa é um mecanismo natural e que tem

seu papel em termos de adaptação do ser humano. É sinal de que avaliamos uma situação e pode promover mudanças positivas. Mas, a partir do momento em que se torna uma obsessão e afeta seu cotidiano, quando não o impulsiona nem permite que você siga em frente, não é nada bom, é uma doença — dizia o médico. — Compreender a própria responsabilidade sobre seus atos é louvável, mas no seu caso está muito claro que a decisão sobre o que seria esquecido, quando você perdeu a memória, escapava às suas mãos.

Ouvi-lo me proporcionou certo alívio, mas eu sentia que ainda havia um resquício desse sentimento destrutivo em algum cantinho bem escondido da minha mente, talvez despertado por aqueles textos indecifráveis e cheios de melancolia que a outra Aline tinha escrito.

Comentei isso com o médico e ele me encheu de perguntas.

— Não, não acho que eu seria capaz de trair meu marido, nem nada disso que o senhor mencionou — respondi a uma de suas perguntas e

soube que ele apenas me instigava, desafiava-me a refletir.

— Bom, de qualquer maneira, depois de tudo que conversamos aqui e com base no que leu nesses textos todos que escreveu antes de perder a memória, você acha que estava elaborando bem, de modo saudável, esse sentimento?

— Realmente, não — respondi sem duvidar.

O médico fez um gesto de assentimento parecendo satisfeito.

— Isso é um ótimo sinal e eu tenho uma sugestão — disse e inclinou-se, abrindo uma gaveta em sua mesa. — Que tal prepararmos o terreno para quando você se lembrar de tudo isso que a angustiava tanto?

— Ahn... Acho que é boa ideia.

— Tome. — Ele me entregou a folha. — Escreva uma carta, pense no que diria a uma pessoa que se sente assim, que carrega um enorme fardo de angústia tentando reparar aquilo que passou e

PERIGOSAS ACHERON

que já não pode mudar, que se deixa corroer por esse sentimento, enfim, é uma carta para você mesma, Aline.

O médico me deixou a sós e eu escrevi a tal carta. Para dizer a verdade, não pensei em mim, mas nela, na outra. Quando retornou, eu já havia terminado. Entreguei-lhe para que ele lesse, mas o psiquiatra sequer a olhou. Apenas a dobrou, pôs em um envelope, que lacrou e guardou em uma gaveta, junto ao meu prontuário.

As consultas estavam sendo ótimas, ajudavam a dirimir grande parte de tudo aquilo que me incomodava e me obrigavam a refletir. Mas uma incógnita ainda pairava entre mim e Daniel, eu ainda estava confusa sobre meus sentimentos em relação a ele, sobre aquilo que me empurrava em sua direção, e também sobre seu comportamento contraditório. Atencioso, doce e distante ao mesmo tempo.

Buscando entendê-lo, eu tentava imaginar como aquele cenário, que aos poucos se erigia, lhe parecia — para mim era como uma casa ainda nos

alicerces e que apenas se edificava, sem forma e não muito promissora, mas pedindo a gritos continuidade. Tentava me colocar em seu lugar e, em lapsos de ambiciosos devaneios, vinha-me à mente uma Fênix a renascer das cinzas. Mas logo eu descartava essa ideia, pretensiosa demais, dada a distância física que Daniel insistia em manter e a profunda melancolia em que às vezes eu o via mergulhado. Era tudo tão incongruente com a magnitude de algo que fulgura, como é o caso dessa ave mítica, que eu era obrigada a descer das nuvens macias e a pisar no chão fragoso.

Mas eu gostava de pensar — na verdade de sentir —, que algo mudava e que, ainda que não nos tocássemos, algo muito mais profundo nascia (ou renascia). Não era mera ilusão, eu sabia, e tal perspectiva me animava sempre que eu o via mais bem-humorado ou até carinhoso. As respostas positivas que eu lhe arrancava — sorrisos, olhares doces e a constante preocupação com meu bem-estar — eram como um emblema de esperança e conjuravam pensamentos ousados, sobretudo quando ele me olhava daquele modo intenso, repleto de inequívoca atração e fome; com olhares

que me atravessavam da cabeça aos pés e se colavam a meus ossos; que me empurravam para junto dele como se eu lhe pertencesse. Como se ele me quisesse e me pertencesse também. Às vezes a atração era tão pungente e abrasadora, que eu custava a dominar os ímpetos de tocá-lo e de beijá-lo. Como seria beijá-lo? Como seria ser tocada intimamente por ele, tocá-lo, descobrir todas as promessas que sem dúvida existiam para além da superfície dos olhares que quase me fundiam?

Daniel tinha avisado que ficaria muito ocupado nas semanas seguintes ao incidente na empresa, e tinha mesmo razão. A situação na mineradora parecia delicada, embora, segundo ele, estivesse sob controle.

Na primeira semana foi tranquilo ficar sozinha em casa. Procurei me ocupar vasculhando cada canto dela e me inteirando de sua organização, funcionamento... Não foi difícil, intuitivamente eu sabia como administrava tudo por ali, afinal era obra minha.

A presença da diarista, duas vezes por semana,

mostrou-se reconfortante. A princípio Ivone se mantinha calada, circunspecta, até que comecei a “puxar sua língua” e notei que ela na realidade era muito falante. Ela também pareceu surpresa quando tentei puxar conversa, disse que eu era sempre tão calada...

Aproveitei e lhe fiz muitas perguntas, mas, pelo que pude perceber, ela não sabia muito. Apenas me disse que agora eu parecia estar muito bem, e o modo enigmático como havia feito isso me intrigou. Enfim, em pouco tempo estabelecemos um acordo, tácito e bastante confortável, de convivência, e eu me aproveitei dela para manter os cabelos desembaraçados e limpos. Infelizmente, apesar de já ter retirado a imobilização, ainda não conseguia esticar o braço e tampouco elevá-lo o suficiente para poder lavar os cabelos, ou desembaraçá-los sozinha.

Aos poucos estabelecemos uma rotina confortável. Daniel saía para trabalhar pelas manhãs bem cedo e só voltava no final da tarde, exceto quando tinha que me levar ao médico ou ao fisioterapeuta. Nossa relação era amistosa, tranquila

e, apesar de ainda dormirmos em camas separadas, era notável a boa vontade dele para tudo que se referia a mim. Aliás, eu morria por perguntar a ele por que não dormia comigo, na nossa cama. Continuava sentindo aquela necessidade estranha de tê-lo ao meu lado durante as noites e, quando ele estava em casa, era atraída para perto dele como se uma poderosa força gravitacional existisse entre nós dois. Mas eu não tinha coragem de fazer a pergunta. A pergunta que gritava. Era tão estranho; ao mesmo tempo que me sentia muito perto dele, íntima mesmo, eu sentia que fazer aquela pergunta suscitaria outras questões as quais eu ainda não estava pronta para confrontar. Eu sabia que de alguma forma estava fugindo, mas assim era mais confortável, mais seguro. O que não mudava o fato de que eu estava cada vez mais atraída por ele.

Daniel era paciente e adorável, esforçava-se visivelmente por não parecer aborrecido, mas havia ocasiões em que eu o notava distante, triste ou até mesmo tenso. Nesses momentos eu sentia vontade de tocá-lo, acalantá-lo de alguma maneira, mas algo me continha e ao mesmo tempo tudo isso parecia absurdo demais. De alguma forma que eu não

saberia explicar, sentia a sua falta. Pensava até em tomar providências drásticas para resolver pelo menos esse conflito dentro de mim. Talvez, se nos aproximássemos — se eu finalmente soubesse como éramos juntos —, eu encontrasse algum conforto nessa vida que não parecia ser minha. Mas, quando isso me ocorria, faltava a coragem para tomar a iniciativa; e era quando eu me perguntava por que ele também não fazia isso.

Às vezes, ainda que o apoio dele fosse incontestável, eu me sentia muito sozinha, e era em momentos como esses que eu percorria a agenda quase vazia do celular recém-adquirido, na esperança de que os números de meus amigos tivessem se materializado ali por obra do destino ou do que quer que fosse. Já tinha desistido de procurar Kayla. Daniel garantira que ela estava bem, e eu acreditava, sabia que ele estava falando a verdade. Agora eu já não via sentido em correr atrás de alguém que, evidentemente, não se preocupava comigo como eu pensava.

Apesar de muito unidas, meu relacionamento com minha irmã nunca tinha sido simples. Nós

duas temos temperamento forte, obstinado, e as inseguranças de Kayla não ajudavam em nada. Quase sempre era eu quem cedia.

Após percorrer a agenda e não encontrar qualquer novidade, claro, eu me lembrei de Tessa, a moça do hospital. Procurei o número do telefone dela em uma gaveta, liguei e conversamos por alguns minutos. Até combinamos um encontro, em minha casa mesmo. Ela viria em breve, e a sensação de normalidade que isso me infundiu foi indescritivelmente reconfortante. Conversar com ela me fez bem, e eu me perguntei por que não tinha feito isso antes.

Encorajada por suas palavras de apoio, resolvi pôr em prática uma ideia que, havia dias, rondava minha cabeça. Como todo mundo, eu sabia alguns telefones de cor. Inclusive já havia ligado para o meu próprio — o da Aline de 21 anos — só para descobrir que agora era de outra pessoa.

Infelizmente, eu não tinha familiares para quem ligar, além de Kayla, mas podia contatar três ou quatro amigas de faculdade ou de escola. Por que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não havia feito isso antes? Eu não sabia e também não estava disposta a fazer isso agora. Ninguém havia me procurado, o que me dava muito em que pensar.

Não adiantava lutar contra a verdade e, a essa altura, eu já devia ter me conformado. Mas não era fácil; a cada vez que o presente me confrontava, meu corpo cobrava um alto preço, minhas têmporas pulsavam e cada músculo do meu corpo comportava-se como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

PERIGOSAS ACHERON

16

“Não me cante canções do dia,
pois o sol é inimigo dos amantes.
Cante as sombras e a escuridão,
cante as lembranças da meia-noite.”
Safo

Daniel

— Luthar, calma. A situação já está sob controle
— eu disse ao notar a inquietude do meu amigo,
que estava quase furando o piso da sala, de tanto
trançar da janela para a porta.

— É, eu sei. Graças a Deus, saíram os

resultados dos exames daquelas malditas amostras, e conseguimos calar a boca daquele fedelho ambientalista de merda. — Meu amigo elevou um punho cerrado. — Ele que não apareça na minha frente, sou capaz de espremer o pescoço dele até ver aqueles olhos saltarem.

— Calma, cara — repeti. — Agora é com o RP, ele só precisa abafar esses boatos, enquanto continuamos a fazer nosso trabalho com a mesma seriedade de sempre.

— É, eu sei. — Inspirou longamente, e eu me perguntei se era só isso mesmo o que angustiava meu amigo.

— Que está acontecendo? — arrisquei.

— Como assim? — Parou de andar e, com as mãos entre os cabelos, me olhou.

— Mais alguma coisa está aborrecendo você, o que é?

— Ah, nada. — Sentou-se, os antebraços apoiados às pernas, que balançavam. — Não vou
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar enchendo ninguém com as minhas merdas. Você já tem problemas demais.

— Fala logo, porra.

— Não é nada, caralho, já falei.

— Gabriel, desembucha, tira o pé da porra da minha janta, que eu quero ir embora. Vai cair uma tempestade, porra.

Ele estralou a língua e me olhou com cara de poucos amigos.

— Já falei que não é nada, mas você não vai parar de encher o saco enquanto eu não abrir o bico, né?

— Hum-hum — resmunguei em tom displicente; a essa altura já estava esparramado no sofá do escritório dele, exausto pela tensão das últimas semanas.

— É a Désirée. Não para de me aporrinhar, quer ter “vida social”. Sabe como é, aqui não existe isso, pelo menos não do jeito que ela quer.

PERIGOSAS ACHERON

— O de sempre, então.

— É, só que ela está botando muita pressão, e eu já estou ficando de saco cheio disso. Aquela semana em que começaram esses boatos, no meio daquela crise, minha mulher queria que eu me enfiasse com ela num helicóptero e fosse a uma festa. Será que ela perdeu o juízo? Não entende o que significa para minha carreira a oportunidade de dirigir esta sucursal? É um último degrau antes da presidência da mineradora, e eu sei que meu tio quer me colocar lá. Sem falar na responsabilidade que está nas minhas costas.

— Eu entendo, cara, mas também entendo o lado dela. Não é fácil, para alguém acostumado a viver em uma metrópole, essa vidinha bucólica daqui.

— Eu sei. Mas também sei que não se consegue ir muito longe sem sacrifícios, pelo menos não para quem praticamente partiu do nada. E ela é minha mulher; ou está comigo ou não está. Por quanto tempo você acha que eu conseguiria manter o padrão de vida a que ela está acostumada, com

aquele salário de executivo que eu recebia antes de vir? A Désirée é uma mulher cara, irmão.

Eu me levantei e ele fez o mesmo, colocando-se a minha frente. Ambos estávamos cansados e precisávamos ir embora.

— Sua família é mais importante que tudo, que presidência, que vida social, que dinheiro... Vocês têm dois filhos lindos, cara. Não deixe isso escapar, tire um tempo para a sua mulher, para as crianças, tenho certeza de que fará o que for melhor para todos.

Ele assentiu, mas vi a sombra da dúvida pairar em seus olhos. Meu amigo estava numa encruzilhada e, certamente, duvidava da própria capacidade de sair dela.

Toquei seus ombros oferecendo meu apoio silencioso e dei-lhe as costas.

— Vou embora, o céu está armando uma tempestade e eu não quero ficar atolado na estrada. Se eu fosse você, faria o mesmo. Vá para casa, descanse, cuide da sua mulher — aconselhei e saí

PERIGOSAS ACHERON

pela porta.



Vários quilômetros de estrada enlameada depois, em meio a uma chuva torrencial que fazia transbordar o vale, cheguei a minha casa. O lugar estava um verdadeiro breu, o portão eletrônico não funcionava, e fui obrigado a descer para abrir no modo manual. Sem energia elétrica, *ótimo!*

— Dia de cão e agora isso — resmunguei enquanto empurrava o portão, encharcado até a alma.

Guardei o carro na garagem, saltei e subi com cautela os degraus que levavam à varanda. A porta estava entreaberta, só precisei empurrá-la para entrar. Meus sapatos eram pura lama, imaginei e os retirei antes de entrar. Tirei também as meias e senti o chão gelado sob os pés.

Bati as mãos nos bolsos à procura do celular, ele tinha uma lanterna, mas não o encontrei. Merda, devia estar no carro.

Já na sala, um aroma delicioso de especiarias me recebeu, e meu estômago saltou de alegria imaginando o que viria depois de um banho quente e uma roupa seca. Caminhei para a direita, para a cozinha e chamei:

— Aline. — Não houve resposta e eu dei meia-volta para procurá-la, verificar se estava tudo bem. — Aline! — chamei mais alto.

— Aqui! No quarto — ouvi a voz abafada e, tateando em meio à escuridão, segui em direção às escadas.

Subi os dois lances com cautela, segurando o corrimão. Logo estava em frente à porta do quarto e bati.

— Aline, posso entrar?

— Pode.

Empurrei a porta e, com dois passos, estava dentro.

— Ainda bem que você chegou, não estou
PERIGOSAS ACHERON

enxergando nada. Nem tive coragem de descer para ver o jantar.

— Está tudo bem?

— Está. Só fiquei um pouco perdida nessa escuridão.

— É, aqui quando falta energia, parece mais escuro que na cidade; acho que por causa das árvores. — Eu não podia vê-la, mas senti sua aproximação.

— Daniel. — Dedos delicados tocaram meu peito. — Ah, você está aqui. — Riu baixo. — Que breu.

— É. — Segurei os braços dela com a intenção de afastá-los e ouvi:

— Nossa, você está encharcado, precisa se secar.

— Estou gelado até os ossos — concordei —, vou tomar um banho e me aquecer. — Desde que ela tinha saído do hospital, eu evitava tomar banho

PERIGOSAS ACHERON

em nossa suíte, mas naquela noite não tinha alternativa.

— Banho frio, ficou louco? — contestou.

— Não, temos aquecedor a gás neste banheiro, esqueceu? Pelo menos o banho quente está garantido.

— Ah... — respondeu e eu me afastei.

Tomei um banho rápido, precisava comer algo e descansar. Alguns minutos depois estava de volta ao quarto. Não foi difícil encontrar minha parte no armário, eu conhecia bem o ambiente e costumava perambular à noite com a luz apagada, para ir ao banheiro, buscar um agasalho, ou o que fosse.

Encontrei uma boxer e deixei a toalha cair sem me importar com a presença de Aline, que com certeza não via nada. Vesti também uma *t-shirt*, não me preocuparia com uma calça por enquanto.

— Preciso descer para ver meu assado — ela se manifestou de repente. — Preciso da sua ajuda, não sei se consigo descer sozinha sem me estabacar

PERIGOSAS ACHERON

naquela escada.

— Claro, vou com você. — Passei a mão pelos cabelos molhados, ajeitando-os, e então abri passo em direção à cama, de onde vinha a voz dela. Com a visão já ajustada à escuridão, pude perceber seu vulto, em pé perto da cama, e toquei-lhe o braço, sentindo seu pequeno sobressalto. — Calma, sou eu. — Ri baixo.

Notei muito tarde que tinha o rosto bem perto do ouvido dela, e foi inevitável aspirar o perfume de seus cabelos, que preencheram cada parte vazia dentro de mim. Por que aquele cheiro tinha que ser tão bom e por que tinha que me fazer tão bem?, perguntei-me tentado a afundar o rosto ali e cheirá-la até esgotar cada nota, como se só isso fosse satisfazer todas as minhas necessidades. Por um momento até me esqueci da fome e do cansaço, reconfortado pelos aromas que mais me faziam sentir em casa.

— Vamos descer. — Subi uma mão até o ombro dela e senti a maciez da seda do que quer que ela vestia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Disse a mim mesmo que apenas tentava orientá-la, mas a verdade era que o fato de estar envolto em sombras obliterava uma a uma as minhas inibições, cada razão que eu tinha para me manter afastado. Por tanto tempo eu vinha evitando tocá-la e sabia que era melhor assim. A escuridão, porém, me empurrava, concentrava toda a minha energia em dois sentidos, o olfato e o tato, que pareciam ampliados e enviavam sensações quase inéditas a cada fibra nervosa do meu corpo. Eu simplesmente não podia evitar, e o fato de que ela necessitava ser guiada em meio ao breu parecia a desculpa perfeita para que eu fizesse o que havia muitos dias minha alma implorava. Era um erro, eu sabia. Precisava me resguardar e a ela também, pois chegaria o momento da verdade, o fim daquele simulacro em que eu era obrigado a atuar.

Virei-a de modo que ela ficasse a minha frente e empurrei-a com suavidade em direção à porta. Acho que era a primeira vez em muito tempo que eu a sentia tão perto de mim. Cada curva de seu corpo parecia se aproximar ao meu, fazendo morada e me dizendo que era certo estarmos assim.

PERIGOSAS ACHERON

Quando refreei o ímpeto de tocá-la, Aline hesitou, como se temesse deparar com uma parede ou um degrau a qualquer momento. Voltei a pousar a mão no ombro dela e a incentivei, em silêncio, a prosseguir. Involuntariamente, minha mão desceu e eu notei, ao tatear o nó do cinto, que ela usava um robe. Expandi os pulmões ao imaginar que isso era tudo o que ela usava e empurrei com força os pensamentos, tentando me concentrar no caminho escuro.

— Cuidado com a escada — adverti. Sabia que ao menos isso ela podia perceber, já que uma das paredes da sala, de pé-direito alto, era atravessada verticalmente por uma longa faixa em vidro, e esta permitia vislumbrar a vastidão tempestuosa lá fora, ainda que envolta em sombras. — Segure o corrimão e desça devagar — desloquei o outro braço e segurei sua mão, repousando-a sobre o guarda-corpo.

— Não estou enxergando nada... Que medo...

— Tranquila, não vou soltar você — e, como se precisasse provar que falava a verdade, arrastei a

outra mão até sua cintura.

Meus dedos, como que por vontade própria, foram além e traspassaram a barreira de seda que a cobria. A pele aveludada e quente encontrou meu tato e acordou o desejo que com tanto sacrifício eu vinha mantendo sob controle nas últimas semanas. Engoli saliva. Precisava cortar esse cordão invisível, a absoluta atração que nos mantinha unidos; eu tinha que acabar com aquilo imediatamente.

Eu queria, eu *precisava* me afastar, mas uma parte de mim a queria com loucura e comandava meus movimentos. Minha mão, mais uma vez parecendo um ser autônomo, deslizou sobre a barriga plana e a apertou, atraindo Aline para mim.

Ela devia ter sentido minha excitação, mas não se afastou como teria feito, alguns meses atrás, caso eu me aproximasse tanto. Senti que ela respirava com dificuldade, e isso incitou ainda mais meu lado imprudente, a fome que eu tinha dela. Imagens se formaram em minha mente como representações vivas. Eu quis subir a mão e enchê-la com um seio

PERIGOSAS NACIONAIS

volumoso — sentir o peso, a forma —; desejei inclinar a cabeça e provar da pele suave que parecia clamar por minha proximidade; eu queria tombar Aline ali mesmo, na escada, e tomá-la com fúria, com a mesma fúria da tormenta que se desatava lá fora.

Mas a escuridão que tomava a casa ainda não me encobria totalmente a razão. Eu podia não dominar o clima lá fora, mas ainda era senhor de mim mesmo, do meu destino. Pelo menos, era o que eu achava.

Pensei rápido, subjugando a duras penas meus sentidos acordados, e busquei logo um pretexto para me afastar, para nos salvar do desejo insano que me acometia.

— Espera, acho que eu tenho uma lanterna no quarto, vou buscar — eu disse como pretexto para sair de perto dela.

PERIGOSAS ACHERON

17

“No momento de maior escuridão, os homens veem as estrelas.” Ralph Waldo Emerson

Daniel

— Vou com você, não quero ficar sozinha aqui
— Aline estragou meus planos de manter distância.

Eu não respondi, mas também não impedi que ela me seguisse — O que eu poderia dizer, inferno? —, atordoado ainda pelo efeito que ela havia me causado.

— Acho que está na gaveta da cômoda, naquela

caixa cheia de bagulhos inúteis — comentei caminhando até a outra extremidade do quarto, quando senti um puxão na camisa; Aline, pelo que parecia, se recusava a se afastar de mim.

Tateei o móvel até encontrar a gaveta esquerda. Abri e rebusquei cegamente seu interior. Era a parte mais bagunçada da casa, um porta-trecos, e o fato de que eu precisava fuçar nela logo naquela noite, em meio à escuridão, era ínfimo ante as ironias que sitiavam minha vida nos últimos tempos. Toquei inúmeros objetos, mas nenhum cilíndrico como eu sabia que era a maldita lanterna, até que espetei o dedo em algo, talvez o cortador de unha.

— Ai, merda! — Afastei a mão e bati a gaveta com força, desabafando toda a minha frustração. — Não consigo encontrar a porcaria da lanterna — mas no fundo não importava, eu podia perfeitamente chegar ao andar de baixo, onde com certeza havia velas; só precisava de um momento para recuperar a razão.

Achei até que havia funcionado, que os ânimos já se haviam arrefecido, mas, quando me volvei, de

súbito, e dei um passo à frente:

— Ui! — ouvi ao colidir com Aline.

Estiquei os braços com atraso, e os dedos dela se agarraram a minha camisa, mas, em vez de ampará-la, eu me desequilibrei e fui puxado para baixo, caindo sobre ela no tapete macio.

— Ai! — soltou um grito agudo, e eu grunhi pelo esforço de amparar a maior parte do meu peso em um braço.

— Machucou? — perguntei arfando e toquei sua cabeça com uma das mãos.

— N... não. Foi só um susto — respondeu meio ofegante, ainda sujeitando minha blusa.

Acho que nunca, nem quando éramos recém-casados, estive tão ciente da presença dela, dos seios macios subindo e descendo sob mim; da respiração que arranhava o silêncio e erodia minha capacidade de raciocínio; da perna que, encaixada entre as minhas, me estimulava e açorava cada fibra da minha pele, deixando-me à mercê da loucura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aline arfou e só então notei que minha testa quase tocava a dela, que eu empurrava o quadril contra ela num movimento maquinal, para além de qualquer desejo consciente. Eu não poderia explicar como havia acabado naquela situação, mas estava ciente de que cada movimento que fazia para me proteger e me manter longe, desde aquele maldito acidente na encosta, somente nos aproximava mais. Era tentando não me queimar que eu queimava; era me aferrando ao salva-vidas que eu afundava; era pensando em satisfazer meus próprios anseios que eu pensava nela. Era tentando ganhar o mundo que o meu gravitava em torno dela como um planeta anão em torno do Sol.

Estiquei os braços fazendo menção de me afastar, mas os dedos agarrados a minha camisa me detiveram e ruíram qualquer fragmento de vontade que eu ainda possuía.

Contive o desejo de roçar a rigidez de meu corpo nela.

— Fica — ouvi.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — perguntei tentando a todo custo ocultar o fato de que ofegava.

Minha respiração, difícil, preencheu os segundos que ela demorou em responder. Cada fresta entre a inusitada troca de palavras parecia ser preenchida por denso e longo silêncio, rompido apenas pelo som de nossas respirações.

— Quero saber... como era — murmurou, e suas palavras pairaram como um véu escuro mas suave sobre minha mente.

— Como era... o quê? — A essa altura eu já deveria ter me afastado, disse a mim mesmo.

— Nós — sussurrou com um rastro de timidez.

Houve mais um momento sem palavras. A chuva amainava, mas dentro de mim desdobrava-se uma tormenta. As nuvens já deviam estar se dissipando, já que a luz da Lua se infiltrava timidamente pela janela à minha direita, recortando a silhueta do rosto de Aline e realçando o contraste entre o cetim do tecido do robe e a pele de seda dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aline, eu... — hesitei e me retraí, lutando por dentro.

— Sei o que está tentando fazer — preencheu o silêncio —, sei que quer me proteger e também entendo que esteja magoado por eu ter esquecido você, mas preciso saber... — e puxou minha camisa como quem se agarra à própria vontade. — Preciso saber o que é essa necessidade que eu sinto de estar perto de você. Preciso saber por que sinto a sua falta ao meu lado na cama, quando na minha cabeça não existe qualquer lembrança de já termos feito isso... — sua petição soava como uma confissão aos meus ouvidos, e por um momento deixei de respirar, tão forte era a impressão.

Senti a proximidade dos lábios dela, seu hálito morno. Eu respirava cada palavra, cada vocábulo era um violento sopro em sua direção, e cada fonema, o elo da corrente de paixão que queria me arrastar. Afastei-me um pouco fugindo da tentação, só para deparar com o pedaço de pele que se revelava sob meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Elevei uma mão quase inconscientemente, como um inseto que, confundido, corre para a insidiosa luz, a armadilha em que se perderá para sempre. Rocei a pele suave com a ponta dos dedos, ao passo que o agarre das mãos dela em minha blusa se afrouxava.

Queria baixar a cabeça e provar com a língua a tibieza daquela pele em vez de tocá-la. Queria aumentar a fenda do robe e contemplar os seios nus. Eu queria, mas *não podia* querer!

Porém eu já estava lá, meus lábios tocando devagar e devotamente um dos seios, que escapava. Pele contra pele, devagar. Mãos suaves deslizando sobre minha nuca, tocando meus cabelos. Fechei os olhos sentindo apenas a oferta tentadora que, como um manto da mais fina seda, ela estendia sobre minha pele enquanto me cobria de carícias. Ficaria assim por toda a vida, apenas sentindo aqueles afagos que havia tanto tempo me eram negados.

Então uma emoção sem precedentes, maior que qualquer desejo sexual, se infiltrou ocupando uma a uma as células do meu corpo, e eu repousei a face

direita sobre os seios macios. Deslizei os braços para baixo, tombei para um lado levando-a comigo e a abracei com força, tentando acomodar as emoções que faziam procuração de cada sopro da minha alma, de cada fibra sensível que me perpassava a pele.

Saudades, medo, regozijo... Necessidade.

Tanto tempo, Deus, faz tanto tempo.

— Daniel — ouvi e senti as mãos que deslizavam sobre minhas faces.

Com delicadeza, Aline me obrigou a encará-la e buscou minha boca; um roçar tímido, e outro. E outro mais prolongado. Ela separou os lábios mornos, que toquei suavemente com os meus; senti seu gosto, e a pequena prova postulava minha entrega.

O contato comedido logo se tornou um beijo sequioso e devastador.

Com uma perna entre as dela, deixei que as mãos vagassem e se movimentassem livremente,
PERIGOSAS ACHERON

reencontrando e reconhecendo cada curva, cada cavidade do corpo suave e complacente que ondulava sob o meu.

Aline também me acariciava com avidez. Costas, braços, quadris.

Interrompi o beijo e me coloquei sobre ela de novo; arrastei os lábios úmidos até seu colo, que subia impaciente de encontro ao meu peito. Tomei um mamilo entre os lábios e suguei, enquanto minha mão descia, tocando-a intimamente sobre a calcinha úmida. Ouvi um gemido e me acomodei entre as pernas femininas, que subiram e abraçaram minha cintura.

— Aline... — sussurrei tomado por uma vontade brutal de fazer amor com ela.

E voltei a beijá-la.

Mãos deslizaram pelas laterais de meu torso e me despojaram da blusa; passearam por minhas costas e me roubaram a razão. Os quadris que me buscavam com desenfreno me encheram de um desejo desesperado; a necessidade de estar dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dela sobrelevava qualquer pensamento e toda a cautela.

Com um gesto brusco, baixei a cueca e então afastei a peça de renda que ainda nos separava. Ensandecido, não pude suprimir um gemido enquanto a penetrava e me perdia na umidade quente de seu corpo.

Comecei a mover os quadris devagar e foi como se, nesse instante, eu adentrasse o caminho para casa. Essa sensação me impelia, apressava obrigando-me a acelerar o ritmo, e eu fui incapaz de refrear a pressa por chegar.

Entre beijos apaixonados, cada investida levava uma camada das defesas que eu havia erigido. Elas literalmente desmoronavam e deixavam-me exposto ante minha própria paixão; e vulnerável a tudo de que eu me resguardava havia tanto tempo.

Pouco a pouco, a impressão de regresso dava lugar a uma sensação de acolhimento e não tardei em derramar todas as minhas ânsias dentro da minha mulher, abafando um urro de desafogo e

PERIGOSAS ACHERON

prazer.

Pesei sobre ela e permaneci estático. As reminiscências do orgasmo misturavam-se às intensas emoções que resvalavam sobre mim feito uma chuva de gelo e fogo. Rolei para o lado e, um par de segundos depois, eu me levantei.

— Já volto — eu disse e abri passo em meio à escuridão do quarto.

Entrei no banheiro e fechei a porta. Mais dois passos e eu me apoiaria à pia, mas não contive os tremores do corpo; meus joelhos vacilavam, e eu me agachei apoiando neles os antebraços. Suguei o ar com força tentando deter as lágrimas e o urro violento que queria rasgar minha garganta e ganhar o ar. Cerrei os dentes apenas abafando os bramidos, o corpo convulsionando, o rosto alagado.

Ela tinha conseguido, tinha escavado profundamente dentro de mim e me despido de cada estrato de defesa. Encontrara o sentimento sobre o qual eu achava já ter atirado a última pá de terra. Cada gemido, cada grunhido que me havia

arrancado; cada gota que eu tinha derramado dentro dela hasteara um pouco mais o estandarte do amor que eu achava morto.



Aline

Havia algumas semanas, eu já tinha deixado de negar que me sentia atraída por ele, mas ainda resistia em assumir que poderia haver algo mais. Eu não compreendia, ou simplesmente me negava a reconhecer que os saltos do meu coração ante a proximidade da chegada de Daniel, que aquela necessidade de sentir seu cheiro, de provocar seu riso pudessem significar algo tão importante. Eu me iludia dizendo a mim mesma que era a culpa o que me empurrava para ele.

Mas, se é verdade que todos os gatos são pardos à noite, o mesmo deve valer para algumas emoções, especialmente para a covardia. E nessa mesma noite ficou patente outra verdade: alguns sentimentos são indisfarçáveis, sequer a noite mais escura, o relâmpago mais ofuscante ou os sons da

PERIGOSAS ACHERON

tempestade mais intensa são capazes de encobri-los. Prova disso é que não sei se eu teria tido o valor necessário para confessar o que eu queria e para beijá-lo se ele pudesse me ver com clareza.

Certo, eu não esperava que fôssemos tão longe. Esperava um beijo, talvez um abraço. Não imaginava que, no momento em que ele me tocasse, eu fosse me oferecer a ele, como eu fiz.

Bom, pareceu certo. O corpo quente e ávido de Daniel já não estava sobre o meu, mas, ainda assim, não havia arrependimentos da minha parte. Muito pelo contrário, tinha sido um momento de descoberta; nunca em minha vida eu tinha me sentido tão conectada a alguém.

Já não podia negar que, ainda que inconscientemente, eu também sentia saudades e, olhando por esse lado, não era de se estranhar minha entrega. Sim, “*também* sentia saudades”, pois não precisava ser um gênio para saber que era assim que ele se sentia em relação a mim. Se eu tinha alguma dúvida sobre os sentimentos daquele homem, isso não havia mais. Ele me queria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel não tinha sido delicado e tampouco cuidadoso. Pelo contrário, fora apaixonado, ganancioso, impaciente. E eu gostei disso. Gostei porque, mais do que de prazer, bebi da sua entrega absoluta; senti na pele e quase pude ouvir os ruídos surdos e harmoniosos da conjugação perfeita e absoluta que nossa união traduzia e compunha.

Não tive um orgasmo, sequer cheguei perto disso, mas ainda assim foi prazeroso e revelador. Gostei de testemunhar seu descontrole, o desdobramento de emoções quase violento que em cada movimento ele exsudava. Gostei porque senti que ele era movido por pura emoção e porque aquilo era o mais autêntico e intenso que eu havia experimentado em toda a minha vida, pelo menos até onde me lembrava. Por isso não me importei quando ele afastou minha calcinha com brusquidão e me penetrou sem retirar meu robe, sem se preocupar com preliminares. O que ele demonstrava sentir parecia muito mais intenso que tudo isso, e ponto final.

Meu marido me amava, e essa era a verdade mais preciosa com que ele já me havia brindado

PERIGOSAS ACHERON

desde que eu o havia conhecido pela terceira vez. E eu tive ainda mais certeza disso depois que ele se ergueu e foi chorar no banheiro. Pois é, eu ouvi. Havia me levantado logo atrás dele pensando em acompanhá-lo, mas me detive frente à porta fechada, ao ouvir os gemidos que ele emitia enquanto despejava as emoções que, certamente, não tinha deixado aflorar enquanto me amava.

Meu coração se condoera. Daniel estava sofrendo e, ainda que eu tivesse ouvido isso daquela enfermeira, da psicóloga e até mesmo já tivesse dito isso a mim mesma inúmeras vezes, contemplar a dimensão dessa verdade ressonada naquele pranto tão dolorido era insuportável, rompera meu coração em mil pedaços e me enchera de pesar.

Foi assim que eu soube que também o amava.

Podia não me lembrar de mais nada sobre nosso passado, mas sabia, bem lá no fundo, que o amava intensamente. Tantas perguntas eram respondidas, a necessidade de estar perto, de vê-lo sorrir...

PERIGOSAS NACIONAIS

Era bem verdade que a culpa ainda me incomodava de alguma forma, mas ela era só minha, nada tinha a ver com o que eu sentia por aquele homem.

Sempre pensei no amor como algo que se constrói pouco a pouco e que se consolida nas memórias de cada detalhe que o erigiu. Então, sem dúvida, era estranho pensar em um sentimento tão profundo totalmente desprovido de lembranças. No entanto ele estalava ruidosamente em meu peito enquanto eu reprimia o desejo de abrir a porta, entrar, e atrair Daniel para junto do peito, e embalá-lo, e afagá-lo até que a dor passasse.

Eu já estava havia uns dois minutos com a testa pregada à porta, quando o choro dele pareceu cessar, substituído pelo jorrar da água na pia. Limpei as lágrimas, que só então notei que haviam vertido, e voltei para a cama; não queria que ele me encontrasse ali e nem que soubesse que eu havia testemunhado seu desabafo. Se Daniel havia se trancado era porque queria privacidade, e não importavam seus motivos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me deitei na cama, recostei-me ao travesseiro e logo o peso de Daniel afundou o colchão, ao meu lado. Um braço me atraiu pela cintura e ouvi um pálido murmúrio junto ao ouvido:

— Desculpe.

Não sabia se ele me pedia desculpas por não ter me esperado ou se por ter saído e se trancado no banheiro, mas dei de ombros, satisfeita com as descobertas daquela noite. Meu coração estava manso, complacente e quase derretido de amor por ele.

— Fazia muito tempo — disse à guisa de explicação.

Eu não respondi, mas acariciei o braço que me envolvia, eximindo-o do que quer que fosse. Sua fala era ambígua, eu ainda não sabia ao certo do que ele se desculpava, mas perdoaria quase qualquer coisa naquela noite.

Até o fato de que meu assado já devia ter virado um torresmo gigante àquela altura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

18

“Nosso arrependimento não é tanto um remorso do mal que cometemos, mas um temor daquilo que nos pode acontecer.” François La Rochefoucauld

Daniel

Meu Deus, que merda eu estava fazendo com a minha vida?

Atirei a caneta sobre a mesa, não conseguia me concentrar. A falta de energia elétrica na noite anterior tinha apagado não só as luzes da casa, mas

também meu condenado cérebro. De repente, eu padecia da mais absoluta burrice, só podia ser isso!

Onde eu estava com a cabeça? Não podia ter caído na tentação, não podia ter transado com ela! Não quando estava com tudo pronto para me divorciar; não quando ela estava tão confusa e desconhecia fatos importantes em torno da nossa vida; não quando eu sabia que a verdadeira Aline não toleraria minhas patas em cima dela e evitava qualquer intimidade comigo havia anos.

Eu nunca tinha me sentido tão desleal como naquela manhã, depois de acordar, nu, abraçado a ela, e com o cérebro funcionando de novo. E o pior era que nem tinha sido uma vez só. De madrugada, eu ainda estava pensando com o pau e tinha arranjado um jeito de me meter entre as pernas dela de novo, fazendo a mesmíssima burrada. Só que devagar. Devagar é bom pra caralho. Porra.

Não podia permitir que aquilo acontecesse de novo. Precisava evitar Aline custasse o que custasse, disse a mim mesmo e me levantei pensando nas repercussões da noite anterior.

Quase cavei uma trincheira no piso, andando de um extremo a outro da sala, e era bom que isso não tivesse acontecido, porque eu era bem capaz de me enfiar nela para não sair nunca mais.

Deslealdade não era minha única preocupação, pensei esfregando o peito com uma mão, como se esse gesto fosse capaz de acomodar as emoções que faziam arruaça dentro de mim. Emoções desencontradas para piorar, já que aquela noite tinha superado qualquer expectativa que algum dia eu tinha tido em relação a nós dois. Tinha mexido muito comigo, despertado sentimentos adormecidos, e isso me conduzia a ideias absolutamente temerárias. O que aconteceria se eu decidisse gritar um “foda-se” para todos aqueles escrúpulos e medos que me refreavam e atormentavam?

Não, não, melhor parar por aí, Daniel!

Por enquanto estava tudo bem — droga, ela parecia apaixonada —, Aline estava receptiva e disposta, mas logo “acordaria” e se ataria àquelas cadeias de amargura de novo. E então, o que eu

faria com a porcaria da minha vida?

Voltei a me sentar e tentei me concentrar no amontoado de laudos à minha espera, mas tudo que conseguia fazer era pressionar a extremidade da caneta, mostrar e esconder a ponta esferográfica refletindo a indecisão que me atormentava, produzindo um ruído irritante.

— Daniel, aquele terreno que você avaliou há uns seis meses, em Belas Paragens — ouvi, mas a voz de Gabriel pareceu distante. — Acho que é melhor falarmos com o proprietário mais uma vez, ele não parece ter entendido direito como será feita a preparação do terreno, não está deixando nosso pessoal trabalhar... — ele se calou de repente, mas logo continuou. — Qual é o problema com a porra da caneta?

— O quê? — perguntei induzido pela mudança abrupta de assunto e o olhei.

— Cara, eu estou falando há um tempão com você. Qual é o *seu* problema?

— Ahn... desculpe, eu... nem vi você entrar. —
PERIGOSAS ACHERON

Massageei a testa com três dedos, uma tentativa fútil de mudar o rumo dos pensamentos. — Que houve?

Em vez de responder, Gabriel franziu a testa e devolveu, em tom preocupado: — Eu que pergunto, aconteceu alguma coisa?

Esvaziei os pulmões com um sopro forte e olhei para meu amigo.

— Fiz uma merda, uma porra de uma merda monumental, cara — eu disse e apenas nos olhamos por alguns segundos, ele claramente aguardando que eu me explicasse. — Mas deixa isso pra lá. O que estava dizendo?

— “Deixa pra lá” é o caralho. — Sentou-se na cadeira à frente da mesa, dando todos os sinais de que estava de prontidão para me ouvir, e continuou. — Despeja logo.

Levei as mãos ao rosto e o esfreguei como se isso fosse organizar minhas ideias, então me empertiguei, cheio de dignidade, e contei tudo, como se estivesse dentro da porra de um PERIGOSAS ACHERON

confessionário:

— Transei com a minha mulher, cara. — Olhei-o esperando ver compreensão, algo como complacência divina, nos olhos dele, mas, em vez disso, notei que seu rosto se contorcia e que ele prensava os lábios de modo estranho.

Aquele safado estava rindo de mim.

— Não tem graça — adverti muito sério.

— Eu... — começou com a voz estrangulada — é que... — ouvi mais alguns sons abafados que ele emitia e entrecebrei os olhos tentando intimidá-lo, mas foi inútil, porque ele explodiu numa gargalhada estrondosa, o filho de uma cadela.

Sem paciência para a zombaria de Gabriel, eu balancei a cabeça, suspirei e me ergui, retomando o vaivém através da sala.

— Foi mal, cara, mas você tem noção do quanto soou bizarra essa frase? — Gabriel perguntou, os vestígios do riso ainda em sua voz. — Até pra mim, que sei da sua situação, soou PERIGOSAS ACHERON

esquisito pra caralho — acrescentou, e eu lhe enderecei um olhar enviesado.

— Por isso mesmo. Você sabe que meu caso é diferente — ponderei.

Gabriel inclinou a cabeça parecendo considerar, respirou fundo e recobrou a postura.

— Certo, confesso que não esperava que isso acontecesse, mas também não é para tanto.

— Não? Sério?

Ele apenas alçou os ombros, não se retratou, e eu, com um gesto enfadonho, me dispus a explicar o que ele já sabia.

— Eu e a Aline estamos praticamente separados, os documentos só precisam ser assinados por ela, e você sabe que, depois que recuperar a memória, ela vai ser a primeira a querer acabar com tudo logo de uma vez...

— Daniel — interrompeu-me e eu parei de andar, olhando-o de modo interrogante. — Cara,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você forçou a barra, tirou proveito do fato de ela não se lembrar de nada, ou contou alguma mentira para levar Aline para a cama?

— Não, porra! — repliquei de imediato, alarmado. — Pelo contrário, eu evitei a Aline durante todas essas semanas, você sabe disso! Aconteceu!

— Então ela também quis, foi consensual — falou como se tudo fosse muito simples e estivesse resolvido.

— Não, não foi — discordei. — Eu sabia que no fundo Aline não queria, que ela não me tolera e só não se lembra disso.

— Cara, não existe isso de “ela não sabe que não me quer”. Sua mulher não ficou demente, só perdeu a memória, não os sentimentos ou a sanidade. Acredito que ela saiba muito bem o que quer! E outra, você sabe que os motivos dela para manter distância não tinham nada a ver com você.

— Será, cara? Será que não tinham mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

— Para de procurar cabelo em ovo! Eu acho mesmo é que a sua mulher está mais sã agora do que antes!

— Pois eu acho que o único motivo que Aline tinha para não me deixar era medo de não segurar a barra sozinha. Ela não me amava mais.

— Disso você não pode ter certeza.

— Eu durmo na mesma cama que ela há anos, como não teria certeza?

— Está aí a noite passada para ao menos fazer você pensar.

— E ela só esqueceu tudo, não mudou de ideia — continuei, ignorando o que ele havia dito. — Isso sem falar naquela situação com a Kayla. Quando Aline lembrar ... Cara, não quero nem imaginar. Meu dever era evitar que isso acontecesse. Não só por ela, mas também por algum instinto de preservação que eu deveria ter, mas pelo visto isso está me faltando.

— Okay, você não deixa de ter certa razão.
PERIGOSAS ACHERON

Quando Aline recuperar a memória, pode ser que ela peça sua cabeça, ou, talvez, alguma outra parte da sua anatomia. — Cruzou as pernas compondo uma expressão estranha.

— Ah, tá, agora eu posso dormir tranquilo — bufei.

— Mas, agora que a merda está feita, não adianta ficar nesse estado. Se isso acontecer, se ela se lembrar de tudo, não vejo que diferença vai fazer, já que você vai se divorciar. — Encolheu os ombros.

— Você não entende.

— Só falei o que você queria ouvir. Está se sentindo culpado e precisando de umas chibatadas, e amigos são para essas coisas.

Parei de andar e o olhei de esguelha. Gabriel também não deixava de ter razão — pelo menos se eu ignorasse a parte que não tinha contado a ele, sobre aquilo que acontecia *dentro* de mim —, eu estava atrás de redenção, queria me expurgar da culpa. Só então pensaria no que estava sentindo, só

PERIGOSAS ACHERON

então teria esse direito.

— Okay — eu me rendi —, diga logo o que pensa dessa porra toda.



Gabriel

Manter o rosto impassível sempre foi fácil para o meu amigo. Ele podia parecer bem frio e taciturno às vezes, dependendo de seu estado de espírito, mas naquele dia estava mais transparente que um diamante. Eu, da minha parte, precisei fazer um esforço sobre-humano para me manter indiferente, enquanto uma enxurrada de emoções transformava seu rosto atormentado. Conhecendo-o como conhecia, eu sabia que ele não me tinha contado tudo que o angustiava.

Eu entendia a aflição dele. Não sabíamos como Aline reagiria quando recobrasse a memória, poderia ser desastroso, ele poderia sair ainda mais machucado, e ela também. Talvez eu devesse

encorajá-lo a aumentar ainda mais a distância, a evitá-la custasse o que custasse, para o bem de ambos, mas algo me dizia que nada do que tinha acontecido desde que ela caíra naquela encosta tinha sido em vão.

Eu também poderia ter sido direto, poderia ter recitado o que estava escrito bem na testa dele, “idiota apaixonado”, mas sabia que Daniel se assustaria e negaria até a morte. Talvez fosse difícil para ele admitir o que estava sentindo; isso complicava tudo, pelo menos no que dizia respeito a seu plano de se divorciar. Ou não. Ia depender de como Aline reagiria a tudo depois que se recuperasse.

E o que eu havia dito a ele sobre querer se redimir também era certo, mas não era tudo. Meu amigo queria redenção, sim, mas não com fim nela mesma, ou simplesmente para apaziguar a culpa. Embora não admitisse, talvez nem para si mesmo, ele queria a certeza de não estar aniquilando as chances de conseguir o perdão da mulher dele; queria conservar qualquer possibilidade que ainda houvesse de reedificar aquele amor.

Eu não quis me antecipar e tampouco assustá-lo, caso ele ainda não tivesse assumido isso para si mesmo, então resolvi atirar apenas parte da verdade na cara dele, provocá-lo.

— Mesmo se Aline o odiar ainda mais, vocês continuam na mesma, perto do fim. Então não vejo motivo para essa tempestade em copo d'água — aticei sem dó.

Daniel me olhou com cara de poucos amigos. Seu cenho franzido o delatava. Estava muito claro que a palavra “fim” tinha sido recebida como uma bofetada por ele, e eu ri por dentro ao confirmar minha suspeita. Havia vários meses, quando ele tinha me dito que queria se separar, e depois, enquanto corriam os trâmites, Daniel parecia tão decidido, que jamais pensei vê-lo assim, preocupado com o que Aline pensaria das atitudes dele. E essa preocupação só podia significar uma coisa.

Após anos vendo meu amigo sofrer naquele casamento, eu o apoiei quando ele me disse que se divorciaria. Não me arrependo, Daniel estava

adoecendo também, e Aline precisava de um empurrão, de uma sacudida. Porém, agora, os revezes provocados pelas circunstâncias pareciam revolver a história deles, como se uma mão divina escavasse fundo e trouxesse à tona detalhes importantes, soterrados e esquecidos nos escombros daquela relação. E talvez isso pudesse salvá-los de si mesmos.

Nunca vou deixar de me impressionar com isso, com a capacidade que alguns fatos isolados têm de encobrir toda uma história repleta de alegria, felicidade, plenitude. Os dois eram felizes, eu me lembro muito bem disso e os tinha inclusive como exemplo. Como foi que chegaram a isso? Ah, claro, como eu poderia me esquecer daquilo?

Mas o contrário também pode ocorrer. O mais insólito pode acontecer e nos surpreender. As circunstâncias também podem atuar a nosso favor. Não entendo que mistérios podem haver por trás disso, mas, passado o susto, fiquei contente com essa reviravolta. A queda dela naquela encosta tinha mudado tudo. Eles teriam muitos obstáculos que ultrapassar e corriam risco de ferir um ao outro,

mas eu sentia que a vida lhes dava uma oportunidade de consertar tudo. Eu não diria isso a ele tão cedo, claro; era melhor não o assustar e deixar que ele se desse conta da verdade em doses homeopáticas.

— Bom, resolvido isso, vamos trabalhar. — Decidi que bastava de provocações. Por ora. Talvez eu tivesse soado apático e objetivo demais, mas era exatamente assim que Daniel atuava antes de Aline perder a memória e, soando como ele, talvez o ajudasse a repensar tudo. — Como você está de serviço na segunda quinzena? Acha que pode resolver essa pendência em Novas Paragens para mim?

— Não dá para ser antes? — perguntou numa mescla de esperança e desespero. Queria fugir.

Seria possível que Daniel não conseguisse manter as patas longe da mulher dele nem por uns míseros dias? Não que eu torcesse por isso ou achasse que ele deveria se distanciar como estava pretendendo, mas sabia que esse era o objetivo dele. Já o meu, bem... era atrapalhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Veríamos como ele se sairia.

Nunca me tinha imaginado nesse papel de alcoviteira, mas não conseguia pensar em outra maneira de ajudar aqueles dois. Certas coisas — dependendo do nível de teimosia das pessoas implicadas — precisam ser resolvidas assim; deixando os cabeças-duras acharem que vão fazer a exata asneira que têm em mente.

— Impossível — respondi taxativo. — O dono do terreno viajou e só volta daqui a quinze dias.

Ele exalou num gesto vencido.

— Está certo — aquiesceu decerto contrariado. — Segunda quinzena, então — disse e voltou a se sentar. — E você e a Désirée, como vão as coisas? — Daniel mudou de assunto e começou a remexer sua papelada.

— Tudo bem. — Encolhi os ombros. — Prometi levá-la ao teatro semana que vem, tirar férias em no máximo dois meses, e ela ficou mais calma.

PERIGOSAS ACHERON

— Você, tirar férias? — Daniel parecia incrédulo.

— Cara, eu adoro tirar férias! — exclamei. — Você sabe que não é por opção que eu me mato aqui, sabe da responsabilidade que assumi quando aceitei dirigir esta sucursal e o que meu empenho pode significar para o futuro da minha família.

— Sei, sei. E sei também que você é viciado em trabalho; por isso mesmo estou abismado. Que feitiço a Désirée conjurou pra convencer você a tirar férias?

Foi minha vez de suspirar.

— Semana passada foi o pior momento para a Désirée me enlouquecer com essa coisa de passear e se divertir, eu estava até aqui de problemas, mas ela não deixa de ter razão.

— Ah, é. E o que o fez mudar de ideia?

— A Lulu.

— A Ana Luiza? — Daniel riu. — Eu sempre
PERIGOSAS ACHERON

soube que você comia na mão dessa menina. — Ela maneja você só balançando o dedo mindinho — brincou mexendo o dedo mínimo.

Eu sorri. Era verdade que eu mimava além da conta a minha caçulinha e que ela podia conseguir quase qualquer coisa de mim, mas a situação não tinha sido bem assim. Notar que qualquer tipo de insegurança rondava meus filhos, isso, sim, me enlouquecia. Sei que às vezes eu tendia a ser superprotetor em relação a eles e que aprender a lidar com as incertezas e frustrações poderia ajudá-los a crescer preparados para enfrentar a vida lá fora, mas eu simplesmente não podia evitar. Eles eram meu Calcanhar de Aquiles.

— Ontem depois que cheguei, a Ana Luiza entrou no quarto e deitou comigo na cama. Eu estranhei, àquela hora ela já devia estar dormindo — contei. — A Désirée estava no escritório, entretida no computador, nem tinha visto a Lulu sair do quarto — expliquei.

— E?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela disse que não queria ser uma criança abandonada. — Sorri com tristeza, enquanto meus olhos se perdiam num ponto qualquer da sala. — Eu estranhei, claro, de onde ela tinha tirado uma ideia dessas? Aí fui puxando conversa, tentando entender o porquê de ela dizer aquilo e acabei sacando tudo. — Elevei o olhar e encontrei o semblante atento do meu amigo. — Ela tinha percebido o clima entre mim e a Désirée, e acho que ouviu alguma de nossas discussões. Estava insegura, com medo de que eu fosse embora de casa, de que os deixasse.

— Você falou em separação com a Désirée?

— Óbvio que não! Nós brigamos às vezes, como qualquer casal, mas nunca nem pensei nisso! Eu não quero me separar. E nós não costumamos discutir perto dos meninos, mas minha filha deve ter acordado em algum momento e nos ouvido.

— Impressionante como as crianças são sensíveis à “atmosfera” a volta delas. Legal que a Lulu tenha falado sobre isso, mesmo que de um jeito retorcido. Naturalmente, você a tranquilizou.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro — respondi. — Sei que eu exagero nessa coisa de trabalho, mas minha família é mais importante que tudo. Eles são tudo pra mim. — Vi que ele assentia, mas o assunto “família” pareceu tê-lo entristecido, e seus olhos assumiram um brilho soturno. Achei por bem encerrar o assunto. — Bom, por falar em trabalho, chega de conversa fiada, *bora* trabalhar! — e fiquei de pé, retirando-me em seguida.

19

“Não são os grandes planos que dão certo; são os pequenos detalhes.” Stephen Kanitz

Daniel

O Sol nem mesmo se insinuava no horizonte, mas eu já estava quase pronto para sair para o trabalho. De frente para o armário, dobrei um punho da camisa até o cotovelo e, quando finalizava o mesmo trabalho com o outro, percebi um movimento vindo da cama. Olhei naquela direção e não pude deixar de me voltar, olhos e pensamentos se perdendo nela.

Deitada de bruços, Aline esticava um braço procurando-me no espaço vazio, mas não parecia ter despertado. Meus lábios se esticaram como que por vontade própria. Quase cedi à tentação de mandar tudo para o inferno, voltar a me deitar com ela, abraçá-la como eu morria por fazer, mas a razão falou mais alto e, com um suspiro, tratei de sair do quarto antes que Aline acordasse.

Desde aquela noite eu tinha voltado a dormir em nossa cama; continuar dormindo no sofá suscitaria perguntas que eu não estava preparado para responder. Mas eu agia sigilosamente, evitava a qualquer custo acordar Aline ou tocá-la, e isso era uma verdadeira tortura. Já não era como durante aqueles anos em que eu dormia com a Aline apática; essa de agora me provocava só pelo fato de existir e até seu cheiro parecia mais sedutor. Ela transpirava receptividade até enquanto dormia e, quando sem querer se aconchegava a mim, me levava ao inferno.

Havia três dias eu me comportava feito um criminoso, chegava do trabalho de madrugada, entrava em casa com sapatinho de algodão e saía ao

alvorecer, tudo para não encontrar Aline acordada. Graças ao medicamento que ela andava tomando, minha estratégia estava funcionando, mas até quando? Até quando eu conseguiria evitá-la e, a pergunta mais importante, até quando eu me comportaria daquele modo patético?

Assumo que estava atuando feito um idiota covarde, mas a verdade era que eu estava mesmo era perdido entre certezas e incertezas. Eu precisava daquele tempo para colocar as ideias em ordem, para calcular meus passos; eu era assim, não funcionava sem um plano, não conseguia simplesmente me deixar levar.

Mas uma coisa era certa. Depois daquela noite em que ficamos sem energia elétrica, nada era nem seria como antes do acidente de Aline. O homem que queria se divorciar tinha desertado e agora eu não me reconhecia nele. Tinha sido pura ilusão, um avatar criado por mim mesmo para atuar na versão simulada de felicidade que eu projetava. Onde eu estava com a cabeça ao pensar que podia construir uma vida sem ela? Como pude pensar em abandonar o barco deixando Aline se afogar

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha nas ondas inesperadas da nossa história, no que havíamos construído juntos, houvesse dor ou não? Tudo tinha sido ilusão, inclusive a certeza de que já não a amava. Eu já não podia negar meus sentimentos, porém agora não sabia o que fazer com eles. Continuar a partir desse ponto não seria como prosseguir de onde estávamos antes de eu me perder; eu havia tomado decisões e feito coisas que postulariam seu preço, haveria consequências. Isso sem falar na possibilidade de ela curvar-se à tristeza de novo. Mesmo estando disposto a enfrentar tudo para refazer minha vida com ela, com tudo o que havia acontecido depois, era difícil acreditar que eu poderia reverter aquele jogo.

Queria que tudo fosse fácil e descomplicado. Queria poder simplesmente esquecer tudo que me havia levado até o ponto de querer me divorciar; queria começar de novo, mas eu sabia que “começar de novo” seria apostar todas as fichas em um jogo praticamente perdido. A não ser que ela não se lembrasse de nada. Nunca. Mas crer nisso seria apostar alto demais; seria construir uma vida sobre frágeis pilares revestidos de mentiras.

PERIGOSAS ACHERON

Mais tarde, no trabalho, fui mais uma vez interrompido por meu chefe e amigo.

— Daniel. — Gabriel coçou a nuca parecendo constrangido. — Tem um minuto?

— Claro — respondi tirando os olhos da tela do notebook. — Na verdade eu tinha todo o tempo do mundo, já que meus serões forçados nos últimos três dias tinham me deixado ocioso.

— E então, como vão as coisas em casa? Aline está bem? — perguntou ao sentar-se.

Encolhi os ombros. Apesar de não conversarmos havia dias, eu estava sempre pendente do bem-estar dela, ainda que a distância.

— Tudo bem — respondi.

Ele balançou a cabeça, mas com o olhar me escrutinava parecendo querer confirmar.

— Que bom. Mas... E vocês, quer dizer, os dois se acertaram, ou você ainda continua com a ideia fixa de... — enquanto Gabriel gesticulava percebi

PERIGOSAS ACHERON

um objeto que balançava na mão dele.

— Estou dando um tempo — interrompi taxativo.

— Ah... Então conversaram — deduziu.

Tirando os olhos rapidamente de mim, Gabriel analisou o objeto. Em seguida o levou à boca e o mordeu fazendo uma careta. Contraí o cenho e me inclinei para a frente, tentando ver o que ele estava fazendo.

— Que é isso? — perguntei em vez de responder à pergunta dele.

— Hein? — Ergueu o olhar, mas não deixou de morder a coisa que tinha na boca.

— Isso na sua boca.

— Ah! É uma pulseira de coco da Lulu; arrebentou e ela pediu que eu arrumasse. Quando eu colocar os pés em casa, vai ser a primeira coisa que ela vai pedir.

Estendi a mão, e Gabriel me entregou a pulseira. Examinei-a e notei duas argolinhas abertas.

— Vai arrebentar seus dentes desse jeito — adverti.

Ele deu de ombros e eu abri uma gaveta procurando um kit de miniferramentas que costumava guardar ali. Encontrei a caixinha e retirei dela um pequeno alicate. Eu já estava concentrado em fechar uma das argolas, quando Gabriel recobrou o assunto anterior.

— Mas e aí, vocês conversaram?

— Claro que não, estou dando um tempo justamente porque não quero conversar. Não ainda.
— Tirei os olhos do que estava fazendo e o relanceei.

Gabriel ostentava uma carranca indecifrável e me encarava. Pensei ter visto um matiz judicioso na sobrancelha que ele arqueava e cogitei me explicar, mas ele abriu a boca dando sinais de que continuaria a falar, e eu me calei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não queria ter que tirar você da cidade esta semana, mas estou numa saia-justa do caralho e não sei quem mais pode me ajudar.

— Que houve? — perguntei voltando a olhá-lo, mas logo retomei o reparo da pulseira da pequena Ana Luiza.

— Sabe aquele terreno de Novas Paragens? — Eu assenti e ele continuou. — Pois é, eu disse que queria você lá na segunda quinzena, mas o proprietário retornou antes do previsto e está deixando nosso pessoal louco de novo. Pensei em mandar o Abreu, mas ele é cabeça-quente, vai acabar metendo os pés pelas mãos.

— Tudo bem, posso dar um pulo lá. Acho que em uns dois dias resolvo tudo. Tiro um dia para conversar com o proprietário, esclarecer tudo, e outro para acompanhar o andamento dos trabalhos, ter certeza de que ele não vai mais interferir.

— Cara, você faria isso? — quase choramingou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro — respondi em tom plano e entreguei a ele a pulseira.

Gabriel observou com atenção as duas argolinhas e, parecendo aprovar meu trabalho, balançou a cabeça.

— Valeu — disse erguendo-a e retomou. — Ahn... Depois que conversamos, eu tinha resolvido cuidar dessa pendenga em Novas Paragens eu mesmo, mas esta semana tenho um circuito de reuniões e...

— Gabriel, não esquentar, eu estou tranquilo, meu serviço está até adiantado.

— E a Aline?

— Vou arranjar alguém para ficar com ela; quando quer que eu vá?

— Hoje mesmo, agora se possível. Um terço das máquinas usadas lá são terceirizadas e a maior parte do pessoal também; quanto menos tempo ficarem paradas menos prejuízo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, só preciso fazer um telefonema e passar em casa para trocar de carro, pegar umas mudas de roupa...

— Vou junto. No caminho eu explico uns detalhes, e depois você me deixa em casa.



Cerca de meia hora mais tarde, eu e Gabriel entrávamos pelo portão da minha casa e eu agradeci que ele estivesse comigo. Apesar de ter prometido a mim mesmo decidir o que fazer sobre minha vida com Aline o quanto antes, com a viagem eu teria que adiar meus propósitos, então era melhor evitar perguntas que porventura ela pudesse fazer.

Mas, ao entrar pelas portas francesas, deparamo-nos com uma cena inusitada. Aline, sentada de frente para outra mulher, tomava um refresco e conversava animadamente. Ela se levantou ao nos ver, e a outra, que se encontrava de costas para a porta, relanceou-nos por sobre os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros. Imitando sua anfitriã, a mulher ficou de pé, voltou-se em nossa direção, e ambas aguardaram que nos aproximássemos.

— Boa tarde — Gabriel precipitou-se, com seus modos costumeiramente despachados, e se aproximou das duas mulheres. — Aline, como vai? — cumprimentou minha esposa com um beijo no rosto.

— Oi, tudo bem? — Aline correspondeu sorrindo com simpatia. — Chegou mais cedo hoje... — disse se dirigindo a mim. — Ah, essa é Tessa; esse é o Gabriel — apresentou nossos amigos.

Também cumprimentei a moça, que eu já conhecia, Aline nos convidou a sentar e a tomar um suco, mas eu declinei; pedi licença a todos e subi deixando meu amigo à mercê das duas mulheres.

No quarto peguei uma pequena bolsa de viagem, guardei nela uma calça jeans, uma bermuda e um par de *t-shirts*. Então fui até o banheiro e acrescentei à bagagem alguns produtos de higiene, sabonete, loção pós-barba...

PERIGOSAS ACHERON

— Aconteceu alguma coisa? — ouvi às minhas costas e, pego de surpresa, me sobressaltei ligeiramente.

Segurei o fôlego e olhei por sobre o ombro, desarmado pelo sorriso com que Aline me brindava. Eu me virei para ela e não pude deixar de corresponder ao seu gesto, esticando um pouco os lábios. Pelo que tudo indicava, eu continuava naquele mesmo ciclo, lutando contra a maré e sendo arrastado, aproximando-me quando buscava distância; impotente ante o bater ostensivo do coração sempre que na presença dela.

A despeito do sorriso naqueles lábios que eu amava e queria loucamente beijar, Aline tinha os braços cruzados sobre o peito, em clara defensiva, o que me encheu de empatia. Isso e seu leve humor, suave e inteligente, eram as características que mais me atraíam nela; a delicadeza de seus gestos até mesmo quando ela estava aborrecida. Claro que minha esposa estava confusa, não só pela minha distância nos últimos três dias, mas também por me ver agora, sem explicação alguma, na tarefa de arrumar uma mala.

Obviamente eu não pretendia sair assim, sem dar a ela alguma satisfação; eu só não queria atrapalhar seu encontro com a amiga; conversaria com ela antes de partir.

Deixei a bolsa sobre a bancada e me recostei buscando, com uma postura mais relaxada e talvez por simbiose, tranquilizá-la.

— Não, só um problema que o Gabriel precisa que eu resolva num município vizinho, nada de mais — respondi. — Vou ficar fora uns dois dias... — comecei e analisei seu rosto esperando alguma reação. Ela descruzou os braços e ergueu as sobrancelhas demonstrando que prestava atenção. — Pedi a Ivone que viesse dormir aqui, você acha que...

— Tudo bem. — Balançou a cabeça tirando a importância das preocupações que eu nem mesmo havia expressado, antecipando-se a mim. — Pode fazer seu trabalho tranquilo. — Sorriu gentilmente.

— Ok. — Assenti e então não soube mais o que dizer, embora meus olhos soubessem muito bem o

que queriam, permanecer grudados nela.

Eu sabia que ela estava louca para comentar minha distância dos últimos dias, seu silêncio falava por si. Mas Aline era tão transparente quanto digna, um cristal finamente lapidado; não faria aquela pergunta, não antes de me sondar de outras formas.

— Precisa de ajuda? — quebrou o desconfortável silêncio e deu um passo à frente, encurtando a distância entre nós.

Ela tinha começado a sondagem e, ainda que eu não quisesse responder a qualquer pergunta, um impulso quase tirano me confinava à mercê dela. Como se atestar que eu estava certo me deixasse mais perto da minha mulher e validasse também meu lugar, cativo, ao seu lado.

— Não, já arrumei minhas coisas. — Bati a mão esquerda na bolsa ao lado.

— Está calor, moço, não acha melhor colocar uma roupa mais fresca? — e deu mais um passo, ficando a um palmo de distância de mim.

— Ahn... talvez, quer dizer, acho que você tem razão — eu disse reclinando-me ligeiramente sobre a bancada, impactado pela intensidade do olhar dela sobre mim e com a proximidade com a qual eu precisava lidar sem fraquejar.

Ela parecia uma tigresa, pensei numa mescla de temor e excitação.

— Uma malha, talvez — sugeriu com gentileza, levando as mãos à altura de meu colarinho, e começou a soltar os botões da minha camisa.

O contato suave de suas mãos, mesmo sob o tecido, pareceu queimar cada camada da minha pele e eu enchi os pulmões mais uma vez, como o cauto, no pináculo da Terra, prestes a ser empurrado. E esse parecia ser meu estado constante ultimamente, sempre que estava perto dela.

Assim que terminou de desabotoar a camisa, usando as duas mãos, ela a deslizou por meus ombros, despindo-me.

— Vou pegar uma camisa bem leve pra você —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anunciou depois de me despojar da blusa e, elevando os calcanhares, me beijou suavemente a boca.

Um fugidio roçar de lábios, e, parecendo tão impactada quanto eu, Aline estendeu o momento; fôlego com fôlego, pele com pele por longos segundos. Os olhos de Alexandrita subiram e encontraram meu olhar, a carne macia junto aos meus lábios pedindo minha língua, o arranhar dos meus dentes, o abrigo quente da minha boca. E a intensidade com que nos olhávamos nos manteve conectados por um momento, que pareceu eterno, a estada no Purgatório que antecede o Céu, sem a certeza de alcançar o Paraíso. Ela começou a se afastar e já não sorria, mas nenhum de nós dois parecia capaz de quebrar o contato visual ou de cadenciar a respiração.

Acho que foi nesse momento que aconteceu minha rendição definitiva; no magnetismo daqueles olhos, na antecipação do sabor daquela boca.

Num ímpeto quase instintivo, elevei os braços, acolhi o rosto dela entre as mãos e a atraí, reavendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus lábios, reivindicando-os e buscando sua língua com a mesma fome de dias atrás, tentando aplacar a saudade que parecia inextinguível, a necessidade insana que eu descobria ter dela. No fundo, acho que eu sempre soube disso; tinha estado perdido e para me reencontrar precisara escapar, resistir, provar minha inteireza, minha unicidade.

Desci as mãos e envolvi a cintura de Aline com os braços, elevando-a e tirando seus pés do chão. Os dedos que emaranhavam meus cabelos, puxando-os com força, subtraíam toda a minha capacidade de controle, até o que eu não tinha, e nada parecia mais importante que a possuir por inteiro.

Eu me virei e sentei Aline sobre a bancada. Sem deixar de beijá-la, apertei sua cintura, pressionei meu corpo duro contra ela. Penetrei com as mãos a camiseta que ela vestia e acariciei sua pele sedosa. Desabotoei o sutiã notando vagamente que ela trabalhava no botão da minha calça. Seios macios e pesados em minhas mãos. O gosto dela na língua. Seu cheiro arrasando cada gota de meu controle.

PERIGOSAS ACHERON

Elevei os braços e a despi da blusa. Logo joguei para um lado a outra peça. Precisava senti-la, sua pele. Tomei um mamilo entre os lábios e suguei manifestando a fome que eu tinha dela.

Mãos delicadas meteram-se em minha cueca e eu chiei; eu já estava completamente duro.

— Line — murmurei afastando sua mão antes que terminasse nela.

Eu me distanciei um pouco e puxei sua saia para cima, até a cintura, livrando-a em seguida da calcinha.

Afastei as pernas dela com certa pressa e, depois de deslizar as mãos até sua virilha, me inclinei em direção à entreperna, ofertando-lhe o calor da minha língua. Nos próximos minutos, beijei-a, suguei e lambi, até ouvi-la gemer meu nome.

— Dani...

Abracei Aline pela cintura e deixei um beijo terno ali, enquanto ela se refazia do orgasmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aproveitei o momento para recuperar o controle e restabelecer a respiração, o rosto colado a pele macia e quente dela, que subia e descia. Então senti os dedos delicados ao redor dos meus braços, atraindo-me. Endireitei-me e busquei os lábios dela, dessa vez suavemente, com reverência. Aline me envolveu com as pernas, exigindo minha aproximação, e eu a abracei ao sentir os seios macios e mornos junto ao peito.

Aline desceu minha cueca e se posicionou de uma maneira que, bastou um impulso do quadril, escorreguei para dentro dela.

— Aline... — voltei a gemer seu nome, retrocedi e a penetrei.

Eu queria beijá-la, mas tudo que conseguia era manter os lábios próximos, as testas unidas, olhares conectados. Aline sorvia meus gemidos, os olhos alucinados fixos nos meus, enquanto eu arremetia dura e sucessivamente contra seu quadril. Em poucos segundos extravasei as ganas que tinha dela com um rugido rouco e então pude fechar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei quantos segundos se passaram enquanto tentávamos controlar a respiração, imutáveis, mas nenhum dos dois parecia preocupado com os visitantes que nos aguardavam na sala. Até que Aline resfolegou e me empurrou pelos ombros, parecendo se lembrar.

— Meu Deus! Eu sou uma péssima anfitriã.

Eu apenas sorri e me afastei. Terminei de me despir e fui para a ducha.

— Toma um banho comigo — convidei enquanto abria o registro.

— Não! — recusou vestindo a calcinha. — Ficou louco, o que a Tessa vai pensar de mim se eu demorar ainda mais e aparecer lá de cabelo molhado?

— É só não molhar o cabelo. — Entrei no boxe e me meti debaixo da água fria.

— Não, melhor não. — Aline já havia vestido toda a roupa e ajeitava os cabelos desgrenhados.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não diria, mas o estado de desalinho dela só desapareceria com um belo banho. Por fim, ela fez um rabo de cavalo e arregalou os olhos com pavor ao notar as bochechas coradas no espelho. Eu ri por dentro e tentei reprimir um sorriso.

— Água fria — sugeri preocupado com o brilho alarmado em seus olhos.

— Boa ideia, água fria. — Abriu o registro, molhou as mãos e salpicou o rosto com água. Não era bem o que eu tinha em mente; queria Aline comigo debaixo do chuveiro. — Como é que estou? Melhor? Será que eles vão notar? — perguntou olhando-me através do espelho.

— Está linda.

Aline esticou os lábios parecendo sem jeito, e eu precisei me segurar para não a puxar para dentro do boxe com roupa e tudo.

— Já vou. — Assentiu com a cabeça e saiu.

— Já desço — falei e sorri para mim mesmo, metendo a cabeça no jato frio.

Já estava tudo decidido; meu coração e minha alma tinham decidido por mim; não cabia hesitação, não cabia pensar em mais nada. Aline era a mulher da minha vida, eu a amava e não podia viver sem ela. Ponto final. Só lamentei ter que viajar e não poder demonstrar tudo isso a ela, pelo menos até a volta.



Cerca de dez minutos depois, eu parei no topo da escada. Aline me viu antes que eu descesse o primeiro degrau, pediu licença e se afastou de nossos amigos, vindo ao meu encontro, aguardando-me no sopé da escada.

— Ajeitou tudo? — perguntou e me puxou pela mão, até atrás da escada. Parou junto à porta do lavabo, de frente para mim, e, mordendo a ponta de um polegar, confessou: — Vou sentir sua falta.

Eu não sabia por quanto tempo tinha esperado para ouvir algo assim. Senti a garganta se contrair me impedindo de retribuir com palavras. Soltei a bolsa no chão e apenas a atraí, envolvendo-a em

PERIGOSAS NACIONAIS

um intenso e longo abraço, que eu esperava fosse capaz de traduzir tudo que eu ainda não era capaz de verbalizar. Apertei os olhos até suprimir a umidade que queria verter de meus olhos e, só quando recuperei o controle, fui capaz de soltar um pouco os braços, para encará-la.

Beijeí Aline nos lábios pretendendo logo me afastar, mas não sei o que acontecia conosco; um era o Sol, o outro a flor amarela, sua refém. Procurei ignorar que os degraus vazados nada ocultavam, desconsidereí os visitantes na sala — eles provavelmente viam tudo — e me deixei arrastar pelo contato devastador de nossos lábios e línguas.

— Desse jeito, vou ter que me enfiar nesse lavabo com você e repetir o que fizemos lá em cima — sussurrei quando consegui romper o beijo e largar o traseiro dela.

— Não! — Apartou-se, corada.

Acaricieí seu lábio inferior com o polegar e a liberei.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando eu voltar — sussurrei.

— Quando voltar. — Aline sorriu com cumplicidade e apressou-se em direção à sala.

Eu apanhei a bolsa e a segui. Permaneci junto aos outros por alguns minutos, trocando palavras amenas, até que Gabriel me apressou alegando que não me queria na estrada à noite.

Nós nos despedimos e saímos, eu com a cabeça fervilhando de planos.

20

“O medo me leva ao perigo. E tudo que eu amo é arriscado.”

Clarisse Lispector

Daniel

— Gostei de saber que deu uma chance a vocês dois — Gabriel disse assim que ultrapassamos a portaria do condomínio, dentro do carro.

— Quem disse?

— Essa sua cara de bem-comido. Nada como uma boa trepada para desembaralhar os neurônios

PERIGOSAS ACHERON

de um homem confuso — disse em tom professoral e riu.

— Minha vida sexual não é da sua conta, cabeça — brinquei.

— Claro que não — ironizou —, o amasso que você deu na sua mulher na frente das visitas não foi nada de mais. — Lançou-me um sorriso sardônico.

— Tecnicamente não estávamos *na frente* das visitas, mas *atrás* da escada. Ah, e isso também não é da sua conta.

— Tanto faz. — Ele riu. — Eu vi tudo. — A amiga da Aline também viu... — Coçou a barba. — A coitada quase virou um purê de pimenta vendo vocês dois se pegarem. Por falar nisso, que mulher maravilhosa é aquela? Jesus amado... — Pôs a mão no peito brincando.

— Se a Désirée ouve você falar assim... — comentei ignorando a pergunta.

— O que é que tem? Não vou ser hipócrita de fingir que uma deusa daquelas é uma mocreia.

PERIGOSAS ACHERON

Além disso, a Désirée não é ciumenta.

— Mulher segura de si...

— Claro, por que não seria? Ela é muito bonita e, além disso, não tem motivos para desconfiar de mim. E eu mesmo já cansei de ver a Désirée olhando para outros caras.

— E você não liga? — estranhei.

— Claro que eu ligo, mas sou orgulhoso demais para dar o braço a torcer e, além do mais, sei que seria uma babaquice.

— Eu não gostaria de ver minha mulher de olho em outros caras. — Não queria provocar contenda na casa do meu amigo, mas soltei sem querer. — E estou pouco me lixando se seria babaquice fazer uma cena. — Eu estava impossível; devia ser culpa da euforia, da vontade louca de viver logo minha história com Aline.

— Você fazendo uma cena? Quem te viu quem te vê — zombou.

— Por quê?

— Você é o cara mais estoico que eu conheço.

— Também não é assim, que exagero, *puf*. —
Revirei os olhos.

— Quando você quer, é sim.

Eu só balancei a cabeça negando, e ele continuou:

— Mas a coisa não é bem como você está pensando. Ela não fica secando ninguém com os olhos, pelo menos não na minha frente. E eu também não faço isso, claro, seria muita falta de respeito — conveio Gabriel. — Só que eu não sou cego e, quando vejo uma mulher como aquela, é impossível ignorar.

— É, o que os olhos não veem o coração não sente — corroborei.

— Hum-hum — resmungou. — Escuta, as coisas entre você e a Aline sempre foram assim? — mudou de assunto abruptamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim, como?

— Desculpe, cara, mas não tive como não reparar; por pouco vocês dois não incineraram a casa inteira enquanto estavam lá atrás da escada — e sorriu.

Notando o tom saudosista na voz do meu amigo, eu perguntei em vez de responder:

— Com você e a Désirée não é assim?

Ele encolheu os ombros.

— Para ser sincero, faz tempo que não. Quer dizer, eu amo a minha mulher, mas admito que já não temos tanta química como no começo.

— Comigo e Aline sempre foi assim, exceto depois que...

— Eu sei, eu sei. — Gabriel me interrompeu. — Mas casamento é isso, né, cara. Com o tempo, é isso o que fica, o companheirismo, a amizade, a cumplicidade — respondeu ele mesmo à pergunta que havia feito.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me abstive de comentar que ele falava feito um senhor da melhor idade. Achava que era cedo para que o relacionamento dele tivesse esfriado tanto, ainda mais levando em conta que ele e a esposa eram jovens e bonitos. Se ele estava satisfeito com o que tinha, quem era eu para instigar qualquer tipo de inquietação?

“Papai, papai!” — li nos lábios da menininha que vinha correndo em direção ao carro, logo que passamos pelo portão da casa de Gabriel. Ele também a viu, centrado na filha, o olhar terno.

— Sabe — começou —, meu conselho pra vocês, aproveitando essa paixão toda, é: façam filhos. Muitos. Filhos são a melhor coisa do mundo; enchem a cabeça da gente de preocupações, destroem nossa vida sexual e, mesmo assim, preferimos a presença deles a qualquer outro tipo de paixão. Só não tenho mais porque a Désirée não quer.

— Papai, papai! — a voz de Ana Luiza ecoou dessa vez, enquanto eu estacionava ao lado do jardim.

Uma circunferência forrada por folhagens de diversos tons de verde, sarapintada por composições de crótons, antúrios e botões-de-ouro, era o único detalhe que nos separava da garotinha.

Gabriel olhou pela janela e abriu a porta do carro, saltando e pegando a menininha no colo, jogando-a para o alto.

— Oi, minha princesinha — ouvi ao desligar o motor. — Como é que está a menininha mais linda do papai?

— Trouxe a minha *pulseilinha*? — Ela trocava o “r” pelo “l” em algumas palavras.

— Trouxe. Gabriel a colocou no chão e apalpou os bolsos da calça.

— Venha aqui, princesa. — Já fora do carro, estendi os braços, e a menina pulou para o meu colo.

— Tio Dani! — vibrou.

— Putz! — ouvi e olhei para Gabriel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai, não pode falar palavrão! — Ana Luiza repreendeu em tom grave, e um dedo gorducho em riste.

— Que foi? — perguntei ao meu amigo.

— Acho que esqueci a pulseira da Lulu lá na sua casa.

— Ah, não! — choramingou a menina. — Você mentiu *pla* mim, papai! — lamentou Lulu.

— Ô princesa, eu não menti, só esqueci. — Tomou a menina do meu colo. — Olha só, mais tarde vou ligar para a tia Aline e pedir a ela que guarde a sua pulseira, combinado? Assim que puder, vou passar lá e buscar.

— Mas você nunca pode! — Abriu a boca para chorar.

— Vou dar um jeito, amor, prometo — e beijou a bochecha da filha.

Então o celular de Gabriel soou, e ele me devolveu a menina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tio Dani, *quelo dirigir* — pediu com a voz manhosa pelo choro.

— Dirigir? É pra já, princesa! — Isso já era uma tradição sempre que eu ia àquela casa.

Enquanto meu amigo falava ao telefone, coloquei Ana Luiza no banco do motorista e me sentei ao lado.

— Estou nas suas mãos, princesa — falei.

— Para onde o senhor *quelir*, moço? — perguntou imitando a voz de um motorista de táxi.

— Aonde a menina mais linda do mundo quiser me levar.

— É *pla* já! — Sem falsa modéstia, ela me imitou e começou a mover o volante, incapaz enxergar um palmo sequer à frente do para-brisa.

— Tio Dani, sabia que sábado meu pai vai ficar de castigo *atlás* da porta, lambendo sabão? — perguntou e levou uma mão gorducha ao câmbio, fingindo passar marcha.

PERIGOSAS ACHERON

Eu gargalhei.

— É mesmo? O que foi que ele aprontou para merecer um castigo assim? — perguntei, intrigado e encantado com a inocência dela. Saudoso também, pois Nicolas deveria ser só um pouco mais velho que ela se... se não tivesse partido.

— contei *pla* vovó que ele falou “puta que *paliu*”, aí ela disse que ele tem a boca suja — explicou em tom salomônico e, apesar da seriedade com que falava, não me contive e ri muito de novo.

— Mas você sabe que sabão não é feito para comer, né? — perguntei quando consegui parar de rir.

— Xiii, então como vai ser o castigo do papai?
— Ela parecia de fato preocupada.

— Não sei, princesa — belisquei de leve o seu nariz —, mas vamos pensar em alguma coisa.

— Também fiquei de castigo e levei uma chinelada no bumbum — declarou claramente sentida.

— É mesmo, por quê? — indaguei.

— A mamãe disse que eu *labisquei* a *palede*, mas eu não *labisquei*, eu *esclevei* — argumentou seriamente, a voz doce destoando do tom de maneira adorável.

— Ah, mas parede não é lugar de escrever — ponderei.

— Lulu, vamos, que o tio Daniel precisa pegar a estrada — Gabriel nos interrompeu, caminhou até a janela do motorista e pegou Ana Luiza no colo. — Espere um pouco, eu já volto — pediu e eu fiquei aguardando.

Quando retornou, alguns minutos depois, postou-se frente à janela do motorista, as mãos nos bolsos. Aguardei que ele dissesse algo, mas Gabriel olhou para o lado, na certa sem reparar, de fato, no belíssimo jardim que precedia sua casa. Então percebi que o que ele tinha a dizer não tinha nada a ver com trabalho. Esperei pacientemente, até que ouvi:

— Quando Aline foi parar naquele hospital e eu
PERIGOSAS ACHERON

encontrei você na empresa, trabalhando de madrugada, pensei que tinha perdido meu amigo de vez. Que a dor tinha desvirtuado você — disse me olhando nos olhos.

— Eu estava com medo — confessei. — Medo do que ela, do que o rosto dela, sem aquele verniz de amargura, provocava em mim. Via isso como uma ameaça ao plano de liberdade que eu tinha traçado e que queria pôr em prática.

— Liberdade falsa; você era tão escravo da dor quanto ela. Aline não era a única que sucumbia na sua casa.

Olhando para a frente, assenti com a cabeça. Ele estava certo. Eu conseguia enxergar tudo com mais clareza agora. Antes do acidente na encosta, eu não conseguia ver nada além da dor dela. Aline ainda estava ali, mas, como não conseguia vê-la, eu me sentia distante dela.

— Quando você disse que queria se divorciar, eu vi um lampejo de esperança, porque enfim um dos dois se rebelava contra aquela existência

infeliz. Você estava reagindo, finalmente. Achei que fosse um primeiro passo. Não imaginei que você fosse prosseguir com isso, ir tão longe e, quando me disse que a papelada estava pronta, cheguei a pensar que tinha errado em apoiar essa coisa toda. Pensei que estava tudo perdido, mas olha só vocês agora. — Pelo canto de um olho notei que ele sorria externando todo o seu contentamento. — Não sei se acredito em destino, mas quem acredita diria que ele deu um jeito de adiar seus planos.

— É arriscado, você sabe... — falei ainda sem o olhar, incapaz de disfarçar a apreensão.

— E o que seria de nós sem o risco? O que seria de nós se, nessa estrada comprida que temos que percorrer atrás de uma felicidade questionável, não houvesse obstáculos e caminhos incertos para fazer nosso coração palpitar, para colocar à prova nossa capacidade de resolução, nossa capacidade de perseverar? Acho que o sentido da vida está muito mais na busca do que na conquista. A vitória, por si só, não tem sentido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É... — eu sorri e o olhei —, que seria de nós sem isso?

— Tenho muita fé de que você vai resolver sua vida *junto* com a sua mulher. — Gabriel projetou a mão para dentro do carro e bagunçou meus cabelos como se eu fosse um garoto. — Melhor você ir, oreia — disse usando o apelido com que costumava me chamar fora do ambiente de trabalho —, logo vai anoitecer. Quero ver aquela sua casa cheia de pirralhos, entendeu, cara? — Deitou um tapa em minha cabeça e saiu.



Tessa

— Ai, desculpe ter deixado você tanto tempo sozinha aqui — Aline disse parecendo mortalmente envergonhada, ao se sentar no sofá a minha frente. — É que o Daniel precisou viajar de repente e eu tive que ajudar com a bagagem.

— Arram... — respondi em tom irônico, incapaz de conter um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A lembrança do amasso dela com o marido ainda estava viva em minha mente. Tomei um gole de suco buscando me refrescar, olhando-a com conhecimento.

— Ah, está bem — aquiesceu parecendo vencida. — Isso não convenceu, né... — Rilhou os dentes demonstrando todo o seu constrangimento e se desculpando em silêncio. — É que as coisas andavam meio estranhas entre mim e o Daniel. Você sabe da minha situação... sem memória, numa casa de que não me lembro e... Bem, não pude ignorar a oportunidade de me acertar com ele.

Fiz um muxoxo rindo por dentro do desalinho dela, das bochechas ainda rosadas.

— Tranquila, menina. — Entrecerrei os olhos e fiz um gesto com uma mão, tirando a importância de sua preocupação. — O importante é que estão bem. Deu pra ver que estão — e sorri sugestivamente. Fiquei séria de repente ao me lembrar da situação dela e comentei: — Não deve ser fácil, mas ainda bem que ele soube levar tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Pois é... — disse pensativa. — No começo Daniel estava meio distante. Acho que o fato de eu o ter esquecido mexeu com os brios dele.

— Se esse homem ama você como parece, acredito que a questão vá além de brios.

Silêncio, e Aline estreitou os olhos, talvez sopesando minhas palavras.

— Tem razão — concordou —, a melancolia em que ele mergulha às vezes não tem nada a ver com orgulho, ou com qualquer outro sentimento caprichoso; é profunda demais, contundente demais... Estremecedora. Acho que ele ficou inseguro, e eu não posso deixar de compreender.

— Verdade. Mas, apesar de ter perdido a memória, parece que isso de alguma maneira incomodou você — não pude deixar de ressaltar.

— Para falar a verdade, fiquei muito confusa com as atitudes dele — Aline explicou. — Não que fizesse diferença pra mim a princípio, mas depois...

— Hum... esse “depois” está dizendo muito

PERIGOSAS ACHERON

mais do que você realmente falou, sou capaz de apostar — insinuei sorrindo.

— Culpada — confessou mostrando as palmas das mãos. — Sabe, por mais estranho que pareça, eu amo aquele homem.

— Ama? Mas se nem se lembra dele, como pode dizer que...

— Eu só sei... Sinto aqui — ela me interrompeu e posicionou um punho fechado sobre o peito.

Li a verdade no verniz de emoção que enfeitava seus olhos. Sorri contente por ela, mordi uma bolacha de nata e, sem que me desse conta, fiquei pensativa, olhando para algum ponto da sala enquanto comia. Ela aproveitou meu silêncio para tomar um pouco de suco. Inspirei fundo, inebriada pelo cheirinho que perfumava o ar. Sem dúvida, minha nova amiga havia colocado algo no forno.

— E seus parentes, Aline? — perguntei num ímpeto. — Ninguém veio ficar com você? Desculpe a intromissão, mas, num momento como este, ter um conhecido por perto poderia ser bom

PERIGOSAS ACHERON

pra você.

— Tem razão. Mas infelizmente só tenho uma parente, e ela não apareceu.

Compus um gesto interrogativo, que deve ter sido eloquente, já que logo ela explicou:

— Eu e minha irmã sempre fomos muito ligadas, mas mesmo assim nossa relação não é fácil. Não sei o que houve para ela não aparecer, mas imagino que tivemos algum desentendimento.

— Mas numa situação como esta...

— É, eu sei. Realmente não entendo a Kayla.

— O que o Daniel diz a respeito?

— Que ela veio me ver quando eu ainda estava desacordada e que prometeu voltar assim que fosse possível. Mas até hoje nem um telefonema.

— Que estranho.

— Pois é. Acho que ela nem sabe que eu perdi

a memória, foi embora antes que eu saísse do coma.

— Já tentou falar com ela?

— Já, mas não consegui. E, para falar a verdade, não vou mais tentar. Ela é minha irmã, minha única parente de sangue, e eu a amo, mas já estou cansada de ceder. O desequilíbrio dela tira as minhas forças e, pelo menos neste momento, vou ser egoísta e me reservar o direito de buscar um pouco de paz. Não me entenda mal, simplesmente não tenho estrutura, neste momento, para apaziguar minha irmã e os complexos dela.

— Entendo.

— Fico dividida, sabe — Aline explicou. — Sei que a Kayla foi muito ferida quando éramos crianças; ela sofreu demais.

— O que houve? — não contive a curiosidade.

— Fomos adotadas por um casal, duas pessoas maravilhosas. Mas antes disso estivemos sob a tutela do estado. Eu era só um bebê de nove meses, mas minha irmã já tinha sete anos e não era a

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez que ela passava por um abrigo.

— E seus pais?

— Os adotivos já faleceram, mas dos biológicos não sei nada. Fomos levadas para o abrigo em condições muito ruins. Pelo que sei, uma vizinha denunciou minha mãe por maus-tratos e abandono de incapaz. Minha irmã já tinha entrado e saído de diversos abrigos pelo menos três vezes. Estava em péssimas condições de saúde e higiene.

— Nossa! — lamentei sinceramente.

— Kayla só tinha sete anos, não sei como se lembra, mas diz que só foi adotada por minha causa. Segundo ela, vários casais nos recusaram por causa da idade dela. A assistente social que cuidava do nosso caso lutou muito para que não nos separassem. Acho que essa situação machucou muito a minha irmã; ela carrega um profundo sentimento de rejeição, é muito complexada.

— Complicado, né. Ela nunca quis buscar algum tipo de ajuda? — perguntei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faz terapia desde que fomos adotadas. Quer dizer, até onde me lembro. — Fez uma pausa e continuou. — Kayla tem um ciúme irracional de mim. Da minha aparência, das minhas amizades, dos namorados... — Parou de repente, pensativa. Então deu de ombros e prosseguiu. — Minhas conquistas para ela sempre pareceram uma afronta. Quando passei no vestibular, ela ficou meses sem conversar comigo. Eu tento relevar, sabe? Tenho pena pelo que ela passou. Até hoje minha irmã tem problemas de saúde por causa do nível de desnutrição com que chegou ao abrigo. Mas eu estou chegando à conclusão de que não sei lidar com ela.

— Faço uma boa ideia de como se sente — eu disse pensando em minha mãe, amante incondicional do álcool desde que papai nos tinha deixado.

— Do modo como você fala, parece ter conhecimento de causa.

Suspirei audivelmente, num gesto cansado.

PERIGOSAS ACHERON

— Longa história... — eu disse. — Vamos ter que deixar isso para outro dia, tenho aula daqui a pouquinho — falei olhando para o relógio de pulso e fazendo gesto de me levantar.

— Já? Mas vou tirar o bolo do forno agora! Fiz só por sua causa.

— Ai, desculpe, mas já estou em cima da hora, ainda tenho que passar em casa e pegar meu material — lamentei com sinceridade.

— Um minutinho só! Vou cortar um pedaço para você levar e lanchar antes de ir para a faculdade.

— Não precisa!

— Faço questão. Não vai me fazer uma desfeita dessas, né? — Aline insistiu.

— Ah, está bem. Espero aqui.

Ela se levantou e foi para a cozinha. Enquanto a aguardava, de frente para aquela escada, não pude deixar de repassar os acontecimentos da tarde. O

PERIGOSAS ACHERON

amigo do marido dela era muito educado, simpático e, embora não fosse seu dever, tinha feito o máximo para que eu me sentisse à vontade enquanto esperava Aline.

Quase morri de vergonha enquanto ela e o marido se pegavam debaixo da escada. O tal Gabriel deve ter notado meu constrangimento; percebi a forma como ele tentava me distrair, apesar de parecer também afetado. E que homem bonito, *meu Deus do Céu*. Se não fosse por aquela bruta aliança no dedo anular esquerdo dele e o fato de eu ser comprometida, eu teria me atrevido a dizer isso a Aline. *Não, nem pensar, homem casado nem pensar*. E que assanhamento era aquele? Eu nem deveria pensar numa coisa dessas, tinha namorado e estávamos muito bem, obrigada.

Tá, mais ou menos.

Mas eu tinha certeza de que as coisas iriam melhorar.

Involuntariamente, meu olhar recaiu sobre o estofado ao lado, onde o moreno maravilhoso havia

se sentado. Deparei com um objeto de tom amarronzado e estranhei, esticando o corpo e estreitando os olhos para ver melhor; estava sem os óculos.

Peguei o objeto, uma pulseira de coco, e lembrei que o moreno brincava com algo parecido, manipulando entre os dedos distraidamente, enquanto conversávamos. Pelo tamanho da pulseira, era infantil, presumi. Olhei para a cozinha americana onde a dona da casa estava. Aline parecia distraída, os olhos baixos, centrados no que quer que estivesse fazendo. Olhei mais uma vez para a pulseira em minha mão direita, lutando por dentro contra a tentação, enquanto a acariciava com o polegar. *Você pode, Tessa, você pode!* Estiquei o braço para devolver a pulseira ao lugar onde a tinha encontrado, mas, no último momento, flexionei o cotovelo de novo e a guardei no bolso da calça.

Fechei os olhos e inspirei lenta e profundamente, inundada por um bem-estar renovador; e que eu sabia que seria passageiro.

— Prontinho — ouvi a voz de Aline e abri os

olhos, tratando logo de me levantar.

Ela trazia uma vasilha plástica, que me entregou. Tateei a superfície quente e fiquei agradecida, inspirando o aroma que o ambiente despendia, baunilha e banana.

— Obrigada — agradei e ela me acompanhou até a porta.

— Eu que agradeço, não imagina como me fez bem conversar com você.

— Disponha — retribuí e a beijei no rosto. — Segurei seu braço apertando-o de leve e ratifiquei: — É sério, sempre que precisar.

— Eu sei. — Aline parecia comovida.

— E o próximo lanche vai ser lá em casa — avisei.

— Combinado.

Nós nos despedimos e eu saí caminhando em direção ao portão, que ela já havia aberto, onde eu

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha deixado minha bicicleta. Teria um longo e árduo caminho pela frente, pensei tocando o bolso direito da calça, sentindo o objeto que havia acabado de furtar.

PERIGOSAS ACHERON

21

“Só o inimigo não trai nunca.”
Nelson Rodrigues

Kayla

Amaldiçoada. Danada. Réproba.

Alguns erros custam caro, e o adultério sempre foi oneroso. Em algumas civilizações antigas era passível de apedrejamento; em outras, de morte. Ainda que quando eu o cometera já não fosse um crime, era um pecado para muitos imperdoável e, de modo velado, sujeito à condenação, ao ostracismo. E talvez, em muitos sentidos, isso fosse a morte.

Eu já estava na divisa entre Estige^[1] e Aqueronte, cara a cara com Caronte, o barqueiro que me conduziria ao cemitério, ou melhor, ao Inferno. Porém sequer tinha a moeda para pagar pelo trajeto, sinal de que ainda vagaria por anos a fio, presa da minha alma marginal. Não bastasse a vida miserável a que eu tinha sido condenada ao ser gerada no ventre daquela mulher de quem eu só herdara o dom de destruir, estava destinada a ser uma alma penada. Ou talvez eu já fosse, posto o estado em que me encontrava.

O ônibus estava vazio, mas, logo que entrei, fui defrontada pelo fedor de fritura, cheiros de corpos mal-lavados e perfume barato. Com o olfato ampliado pela minha condição, tudo empestava.

Cobri a boca com as mãos evitando despejar o almoço e procurei um lugar perto da janela. Minha cabeça doía, como sempre no último mês, e eu podia jurar que havia uma adaga enterrada em minha nuca.

Tinha saído do posto de saúde com o desespero ancorado ao peito; um diagnóstico de hipertensão

crônica; desnutrição; um descolamento de placenta importante e a recomendação de repouso absoluto por pelo menos um mês. O prognóstico não era nada bom.

Logo quando, após semanas procurando emprego, eu tinha conseguido algo. Começaria no dia seguinte, mas como poderia comparecer ao posto de trabalho portando um atestado médico antes mesmo de entregar minha documentação para registro? Mais uns dias e eu não conseguiria esconder a evidência da minha condição. O trabalho era duro e eu não poderia me arriscar sequer por uma semana. Todas as esperanças de me recuperar financeiramente, de sobreviver, debandavam.

Havia feito uns bicos nos últimos quinze dias, trabalho pesado, que havia agravado meus males e minha saúde. Mas tinha conseguido pagar o aluguel atrasado, adiantar um mês e comprar um pouco de comida, depois de quase morrer à míngua. Talvez eu me alimentasse por mais uma semana com o que ainda restava. Seria um verdadeiro milagre se sobrevivêssemos a um mês, e

eu já não poderia me dar ao luxo de permitir omissões. Nem minhas, nem de qualquer responsável por eu me encontrar naquela situação.

Assim que coloquei os pés em casa, saquei o celular na bolsa e disquei para ele, não adiaría o inevitável. Aguardei alguns minutos, ele demorava a atender, e a cada instante minha garganta se contraía mais. Cheguei a pensar que não me atenderia; eu estava a ponto de me render às lágrimas, quando ouvi:

— Depois de tanto tempo, não esperava uma ligação sua — a voz era baixa, confidencial, como se ele não quisesse ser ouvido por quem quer que estivesse perto.

— O desespero nos faz agir — respondi.

— O que quer a essa altura, Kayla? Não está satisfeita com todo o transtorno que me causou? — indagou ele.

— Eu tentei. Tentei enfrentar as consequências do *nosso* erro sozinha — ressalttei a dupla responsabilidade, minha voz turva.

— E o que quer que eu faça? Que mande a minha mulher embora para você entrar?

— Mas eu pensei que, você disse que...

— Nada disso é da sua conta — sua voz se escureceu —, não vou ficar discutindo minha vida pessoal com você. Vou perguntar pela última vez: o que espera de mim?

A essa altura eu já chorava. Tinha suposto, depois da última vez que nos faláramos, que com o tempo ele resolveria as coisas com ela e o campo estaria livre para nós dois. Que ele só precisasse de um tempo para refletir, mas agora via minha única chance se esfumar. Por que a vida era sempre tão injusta comigo? Por que eu nunca era prioridade para ninguém e estava sempre em segundo plano na vida das pessoas? O que eu havia feito para merecer isso? Devia ser uma marca de nascimento, um estigma, herança da mulher que me abandonara. A desgraça tatuada em minha alma.

— Não sei... Alguma coisa — respondi, a voz embargada. — Estou doente e corro risco de... —
PERIGOSAS ACHERON

Merda, o que eu estava fazendo? Tinha que ser mais enérgica, deixar claro que já não toleraria ser ignorada, pensei e a determinação cobrou vida dentro de mim. — Se não fizer algo para me ajudar, se não assumir suas responsabilidades, vou aparecer na sua casa sem aviso, e ela vai saber de tudo, entendeu? De tudo! Não vou poupar ninguém dos detalhes — ameacei.

— Não se atreva — replicou em tom baixo, tético, e eu soube que ele não estava sozinho. — Não vou permitir que destrua meu casamento, a minha vida, entendeu?

— Você destruiu a minha! — gritei. — Não pode fugir das suas responsabilidades assim! Não vou arcar com tudo sozinha! — gritei e ouvi sua respiração, ruidosa, do outro lado da linha.

Ele parecia estar fazendo um grande esforço por se controlar. E eu estranhei, era sempre tão comedido. Mas eu sabia que o estava pressionando, levando-o ao limite, não tinha alternativa.

— Vou depositar um dinheiro na sua conta —

avisou, a voz trêmula, quando pareceu controlar a respiração. — Sabe o que tem que fazer.

— Não! Não vou fazer isso! — eu me opus com veemência.

— Vou. Depositar. A porra do dinheiro na sua conta! — reafirmou pausadamente, o tom infausto. — E você que não se atreva a aparecer na minha casa. Nem sei o que sou capaz de fazer com você, Kayla — esbravejou.

— Não pode fazer isso comigo... — balbuciei sucumbindo ao choro. — A gente precisa conversar, você tem que saber o que está acontecendo comigo. A situação se complicou e...

— Isso não é problema meu — interrompeu-me. — Devia ter pensado nisso antes de se envolver com um homem casado — e desligou.

— Desgraçado, filho da puta! — desabafei e lancei o telefone sobre a cama.

Cobri o rosto com as mãos e gritei externando toda a minha raiva, colhendo a indignação que eu
PERIGOSAS ACHERON

mesma emanava.

Chorei a cântaros.

Meus joelhos vacilaram e encontraram o chão. Meu corpo se convulsionava e o desconsolo encerrava minha alma de modo atroz.

Quando os soluços já se abrandavam, ouvi o alerta de mensagens no celular.

Elevei a cabeça, exausta, combalida e totalmente desesperançada. Com muito custo, eu me levantei e peguei de volta o celular. Um SMS avisava sobre a importância depositada em minha conta. Ele fora generoso; o que queria de mim custava caro. Mas eu também não deixaria isso barato. Não faria o que ele queria e, quando tivesse a oportunidade, colocaria a casa dele abaixo. Ele tinha o telhado de vidro, o desgraçado.

Eu tinha tomado uma decisão. Não havia outra maneira. Era minha única chance, pensei olhando para a mala sobre o guarda-roupa. Com gesto de derrota, ombros decaídos, cruzei o espaço que me separava do móvel.

PERIGOSAS ACHERON

O dinheiro serviria para bancar minha viagem e para algo mais de que eu precisasse até resolver minha situação. Aline que me desculpasse, mas era minha única chance.



Daniel

Era uma sala espaçosa, decadente. Os móveis rústicos, em madeiras raras, e as amplas almofadas em couro marrom, o vestígio de um passado glorioso. As paredes descascadas, o piso cediço falavam a meu favor, ratificando o que eu já havia visto a caminho da casa, na vastidão de terra improdutiva e abandonada. O dono da fazenda tinha tanto interesse quanto nós no arrendamento da terra, seria sua salvação, não seria difícil convencê-lo a cooperar, e eu sabia que o negócio poderia ser muito benéfico para ele.

Mas, apesar dos olhos atentos a tais detalhes, enquanto o aguardava sentado em uma das

PERIGOSAS NACIONAIS

poltronas, eu não conseguia tirá-la da cabeça. Aline e a chance que a vida nos dava eram tudo em que eu conseguia pensar.

Tinha tantos planos, tanto que dizer a ela. Agora que pensava com calma, eu me dava conta de que, sumido em incertezas, tinha deixado de dizer a única coisa de que estava certo, e a que mais importava. Que eu a amava loucamente. Tinha concordado com aquilo que Gabriel me havia dito sobre o risco, mas a verdade era que só agora eu refletia sobre isso. Talvez eu não encontrasse nunca o equilíbrio dessa equação, minha vida, mas era nisso que residia o sentido e, sendo assim, aquela que eu considerava uma variável imprevisível, um fator de desequilíbrio, Aline, era parte essencial para que tudo tivesse razão de ser. Contraditório, mas verdade.

Não ignorava a possibilidade de, no futuro, quando ela se lembrasse de tudo, enfrentar problemas. Na verdade, não era uma possibilidade, mas uma certeza. E meu objetivo no momento era fortalecer nossos laços.

PERIGOSAS ACHERON

Respirei fundo e o cheiro de mato viajou por minhas vias aéreas, impregnando-me de idílicas ideias. No hotel-fazenda em que eu estava hospedado havia uns chalés de madeira à beira de um lago, um sossego só, e o clima bucólico era perfeito para que eu me esquecesse de tudo, exceto dela.

Viajaríamos, passaríamos todo o tempo possível juntos. Eu me dedicaria por inteiro a ela. Tinha que garantir que, ainda que sua mente renuisse, seu coração soubesse e estivesse convicto do meu amor.

Era nossa única chance.

— Seu Daniel. Seu Felício falou que o senhor já pode entrar — o capataz me tirou de meus pensamentos e eu me levantei, dirigindo-me ao escritório do fazendeiro.

— Sr. Felício — cumprimentei o dono da propriedade, que me esperava de pé, atrás de uma mesa.

Sentei-me frente a ele e comecei a explicar o

PERIGOSAS ACHERON

que me levava à fazenda.

— Mas, seu moço, eu não pensei que minhas terras fossem virar aquele barranco todo, não! — disse visivelmente alarmado.

— Sr. Felício — comecei de modo apaziguador —, eu entendo que o senhor tenha ficado assustado, a extração desse mineral, a princípio, transforma a paisagem de um modo, digamos, feio.

— Ah, pois é, eu não imaginava aquele maquinário todo revirando minhas terras, não! Mande parar com tudinho na hora e ameacei pôr todo mundo, a tiro, pra fora das minhas terras! — contou gesticulando muito.

— Não vou mentir, o processo machuca o meio ambiente e até altera o relevo — expliquei com sinceridade. — No entanto não existe outra maneira, o mineral ali naquela região está a cerca de um metro de profundidade, a vegetação e a terra precisam ser removidas. — Observei o semblante sisudo do fazendeiro e continuei. — É claro que, como todo contrato, o do senhor com nossa

empresa pode ser rompido. É seu direito. Mas permita que eu explique tudo antes de tomar uma decisão; acredito que o retorno pode valer a pena e vai ajudar a tornar a fazenda produtiva de novo.

— Então explica, que aquele moço que veio aqui da outra vez não explicou foi nada direito.

Eu assenti e continuei:

— A extração do mineral é rápida e logo iniciamos o processo de recuperação do solo. Toda a terra fértil removida será reservada e usada depois, no processo de revitalização. Como o senhor mesmo disse que não pretende retomar a criação de gado, naquela área de pastagem nós podemos plantar espécies nativas da região. Além disso, não sei se explicaram ao senhor, mas em algumas regiões revitalizadas já estão experimentando o plantio de café e eucalipto. Quem sabe essa seja uma boa alternativa para a sua fazenda.

Passei quase uma hora explicando todo o processo ao fazendeiro, mas infelizmente não poderia voltar para casa naquele mesmo dia, como

esperava. Sr. Felício queria o dia seguinte para conversar com os filhos e irmãos, antes de tomar uma decisão; contava com minha presença. Mas, apesar de mais um dia com o maquinário parado, eu sabia que obteria sucesso.

O celular vibrou em meu bolso, e eu pedi licença ao homem a minha frente. Retirei o aparelho e conferi o visor.

Kayla? Droga, o que ela poderia querer a essa altura? Titubeei por vários segundos pensando se deveria atender, a aparição da minha cunhada naquele momento não pressagiava nada bom. Pedi desculpas alegando ser importante e me retirei do escritório. Passei pela sala e me dirigi à varanda buscando privacidade. Era melhor saber logo o que ela queria. Fosse o que fosse, eu não permitiria que ela se aproximasse da irmã. Não ainda.

Atendi depois de muitos toques.

Retornei ao escritório minutos depois, possesso ante a insistência daquela mulher. Talvez eu tivesse sido muito rude, mas não deixaria que nada se

interpusesse entre mim e Aline naquele momento.

22

“Se você tentar agarrar o tempo com as mãos, ele estará sempre deslizando por entre os dedos.”

Julian Barbour

Aline

O tempo não passa, pensei enquanto, agachada, lavava as mãos sujas de terra numa torneira perto da piscina. Preferia não usar luvas; o bom de cuidar do jardim era isso, sentir a textura, o cheiro da terra úmida mesclado ao perfume das flores e do mato. Notei a presença de Marrom e ganhei umas lambidas no rosto. Sorri e retribuí o carinho arranhando de leve o seu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava ocupar a mente, esquecer o relógio, o calendário, o celular, o tempo..., Essa entidade metamórfica ou, talvez, camaleônica, que funciona conforme o estado de espírito de quem o contempla, ou o sente. Eu queria poder, como em *Alice Através do Espelho*, conhecer o dono dele. Apressaria os ponteiros, mesmo que pusesse o mundo do avesso por conta do meu egoísmo, só para ter Daniel ali comigo naquele mesmo instante. Mas quem pode controlar o tempo?

Santo Agostinho, lá na época da patrística, já explicava que o movimento dos astros é quem o demarca, que demarca o dia e a noite. Isso hoje parece óbvio, simplesmente certo — ao menos quando não sentimos a tentação de segurar os ponteiros do relógio, ou de apressá-los —, parece dado e mais antigo que o próprio tempo.

Para alguns isso não é tudo, as órbitas dos planetas e das estrelas, em relação ao Sol, compõem a margem de uma trilha quase pronta, predefinida, um oráculo que descreve o instante e o porvir, junto com o próprio tempo, por obra das constelações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez, por isso, a culpa seja das estrelas.

Esquecemos que ela, essa noção de tempo, é inventada, que poderíamos ter dividido o dia em frações maiores ou menores. Poderíamos chamar o dia de noite e a noite, de dia.

Esquecemos que o dia pode ser mais escuro que uma noite sem estrelas e sem Lua.

Assim também me parecem ser as noções de passado, presente e futuro, mas elas tomaram uma dimensão tal na vida humana que parecem verdadeiras até mesmo antes de nós. Mas antes de nós não há tempo algum, nem passado nem presente, nem futuro. Ele só existe porque existimos e o arquitetamos, em linhas curvas feitas de sonhos, em fios de lembranças, em traços de fatos correntes.

Pensando assim, mesmo que me dissessem que uma parte de meu passado havia sido apagada da minha memória, eu podia chamar todos de mentirosos ou de ilusos. Ou de crédulos. Poderia taxá-los de loucos e navegar nas águas tranquilas

PERIGOSAS ACHERON

de um devir despreocupado. Mais tarde, porém, eu saberia que esses tempos inventados se materializam, ganham dimensão inexorável, inquebrantável. Podem ser rios, sulcos profundos de águas escuras, sulcos infinitos e indeléveis cujos cursos já não podem ser alterados, cravados na pele de alguém. Alguém que pode olhar para a frente e tentar ignorá-los, mas que, inevitavelmente, em lapsos de esquecimento, ou de fatalismo, ou de dor, olha para baixo ou para o espelho, para o próprio corpo, e os encontra.

Mas isso eu só soube depois. Naquela manhã, o passado ainda era quimera, e o futuro, um jardim repleto de botões às vésperas da primavera. Eu quase podia tocar as pétalas sedosas dos gladiólos, quase podia sentir o perfume das plumérias, dos alissos-doces e das glicínias, e nenhuma dessas flores enfeitava meu jardim.

Desde que havia me despedido de minha nova amiga, no dia anterior, eu estava eufórica. Não por causa dela, mas pelo que havia acontecido antes. Meu encontro com Daniel naquela tarde tinha sido quente e promissor. Não tínhamos trocado palavras

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o que viria, mas ele havia saído deixando a minha volta uma atmosfera diferente, auspiciosa e cheia de saudade.

Mas eu estava muito ansiosa. Como se, ao sair, Daniel tivesse aberto um portão. Esse portão dava para uma estrada e, ao vislumbrá-la, eu tinha uma sensação boa. Difusa, mas ainda assim boa. Às vezes tinha o cariz dos recomeços; às vezes parecia o fim de um hiato. Mas era sempre tingida de cores vibrantes e positivas. E eu queria logo percorrê-la.

Hoje, o fato de nossa mente, ao menos a princípio ou concretamente, não alcançar o futuro parece-me muito acertado. Para que antecipar as emoções para além de presunções inventadas? Estas ao menos, se alguém é otimista como descobri que a maioria das vezes tento ser, podem ser obras de sonhos e coloridas como um jardim sortido em flor.

Se bem que, talvez, tampouco isso seja saudável.

Ainda não decidi se contemplar a devastação é pior quando, em vez de rios de águas turvas, os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sulcos em nossa pele são canteiros de azaléas, amores-perfeitos e camélias, essas espécies que sobrevivem até aos climas mais inóspitos, frios, mas que, nesse caso, podemos ver apenas pelo espesso muro de vidro de um pretérito jardim de inverno, quando já é proibido tocá-las.

Mas o que dizer de alguém que perde o controle de toda e qualquer dimensão de tempo?

Eu ainda não sabia, mas tardaria ainda muito em fechar esse parêntese, ou talvez não o fechasse nunca; a verdade é que ainda não sei.

Pela manhã bem cedo, as mensagens trocadas via WhatsApp com Daniel pareceram prolongar esse desvio, fizeram meu coração palpitar em expectativa, esperando promessas e declarações concretas, que não chegaram. Mas me fizeram bem quando, nas palavras práticas e repletas de preocupação com meu bem-estar, ele me acalmava dizendo nas entrelinhas que eu importava para ele.

Eu havia tirado a manhã para cuidar do jardim. As cores e os perfumes que preenchiavam meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentidos eram um alimento muito eficaz para a fome de viver e de seguir em frente que de repente me assaltava, mas também para a minha ansiedade.

Terminada minha missão ali, aproveitando a presença de minha ajudante, decidi organizar os armários dos quartos, otimizar o espaço e o tempo. Mal sabia eu que esvaziá-los era o primeiro passo para a abertura de um portal mágico que eu traspassaria e que jogaria a última pá de terra sobre minhas primeiras teorias acerca do tempo. Do outro lado não haveria um leão cheio de sabedoria que me guiaria, mas um dragão que marcava a fogo todos a quem encontrava.

Enquanto esvaziava meu guarda-roupa, Ivone separava as roupas que precisavam ser repassadas, dobrava e pendurava em cabides as outras. A cavidade escura estava quase vazia quando, no fundo, encontrei uma sacola de papel.

Franzi o cenho, intrigada.

— Ué, o que é isso? — perguntei a mim mesma em voz alta e abri a sacola, olhando dentro.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, esqueci de avisar. Lavei essa calça, mas está toda rasgada, então deixei separada aí. Se quiser, conheço uma costureira de mão cheia, ela faz milagre...

Enruguei o nariz rejeitando a ideia. Balancei a cabeça decidindo que não compensava conservar aquele mulambo, mas, antes de descartá-lo, me perdi nas raias que retalhavam parte do jeans, como se elas fossem as lacerações deixadas em minha própria vida depois do acidente.

Em pensamento tentei dimensionar a trajetória de minha queda naquela encosta, os obstáculos que porventura eu havia encontrado no caminho até o solo. Pela primeira vez tive curiosidade sobre o lugar em que havia me acidentado, em saber o que fazia ali e por que tinha caído.

Desviei os olhos do jeans, olhei para a janela, o olhar perdido, e projetei mentalmente o entorno da casa, perguntando-me se ela havia sido cenário ou ao menos testemunha do evento que abrira uma brecha em minha existência. Estávamos entre serras, numa depressão, ainda que não tão cravados

quanto o vilarejo. Mas, ao redor da casa, não havia declives tão acentuados como parecia ser aquele em que eu tinha despencado.

— Você estava aqui no dia do acidente? — de repente me ocorreu perguntar à Ivone.

— Sim, senhora — respondeu sem tirar os olhos do que fazia.

Eu, porém, já olhava para ela e me aproximei sem deixar de observar seu rosto. Ainda não tinha conseguido largar a calça; de repente, o que antes parecia só um trapo velho pendia entre meus braços, como uma espécie de elo com o passado que eu desconhecia. A ponta do fio de verdade que me conduziria e evidenciaria a realidade que, por mais que eu lutasse para aceitar, por mais que eu já reconhecesse meu amor por Daniel, ainda era surreal. Bem no fundo de mim, algo ainda o queria refutar. Algo que me desafiava, que desafiava minhas emoções, dia após dia.

— Onde foi? — perguntei.

— Senhora? — Ergueu o olhar, obviamente

PERIGOSAS ACHERON

distraída com os próprios pensamentos, e voltou a concentrar-se nas roupas que jaziam na cama.

— O acidente. Você sabe onde aconteceu, onde eu caí?

Ela deu de ombros. Colocou uma pilha de roupas dobradas sobre o banco ao lado do armário e atraiu outro monte, que estava na extremidade da cama, para dobrar.

— Não tenho certeza.

Eu me aproximei da cama e abri espaço para me sentar, dando sinais de que prolongaria aquela conversa. Ela pareceu compreender isso e começou a falar sem que precisasse de mais estímulo.

— Quando a senhora saiu correndo do chalé, eu estava batendo o tapete na varanda da cozinha. — Agora foi ela quem enrugou o nariz. — Fiquei meio cabreira, não confi... Ah, deixa pra lá, nada disso é da minha conta — titubeou, resmungona, parecendo se dar conta de que falava demais.

Pegou outra pilha de roupas dobradas e a dispôs

PERIGOSAS ACHERON

ao lado daquela que ainda me esperava.

— Mas é da minha conta e, se você pode me ajudar a lembrar, nada mais justo que me contar, ainda mais quando sou eu quem está pedindo — ponderei.

Ela abraçou a roupa que começava a dobrar e inclinou o rosto me observando, o olhar angustiado.

— Tanta gente querendo esquecer os problemas e a senhora querendo lembrar! — Balançou a cabeça em negativa. — Só Jesus na causa! — exclamou exasperada.

Tentei não dar asas à imaginação, atribuir ao termo “problemas” apenas as consequências de meu acidente. Ignorar o pressentimento estranho que aquelas palavras me suscitavam.

— Esquecer o passado não necessariamente muda o presente — comecei. — A nossa história é importante, nossas experiências são os melhores professores e falam de nós mesmos, de quem somos; se formos inteligentes, mesmo que sejam dolorosas, nossas vivências podem ser como uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lanterna no caminho, ou como um espelho.

Ela encolheu os ombros mais uma vez e projetou o lábio inferior para a frente, num gesto dotado de descrença. Aos poucos eu descortinava uma alma que já tinha visto muito e para quem as experiências eram duras demais para gerarem luz e esperança.

— Pode ser.

— E podemos fazer escolhas. Eu escolho saber, então não há por que você ficar constrangida em me contar — argumentei.

Parecendo vencida, ela suspirou, mas continuava centrada no que fazia.

— Não sei de nada. Mas a gente, quando fica velha, sente quando uma coisa não está certa.

— Como assim?

— Nada, só fiquei preocupada quando a senhora desceu para o chalé da sua irmã.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha irmã? Ela estava aqui? — perguntei ignorando o uso do pronome possessivo na fala dela.

— Arram. Ela vinha sempre e daquela vez já fazia um mês que estava aboletada lá no chalé.

Eu estranhei e, ainda que não pretendesse render o assunto, vi aí uma oportunidade de compreender o sumiço de Kayla. Mas talvez minha irmã estivesse de férias na ocasião, só isso, e não houvesse nada para eu entender.

— E você sabe por que eu fui até lá?

— Não sei — falou parecendo estar mais centrada nas roupas que na conversa. — Só sei que saiu do banho e foi direto pra lá. Ele já estava enfiado lá com ela quando...

— Ele? — interpelei.

— O seu Dan... — Ivone se interrompeu e me olhou desconcertada.

— Daniel estava lá? — indaguei ao deduzir o
PERIGOSAS ACHERON

que ela diria, tentando aparentar calma; e eu estava calma.

— Ai, dona Aline, eu não tinha nada que meter meu nariz nessa história. — Balançou a cabeça, um gesto aflito.

— Tranquila, nem vou comentar com ninguém que você me disse isso.

Ela inclinou a cabeça concordando, em suas feições um ar duvidoso.

— Ah, foi isso — continuou finalmente. — Como meu anjo da guarda nunca bateu com o da sua irmã, eu arranjei um jeito de ficar na janela, de olho, enquanto a senhora descia pra encontrar os dois.

— O Daniel pediu que eu descesse? Ele estava me esperando?

— Disso eu não sei. Também não sei quando foi que ele entrou lá. Só sei que, quando a senhora saiu chorando, ele saiu logo atrás, desesperado. A senhora correu igual a um furacão. Eu também

PERIGOSAS ACHERON

corri pra fora e fiquei olhando quando a senhora saiu pelo portão, e o seu Daniel atrás. Depois a senhora entrou pelo portãozinho que dá no bosque, lá fora, e se escafedeu.

Enquanto ela relatava tudo aquilo, meu coração palpitava descompassado, saltava batidas. Eu estudava as possibilidades; talvez tivesse me desentendido com Kayla e tivesse ficado chateada, mas isso não se encaixava com a realidade que eu conhecia. Apesar de muitas vezes ceder ante as crises da minha irmã, eu não costumava render discussões infrutíferas com ela e muito menos tinha reações como a que Ivone descrevia, sair correndo, chorando. Não, eu apenas me calava e me distanciava, tentava de alguma forma expurgar a contrariedade até que ela se acalmasse.

Outra possibilidade — esta absurda demais — insinuou-se em minha mente, mas tratei de empurrá-la para bem longe. Não tinha cabimento. Não, minha irmã podia não ser fácil, podia ser cruel com as palavras nos momentos em que se exaltava, mas não era desleal. E quanto a Daniel, bom, do Daniel eu pouco sabia, além de meus próprios

sentimentos por ele. E dos dele por mim. Porque, apesar de ele não ter verbalizado nada disso, eu podia sentir seu amor. E amor é isso, não? É para ser sentido.

— Não sei direito onde a senhora caiu, mas já subi a trilha algumas vezes atrás de umas ervas — interrompeu meus pensamentos respondendo à minha pergunta inicial. — Depois de subir aquele morrão — falava gesticulando, como se eu conhecesse o lugar —, a trilha fica reta e vai toooda vida, né. Lá em cima, um pouco antes da altura da entrada do condomínio, tem um descampado e um barranco de todo tamanho. Vai ver que foi lá. — Balançou os ombros, e eu assenti com a cabeça.

As informações que ela me dava eram superficiais, apenas inspiravam dúvidas e medos. Eu precisava refletir e saber se valia a pena escavar, às cegas e sozinha, o passado. Ou se era melhor esperar para me valer das verdades que Daniel poderia me contar. Pelo menos agora eu sabia o que perguntar.

Depois que terminamos com meu quarto, nós

PERIGOSAS NACIONAIS

descemos. Preparei uma refeição frugal — purê de batatas, salada e frango grelhado — para nós duas. Insisti para que Ivone fizesse a sesta, uma hora de descanso antes de retomar o trabalho, e tentei fazer o mesmo na frente da TV. Nada me distraía, no entanto, nada era tão instigante quanto a tal trilha que minha ajudante havia descrito e que eu apenas imaginava.

Poderia ser um caminho, um gatilho para o passado. Sempre ouvi dizer que quando perdemos algo é necessário refazer o trajeto desde a última vez em que tocamos o objeto perdido, e talvez essa fosse a resposta.

Esse pensamento percorria minha mente, alguns minutos depois, enquanto eu observava o chalé que havia em nosso terreno. Uma pessoa sozinha poderia viver com tranquilidade ali e, embora eu achasse que minha irmã deveria se hospedar na casa ao nos visitar, pude entender porque ela se instalava naquela casinha. Era cômoda, aconchegante, proporcionava privacidade e podia ser até romântica.

PERIGOSAS ACHERON

Observei, toquei objetos e senti a aspereza da madeira escura das paredes. Aspirei os cheiros sem nada resgatar e saí refazendo o caminho de pedras que eu imaginava ter seguido meses atrás.

Sem avisar à Ivone, saí pelo portão e caminhei pelo condomínio, sondando os alambrados que separavam a rua do frondoso bosque.

Antes de virar a esquina, eu o encontrei, o portão. Não estava aberto e podia passar despercebido. Agarrei, com as duas mãos, o marco cilíndrico de ferro e o empurrei com força.

Entrei e segui pela trilha acidentada que começava ali, por sorte estava de tênis.

Subi por quase quinze minutos, sempre seguindo a trilha, até que ela declinou para a direita e continuou em linha reta, como Ivone havia descrito. O local não parecia muito frequentado, galhos e cipós invadiam o caminho em alguns trechos e deixavam pequenos vergões em minha pele.

Finalmente alcancei uma grande clareira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

semicircular, as bordas recortadas, um palco ao ar livre e às avessas, em que a plateia, natural e indiferente, era o verdadeiro espetáculo. Um mirante alto e desprotegido o bastante para oferecer perigo. A área era extensa e eu me perguntei se os escarpados que eu contemplava da minha casa eram parte de uma de suas faces.

Caminhei com uma calma estranha, repleta de imperiosa determinação, em direção à margem. Parei a centímetros da borda e olhei para baixo, fixando-me no desenho alcantilado do declive rochoso que me levava àquele ponto da minha vida, quase inconsciente da altura e do perigo de estar ali. Tentei imaginar a queda, meu corpo se abatendo em cada elevação, metros abaixo. Só então me veio a vertigem. E o medo. E eu recuei vários passos, assustada com a temeridade de minhas próprias ações.

Refiz os passos que me levaram até ali praticamente com a mesma carga: uma lacuna na memória; a semente da dúvida e o medo no coração. Apenas a perplexidade tinha sido adicionada àquele peso.

PERIGOSAS ACHERON



— A senhora tem certeza? Eu posso muito bem subir! — Ivone perguntou, mais tarde, enquanto eu trepava no último degrau de uma escada, frente ao armário da sala de televisão.

— Tenho, Ivone. Não precisa ficar preocupada, já estou totalmente recuperada — e era verdade, tirando a torpeza do braço que eu havia quebrado, não sentia nada. — Toma. — Eu me inclinei e entreguei a ela uma montanha de livros. Alguns eu até reconhecia, eram do tempo da faculdade.

— Acho que o seu Daniel não vai gostar nada de saber dessa extravagância.

— Relaxa, Ivone, sem estresse — e me abaixei para entregar outra dentre as várias caixas que estavam no maleiro.

Na terceira vez que me inclinei, meu braço já estava fraco e deixei que tudo despencasse ao chão.

— Ai, meu Deus do Céu! — Minha ajudante
PERIGOSAS ACHERON

juntou as mãos frente ao peito.

— Calma, Ivone — tranquilizei. — Parece que só tinha papel aí. — Respirei fundo, notando agora que estava cansada, e descí. — Vamos dar uma olhada em tudo isso aqui, separar o que vai ficar, esvaziar o espaço. Depois eu subo para pegar mais.

Priorizei os livros separando uma parte para doação e, em seguida, a caixa que eu tinha deixado cair, repleta de contas pagas que achei melhor deixar para Daniel revisar.

— Essa caixa está muito pesada, Ivone. Deixe aí, depois eu arrasto.

Ela não me deu ouvidos e, cerca de meia hora depois, enquanto se entretinha afastando as pilhas de livros, abri uma caixa branca, em madeira, na tampa um motivo axadrezado de tonalidades azuladas.

Havia um envelope pardo na frente e eu sondei as duas faces; o nome de um escritório de advocacia no campo do remetente e, o de Daniel, no espaço do destinatário. Deixei de lado pensando

PERIGOSAS ACHERON

em acrescentar à pilha que meu marido deveria analisar e continuei a explorar a caixa.

Um forro aveludado de cor azul-royal cobria cuidadosamente o conteúdo. Talvez protegesse algum enfeite, pensei, já que eu costumava guardar esse tipo de objetos assim, ou com um papel de seda.

Senti a maciez do tecido com as palmas das mãos. A textura do veludo me era agradável e sempre me transmitia boas sensações. Levantei o forro e deparei com um motivo infantil, um urso pardo vestido com uma fralda, deitado, as pernas para cima; parecia fazer estripulias.

Entrecerrei os olhos e contive a expressão sorridente que queria desenhar-se em meu rosto. Será? Será que estávamos pensando em... Eu nunca tinha planteado essa ideia, a maternidade, ao menos não que me lembrasse; talvez num plano bem distante.

Já não continha o sorriso, ouvia vagamente os resmungos de Ivone, que estava distraída entre os

livros empoeirados, quando retirei o álbum da caixa e o abri.

Um bebê.

Ah, meu Deus — eu ri por dentro —, um bebezinho de, sei lá, uns seis meses? Não era nada do que eu estava imaginando, mas... *Quem era?* — Soltei um riso airado e rápido, uma mescla de ternura e desconcerto.

Uma infinidade de possibilidades passou veloz por minha cabeça, filho de algum parente, presente para alguma amiga, um enteado... Filho da Kayla? Não, eu saberia. E aquele lampejo familiar nos olhos escuros? Olhos ternos...

Passei mais uma página, e outra, e outra. E mais uma. E meu sorriso se desfazia paulatinamente, a cada página, a cada foto.

Uma mulher grávida. Um casal. Eu. As mãos dele em um ventre avultado. *Meu* ventre.

O sorriso aniquilado, meu coração pulsando cada vez mais rápido, mais desmarcado. A histeria
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ocupava uma a uma cada nervura que irrigava meu corpo.

— Que foi, dona Aline?! — ouvi a voz assustada de Ivone, senti sua proximidade e só então fiquei ciente do grito agudo que havia cortado minha garganta.

Subi os olhos, uma mão no peito.

Ivone me olhava estarecida, uma mão cobria sua boca, o olhar penalizado e brilhante.

— O que é isso, Ivone?! O que é isso, pelo amor de Deus! — gritei.

PERIGOSAS ACHERON

23

“Foi então que ela viu no
calendário/um sofrimento
diário/uma dor que tinha número/ e
uma aflição já havia um mês...”
Martha Medeiros

Daniel

— Como eu disse, o valor do arrendamento dos
três hectares foi calculado de acordo com a
quantidade de minério que poderemos encontrar e
com o uso que o senhor fazia da terra. Não creio
que, a essa altura, Luthar esteja disposto a rever o
valor. — Notei que o homem crispava o rosto e,

disposto a não ceder um ápice sequer, continuei, olhando firmemente para os outros. — Mas o senhor há de convir comigo que a remuneração prevista neste contrato é excelente. — Senti o celular vibrar no bolso e pensei em ignorar, mas, tendo em vista a situação de Aline, julguei melhor conferir quem me ligava.

Com discrição tirei o aparelho do bolso, mantendo-o sob a mesa, e dei uma olhada na tela.
Aline.

— Mas esse minério não é renovável, e isso deveria ser levado em...

Já absorto no número que aparecia na tela do celular, eu ouvia vagamente a argumentação do arrendatário. Elevei o rosto e, inquieto, fitei meu interlocutor, pensando em uma maneira de interromper a reunião. Não havia meios, eu estava em vias de convencê-lo de uma vez por todas a não criar problemas. Sua ganância era o único fator que ainda me segurava naquela fazenda, e eu não poderia sair dali sem uma resolução para apresentar a Gabriel.

Coloquei o telefone no modo silencioso e voltei a guardá-lo num bolso da calça. Já era o segundo dia de reunião, não deixaria que isso se arrastasse por mais tempo. Decidi tomar as rédeas da conversa e abreviá-la, assim poderia retornar logo a ligação. Não devia ser nada de mais, Aline estava bem.

— ... afinal de contas, é muita coisa o que vocês vão tirar das minhas terras!

— Eu entendo que o senhor precise aproveitar o máximo da terra, mas adianto que será perda de tempo argumentar nesse sentido com Luthar. — Nas entrelinhas eu dizia “é pegar ou largar”. — Embora pareça, não é tanto assim o que aproveitaremos; nossa projeção inicial é de uma para cada dez toneladas extraídas. Aquele material passará por esteiras de beneficiamento, e grande parte será rejeitada. De mais a mais, o projeto de recuperação de um terreno, que, aliás, estava em péssimas condições, leva por terra seu argumento anterior.

— Mas... — tentou me interromper.

— O senhor teve tempo de analisar o projeto com calma? — interpelei eu. — Se leu, deve saber que a remuneração contratada não é a única vantagem que oferecemos ao senhor...

— Eu sei, só que...

— Pai — o filho mais velho do homem o interrompeu dessa vez, quando ele fazia menção de insistir. Tocou-lhe o braço com uma mão e o olhou de modo significativo. Então o homem mais velho acenou num gesto aquiescente. Os outros três presentes continuavam em silêncio, apenas observando. — Nós concordamos — disse o rapaz, agora olhando para mim, e eu esvaziei os pulmões, aliviado. Finalmente poderia ir embora daquele lugar. — Mas queria que o senhor não fosse embora ainda. — *Ah, Merda!* — Meu advogado mora em um município vizinho, ele vai vir hoje mesmo, e eu queria esclarecer umas dúvidas sobre algumas cláusulas.

— Tudo bem — anuí, mas no fundo queria trucidar o sujeito. Por que eles não haviam feito isso antes de permitir que o proprietário da fazenda

assinasse a porra do contrato? — Ahn... Tem ideia de quando ele vem? — Eu não queria parecer apressado, mas a verdade era que estava louco para dar o fora dali.

— Deve chegar no finalzinho da tarde, mais tardar lá pelas sete.

Meneei a cabeça, impotente.

— Certo — falei mordendo um palavrão. — A reunião ainda durou cerca de meia hora, até que o rapaz se deu por satisfeito e nos liberou a todos para um café.

Nesse momento, dei um jeito de escapulir e fui para a varanda.

Quando conferi o celular, ele tinha muitas chamadas não atendidas de Aline, e eu senti o coração disparar. Retornei imediatamente, xingando-me em pensamento. Tinha acontecido alguma coisa, não era do feitio dela insistir tanto, e eu tinha deixado de atendê-la por causa de uma maldita reunião com um bando de encenqueiros. Será que a Kayla tinha me desobedecido e

PERIGOSAS ACHERON

aparecido por lá? Só podia ser isso, pensei e, apesar de nunca ter posto a mão em uma mulher com tanto ódio, quis apertar o pescoço da minha cunhada.

Tentei várias vezes e não consegui contato pelo celular com Aline, então resolvi ligar no telefone fixo, também sem sucesso. Preocupado e percebendo, pela movimentação atrás de mim, a iminência de me enfiarem de novo dentro daquela sala, liguei para Gabriel. Expliquei a ele a situação e pedi que tentasse contatá-la ou, se possível, que fosse até minha casa e verificasse se estava tudo bem com minha mulher.

Cerca de quarenta minutos depois, na segunda rodada da reunião, meu amigo retornou a ligação. Dessa vez não tive reservas em atender, pedi licença alegando uma emergência e me retirei da sala.

Gabriel disse que também não tinha conseguido contato por telefone fixo ou por celular e que tinha ido até minha casa. Não tinha conseguido falar com Aline, mas me tranquilizou dizendo que conversara com Ivone. Esta, pelo visto, não tinha escutado o

telefone, estava trabalhando no quintal, mas garantira que Aline estava à salvo em casa, dormindo.

— Não vá inventar de viajar à noite — Gabriel disse. — Mesmo com a distância curta, a previsão do tempo é de chuva forte — advertiu. — Já que tem que ficar aí até tarde, deixe para vir amanhã cedo. Está tudo bem, cara, ela só estava tirando um cochilo — falou e, já que ele havia me tranquilizado, pude prosseguir com meu trabalho mais sossegado.



Aline

Meu jardim de inverno, pensei deitada de bruços em minha cama, riscando com a ponta de um dedo a silhueta do ursinho que estampava a capa do álbum, o máximo que eu poderia me permitir. O máximo que eu merecia.

Deitado sobre o tapete ao lado, cabeça baixa, Marrom me olhava de esguelha. Parecia sentir meu

PERIGOSAS ACHERON

estado de espírito e espelhá-lo. Ele não fazia o gênero caseiro e dorminhoco, era mais um tipo selvagem, preferia correr pela grama atrás de besouros, cigarras e, quando tinha sorte, das aves do vizinho. Às vezes eu duvidava que ele fosse mesmo um labrador; na certa era um mestiço de linhagem lupina, só faltava uivar. Agora, porém, eu tinha certeza de que ele era um bom companheiro, solidário, cúmplice.

Uma suave batida à porta me fez erguer os olhos. Apenas os olhos. Na janela, o manto escuro da noite já fazia as vezes de cortina escurecendo o quarto. A luz suave do abajur ao meu lado criava uma atmosfera lúgubre, porém mais tênue que a penumbra que obscurecia minha alma.

— Entre — falei sem muita energia e voltei a fitar a capa do álbum, a porta que escondia meu intocável jardim particular.

Logo ouvi os passos, só podiam ser de Ivone, mas não me movi.

Naquele momento tudo era muito confuso,

impossível decidir se a visão da beleza que eu não merecia ver diminuiria a minha dor. Para abrir as portas e ver o jardim, eu teria que cruzar um caudaloso e escuro canal de sofrimento, mas, de qualquer maneira, a outra Aline já havia decidido por mim, deixando por escrito, antes de partir, a sua sentença: *Culpada*.

Mais cedo ao deparar com o álbum, eu tinha experimentado momentos de profundo desespero. É uma experiência devastadora descobrir a perda de algo maravilhoso antes mesmo de ter podido tocá-lo. Sim, porque, a Aline que então eu era nunca o tinha acariciado; nunca havia sentido a suavidade daquela pele repleta de dobrinhas; nunca tinha sentido o cheiro e, tampouco, seus pinotes no ventre... Eu sequer podia imaginar a sensação de carregar outro ser dentro de mim. Mas, depois de me acalmar apenas um pouco e de ouvir as difusas explicações de Ivone, eu havia pesquisado, na Internet, os arquivos dos jornais locais, as publicações da época. E não fora difícil compreender a outra Aline — sua sentença, sua partida —, embora fosse duro demais o peso de seu legado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois disso eu havia buscado refúgio nas palavras dela, lendo mais uma vez alguns daqueles textos cheios de melancolia e angústia — mais que isso, de dor, desolação — e caí em mim: aquelas palavras não eram meu refúgio, mas meu cárcere. E eu não poderia rechaçá-las.

Apesar do aborrecimento inicial com Daniel, por ele ter omitido tudo aquilo, eu tinha desejado com desespero que ele estivesse ali comigo, o abrigo de seus braços, o consolo morno de seu peito, o amparo firme de seu ombro. Não tinha pensado em nada, só o queria ao meu lado. Não havia remissão, mas, se houvesse refúgio, um alento por mínimo que fosse, eu sabia que o encontraria em Deus e nele. Mas tinha tentado contato várias vezes, em vão. Daniel não me atendia.

Depois disso só havia um lugar na Terra em que eu poderia buscar algum apoio humano para sobreviver até o dia seguinte: meu psiquiatra. Não tardei em procurá-lo. Uma conversa rápida, que não me havia devolvido a paz, mas que ajudara a amainar ao menos um pouco os ânimos.

PERIGOSAS ACHERON

Na volta para casa, um peso a mais na bolsa. A carta que eu mesma havia escrito e que o médico havia guardado para me entregar naquele momento. Ela vinha com a orientação expressa de que eu a lesse o quanto antes, mas, enquanto eu estava debruçada sobre o colchão, ruminando os acontecimentos da tarde e de meu passado recém-descoberto, o envelope estava ainda na bolsa, lacrado, esquecido, ignorado, ou melhor, propositalmente negligenciado.

— Ô dona Aline — a voz apenada de Ivone me tirou dos pensamentos. — Não fica assim, vai passar, minha filha, vai passar...

Eu me virei um pouco ficando de lado e a olhei. Tentei sorrir, sensibilizada com sua preocupação, mas senti a garganta se contrair e os olhos arderem. Meneei a cabeça num esforço por concordar e oprimi os lábios, as comissuras voltando-se para baixo pelo esforço que eu fazia para não desabar. Sem que eu pudesse evitar, uma lágrima escorreu silenciosamente, e outra.

— Olha, fiz um chazinho de camomila com

maracujá. — Ivone parecia aflita por me ver tão abatida. — Isso vai ajudar a senhora a dormir à noite.

Assenti e sorvi as lágrimas, num esforço por demonstrar minha gratidão e apagar a expressão penalizada que acentuava cada ruga do rosto de Ivone. Eu me ergui e me sentei na borda da cama, então aceitei a xícara que ela me oferecia. Balancei-a e apenas beberiquei um pouco; a garganta, contraída, não permitiria muito mais.

— Seu celular tocou várias vezes lá embaixo — falou tirando-o do bolso do avental e esticando o braço em minha direção. — Devia ser o seu Daniel. Eu não quis incomodar a senhora, pensei que já estivesse dormindo.

Concordei com a cabeça e fingi beber mais um gole, deixando a xícara sobre o criado-mudo. Peguei o celular e o enfiei na gaveta do mesmo móvel, sem sequer conferi-lo. Passado o susto e com a descoberta da justiça que lavrava minha sentença, eu já não encontrava sentido em buscar consolo. Embora soubesse que algum dia teria que

encontrar uma maneira de conviver com isso sem condenar Daniel junto comigo. Não era justo, ele não merecia. Mas agora eu só queria desaparecer em mim mesma.

— Não vai retornar as ligações dele? Seu Daniel deve estar preocupado, mandou até o seu Gabriel vir aqui.

Elevei o rosto um pouco surpreendida, minhas ligações insistentes deviam tê-lo assustado.

— Achei melhor não dizer nada pra ele... Disse só que a senhora estava dormindo, mas que estava bem... Fiz mal?

Meneei a cabeça. Ela tinha sido sábia ao tranquilizá-lo. Por mais desolada que eu estivesse, nada justificava obrigar meu marido a pegar estrada correndo, preocupado. Aquilo era algo de que deveríamos falar pessoalmente e com calma.

— Fez bem — sussurrei e voltei a me recostar.

— Também fiz uma sopinha... Tá bem levinha, quer que eu traga um pouco?

Eu apenas voltei à posição em que ela havia me encontrado, e Ivone deve ter lido a resposta em meu silêncio, já que logo notei seus passos suaves em direção à porta.

Fechei os olhos, decidida a deixar de me torturar por aquela noite, e, mais rápido do que imaginava, peguei no sono.



Quando elevei as pálpebras, os raios de sol já se infiltravam entre as folhagens das árvores e incidiam em minha janela. Tive a impressão de ter apenas fechado os olhos, meu corpo doía como se eu tivesse dormido dentro de uma caixa do tamanho do meu tronco.

Mas o conhecimento de que Daniel logo chegaria sobreveio-me e suplantou o cansaço que eu sentia, obrigando-me a reagir. Com esforço me levantei. Precisava tomar um bom banho. Sabia que não conseguiria me alimentar, mas não queria que meu marido encontrasse menos que um trapo jogado na cama quando chegasse. Eu não sabia por

que razão, mas, por mais arrasada que estivesse, queria parecer forte perante ele. Eu precisava fazer isso, buscar forças como fosse.

Levantei-me e caminhei até a cômoda, em busca de algo confortável para vestir. Antes que pudesse abrir uma das gavetas, vi um envelope pardo sobre o móvel. Não, não era a carta que eu havia escrito. Peguei-o e observei suas faces, reconhecendo-o; era o mesmo que eu havia encontrado no dia anterior, na caixa de pertences do bebê.

Plissei o cenho, provavelmente Ivone o deixara ali para que eu me lembrasse de dizer onde guardá-lo. Abri a pequena aba pensando em analisar o conteúdo, retirei os papéis que havia dentro, e o que vi foi mais um regato de águas turvas a rasgar minha pele.

— Uma petição de divórcio — sussurrei ao ler o título do documento.

De repente trêmula da cabeça aos pés, corri os olhos pelo papel e vi que nele constavam meus

dados, os dados de Daniel e que, embora parecesse consensual, só estava assinado por ele, pelo advogado e por uma testemunha: Kayla. A firma de Daniel estava inclusive reconhecida, e a data registrada pelo cartório... Aquela data... — cobri os lábios com uma mão e meus olhos se inundaram —, o dia da minha queda naquela encosta.

Meus joelhos vacilaram, um tremor incontrollável se assenhorou de meus membros.

Num instante o caminho que eu havia feito até o local do acidente, no dia anterior, percorreu meus pensamentos. Cada reentrância do solo que eu havia pisado cobrou vida ante meus olhos absortos, enquanto as peças se encaixavam em minha mente. Retalhos de informação desmoronavam sobre mim feito os destroços de um arranha-céu a ruir, soterrando-me entre estilhaços de uma verdade dolorosa demais.

O inexplicável sumiço da minha irmã. A frieza e a distância de Daniel... Seu olhar alheio, melancólico. Os eternos silêncios. Sua ausência em minha cama. Kayla vivendo no chalé. Nosso

encontro lá dentro.

Ele já estava enfiado lá com ela quando... — a voz de Ivone reverberou em meus pensamentos, sacudindo meu cérebro. [...] Não sei quando foi que ele entrou lá. Só sei que, quando a senhora saiu chorando, ele saiu logo atrás, desesperado.

Eu não me lembrava de nada antes desse dia, de nada depois de meus vinte e um anos até o dia em que acordei no hospital, mas tudo aquilo só podia significar uma coisa.

24

“Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo o que sua vida exige.” Clarisse Lispector

Aline

Amantes. Eram amantes, pensei segurando o papel com as duas mãos trêmulas, as lágrimas descendo sem cessar.

Já estava assim, sentada no chão, recostada à cama, havia pelo menos meia hora; tentava dar sentido a mais uma verdade que dilacerava meu coração.

Daniel queria se separar de mim.

Como eu tinha sido boba, idiota. Estava fazendo planos feito uma tonta ingênua e apaixonada, enquanto ele só estava esperando que eu recuperasse a memória para se divorciar de mim. Estava tudo tão claro agora.

— Ah, meu Jesus amado, mas a senhora tá até agora assim, nesse estado, minha filha? — ouvi a voz de Ivone, nem tinha percebido sua entrada.

Elevei o rosto, devia estar inchado e vermelho de tanto chorar, as lágrimas ainda rolando sem cessar.

— Ivone. — Num lapso de lucidez e determinação, fiquei de pé. — Preciso que me ajude a fazer as malas.

— Malas? — estranhou. — Pra quê? A senhora vai viajar?

— Não, Ivone. Eu vou embora daqui.

— Embora? Mas por quê? Dona Aline, a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhora não pode fazer uma loucura dessas, o seu Daniel vai ter um treco quando chegar e não encontrar a senhora aqui.

Olhei séria para Ivone e lhe estendi o documento.

— Acho que ele não vai se importar.

Relutante, ela pegou o papel, e eu lhe dei as costas, indo diretamente para o armário.

— Pe-ti...ção de di-vór-cio. Uai, mas que diacho é isso? — perguntou às minhas costas, enquanto, sem me importar com sua presença, eu me desnudava.

— É isso mesmo que você leu, Ivone. — Olhei por sobre um ombro. — Daniel quer se divorciar de mim. — Era uma informação pessoal, mas o mais próximo de uma amiga que eu tinha no momento era Ivone, e ninguém podia dizer que ela não agia como tal. — Na certa foi por isso que você me viu sair correndo do chalé aquele dia. Olhe a data, Daniel assinou e reconheceu firma no mesmo dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha nossa! — exclamou francamente admirada, e eu entrei apressada em um jeans, já esquecida do banho que planejava.

Queria só me esfumar dali. Não pertencia àquele lugar.

Vesti uma camiseta de algodão e me aproximei de Ivone. Com uma mão no rosto, outra segurando o documento, ela ainda olhava pasmada para o papel.

— Pegue as malas menores que limpamos ontem, enquanto escovo os dentes; nem lavei o rosto ainda. — À medida que falava e que o tempo transcorria, eu sentia em minha própria voz a determinação que se apoderava de mim. Eu me aferrei a ela com todas as forças. Seria minha aliada, meu bote salva-vidas.

Tinha sido traída pelas pessoas em que mais confiava. Por que outro motivo Kayla teria assinado aquele documento antes de mim? E por que eu havia saído chorando do chalé depois de encontrá-los lá? Eu não era assim, não era do meu

feitio resolver as coisas dessa maneira, fugindo aos prantos. Se Daniel queria se separar e eu não, eu lutaria, claro, mas não sairia correndo feito um bibelô ferido. Não. Algo mais havia acontecido naquele chalé, algo grave, e eu teria que ser muito ingênua para não presumir o que era, o que significava tudo isso.

— Acho que a senhora não devia sair daqui fugida desse jeito — opinou Ivone, quando eu voltava do banheiro. — Pensa direitinho, menina...

Ao ouvi-la, parei no caminho para o armário e me coloquei frente a ela. Toquei seus ombros e disse:

— Não estou fugindo, Ivone. Não se trata disso. — Eu me afastei e lhe dei as costas, começando a retirar as roupas dos cabides, lançando-as de qualquer jeito sobre a cama. — Só não quero ser uma pedra no caminho de ninguém e, pelo que tudo indica, é isso que eu sou na vida do Daniel e da Kayla.

— A senhora acha que...?

— Tenho certeza. Você não? — perguntei relanceando-a rapidamente por sobre um ombro, lembrando-me do tom de suas palavras ao falar da minha irmã no dia anterior.

— Eu...

— Tudo que me contou...

— Mas eu não disse que...

— Mas pensou. — Olhei-a de novo, procurando deixar claro que não a recriminava. — Suas impressões, junto com as minhas... O comportamento dele, dela... Tudo leva a crer que sim, eles estavam juntos, são amantes, e eu estou sobrando aqui. Acho que ela só está esperando que eu me recupere para vir tomar posse do meu marido.

Logo que pronunciei essas palavras, experimentei aquela já conhecida sensação de irreabilidade. Jamais havia suposto que minha irmã pudesse fazer algo do gênero comigo, porém também nunca tinha imaginado que ela desapareceria no momento em que eu mais

PERIGOSAS ACHERON

precisava dela. Para o bem ou para o mal, nós nos surpreendemos com as pessoas, e eu simplesmente não reconhecia essa mulher, minha única parente biológica.

Mas já não podia ignorar o fato de que dados muito importantes da minha vida, dados que eu tinha como incontestáveis, não passavam de um simulacro; inclusive o amor da minha irmã e do meu marido. Bom, no caso dele, talvez fosse obra da minha imaginação, afinal Daniel não me havia dito isso. Tivemos sexo três vezes, mas eu não podia negar que o havia pressionado. Tinha pensado que ele dormia no sofá para me preservar, que não queria impor-se — um estranho — em minha cama. Eu deveria saber que algo não se encaixava; um homem que me amasse de verdade teria se aproximado espontaneamente, ainda que chateado por ter sido esquecido; talvez sobretudo por isso.

Sem perder tempo, eu e Ivone acondicionamos algumas roupas em duas malas pequenas; peguei apenas o essencial. Enviei minha ajudante para o piso de baixo com uma das malas, em busca de

umas peças que estavam na lavanderia, e, enquanto isso, abri o cofre dentro do armário. Precisava de algo com que recomeçar e achava mais que justo retirar dali. Não queria mais nada, só um primeiro passo. Alcancei um dinheiro que Daniel deixava para as provisões da casa, mas não tive coragem de levar as joias, embora me pertencessem.

Antes de descer, eu me sentei na cama e abri a gaveta do criado-mudo. Olhei mais uma vez para a capa do álbum. A única recordação do filho que não figurava em minha memória, mas que, ainda assim, deixara um rombo em meu coração. No fim das contas, era a única perda que eu deveria lamentar. Apesar de ferida, devastada pela traição de Daniel e minha irmã, sabia que amores e sentimentos fraternos eram superáveis; que um dia eu conseguiria passar a página.

Via, uma a uma, minhas convicções ruírem; a última tinha sido sobre o amor. Percebia que minha mente de vinte e um anos era imatura demais para compreender esse sentimento. Pelo menos aquele que um homem sente por uma mulher e vice-versa. O amor de Eros. Talvez ele não fosse para ser

sentido, afinal; talvez tivesse que ser ouvido e tocado em um papel assinado, com firma reconhecida. Assim como seu antagonista, o desamor, a quem só vi chegar após ler aquela petição.

Já o outro sentimento, aquele que eu havia experimentado imediatamente ao ver a foto de abertura do álbum, eu sabia que era insuperável, insubstituível. Eterno. Se o amor materno era um mito como alguns acreditavam, eu não sabia, mas podia falar por mim; algo escondido no cerne do meu ser — um profundo afeto que só poderia significar isso — havia acordado no dia anterior.

Pena que eu não poderia levar o álbum, pensei. Sequer isso, essas lembranças, me pertenciam. A outra Aline as tinha levado consigo e decretado meu esquecimento, minha culpa e meu cárcere.

Limpei uma lágrima fugidia e voltei a guardar o álbum, sem me atrever a abri-lo. Lutando contra os tremores das mãos, retirei o celular da gaveta e fiz uma ligação para a única pessoa que poderia me ajudar a dar os primeiros passos.

— Anote meu endereço — disse ela do outro lado da linha, sem vacilar, depois de me ouvir.

Eu o memorizei e, após encerrar a ligação, devolvi o celular para a gaveta. Então me levantei e puxei a mala que havia ficado até a cômoda. Na gaveta porta-trecos, procurei uma caneta e um bloquinho de anotações. Escrevi o endereço temendo esquecê-lo e, antes de jogar a caneta de volta na gaveta, o vi. O documento que tinha acabado de destroçar a vida que eu começava a aceitar. Que tinha destruído qualquer sensação de pertencimento que eu tinha conseguido encontrar naquela casa. O amor não correspondido que eu havia descoberto.

Num ímpeto, movida pela mágoa, pelo orgulho e por uma dor dilacerante, alcancei o documento. Virei a página procurando o campo das assinaturas dos requerentes, contive as lágrimas, assinei endossando a vontade de Daniel e datei, deixando-o sobre a cômoda de novo.

Se é o que ele quer, que assim seja, pensei e retirei a aliança, que tinha voltado a usar,

repousando-a sobre os papéis.

Aferrando-me a um último resquício de dignidade, agarrei a alça da mala, a bolsa e saí.

Antes de descer, passei pelo escritório e recolhi alguns documentos, diplomas, certificados, dentre outros. Precisaria deles para recomeçar.

Um pouco depois, já no piso inferior, Ivone insistia para que eu comesse. Recusei categoricamente, nem em sonho conseguiria engolir algo. Pelo telefone fixo, chamei um táxi e caminhei em direção à cozinha, com minha ajudante, para aguardar.

— Você me ajuda a levar as malas até o portão quando o táxi chegar? — pedi.

— Sim, senhora.

O timbre do interfone soou e ambas nos olhamos com estranhamento; não era possível que já fosse o táxi.

— Quem será? — perguntamos em uníssono.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá atender — falei.

— Deve ser o seu Gabriel de novo, parecia muito preocupado ontem — conjecturou Ivone.

Permaneci junto à bancada enquanto Ivone atendia, sem tirar os olhos dela.

— Quem é? — perguntou e aguardou.

Logo franziu o cenho e então arregalou os olhos, olhando-me.

— Quem? — sussurrei balançando a cabeça, confusa ante sua expressão alarmada.

Ela tapou o fone com uma mão e respondeu:

— É sua irmã! — murmurou.

Meu coração retumbou no peito, um momento de eterno e denso silêncio sobreveio, como uma sentença que aguarda a consumação. Ivone me olhava sem saber o que fazer, esperando uma ordem.

PERIGOSAS ACHERON

Após um instante de hesitação, acenei aquiescendo.

— Tem certeza? — quis certificar-se ela.

— Sim — consenti.

Ivone apertou o botão que abria o portão e me olhou com receio. Aproximou-se e parou do outro lado da bancada que separava a cozinha da sala. Ela me observava com sombria expectativa, como que prestes a testemunhar uma reação inesperada da minha parte. Eu com certeza não conseguia esconder a apreensão, a aflição e a dor.

Anuí com um gesto de cabeça mais uma vez, e ela entendeu o recado, caminhando comigo até a porta, na dianteira.

— Espera, Ivone. — Toquei seu ombro detendo-a. — Eu faço isso.

— Tem certeza? — a pergunta preferida de Ivone.

Confirmei com a cabeça.

— Tenho — mas não abri imediatamente.

Permaneci com a mão no trinco, até que ouvi a batida, e então arrastei a porta francesa pelos trilhos, deparando com *ela*.

25

“A razão pode advertir-nos do que é preciso evitar; só a intuição nos diz o que há que fazer”. Joseph Joubert

Daniel

Nunca acreditei em destino, mas algo que muitas vezes me guiou foi a intuição. Sei que ela não é infalível, não a vejo como algum tipo de premonição nem nada desse tipo. Para mim é mais como mensagens do inconsciente sobre detalhes que escaparam à nossa consciência, em meio a tantas informações com as quais somos bombardeados o tempo inteiro. É aquela vozinha

PERIGOSAS ACHERON

interior que nos dá vislumbres de um futuro possível, de modo subjetivo, através de emoções. Às vezes vem revestida de expectativas boas, às vezes pode ser opressiva, mas, seja qual for o seu cariz, não é clara.

Às vezes, vem na forma daquela angústia que simplesmente nos incomoda e para a qual não encontramos justificativa.

Encerrado o segundo e último dia de reunião, eu me sentia assim. Passava das dez da noite quando terminaram de destrinchar o contrato e também minha paciência, então atribuí ao estresse aquele sentimento estranho alojado no peito.

Ainda assim, embora eu quisesse muito ir para casa, achei melhor perder parte da manhã seguinte supervisionando os trabalhos no terreno arrendado, só para garantir que não precisaria voltar ali.

Nem bem pus os pés no quarto do hotel, coloquei o celular para carregar; não podia esperar para falar com Aline.

Um pouco depois, liguei várias vezes, mas ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não atendeu. Uma centelha de preocupação me incomodou, mas conferi a hora no visor e vi que passava das onze, então procurei me acalmar; na certa ela já estava dormindo. Normalmente Aline apagava depois das dez, quando tomava todos aqueles medicamentos.

Cogitei ligar para o telefone fixo, falar com Ivone para saber se estava tudo bem, mas, antes de discar quatro dígitos, desisti. Era melhor não incomodar nossa ajudante àquela hora da noite. Ela madrugava, trabalhava duro e já não era uma menina. Melhor não abusar dela. À tarde Gabriel tinha verificado que estava tudo bem, não havia motivos para me preocupar, disse a mim mesmo.

Resignado, deixei o telefone sobre a mesa de cabeceira e fui para o banheiro, precisava de uma ducha fria.

Ao terminar, de volta ao quarto e com apenas uma toalha nos quadris, ainda que minha consciência me alertasse para a hora imprópria, não resisti e digitei uma mensagem.

PERIGOSAS ACHERON

"Oi. Acabei de chegar ao hotel. Tentei falar com você hoje, mas não consegui. Também não pude atender quando você me ligou, desculpe."

Não sabia que importância poderia haver em dizer isso àquela altura, mas acho que eu só procurava um pretexto para estabelecer qualquer conexão com Aline; não aguentava mais de saudade, precisava dela perto de mim.

Deixei o telefone sobre o móvel e, procurando esquecê-lo, me enxuguei e vesti uma boxer. Penteei os cabelos úmidos com os dedos, apaguei a luz e me deitei na cama, tentando relaxar. Estava exausto tanto física quanto mentalmente e sentia os músculos retesados, mas isso não era tudo.

Algo me inquietava naquela noite.

Esfreguei o peito com uma mão, como se isso pudesse me apaziguar, e fechei os olhos. Os minutos passaram, o cansaço e a tensão persistiam, mas o sono não vinha me salvar. Eu me mexi de um lado para o outro da cama, mudei de posição, amassei o travesseiro e o virei várias vezes nos

vinte minutos que se seguiram, mas tudo era inútil; o que quer que me afligisse partia de dentro para fora.

Por fim, agindo por puro automatismo, peguei novamente o celular. Conferi a mensagem que havia enviado, talvez Aline tivesse respondido, mas me frustrei ao ver que ela sequer a tinha visualizado.

Sem pensar muito, comecei a digitar:

"Sentindo imensamente a sua falta."

Estava prestes a enviar a mensagem, parei por um momento, hesitante, e então continuei, sem sopesar as palavras, apenas liberando o que me vinha à mente, direto do coração:

"Aconteceram tantas coisas nos últimos meses, recobramos um pouco do que tínhamos, e tenho tanto ainda sobre nós para contar, para mostrar a você... Mas o principal eu ainda não disse, desculpe."

Hesitei de novo, deveria dizer tudo isso a ela

PERIGOSAS ACHERON

pessoalmente, mas os sentimentos, as emoções, sufocavam-me, pugnavam ferozmente por sair. A vontade de resolver tudo, de viver aquele amor interrompido com Aline, rugia como um animal selvagem atrás das grades e me empurrava àquela liberação.

Resolvi escutar a intuição e terminei de digitar a mensagem.

"Amo você. Amo demais, loucamente."

E então, sim, consegui relaxar e dormir. Diria isso a ela muitas vezes ainda — foi meu último pensamento antes de pegar no sono.



Aline

Em uma fração de segundos, enquanto segurava o trinco, eu havia imaginado várias maneiras de recebê-la, sempre com o queixo erguido e olhando-a nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não contava com o que verdadeiramente me depararia.

Deus me perdoe, mas a visão daquela barriga volumosa me repugnou de tal maneira que só pude dar-lhe as costas, fechar os olhos bem apertados e oprimir os lábios com força para não vomitar. Eram a indignação, a dor e a tristeza que desbordavam dentro de mim e lutavam por sair.

Ainda de costas para Kayla, dei alguns passos, precisava guardar distância dela.

— Eu vim para ficar, não vou permitir que você me mande embora! — Kayla se impôs em tom belicoso, mas eu a conhecia, sabia que estava na defensiva, atacando antes de ser atacada.

Na certa temia que eu, depois de tudo, a expulsasse dali. De fato, por alguns instantes foi o que desejei fazer, e estava em meu direito, mas jamais me colocaria entre um pai e seu filho. Porque era evidente que se tratava disso. Além do mais, meu orgulho já estava ferido o bastante para que eu lhe permitisse ver toda a mágoa que crescia

PERIGOSAS ACHERON

dentro de mim. Daniel já havia feito a escolha dele ao assinar aquele papel, e a presença de Kayla apenas confirmava minhas suposições. Que sentido haveria em esperá-lo para conversarmos?

Ainda com os olhos fechados, eu ouvia os ruídos das rodinhas da mala dela, que parecia passar por cima do meu coração, esmagando-o. Lancei mão de todas as minhas forças e me virei, encarando-a, Kayla de frente para mim.

Não pretendia dizer nada, só queria sair dali, mas o ventre inchado dela atraiu meu olhar e, sem que eu pudesse evitar, sussurrei para mim:

— Essa criança...

Ela pareceu me ouvir, pois no mesmo instante subiu as mãos e segurou a barriga com um gesto protetor.

— Não vou tirar, ninguém vai me obrigar a fazer isso! — gritou e só então a olhei nos olhos, os dela alucinados, insanos.

Kayla parecia muito nervosa, assustada, e seu

PERIGOSAS ACHERON

rosto marcado denunciava o choro recente. Eu a conhecia bem, seu temperamento beligerante, sua alma complexada; conversar naquele momento só a instigaria ao ataque impensado, e eu não iria me expor às injustiças que com certeza minha irmã estava pronta para proferir. Não que eu pretendesse iniciar qualquer diálogo com ela. O que havia para ser dito já estava muito claro nas entrelinhas, e eu sabia bem o que tinha que fazer.

— Não se preocupe, ninguém vai tirar você daqui — falei modulando com supremo esforço a voz, fingindo serenidade; não queria que ela percebesse o quanto eu estava abalada. — Eu já estava de saída. — Caminhei até as malas. — Ivone, vamos? — chamei.

— Sim, senhora — ouvi o murmúrio atrás de mim.

Peguei uma das malas, e Ivone, a outra, então nos dirigimos à porta novamente.

— Aline — ouvi quando já cruzava a soleira e me virei. — Então vocês... Você e o Daniel

resolveram mesmo se...

Eu apenas assenti com a cabeça e continuei a andar.

— E aonde você vai? — havia agora uma nota de preocupação em sua voz? Não importava. Eu já não a queria.

Era tarde demais para que Kayla assumisse o papel de irmã, de família.

— Não interessa — respondi em tom sacal, sem sequer me voltar, e segui meu caminho.

Já no portão, Marrom apareceu. Contendo as lágrimas, eu me agachei e o abracei longa e intensamente; acariciei a pelagem macia e recebi seus beijos molhados.

— Vou sentir sua falta, rapaz — disse apesar da voz embargada. Eu não me despedia só do cachorro, eu dava adeus ao lar que, agora me dava conta, havia encontrado naquela casa. — Tente se comportar. — Fiquei de pé. — Ivone, se quiser pode voltar para casa hoje.

— A senhora tem certeza que vai fazer isso? Não é melhor esperar o seu Daniel, conversar direitinho com ele, minha filha?

— Tenho certeza, sim. Não há mais nada que eu possa fazer — e a abracei. — Muito obrigada por tudo.

Ela hesitou um pouco e retribuiu o abraço. Ouvi o ruído de um carro que se aproximava.

— Imagina, D. Aline, eu que agradeço.

O carro parou e o motorista saltou, interrompendo-nos. Cumprimentou-nos e colocou a bagagem no porta-malas.

Entrei pela porta traseira, enquanto ele ocupava o lugar atrás do volante. Entreguei a ele o papel onde havia anotado o endereço e o vi arrancar.

Através do vidro acenei me despedindo pela última vez de Ivone, mas não olhei para trás.

O carro se afastou e só então eu permiti que as lágrimas escapassem. Minha garganta doía

PERIGOSAS ACHERON

enquanto eu evitava emitir qualquer som. Outro veículo passou por nós no sentido contrário, um SUV de cor clara, talvez um Jeep, e, pelo retrovisor, vi que ele parava na porta de casa.

Não era Daniel. Quem seria?

Dei de ombros, não importava.

Enxuguei as lágrimas e procurei esquecer, em vão, tudo o que eu havia vivenciado nos últimos dias.



Daniel

Eu me enganei ao pensar que, depois de enviar aquelas mensagens à Aline e conseguir dormir, acordaria mais aliviado. Deveria saber, por experiência própria, que aquele era o tipo de sentimento que dorme conosco, apoia-se ao nosso travesseiro e amanhece em nossa cama. As poucas horas de sono tinham sido apenas uma trégua.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei com as galinhas e, após um banho rápido, parti pela última vez em direção à fazenda do Sr. Felício. Era cedo para ligar para Aline, então decidi que faria isso um pouco mais tarde, depois que chegasse lá. Não contava com o fato de que no terreno arrendado não houvesse sinal para qualquer operadora do planeta e então descobri o significado mais profundo da palavra frustração.

Impotente, procurei me concentrar no trabalho, sairia dali ainda pela manhã. Supervisionei tudo com olhos de lince e, cerca de três horas depois, peguei o caminho de volta.

Na estrada, assim que o celular detectou o sinal da minha operadora, parei em um posto de gasolina e verifiquei o aplicativo de mensagens. Passava das dez e Aline sequer havia visualizado minhas mensagens, que diabos estava acontecendo com ela?

As preocupações da tarde anterior ameaçaram me abalar mais uma vez, mas procurei me apegar às palavras de Gabriel, que havia dito que estava tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Disquei para casa, estava ocupado.

Calma, Daniel, disse a mim mesmo.

Larguei o celular no painel e dei partida no carro. Em vez de perder tempo com ligações e suposições idiotas, era melhor acelerar, ir logo para casa. Era o único remédio para a aflição sem sentido que consumia meus nervos.

Algumas horas haviam passado quando ouvi o celular apitar avisando que a bateria estava no fim e, uns minutos depois, recebi uma ligação de Gabriel.

Estacionei no acostamento, liguei o pisca-alerta e atendi.

— Onde você está? — perguntou ele, antes que eu dissesse qualquer coisa.

— Chegando ao Anel — respondi. — Daqui a pouco chego em casa. O que você quer? Fala logo, que minha bateria está acabando.

— Passe aqui em casa antes — pediu em tom

PERIGOSAS ACHERON

sombrio.

Estranhei que àquela hora ele estivesse em casa, e não na empresa. Estranhei também sua voz, parecia preocupada.

— Não, não vai dar — a despeito de tudo, eu me recusei. — Tô moído, cara, preciso ir para casa.

— Passe aqui primeiro — Gabriel insistiu.

— Não dá para esperar? Passo aí mais tarde. Eu estou cansado, cara, esses dias naquela fazenda me esgotaram, e eu preciso ver minha mulher.

— É uma ordem, Daniel — disse em um tom grave, taxativo, que eu conhecia e que, sabia, era irredutível.

Suspirei cansado.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa? — questionei assim mesmo, pensando no que poderia ter havido na empresa.

— Só venha — e desligou.

Olhei para o celular por alguns segundos, intrigado e preocupado ao mesmo tempo. Já ia ligar para Aline quando ouvi os três bips que indicavam o fim da bateria. Aborrecido, joguei o telefone no banco do passageiro e prossegui viagem.

Por volta das treze horas, adentrei os portões da casa de Gabriel. Não pretendia entrar, desci do carro e fiquei aguardando-o perto do jardim. Mas meu amigo apareceu junto à porta e, com um gesto, ordenou que eu me aproximasse.

Na frente da casa, havia uma ampla varanda. Tudo era muito claro, de bom gosto e impecavelmente limpo. O mármore branco Thassos e os tons pastéis dos móveis que compunham o ambiente aconchegante eram convidativos.

O Sol estava alto no céu. O suor escorria por meu torso, ampliando meu cansaço, mas, ao pisar na área coberta, fui recebido por uma corrente de ar fresco. Pensei em tirar as botas para sentir o piso frio sob os pés cansados, mas, ansioso para acabar

com o que quer que fosse e ir embora, encarei meu amigo. Ele tinha o semblante muito sério, o que me fez pensar que algo realmente grave havia acontecido na empresa. Esqueci por um momento as preocupações com minha própria vida e perguntei:

— O que foi que aconteceu?

— Senta — ordenou sério, apontando para uma cadeira, mas não fez o mesmo, permaneceu de pé.

Ressabiado, entrecerei os olhos e hesitei por um instante, mas logo, resignado, obedeci. Eu o olhei interrogante. Gabriel se aproximou e passou uma mão na mandíbula num gesto que eu conhecia e que ele sempre fazia antes de soltar alguma bomba.

— Você tem que ficar calmo, ok? — advertiu e eu imediatamente fiquei alerta.

Franzi o cenho. Por que eu tinha que ficar calmo?

— Por quê? — verbalizei o pensamento, já

PERIGOSAS ACHERON

ciente de que não se tratava da empresa, mas de mim, da minha vida. Não suportei, fiquei de pé, de frente para ele. — Que porra está acontecendo, por que você está assim? — Senti o coração acelerar, e a respiração, difícil. — É a Aline? Que foi que aconteceu com ela? — Não esperei resposta e me precipitei em direção à saída.

— Espera, porra! Não adianta sair daqui assim — tentou me deter.

— Tenho que ir, tenho que ver minha mulher.

— Não adianta, Daniel, ela não está lá — ouvi antes de alcançar a pequena escada e estaquei no lugar, voltando-me.

— Não está? — Engoli em seco.

Ele se aproximou e se postou frente a mim, colocando as duas mãos em meus ombros. Gabriel me olhou nos olhos e declarou:

— Aline foi embora.

Balancei a cabeça me negando a atribuir
PERIGOSAS ACHERON

àquelas palavras o sentido óbvio. Sorri sem humor.

— Como assim, “foi embora”?

— Foi embora, cara, fez as malas e deixou você.

— Ela me deixou — soltei meio interrogando, meio afirmando, e senti como se braços invisíveis me estretassem com força, comprimindo meus pulmões.

— Sinto muito, Daniel. Se eu pudesse, teria evitado — explicou e continuou falando. — Hoje de manhã liguei para sua casa, só por desincargo de consciência, e, de novo, não consegui falar com ela. Fiquei meio cabreiro com isso e resolvi dar uma passada por lá. — Ao passo que ele falava, eu sentia que era mais difícil respirar. — Quando cheguei encontrei a Ivone no portão e ela me contou. Disse que a Aline tinha ido embora.

Puxei o ar com força, mas tive a sensação de que meus pulmões já estavam plenos, de que não caberia mais nada neles por mais que eu me esforçasse.

Então veio a vertigem.

— Daniel? — Notei vagamente a proximidade de Gabriel, minha visão turva. — Cara, você está bem? Está pálido... — disse e eu inspirei mais uma vez, mas o ar não vinha, *porra!*

Já a tensão vivida nos últimos dois dias, talvez nos últimos anos, vinha com tudo sobre mim, e eu não conseguia fazer o mais primitivo, o mais básico de tudo, a primeira coisa que fazemos ao vir ao mundo.

— Não consigo respirar, cara, não consigo respirar — balbuciei e comecei a tossir feito um louco. Curvei o torso, mãos nos joelhos, sentia que ia morrer.

— Calma, cara, calma! — Senti mãos em meus ombros, e Gabriel me aprumou, balançando meu tronco com força. — Espera, vou buscar uma água — pediu e saiu correndo.

Inspirei com força, mas houve apenas um ruído enquanto o ar, rascante, tentava atravessar minha

PERIGOSAS ACHERON

garganta, que parecia trancada. Sentei-me no topo da pequena escada. Suor frio de repente recobria meu corpo, e tremores incontrolláveis faziam vibrar meus membros.

— Toma. — Agachado a minha frente, Gabriel me oferecia um copo d'água.

— Não, não consigo. — Bati a mão no copo, que voou longe e se quebrou.

— Merda! — ouvi e notei que Gabriel puxava minha camisa, despindo-me. — Daniel, olha pra mim. — Tocou meus ombros novamente. — Daniel, olha pra mim, porra! — e bateu em minhas faces algumas vezes, conseguindo que eu voltasse o rosto para ele. Eu tentava prestar atenção no que ele dizia, mas sentia que meu olhar estava fixo no nada, e os pensamentos, também. Sua voz soava difusa aos meus ouvidos. Eu ia morrer, eu sabia que ia! — Daniel! — berrou. — Preste atenção em mim. — Segurou meu rosto obrigando-me a olhá-lo, e eu aquiesci com um gesto, sentindo os olhos muito abertos. — Não inspire mais, solte o ar primeiro, entendeu? Entendeu?! — Acenei com a

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e tentei fazer conforme ele instruía, esvaziando os pulmões o máximo que pude. — Isso — sua voz agora soava branda —, feche os olhos. Isso... Agora inspire, mas devagar. — Fiz o que ele ordenava e fiquei meio zozinho. Mesmo assim, seguindo suas instruções, repeti o processo algumas vezes, até que, aos poucos, fui me acalmando, a respiração se restabelecendo.

Quando senti que já respirava normalmente, abri os olhos.

— Melhor? — Gabriel perguntou e eu balancei a cabeça, a despeito de ainda tremer. — Venha. — Ele me puxou pelo braço. — Vamos dar uma volta.

Caminhamos em direção ao jardim, para um setor repleto de árvores, em silêncio, buscando a sombra. No caminho, encontrei uma mangueira enrolada a um suporte. Eu me agachei e abri a torneira. Peguei a mangueira e molhei o rosto, a cabeça e o torso.

Depois disso continuamos a caminhar até encontrarmos uns bancos de madeira, sob uma

PERIGOSAS ACHERON

frondosa árvore. Aos poucos ia me sentindo melhor. Eu me sentei. Gabriel permaneceu de pé, e eu não perdi seu olhar, preocupado e cauteloso, sobre mim.

— O que mais a Ivone disse? — busquei forças para perguntar.

— Tem certeza de que quer falar disso agora?

— Tenho.

— Não disse muito. Só contou que a Kayla estava lá e que Aline havia descoberto tudo.

— Tudo?

— Tudo.

— Merda — cuspi entredentes, os olhos fechados. Esfreguei o rosto com as mãos procurando manter a calma. Permaneci assim, cabeça baixa, por um momento, até que me aprumei e voltei a encarar meu amigo.

— A Ivone não disse para onde ela foi?

— Disse que não sabia.

Acenei com a cabeça e olhei ao longe, pensando no que poderia fazer.

— E agora, cara? — Olhei para Gabriel. — O que eu vou fazer?

Ele se sentou ao meu lado, tinha um graveto na mão e o quebrava distraidamente. Gabriel não me olhava, fitava algum ponto do amplo jardim, mas respondeu:

— Agora vamos procurá-la. Vamos remover cada pedra da região atrás da sua mulher. — Por fim me olhou. — É esse o nosso negócio, não é? — Tocou meu ombro num gesto apaziguador.

Meneei a cabeça concordando.

— É. Eu vou encontrar a Aline. Não vou perder minha mulher de novo.

26

“Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha.” Confúcio

Daniel

— Daniel! — ouvi a voz da minha cunhada, assim que passei pela porta de casa.

— Agora não, Kayla. — Sem a olhar, fiz um gesto com a mão, impedindo-a de se aproximar.

Subi as escadas correndo, seguindo para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Ao entrar, a primeira coisa que fiz foi conectar o celular à tomada. Na casa de Gabriel, eu já havia ligado para Aline, mas não tinha conseguido falar. Estava morto de preocupação, além de arrasado, e persistiria sem cessar.

Enquanto o aparelho ligava, eu me levantei e sondei o quarto buscando vestígios dela. Abri seu guarda-roupas, e a visão da cavidade praticamente vazia aumentou o rombo em meu coração. Uma visão perturbadora. Fechei os olhos e inspirei as reminiscências do perfume da minha esposa. As notas longínquas que restavam cheiravam a saudade, dor, necessidade. Falta.

Por que você fez isso, Line? Por que não esperou para conversarmos?

Abri as gavetas de roupas íntimas. Vazias.

Desolado, voltei para a cama e me sentei, pegando o celular. Verifiquei o aplicativo de mensagens e vi que ela ainda não tinha visualizado as minhas. Aline devia estar mesmo muito ressentida. Se pelo menos eu tivesse a oportunidade

PERIGOSAS ACHERON

de explicar tudo...

O que será que a Kayla contou a ela?

Ao chegar eu tinha evitado falar com minha cunhada. Estava possesso pela ira e, se lhe desse ouvidos naquele momento, não sei do que seria capaz. Mas sabia que em algum momento teria que ter essa conversa.

Disquei para Aline e, novamente, minha ligação caiu na caixa de mensagens. Tentei mais algumas vezes, em vão.

Amanhã, disse a mim mesmo. No dia seguinte, com a cabeça fria, eu conseguiria pensar direito e elaborar um plano. Isso. Naquele momento eu precisava de um banho e de cama para me refazer de toda a tensão vivida durante o dia.

Caminhei até a cômoda com a intenção de pegar uma roupa. Tinha os olhos na segunda gaveta, que me pertencia, quando um brilho dourado me chamou a atenção.

A aliança, notei com um pulsar descompassado

PERIGOSAS ACHERON

do coração.

Ao me casar com Aline, apesar de termos tido um curto tempo de namoro, eu estava convicto de ter encontrado a mulher da minha vida. Colocar aquela aliança fora um ato de entrega e fidelidade absoluta, e eu tinha certeza de que seria para a vida toda. Talvez por isso eu tivesse hesitado tanto em retirar a minha, mesmo depois de ter decidido me divorciar.

Ao decidir entrelaçar minha vida com a dela, eu tinha levado muito a sério a ideia de *conjugalidade* que aqueles simples anéis pressupunham. Jamais poderia imaginar que as adversidades que viriam depois produziram aquela enorme lacuna entre nós dois.

A verdade é que, pensando melhor, eu percebia que as circunstâncias não tinham sido exatamente responsáveis pela trágica virada em nossa vida; elas tinham sido cúmplices, tinham testemunhado a maneira como nós dois as elaborávamos. Nós também tínhamos sido cúmplices silenciosos da própria desgraça. E, quando eu pensava nisso, não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava tratando de culpar ninguém; apenas tentava entender por que em alguns momentos da vida conseguimos transformar as feridas em cicatrizes e, em outras, não. As fissuras que haviam se colocado entre nós deveriam ter se tornado apenas marcas, pontes, para que pudéssemos traspassá-las, para que pudéssemos estar um ao lado do outro, mas elas apenas se alargaram, feridas abertas, vãos intransponíveis que nos distanciariam cada vez mais, separando nossas alianças.

Mais ou menos ciente dos papéis em que o anel repousava antes de eu o pegar, ainda sem o soltar, baixei o olhar e a vi, a petição de divórcio que eu havia assinado e de que já havia até me esquecido. Aquela loucura, aquele desatino. A cilada que eu havia armado para mim mesmo. Ela tinha sido eficaz.

Soltei a aliança sobre a cômoda e peguei os papéis quase com medo. Folheei cautelosamente, até chegar à última página, onde eu havia assinado.

E ela também.

PERIGOSAS ACHERON

Ela assinou.

Senti um aperto no peito e larguei os papéis como se estivessem em chamas.

Movido por repentino sentimento de urgência, retornei à cama, onde apanhei o celular e insisti muitas vezes ainda, como se tentasse ressuscitar um morto apenas com a persistência e a força de vontade.

Enviei uma mensagem, confesso que com poucas esperanças de que fosse visualizada, e liguei pela última vez. Nada. Senti uma vontade imensa de chorar, de atirar o celular na parede e me deixar vencer pelo descontrole. Sucumbir àquela dor que dilacerava meu peito.

Com os antebraços apoiados às pernas, o telefone na mão, fechei os olhos e tentei me acalmar. Não podia me dar ao luxo de perder as estribeiras de novo. Precisava de serenidade para agir. Tinha que encontrá-la, mas, apesar da determinação com que tinha deixado a casa de Gabriel mais cedo, eu não sabia nem mesmo por

onde começar.

Duas batidas soaram à porta, mas eu sequer me movi. De cabeça baixa, mãos sobre os olhos, notei passos às minhas costas.

— Daniel?

Demorei alguns segundos em responder.

— O que você quer, Kayla? — perguntei sem levantar a cabeça e notei sua sombra no chão.

— Você está bem?

— Não.

Houve silêncio, e ele se estendeu por longos segundos, dando a impressão de que Kayla já se havia retirado.

— Não entendo por que você está assim... — continuou ela. — Pensei que...

— O que você quer, Kayla? — repeti a pergunta num rosnado e finalmente a encarei.

Com o queixo apoiado aos punhos, não fiz qualquer esforço por disfarçar o quanto sua presença me desagradava.

— Preciso ficar aqui, preciso... Daniel, você vai ter que me ajudar. Não vou aceitar um não como resposta.

— Eu disse a você que não viesse — minha voz soou perigosa até para mim mesmo.

— Mas eu não tinha escolha. E eu disse a você que viria.

Sorri sem humor, emitindo um som desagradável.

— Pois pode ficar à vontade, Kayla; agora a casa é sua. Não era isso que você queria? Não é isso o que você sempre quis? — despejei nela todas as minhas frustrações. — O que foi que você disse à Aline para que ela saísse daqui assim, sem nem conversar comigo antes?

— Eu não disse nada. Quer dizer..., disse que vim pra ficar e que não tiraria meu bebê. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Colocou as mãos sobre a barriga e só então me fixei no volume sob a jaqueta larga que ela usava. Engoli em seco, sentindo-me culpado. — Não entendo por que está assim — continuou ela. — Quando fui embora daqui, você estava muito certo do que queria.

Eu bufei, agora para mim mesmo, rindo ironicamente daquelas certezas que pareciam ter sido engendradas no Inferno e pelo próprio Diabo.

— Vou deixar você sozinho. Já vi que não é uma boa hora para conversarmos.

Não, não é, pensei enquanto ela me dava as costas e saía.

— Kayla — chamei antes que ela fechasse a porta, mas não me movi.

Ela já estava às minhas costas; eu não mais podia vê-la e continuei como estava, olhando para o chão.

— O que é?

PERIGOSAS ACHERON

— Você tem plano de saúde? — perguntei.

— Não.

Acenei com a cabeça, pensando rapidamente no que deveria fazer.

— Vou providenciar isso, e, por enquanto, vá fazendo o acompanhamento em alguma clínica particular de Monte Belo. É só dizer quanto é, e eu providencio o dinheiro — instruí e continuei ponderando em silêncio; de alguma forma sabia que ela ainda não se havia retirado. — Você pode ficar. Terá toda a assistência de que precisar, mas... por favor, enquanto estiver aqui só se dirija a mim se for estritamente necessário.

Ela não respondeu, mas demorou um pouco para fechar a porta.

Eu faria o que era correto, e não só por ela. Mais que isso Kayla não obteria de mim.

Eu me levantei, decidido a tomar um banho e a me deitar. Voltei à cômoda e, antes de pegar a roupa, alcancei a aliança. Retirei a carteira de um

PERIGOSAS ACHERON

bolso da calça e guardei nela o anel. Ele ficaria ali até que eu pudesse devolvê-lo à dona.

27

“A esperança é o sonho do homem acordado.” Aristóteles

Daniel

— Você não acha que ela poderia estar por aqui mesmo na região? — perguntou Gabriel, sentado atrás de sua mesa, no escritório.

— Não, não acho — respondi e me recostei à cadeira, procurando me desfazer da tensão que aquele assunto me causava. — Aline não conhece ninguém aqui... A menos que tenha recuperado a memória.

— E aquela amiga, aquela morena que estava

PERIGOSAS ACHERON

na sua casa no dia em que você viajou?

— Elas mal se conhecem, duvido que Aline soubesse onde ela mora.

— Ela poderia ter ligado... — sugeriu ele.

Inclinei a cabeça ponderando.

— Talvez... Mas, de qualquer maneira, não faço a mínima ideia de onde encontrar essa mulher.

— Qual é mesmo o nome dela...? É um nome diferente... — Gabriel tentou se recordar.

— Tessa, o nome dela é Tessa — respondi.

— Vamos procurar na lista telefônica — sugeriu e pegou o aparelho celular.

— Quase ninguém tem telefone fixo hoje em dia — contrapus desesperançado.

— Não custa nada tentar — refutou Gabriel. — Sabe o sobrenome dela?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faço ideia — respondi.

Depois de algumas tentativas frustradas de encontrar na lista telefônica o nome da amiga de Aline, nós desistimos.

— Com quem você falou até agora? — perguntou.

— Algumas amigas da faculdade que eu conheço, amigos em comum... Algumas pessoas do perfil dela nas redes sociais.

— E nada, nem uma pista?

— Nada.

— E a Ivone? Além da sua cunhada, ela é a única que poderia dar mais detalhes do que aconteceu.

— Simplesmente sumiu — respondi. — Não sei o que fazer, estou pensando em contratar um detetive. Também quero procurar uns conhecidos nossos que não encontrei nas redes, na capital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, acho que você não tem alternativa — Gabriel concordou. — Se quiser, eu tenho que ir até lá esta semana, posso...

— Não, sou eu quem tem que fazer isso, você não conhece a Aline como eu — recusei. — De qualquer forma, obrigado.

Gabriel assentiu.

— Ah, verificou as faturas dos cartões de crédito?

— Olhei, ela não usou nenhum deles.

— Como será que ela está fazendo, movimentou a conta de vocês? — continuou farejando.

— Não, nem um centavo sequer foi retirado. Ela levou um dinheiro que tínhamos no cofre, das despesas da casa, mas duvido que sobreviva mais que uns dois meses com isso.

— Corajosa... Admirável. — Gabriel sorriu pensativo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Orgulhosa, teimosa — refutei aborrecido, mas no fundo também admirava sua ousadia. Sempre havia admirado. — Ela devia ter esperado que eu chegasse para conversarmos, em vez de sair assim, sem nem me dizer aonde ia.

— E por que ela deveria? Eu não sei, não, mas acho que no lugar dela teria feito a mesma coisa — Gabriel espetou.

Olhei para ele com cara de poucos amigos.

— O que você queria? — continuou ele. — Assinou uma petição de divórcio pelas costas dela e andava todo esquisitão, além de ter escondido um monte de coisas! — argumentou. — Eu teria chutado a sua bunda também, meu caro.

Ouvi meu amigo e, reconhecendo a verdade em suas palavras, apenas baixei a cabeça, frustrado e triste. Desde que ela havia partido, a cada dia eu acordava sob a capa fria da desesperança e tinha vontade de voltar a dormir para não acordar nunca mais. Precisava clamar por muita força todas as manhãs, para prosseguir sem me entregar, mas, às

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes, não conseguia me esquivar da sombra que me espreitava, álgida, prestes a me tragar. O mal-estar era tamanho que fazia doer meu peito, cada nervo do meu corpo retesado.

— Já foi ao médico? — Gabriel perguntou, provavelmente notando meu abatimento.

— Ainda não.

— Vai ficar enrolando até quando? Desde aquele dia, já contei três crises, é assim que pretende encontrar sua mulher? Desse jeito você só vai encontrar o caminho da sepultura!

Não tive coragem de contradizê-lo. Não podia negar que estava perdendo o controle de mim.

— Aline deve estar abalada — continuou. — Não acho que você tem que ser forte o tempo inteiro, mas como vão apoiar um ao outro se estiverem assim, só a sombra. Você precisa fazer pelo menos isso. Assumir que não dá conta sozinho, que precisa de ajuda, e procurar um profissional.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está certo — concordei. — Prometo ver isso esta semana. De qualquer maneira não posso pegar estrada assim.

— É melhor não. — Gabriel suspirou e notou o envelope que eu havia deixado sobre a mesa dele. — Que é isso? — perguntou.

—É a petição de divórcio.

— Para que trouxe isso?

Encolhi os ombros.

— Sei lá — respondi. — Desde que ela foi embora, eu ando com essa porcaria para todo lado. Já prometi a mim mesmo rasgar essa porra umas mil vezes, mas acho que eu gosto de me torturar olhando para isso, para não esquecer de como sou idiota.

Gabriel arqueou uma sobrancelha e logo balançou a cabeça.

— Cara, para que isso? Errar faz parte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Mas queria chutar meu traseiro idiota. — Baixei a cabeça e deixei o pensamento voar.

— Se quiser faço isso pra você.

— O quê? — perguntei distraído.

— Chutar sua bunda patética.

Entortei os lábios num leve sorriso. Só mesmo Gabriel para me arrancar alguma reação positiva em meio àquela situação.

Meu amigo ficou sério de novo e limpou a garganta. Ele me olhou parecendo ressabiado.

— E a Kayla? — sondou. — Como tem sido com ela, lá? Ela disse mais alguma coisa...?

Alcei os ombros de novo.

— Na dela. Andou dando umas investidas, mas cortei logo. Você sabe muito bem por que ainda estou suportando a presença da Kayla na minha casa. — Eu o olhei de modo significativo, uma

PERIGOSAS ACHERON

sobancelha arqueada.

Gabriel balançou a cabeça e fechou o semblante.

— Ela ainda insiste em dizer que não contou nada a Aline? — Gabriel perguntou.

— Garante que não disse nada de mais, e eu não sei o que pensar.

— E se Aline tiver recuperado a memória? Se a Kayla estiver dizendo a verdade, é mais provável que sua mulher tenha se lembrado de tudo. Se não, por que ela teria assinado esses papéis?

— Não sei, mas não descarto essa hipótese. Talvez, encontrar aquela petição tenha acionado algo na mente dela, sei lá.

— E se isso tiver acontecido, se ela tiver mesmo recuperado a memória?

— O que é que tem?

— Ainda vai querer reatar com ela? — Gabriel

quis saber.

— Claro, por que não?

— Sei lá, ela pode ter voltado a ficar daquele jeito depois de se lembrar, e era justo por isso que você queria se separar — explicou ele.

— Aquilo foi uma loucura, não sei onde eu estava com a cabeça. Quero a minha mulher de qualquer maneira. Ver a Aline com a alma rejuvenescida serviu para abrir meus olhos, para me lembrar do que eu havia esquecido; da mulher que se escondia por trás daquela sombra que eu via andar pela casa. E para que eu acordasse, percebesse que nunca tinha deixado de amá-la. Mas isso não anula tudo o que houve, tudo o que nos trouxe até aqui. Eu a quero com tudo que ela tiver para me oferecer; a dor dela é minha também, é parte da nossa história. É parte de mim. Falhei com a Aline uma vez, não vou falhar de novo.

— Você não falhou, cara, só foi humano. Tanto tentou ajudar que olhe o resultado aí, você está doente.

— Ela não tem culpa.

— Sei que não. E nem você. — Ele exalou e continuou. — Estava pensando, acho melhor você tirar uns dias.

— Está louco? E ficar fazendo o que lá em casa, sem a minha mulher? Olhando para a cara da Kayla? Não, de jeito nenhum, eu preciso trabalhar para não enlouquecer.

Ele me encarou por um momento, como se me avaliasse, e então aquiesceu.

— Tudo bem, você é quem sabe, mas se precisar...

— Obrigado. Se puder me dar uns dias a partir da próxima semana, talvez em quinze dias, quando eu conseguir me estabilizar... Só preciso resolver essa questão de saúde e vou atrás dela.

— Tudo bem — concordou ele.

— Vou nessa — eu me despedi, peguei o envelope que continha uma das razões do meu
PERIGOSAS ACHERON

pesadelo e me levantei, caminhando para a porta.

— Até amanhã.

— Até.



Guardei o envelope no porta-luvas e dirigi para casa. Durante aqueles dias sombrios, eu procurava voltar mais tarde, mesmo que Gabriel me azucrinasse dizendo que eu deveria descansar. Kayla havia ocupado a sala de televisão, antigo quarto de Nicolas, e eu fazia o possível para não a encontrar acordada.

Aquele dia havia sido uma exceção. Eu sabia que meu problema não tinha nada a ver com trabalho, com os serões, mas sentia que, caso não descansasse, surtaria de novo. Depois de várias crises, eu sentia que precisava poupar meu corpo, guardar forças.

Ao entrar em casa, subi logo as escadas para o segundo piso. Já havia comido algo na rua, não

PERIGOSAS NACIONAIS

correria o risco de me encontrar com ela e azedar ainda mais a minha noite, pensei. Não esperava encontrá-la justamente em meu quarto.

— Que está fazendo aqui?! — perguntei, incapaz de conter a agressividade que tingia de vermelho a minha voz. — Por que está mexendo nas minhas coisas, nas coisas da Aline? — inquiri em um tom que denotava toda a possessividade que eu sentia naquele momento, em relação a minha mulher, seus objetos, o que era dela e o que era nosso; como um guardião feroz dos poucos vestígios restantes do que havíamos construído juntos, nossa vida em comum.

Kayla se voltou, a expressão assustada, um ar culpado. Parecia estar vasculhando uma gaveta no armário da irmã, o que me enfureceu ainda mais. Ela não tinha esse direito!

— Eu só... Daniel, eu...

— Não quero saber! — interrompi ferozmente. — Fora do meu quarto agora — rosnei apontando para a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Ela baixou a cabeça, assentiu e caminhou em direção à porta, com um ar submisso.

— Eu só estava tentando encontrar alguma pista. Encontrar algum detalhe que nos levasse a ela — murmurou antes de sair e fechar a porta.

Eu ignorei uma pontada de culpa pela maneira como a vinha tratando e, feito um louco, movido por um instinto protetor brutal, vasculhei o quarto observando os poucos objetos que Aline havia deixado para trás.

Rebusquei os armários, o banheiro, as gavetas da cômoda; agia feito um alucinado. Por último abri a gaveta da mesa de cabeceira e quase não acreditei ao ver o que estava lá.

O álbum de Nicolas. O celular.

O celular dela.

Ansioso, titubeei, incapaz de decidir qual dos dois requeria minha atenção com mais urgência.

Olhei por sobre um ombro, de repente

PERIGOSAS ACHERON

desconfiado; talvez Kayla os tivesse colocado ali. Talvez os tivesse encontrado e usado para me separar da minha mulher. Não, não fazia sentido, era o celular de Aline.

Acabei tirando o álbum da gaveta; havia anos não tinha coragem de sequer olhar para a capa. Aline o tinha encontrado, era óbvio. Claro, como eu não tinha pensado nisso? Logo que ela voltara do hospital, eu havia guardado a petição de divórcio lá, junto com os objetos do nosso filho, justamente para que ela não encontrasse.

Deus do Céu, como Aline teria reagido? Ivone teria contado a ela sobre aquele dia horrível? *Como será que Aline recebeu tudo isso? Mal, muito mal,* ouvi a resposta dentro de mim. Era muito para que ela absorvesse, e sem que eu estivesse junto para explicar tudo a ela.

Apesar dos alarmes que saltavam em minha cabeça ante a visão daquele celular, foi para o álbum que minhas mãos se dirigiram. Peguei-o e quase involuntariamente me sentei no chão, recostado à lateral da cama, como se precisasse me

esconder para enfim enfrentar aquilo que, durante tantos anos, eu tinha evitado confrontar.

Uma voragem de sentimentos desencontrados me consumiu em questão de segundos. Dor, dúvida, preocupação. O que Aline teria sentido ao encontrar o álbum? E por que não o havia levado? Ela tinha se lembrado?

Abri o álbum induzido pelas dúvidas, como que diante de um oráculo que responderia a todas elas. A primeira fotografia era de Nicolas, sozinho, sorridente, deitado na cama.

A alegria estampada no rosto. Na segunda página, Aline, de pé, o carregava no colo, e um sorriso deslumbrante enfeitava seus lábios. E em outra ele dormia de bruços sobre meu peito; eu estava deitado naquela mesma cama, cochilando.

Havia tantos anos eu não revisitava aquelas lembranças, e agora as lágrimas rompiam, com força brutal, o óbice sob o qual há tanto tempo eu me resguardava. Mesclavam-se a um sorriso, que também aflorava inevitavelmente. Choro e riso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma mescla agriçoce, mas ainda assim reconfortante para minha alma. Cortina de água fresca em dia de sol escaldante; o passado, ainda que imortalizado em meros pedaços de papel, ainda que imutável, era tangível e podia ser regozijador. Podia ser acolhedor. Podia provocar sorrisos! De repente eu redescobria o lado bom desse passado dentro de mim, do meu coração palpitante e cálido como aquelas memórias.

Desejei ter Aline ao meu lado. Queria contar a ela aquele descobrimento, mas me dei conta de que aquelas imagens poderiam ter para ela, sem memória, outro sentido, um que eu sequer poderia supor.

E, se recuperar a memória lhe proporcionasse um pouco do que eu sentia naquele instante, eu tinha ainda mais motivos para a querer de volta. Como fosse. Destroçada, despedaçada, como fosse.

Abalado pela turbulência das emoções, fechei o álbum e cobri o rosto com as mãos, soluçando, desabafando o pranto que durante anos, temendo confrontar a realidade daquela perda,

PERIGOSAS ACHERON

tentando ser forte perante Aline, eu havia suprimido.

Vários minutos depois, mais calmo, consegui me centrar no outro objeto que estava na gaveta. De nada adiantariam todas aquelas suposições se eu não a encontrasse. De nada adiantava rememorar aqueles momentos se eu não pudesse, de alguma forma, dividir a compensação com ela. Eu precisava me centrar nela, em encontrá-la. Haveria tempo para chorar, para sorrir, para renascer e para reconstruir. Ainda que as emoções me fizessem refém, eu precisava me fortalecer.

Peguei o celular de Aline e tentei ligá-lo. Ansioso, eu não saberia julgar se era bom ou ruim o fato de tê-lo encontrado ali. Por um lado, era sinal de que ela não atendia às minhas ligações e não respondia às minhas mensagens simplesmente por não estar com o aparelho, mas, em contrapartida, isso jogava por terra a única forma de comunicação que eu ainda achava ter com ela. No fundo eu tinha esperanças de que, com o tempo, quando estivesse mais calma, Aline voltasse a usar aquele número.

Tentei ligar o aparelho, em vão; estava descarregado. Os próximos quinze minutos passei revirando o quarto à procura do carregador, até lembrar que ela costumava guardá-lo na bolsa. Um velho hábito que nem mesmo a perda da memória havia apagado. Esperava que a amnésia também não tivesse subtraído o amor dela por mim.

Eu sentia, no fundo do coração, que não.

28

“É necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela.”
Friedrich Nietzsche

Daniel

— Que telefone é esse? — Gabriel perguntou quando depusitei o aparelho sobre a mesa dele, pela manhã, na empresa.

— É da Aline. Encontrei ontem, ela deixou em casa — expliquei.

— E aí, alguma pista?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não visualizou minhas mensagens quando eu estava viajando — contei apenas.

— Ela já devia estar sabendo de tudo — apontou ele.

— Pode ser — concordei.

— E então, mais algum detalhe? — Gabriel quis saber.

— Aline fez uma ligação antes de sair de casa — revelei.

— Para quem?

— Não sei, o número não está registrado na agenda.

— Você não ligou para saber de quem é? — Gabriel parecia espantado.

— Ainda não — admiti balançando a cabeça.

— Está esperando o quê, porra? — apelou ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava pensando... Não posso correr o risco de alertar quem quer que esteja ajudando Aline. Se de fato houver alguém, não posso perder essa pista.

— Okay, mas e daí? — Gabriel perguntou.

— Tenho que pensar bem em como fazer isso sem pôr tudo a perder. Ontem eu não estava em condições psicológicas de fazer essa ligação — confessei. — E o telefone estava descarregado. No caminho para cá, comprei um carregador e só agora verifiquei as chamadas.

— Anda, olha o número do telefone e liga agora — Gabriel incentivou, e eu aceitei o empurrão, procurando o número na agenda.

— Toma, liga do meu celular. — Ele me ofereceu o próprio aparelho e eu realizei a ligação imediatamente.

— Alô? — uma voz feminina atendeu.

— Com quem eu falo? — perguntei, a voz cautelosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer falar com quem? — a mulher não mordeu a isca, e eu precisei pensar rápido antes que ela desligasse.

Não queria mencionar o nome de Aline antes de saber com quem estava falando, não me arriscaria a perder essa “pegada”.

— Quem é? — Gabriel sussurrou ao meu lado e eu balancei a cabeça em negativa.

— Com quem você quer falar? — do outro lado da linha, a desconhecida insistiu.

Cobri o fone com uma mão e sussurrei para Gabriel: — É mulher.

Ele entreceitou os olhos, e eu senti uma gota de suor deslizar em minha testa.

— É ela! A amiga! — Gabriel sussurrou com certa rispidez e eu arrisquei, quase que automaticamente, dirigindo-me à mulher:

— Tessa? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Quem está falando? — redarguiu ela em tom desconfiado.

— Ahn... Daniel, marido da Aline... sua amiga. Lembra de mim?

Ela demorou um momento em responder.

— Eu... sim, lembro, claro — respondeu em tom tranquilo embora distante. — Em que eu posso ajudar?

Suspirei planejando uma abordagem; minhas mãos tremiam e eu procurei manter a calma.

— Estou procurando a Aline. Ela... saiu de casa e estou vendo aqui que falou com você no mesmo dia. Aline está com você, não está? — investi sem rodeios, era tudo ou nada.

— Não — respondeu a mulher, também direta. — Não está comigo.

— Mas ela ligou para você no dia em que foi embora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, ela ligou para... — dessa vez vacilou — para se despedir.

Traguei um nó de contrariedade na garganta. Ela poderia estar mentindo. Ou não. Mas aquela mulher mal conhecia Aline, a troco de que a estaria acobertando? E o que eu poderia fazer se fosse esse o caso? *Nada*, a voz da razão respondeu.

— Ela por acaso disse para onde ia? — indaguei.

— Sinto muito, ela não disse — respondeu.

Meneei a cabeça, num misto de resignação e derrota, como se a mulher do outro lado da linha pudesse me ver. Exalei, elevei o olhar e fitei Gabriel comunicando-me silenciosamente com ele. Por sua expressão, soube que ele compreendia que aquela busca havia sido infrutífera.

— Tem certeza? — insisti, a voz desanimada.

— Claro que sim — respondeu com firmeza a mulher.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha só, acredito que você esteja a par do problema de saúde da minha esposa — comecei, desapontado, a voz embargada. Pigarreei e continuei. — Estou muito preocupado com ela e... — Parei para respirar e ela me interrompeu:

— Sinto muito, mas eu realmente não sei onde ela está.

— Certo, mas... se souber de alguma coisa, *por favor...* Eu estou muito preocupado — apelei.

— Claro, se eu tiver notícias... — concordou e, por sua voz, notei enfim alguma reação emocional. — E, se você souber algo, por favor, me avise também — pediu parecendo recobrar a razão.

Ela tomou nota de meu número de telefone, eu agradei e encerrei a ligação.

— Acha que ela disse a verdade? — perguntou Gabriel, assim que desliguei.

Encolhi os ombros sem saber o que pensar.

— Ela pareceu segura do que dizia. Mas não

PERIGOSAS ACHERON

tenho certeza.

— E agora, o que vai fazer?

— O que já estava nos meus planos. Talvez eu ligue para ela de novo se... se não encontrar Aline nos próximos dias.



Aline

— Tem certeza de que não está enganada? — Tessa me perguntou, e eu pude ler a ansiedade em seu olhar. — Ele me pareceu tão apaixonado por você quando estive na sua casa — falou sentada a minha frente, na cama em que eu vinha dormindo nas últimas semanas.

— O que mais eu poderia pensar? — respondi tendo em mente tudo que eu sabia ao deixar minha casa e a ligação que, semanas depois, eu havia feito. — Você viu quando liguei e comprovei que ela está morando lá. Sem falar em tudo que eu descobri antes de ir embora.

— Mas você não falou com ela. Só ouviu *a voz* dela. Devia ter conversado com a sua irmã e esclarecido as coisas.

— E precisava? — devolvi.

Tessa encolheu os ombros.

— Talvez.

— Não acredito — contrapus.

— É que eu fiquei com a consciência tão pesada de mentir para ele — Tessa confessou.

— Desculpe colocar você nesta situação. Também não gosto de mentiras, mas não estou preparada para enfrentar o Daniel. Além disso, o que ele poderia querer comigo?

— Quem sabe esteja preocupado, afinal você perdeu a memória. Talvez, como você acredita, ele já não a ame, mas ainda tenha algum senso de responsabilidade.

— Não quero isso dele. Não preciso. — Sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

que vestia uma capa de orgulho, meu orgulho ferido, maltratado, mas eu precisava dele para me manter de pé naquele momento.

— De qualquer maneira, não tem que me pedir desculpas — disse ela. — Minha lealdade está com você, e, se isso for necessário para protegê-la, eu não me arrependo. — Ela exalou um suspiro e sorriu. — Agora vamos às notícias boas — mudou de assunto e segurou minhas mãos.

Eu sorri em expectativa, pela primeira vez em muitos dias.

Sabia do que Tessa estava falando. Ao me receber em sua casa, ela havia se comprometido em me ajudar a conseguir um emprego. Eu poderia ter ido para a capital, que supostamente eu conhecia, mas, por alguma razão, ciente de que tudo por lá já deveria ter mudado desde que eu me lembrava, de que aquela já não era a cidade onde eu tinha sido criada, eu me vi cheia de receios. De alguma forma, recomeçar naquela cidade pequena e acolhedora me dava a sensação de que eu caminhava com mais cautela, eu me sentia mais segura. E ali eu tinha um

PERIGOSAS ACHERON

anjo da guarda.

— Lembra que entreguei um currículo seu lá na escola? — perguntou Tessa.

— Lembro, claro — respondi.

— Pois é. Sei que sala de aula não é a sua “praia” e tal, mas aqui, você sabe, não temos muita opção. Bom, a diretora quer entrevistar você, precisa de uma professora de inglês e, o melhor, é para aulas de reforço, o que significa bem menos estresse. — Sorriu.

— Ai, nem acredito! Não sei como agradecer.
— Eu a abracei.

Já estava ficando preocupada com minha situação. Apesar de Tessa ter aberto as portas para mim sem vacilar, eu sabia que não poderia ficar ali por muito tempo. A mãe dela, que era alcoólatra, estava em tratamento em uma clínica, mas logo estaria de volta. Pelo que eu soube, a convivência com ela era complicada. Minha presença poderia desestabilizá-la, o que era necessário evitar. Eu compreendia, sabia que precisava resolver logo

PERIGOSAS ACHERON

minha situação de moradia e estava grata porque ela, praticamente uma desconhecida, me acolhia.

— Não tem que agradecer, só se preparar. Ela quer falar com você na semana que vem.



Daniel

No mesmo dia em que fiz contato com a amiga de Aline, eu me consultei com um psiquiatra. Além de psicoterapia, o médico me prescreveu medicamentos, e eu logo iniciei o tratamento. Odiava ter que recorrer a isso tudo, mas tinha que reconhecer quando não tinha opção.

Na semana seguinte já me sentia um pouco mais estável e resolvi não esperar mais. Conversei com Gabriel, acertei os detalhes de minha ausência e coloquei meu trabalho em dia na mineradora.

Quando saí da empresa ainda era cedo, antes do fim do expediente. Só em dar esse passo, já me sentia mais animado. Dirigi para casa e, ainda em

PERIGOSAS NACIONAIS

um ponto alto da região, apreciei o poente à minha esquerda. Na altura em que me encontrava, era como se estivesse em igual patamar com a imensidão encarnada do firmamento.

O pôr do Sol na região em que eu morava costumava ser soberbo, diferente de tudo o que eu poderia vislumbrar em qualquer metrópole que eu conhecia. Mesmo nos momentos mais difíceis, era impossível passar imune àquele horizonte acarminado, ante a impureza do jaspe em estado de pura beleza, que dominava o entardecer naquele lugar.

O Sol caía, mas eu sabia que seu declinar não era perpétuo; que no dia seguinte eu o veria de novo, suspenso no céu em toda a sua glória. Um vaticínio cheio de esperança e, mais que isso, de certeza; uma que havia muitas semanas eu não avistava, mas que agora se achegava, e me aquecia, e me empurrava a buscar.

Depois de guardar o carro na garagem, entrei em minha casa, um terreno agora desacolhedor, carente de toda a calidez que só *ela* era capaz de me

PERIGOSAS ACHERON

infundir. Inspirei profundamente, e nem aquele ar forjado, nem os odores estranhos que agora ocupavam o ambiente seriam capazes de mitigar a obstinação, a determinação que me movia. Eu a encontraria e sentia que estava muito perto disso.

— Kayla, vou à capital — comuniquei logo que alcancei a sala, onde me deparei com ela, que estava sentada em um dos sofás. — Se precisar de qualquer coisa, faça uma lista e eu trago para você — eu me dispus.

— Vai à capital? Quando? — indagou e deixou o celular de lado, ficando de pé.

— Amanhã — respondi.

— Posso ir com você? — pediu.

— Não, vou sozinho.

— Vai procurar minha irmã?

— Vou.

— Daniel, me deixe ir com você, prometo não

PERIGOSAS NACIONAIS

atrapalhar! — insistiu Kayla.

— Para quê?

— Preciso visitar o obstetra que estava me acompanhando, eu podia aproveitar que você está indo e...

— Você já está fazendo acompanhamento aqui — retruquei.

— Eu sei, mas lá eu estava sendo acompanhada por uma equipe especializada em gravidez de risco — argumentou, e me mantive inabalável, embora sentisse aquela sombra a espreitar meu humor novamente. — Fiz um exame importante e o resultado já deve ter saído a essa altura...

— Faça aqui de novo — avengei. — Eu pago.

— Dinheiro não resolve a questão, o hospital de Monte Belo não realiza esse exame. Eu teria que ir para lá de qualquer jeito para fazer. — Ela me observou por um momento, parecendo avaliar minhas reações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com as mãos nos quadris, exalei e preensei os lábios suprimindo um xingamento, mas pronto para proferir um categórico não.

— Por favor! — suplicou tocando a saliente barriga.

Elevei as mãos e estiquei os cabelos entre os dedos, mas meus olhos não deixavam a enorme protuberância na altura da cintura dela. Exalei, cansado.

— Está bem — cedi. — Esteja preparada, vamos sair logo depois do café da manhã — adverti e procurei ignorar seu sorriso. — Mas preste atenção no que vou dizer — chamei sua atenção. — Se fizer qualquer gesto para me atrapalhar, eu deixo você por lá, sem dó nem piedade, entendeu, Kayla?

Ela balançou a cabeça positivamente.

— Entendi. Pode ficar tranquilo, prometo não interferir.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No dia seguinte senti como se o Sol me despertasse. Ele nascia no instante em que eu descerrava as pálpebras e olhava para a janela, como que conjurando a concretização de todas as minhas esperanças.

Saímos antes de nove da manhã, mas, ao alcançar Monte Belo, Kayla pediu que eu parasse alegando precisar comprar algo. Apesar de já ter presenciado a gravidez de uma mulher, eu não poderia imaginar do que ela precisava com tanta urgência, mas não questionei e estacionei frente a uma drogaria, no Centro. Estávamos perto da universidade, um grandioso edifício em estilo neoclássico, e da única escola privada da região, um prédio de design arrojado, fachada espelhada, que destoava de tudo que havia num raio de trinta quilômetros, sobretudo da rua cravada de paralelepípedos.

— Do que é que você precisa? — perguntei desafiando o cinto e me preparando para descer do carro.

— É melhor eu mesma comprar — Kayla

PERIGOSAS ACHERON

dispensou sutilmente.

— Eu compro. O que é? — insisti.

— Não precisa, eu mesma compro — instou, inflexível.

Crispei o semblante, intrigado, mas deixei estar.

— Tudo bem — aquiesci. — Precisa de dinheiro?

— Não, obrigada. Eu tenho aqui — e saltou.

Enquanto a aguardava, liguei o rádio e sintonizei na Rádio CBN. Ouvia as notícias observando, distraído, os adornos que cinzelavam a frente triangular da universidade, e vários minutos já haviam passado quando me dei conta de que Kayla demorava. Olhei para a farmácia e a avistei. Ela não estava no caixa, onde eu a tinha visto pela última vez, mas perto da entrada, e falava ao telefone.

Desci do carro pensando em chamá-la. Com quem quer que falasse, ela poderia fazer isso no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carro ou abreviar a conversa; eu não tinha tempo a perder. Fechei a porta e me encaminhei ao local, com o intuito de apressá-la. Ela claramente notou minha aproximação, e eu percebi uma mudança em seu semblante.

Firme no propósito de dar logo o fora dali, eu prossegui até que algo, não sei bem o quê, chamou minha atenção e me fez estacar.

Senti um arrepio na nuca e paralisei.

Como que respondendo a um instinto, a um impulso visceral, olhei para meu lado direito e a vi. *Ela. A minha Line.*

Os cabelos castanhos pareciam um tantinho mais longos e balançavam no meio das costas de modo mais airoso, mas o andar grácil e a silhueta cujas curvas eu conhecia de cor eram os mesmos. *Aline.*

PERIGOSAS ACHERON

29

“Às vezes só a mentira salva...”
Clarisse Lispector

Daniel

Caminhei em direção a ela e, sem duvidar, chamei:

— Aline.

Ela olhou por sobre um ombro, parecendo surpreendida.

— Espera. — Estendi uma mão espalmada,

pressentindo que ela não me daria ouvidos, e apertei os passos.

Aline, talvez percebendo minha determinação, voltou-se completamente e aguardou enquanto eu vencia os poucos metros que nos separavam. Quando a alcancei, ela já tinha os braços cruzados em clara defensiva, o olhar receoso. Não precisei de mais que a visão desse quadro para notar seu estado de espírito; aborrecido, inamistoso, fechado. Fechado para mim.

— Onde você estava? Estou procurando você há semanas! — não pude evitar o tom recriminatório, abrindo os braços.

Não sabia se a sacudia ou se a abraçava para nunca mais soltar. Não sabia se chorava de alívio ou se gritava com ela por me fazer passar por tudo aquilo, mas estava certo de que Aline não me permitiria colocar nela a mão enquanto eu não esclarecesse o que quer que fosse que a tinha empurrado para fora da minha vida.

O que não queria dizer que eu tiraria os olhos

dela a partir daquele momento. Tinha sido um golpe de sorte encontrá-la assim, por coincidência, na rua; eu não desperdiçaria mais essa oportunidade que a vida me dava. Não pude deixar de pensar naquela nossa conversa sobre acasos. Eu não acreditava em acasos acerca do Universo, mas na vida, para mim, eles sempre foram apenas isso, coincidências. Agora, no entanto, eu começava a pensar que poderia haver, sim, como meu amigo havia dito, um dedo divino dando uma força para que eu resolvesse a minha vida.

Inspirei concentrando-me no presente. Meu modo de falar, claramente, a tinha desagradado. Arqueando uma sobrancelha, em tom grave Aline replicou:

— Não acho que isso seja da sua conta.

Apesar das cruas palavras, não deixou transparecer hostilidade no tom; como sempre, evidenciava certa classe e um ar de invulnerabilidade típicos dela quando se sentia ameaçada. A carapaça com que se protegia.

A questão era que eu sabia que aquela pose era falsa, que ela estava mais fragilizada do que parecia e que eu precisaria de muito esforço se quisesse reverter o cariz daquele brilho nos olhos dela. A mágoa contida formava um sólido verniz tanto nos olhos como na postura dela, em seu tom de voz, mas eu a conhecia tão bem como para atravessar as pequeníssimas ranhuras, para alargá-las se preciso fosse, e penetrar no mais profundo de sua alma.

— Claro que é da minha conta — usei um tom duro, mas totalmente calculado. Segurei seu braço e a conduzi, sem chance a recusa, em direção ao carro. — Você vem comigo, precisamos conversar.

— Não temos nada para falar. Daniel, faça o favor de me soltar, eu tenho muito o que fazer.

Já junto ao carro, fui eu quem cruzou os braços, de frente para ela, afetado por seu claro rechaço.

— Como eu disse, precisamos conversar. — Nem morto, eu deixaria que ela se afastasse de mim!

— Não precisamos, não. Como *eu* disse —
PERIGOSAS ACHERON

ressaltou me imitando —, a minha vida não é da sua conta.

— É da minha conta, sim! — eu me exaltei.

— E eu posso saber por quê? — devolveu com um gesto impertinente, o nariz empinado.

— Porque você é a minha mulher!

Seus olhos se alargaram e, por um instante, pensei que não haveria réplica, até que ouvi:

— Não sou, não! — bateu o pé.

— É! — teimeei.

Mais uma vez, a confusão transformou seu semblante, Aline balançava a cabeça como que se perguntando o que se passava comigo.

— Daniel, o que pretende? Já assinei a sua petição de divórcio, não faço questão de nada, você pode ficar com tudo!

Eu tive vontade de gritar que não queria nada,

que só ela me interessava, mas me contive. Não era o momento de me deixar levar pela emoção. Para que ela jogasse na minha cara que eu a tinha descartado e que já era tarde para nós dois, pouco custava. Eu precisava levá-la dali, fabricar um tempo junto dela, resolver tudo com calma e de uma vez por todas.

— Só quero resolver as coisas — falei soando propositalmente mais calmo, tratando de me conter. Desobedecia ao lado mais primitivo de meu inconsciente ao não jogar Aline em um ombro, ao não levar minha mulher naquele mesmo instante para casa. — E, para sua informação, ainda estamos casados — afirmei satisfazendo ao menos parte dos impulsos.

Ela entreceitou os olhos, e eu abri a porta do carro, agradecendo aos meus parafusos soltos o fato de andar para cima e para baixo com aquele maldito envelope. Era a desculpa perfeita para que eu garantisse mais algum tempo perto dela e tivesse oportunidade de explicar tudo, de recuperá-la. Eu reaveria meu casamento, nunca em minha vida tinha estado tão obstinado sobre algo; e a segunda

opção era absolutamente inaceitável.

Peguei o envelope no porta-luvas, fechei a porta e então me virei de frente para ela.

— Veja você mesma — retirei o documento do invólucro pardo e o folheei.

Antes de alcançar o campo das assinaturas, percebi que Aline se aproximava e, relanceando-a, notei sua expressão interrogativa.

Pelo visto, eu tinha conseguido sua atenção.

— Leia. — Apontei para o local onde ela havia assinado.

Aline fez como pedi e logo me olhou, evidentemente confusa.

— Daniel, eu não...

— Leia de novo! — insisti.

Após hesitar por alguns segundos, olhando-me desconcertada, Aline exalou, prensou os lábios e,

de má vontade, correu os olhos pelo papel.

— Tá, é meu nome, e daí? — indagou impaciente, batendo o dorso de uma mão no papel.

— E daí que é seu nome de solteira! — retruquei. — E, portanto, essa porcaria não vale nada! — Recebi um olhar estreito e tomei o documento das mãos de Aline, fazendo picadinho dele. Tinha demorado muito para fazer isso.

— Não! — gritou tão apavorada que por um instante me doeu. Talvez eu estivesse enganado, pensei; talvez eu tivesse, naquele curto período em que nos conhecíamos outra vez, imaginado que ela ainda me amava. — Por que você fez isso?! — Aline se exasperou. — Eu só tinha que acrescentar seu sobrenome!

Não, não era imaginação, eu disse a mim mesmo, injetando-me ânimo, relembrando nosso último encontro. Antes da minha viagem, ela havia dito que sentiria minha falta, o olhar terno e carregado daquele brilho que eu sabia muito bem o que significava. Havia esperanças.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você pode ver, ainda sou responsável por seu bem-estar, portanto você vem comigo. — Agarrei seu braço como quem se aferra à oportunidade, e já a conduzia para dentro do carro, quando ouvimos:

— Aline!

Putaquepariu, eu até tinha me esquecido *dela*.

Aline recuou um passo, ao ouvir a irmã.

— Onde você estava, pelo amor de Deus?! Estávamos mortos de preocupação — exclamou Kayla.

— Não vejo por quê — Aline retrucou friamente. — Já sou bem grandinha, sei me cuidar, e vocês deviam saber disso. Aliás, Daniel — ela se voltou para mim —, você só tem que se preocupar em providenciar as cópias dessa petição; da minha vida cuido eu — assinalou.

— Mas, Aline... — Kayla ia dizer algo, mas eu a interrompi:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Kayla, não vamos mais.

— Quê?! — Ela me olhou com os olhos surpresos e implorantes.

— Eu estava indo à capital para procurar sua irmã; já a encontrei, não preciso ir mais.

— Mas, Daniel, eu acabei de falar na clínica, consegui um espaço na agenda do médico por causa de uma desistência, eu...

— Vá de ônibus, eu deixo você na rodoviária — respondi tranquilamente.

— Não daria tempo! Os ônibus para a capital demoram, você sabe disso! — apelou ela.

— Kayla, sinto muito. Marque para out... — comecei.

— Daniel — a voz de Aline se interpôs, decidida. — Providencie outro documento, eu entro em contato com você e dou um jeito de assinar — terminou, já nos dando as costas para se retirar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não senhora, você não vai a lugar nenhum.
— Voltei a segurar um braço dela.

— Quer tirar as *patas* de cima de mim?! Tenho um compromisso, preciso ir para casa.

— Sua casa não é por aí. Você vem comigo.

— Você não sabe onde é minha casa! Anda, solta meu braço!

— Daniel, pelo amor de Deus, você sabe que minha gravidez é complicada, eu preciso fazer essa consulta! — Kayla falava ao mesmo tempo que eu e sua irmã, criando um vozerio confuso e incompreensível.

— Eu preciso conversar com sua irmã!
— minha voz tronou, potente, encobrindo os apelos de ambas. — Será que você não percebe o que está em jogo, pelo amor de Deus! — vociferei em direção a minha cunhada. — Aline, vamos para casa — repeti olhando para minha esposa cujos olhos delatavam bastante desconcerto a essa altura.

Eu tinha a impressão de que ela se perguntava
PERIGOSAS ACHERON

como diabos tinha acabado no meio daquela discussão.

— Aline, venha conosco. — Para minha surpresa, Kayla fez coro a meu apelo. — Daniel não vai me levar se você não for, e eu não posso me dar ao luxo de perder essa consulta.

O tempo pareceu suspenso por um momento, enquanto, em silêncio, eu e Kayla aguardávamos uma resposta.

— Por favor, eu não posso faltar! — Kayla suplicou, e, depois de um rápido olhar para sua avantajada barriga, Aline cedeu.

— Tudo bem, vamos — disse e então me encarou com uma sobrancelha arqueada, como se me admoestasse em silêncio. — Aproveitamos, Daniel, e resolvemos nossa pendência de uma vez por todas — acrescentou, mas nas entrelinhas eu li: “e eu me livro de você”.

— Claro. — Contraí o maxilar tentando desconsiderar a dor que a indiferença dela me causava, dizendo a mim mesmo que só haveria uma
PERIGOSAS ACHERON

forma de “resolvermos” nossas pendências.

— Vamos — ela disse e agarrou a maçaneta de uma das portas traseiras do meu carro, acomodando-se numa extremidade do comprido banco.

Kayla fez o mesmo e ocupou o assento do carona, enquanto eu, procurando ignorar o estranho daquela situação, caminhei para o outro lado, sentando-me atrás do volante, ao lado da minha cunhada.

30

“A raiva é um veneno que bebemos esperando que os outros morram.” Willian Shakespeare

Daniel

Durante quilômetros eu vinha controlando a vontade imensa de tirar Kayla do assento ao meu lado, o lugar da minha mulher. O que me refreava era o olhar pensativo que eu via através do retrovisor.

Aline parecia distante, e eu sabia que seus olhos, presos lá fora, não enxergavam a paisagem realmente. Ela parecia estar em outra dimensão e,

pela tristeza que se lia em seu semblante, eu imaginava que percorria painéis muito mais áridos que o Cerrado que ladeava a estrada. Na certa contemplava nossa própria vida devastada, o pouco que conhecia dela.

Observei a vegetação também. De um lado a paisagem natural, livre, desordenada; os troncos retorcidos com certeza não eram mais tortuosos que o caminho que nos levaria até ali. Que irônico, minha vida, que eu havia planejado tão bem, estava mais bagunçada que esse quadro surgido ao acaso, mas nem de longe tinha a beleza selvagem dele.

Do outro lado, eu via a paisagem humanizada, transformada pelas extensas fazendas. Inspirei e senti um cheiro de café torrado, dando-me conta de que estávamos perto de uma fábrica não muito longe de nosso destino. Procurei me centrar na estrada, no ronco suave do motor em vez de no silêncio ensurdecador que preenchia cada milímetro que não ocupávamos no carro.

Olhei para um lado e vi as ordenadas fileiras, formadas por pequenos arbustos de café que

sulcavam uma das fazendas pelas quais passávamos. Cada muda tinha sido plantada em um lugar designado, como eu tinha feito em minha vida. E talvez tivesse sido esse o meu erro; talvez eu devesse me deixar levar pela beleza selvagem da incerteza, das incontingências, do acaso e dos sobressaltos.

Talvez, até mesmo tivesse sido providencial o fato de Aline viajar no banco traseiro, algo que jamais figuraria em meus “brilhantes” planos. Ela também precisava se acalmar; o tema que nos aguardava era denso demais.

— Daniel, será que você pode dar uma passada na minha casa? Preciso pegar a guia do exame que deixei lá — pediu Kayla, antes de alcançarmos o Anel Rodoviário.

— Pensei que já tivesse entregado o apartamento — disse eu, estranhando.

— Este mês o aluguel ainda está pago, e eu deixei algumas coisas lá.

Balancei a cabeça aceitando sua explicação e

PERIGOSAS ACHERON

prossegui em silêncio.

— Onde fica? — perguntei.

— Vou indicar aqui no GPS — ela se ofereceu, pegou meu celular no console e digitou o endereço.

Continuei dirigindo e logo seguia as indicações da voz que ressonava do aparelho.

À medida que nos aproximávamos da periferia, eu estranhava ainda mais. Kayla sempre havia morado na região central da cidade.

— Tem certeza de que digitou o endereço certo? — perguntei.

— Claro — respondeu apenas.

Alguns quilômetros depois, estávamos no pátio de um condomínio em estado calamitoso. Não havia muros em volta da construção, apenas os restos de um alambrado, que caía aos pedaços e não cercava sequer um terço do terreno. O pátio não era pavimentado, o mato crescia à vontade e havia lixo

amontoado nas portarias das várias torres.

Eu e Aline havíamos descido do carro para esticar as pernas, a despeito da camada escura que recobria o céu anunciando uma tempestade. Kayla havia subido. Pedira que esperássemos no pátio, de frente para a portaria, garantindo que não demoraria.

— Você sabia que sua irmã tinha se mudado para cá? — perguntei tentando puxar assunto, olhando para a fachada decrepita do edifício.

Eu me segurava para não entrar no assunto que realmente nos interessava; não trataria da nossa vida ali, na porta de um edifício qualquer. Queria apenas quebrar a tensão.

Um pingo grosso de chuva caiu em meu rosto e eu ouvi:

— Não tenho como saber.

Eu apenas a observei por um momento. Outro pingo, dessa vez no ombro de Aline, caiu e eu meti as mãos nos bolsos tentando me conter para não o

PERIGOSAS ACHERON

enxugar, para não a tocar.

— Claro que não. — Lembrei que ela havia perdido a memória e que, mesmo que soubesse de algo antes do acidente, não saberia me dizer isso agora. — Este lugar é horrível — opinei, incapaz de conter um gesto de repulsa.

Ela apenas concordou com a cabeça, enquanto mais pingos riscavam o céu.

— Se eu soubesse que a situação da Kayla estava tão ruim, teria feito algo por ela — continuei. — Por que será que ela não disse nada?

Aline encolheu os ombros e emitiu um suspiro ruidoso, demonstrando que não queria mesmo conversa comigo; então resolvi adentrar um terreno mais arenoso:

— E você? — perguntei com os olhos ainda fixos nela. Meu pescoço já doía por ficar torcido para o lado, eu não podia deixar de olhá-la. Temia que, ao desviar os olhos, a perdesse de vista novamente. Perdesse minha vida de vista de novo. Estávamos recostados ao carro, lado a lado, como

PERIGOSAS ACHERON

eu queria caminhar com ela dali por diante. Só precisávamos dar as mãos e andar na mesma direção. — Onde estava hospedada? — continuei indagando. Eu me recusava a pronunciar o verbo “morar”. Ela só tinha ficado fora por um tempo, disse a mim mesmo, já estava voltando para casa. Comigo.

— Na casa de uma amiga.

Balancei a cabeça perguntando-me se ela falava da tal Tessa. Achei melhor não pressionar. Já não importava.

Notei o vulto de alguém que passava por nós e se dirigia à portaria. Sem desviar o olhar de Aline, perguntei:

— Vamos aproveitar e entrar? — Comecei a caminhar em direção à portaria, certo de que ela me seguiria. — Está começando a chover e é melhor ficarmos no saguão do que no carro fechado — argumentei. — O ar condicionado não faz bem pra você. — Ei, amigo, deixe aberto, por favor — pedi ao homem que entrava e continuei avançando,

Aline atrás de mim.

Ele apenas acenou com a cabeça e seguiu seu caminho, então segurei a porta para Aline, que entrou.

Paramos no pequeno hall, de frente para uma escada. O silêncio já não me incomodava. Em minha cabeça, o ruído das vozes, enquanto eu projetava em pensamento a conversa que teríamos, era de enlouquecer.

Alguns minutos depois, a chuva descia continuamente, embora não muito abundante. Ambos impacientes, eu recostado a uma parede, Aline dando alguns passos pela ardósia malcuidada que revestia o piso. Kayla estava demorando.

— Sua irmã disse em que andar fica o apartamento dela? — perguntei pensando em apressar minha cunhada.

— Não prestei atenção.

— Se eu soubesse... — comecei, mas fui interrompido por um forte alarido e em seguida um

PERIGOSAS ACHERON

baque surdo.

Alerta, olhei para o alto da escada, de onde pareciam ter vindo os gritos. Dei um passo à frente.

— Isso foi a Kayla? — Aline perguntou em tom elevado, repentinamente preocupada. Havia abandonado a postura displicente; agora olhava para mim com os olhos alargados.

— Acho que sim. Fique aqui — respondi depressa e subi a escada correndo.



Aline

Eu não conseguia ser mais que silenciosa, comportava-me como as insidiosas doses de veneno que eu tragava dia a dia, desde a descoberta de meu passado.

As doses de culpa eram as mais mortais, mais tóxicas que a beladona, e, os ciúmes, potentes como o arsênico. Mágoa e ódio, raiva, compunham gotas

PERIGOSAS NACIONAIS

e mais gotas do cianeto que enegrecia as câmaras do meu coração; entorpeciam minha alma e paralisavam meu espírito.

Mas isso tudo me mataria aos poucos. Pelo menos o meu corpo.

Do contrário eu não teria mantido os olhos abertos enquanto, na estrada, minha irmã ocupava o banco do carona no carro do meu marido. Eu não teria escutado sua escassa conversa amena, a maneira intimista como se falavam; como um casal que se conhece bem.

Eu tinha assistido a tudo com estoicismo, mas não me engano; não havia resignação. Não, a mansidão que subjaz de tal estado não combina com a mágoa que endurecia meu espírito. E eu nem podia gritar, berrar. No passado, sequer tinha conseguido cuidar do meu filho, mantê-lo vivo; não merecia aquele lugar. Kayla pelo menos estava defendendo sua cria com unhas e dentes, pelo que eu podia notar.

No hall do edifício em que minha irmã estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morando, eu e Daniel a aguardávamos. Eu já estava impaciente; a presença dele, ao mesmo tempo que me atraía, me adoecia; era como estar sentada a uma mesa farta, morta de fome, proibida de tocar a comida.

Então ouvimos aqueles gritos espavoridos; a voz evidentemente era de minha irmã. Daniel correu escada acima, para saber o que acontecia, e disse que eu ficasse, mas o ignorei. Galguei atrás dele os degraus, deparando com um quadro aterrador.

Nem todo o veneno que durante semanas eu vinha ingerindo foi capaz de deter as batidas do meu coração; meus instintos de proteção fraternal foram como a adrenalina de que ele precisava para pulsar acelerado. Vivo outra vez. Quase pude sentir os hormônios — ou antídotos — que se excretavam em meu cérebro enquanto, desesperada, eu me jogava ao chão junto a ela.

Kayla, desacordada, caída entre os dois lances de escada, a roupa manchada de sangue.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus! — gritei desesperada. — Kayla, fala comigo! Fala comigo! — Eu a sacudi pelos ombros.

Histérica, puxei seu tronco para o colo. Mesmo mergulhada em pranto, notei que Daniel subia o segundo lance correndo, e, ao vê-lo olhar para o corredor lá em cima, eu me exasperei; gritei pedindo a ele que voltasse e nos ajudasse.

Ele não tardou em socorrer minha irmã e nos dirigimos ao hospital mais próximo.

Na recepção, enquanto me inteirava de que Daniel, durante minha ausência, havia providenciado um plano de saúde para Kayla, voltei a tragar um pouco daquele potente veneno, e isso fez com que eu me sentisse pior, um ser deplorável.

— Acho que a carência ainda não acabou — comentou Daniel comigo, depois de entregar o cartão do plano de saúde na recepção, a carteira de Kayla na mão.

— Nesse caso, vamos procurar um hospital

PERIGOSAS ACHERON

público — eu disse, determinada a fazer as coisas de acordo com minhas condições.

— De jeito nenhum — respondeu categórico.
— Vou fazer o depósito caução — informou à recepcionista logo em seguida.

Forças conflitantes dividiam meu coração, transformavam-no num campo de batalha e ameaçavam parti-lo ao meio. De um lado os ciúmes ao vê-lo proteger a mulher que o roubara de mim; de outro a gratidão por ele estar salvando a vida de minha irmã e, por cima de tudo isso, eu me depreciava cada vez mais por ser capaz de albergar qualquer sentimento que não fosse gratidão em um momento como aquele.

Quando liberaram minha entrada no local em que estava minha irmã, deixei Daniel na recepção e adentrei os frios corredores do hospital. Kayla havia entrado em trabalho de parto e, devido à queda e ao frágil estado de saúde, precisaria ficar no Centro de Tratamento Intensivo (CTI). Não havia vagas e ela aguardava em uma sala de emergência, embora fosse monitorada com o

mesmo rigor.

Ao entrar a encontrei acordada. Bastou me ver, Kayla estendeu uma mão e começou a chorar profusamente, o que não pude evitar fazer também. Apressei os passos em sua direção, acolhi sua mão e encostei a testa na dela. Consolei minha irmã como pude, qualquer sentimento daninho esquecido. Acaricieei seus cabelos desgrenhados, beijei sua testa e me afastei um pouco.

— Vai ficar tudo bem — murmurei enquanto enxugava seu rosto marcado de hematomas com a mão livre; ela ainda se aferrava à outra. — Você precisa ficar calma — pedi tentando não transparecer a forte impressão que me causava seu rosto inchado; um dos olhos estava quase fechado.

— Você precisa prometer — Kayla soluçou em meio ao choro.

— Prometer?

— Que vai cuidar do meu bebê se eu não... — Colocou minha mão sobre a barriga.

Eu? Cuidar do filho dela e do Daniel? Minha capacidade de desprendimento iria tão longe assim?

Senti a garganta se contrair e balbuciei:

— N... não, vai ficar tudo bem, você vai cuidar do seu bebê — asseverei tentando parecer firme, enquanto dava tapinhas consoladores em sua mão.

— Prometa! Por favor! — implorou comprimindo meus dedos com a mesma força de seu rogo.

Engoli em seco. Pisquei várias vezes, nervosa, sem saber o que responder.

— Por favor — choramingou e eu, condoída, aquiesci:

— Tudo bem, eu prometo — tentei tranquilizá-la —, mas tenho fé de que não vai ser preciso.

— Obrigada, sei que posso confiar em você — agradeceu parecendo exaurida mas aliviada, e levou minha mão à boca, beijando a palma com carinho,
PERIGOSAS ACHERON

em clara gratidão. Levou-a para junto do rosto e permaneceu de olhos fechados por um tempo, parecendo mais tranquila. — E o Daniel? — perguntou agora com os olhos abertos.

— Está na recepção, cuidando da sua internação.

— Ele fez um plano de saúde para mim. — Esboçou um sorriso emocionado, os olhos rasos d'água novamente.

Tentei sobrelevar os sentimentos que aquela frase disparava sobre mim, as emoções desencontradas retornando com tudo, e me contive para não liberar a mão que ela segurava.

Kayla deve ter visto algo em meus olhos; por mais que eu me contivesse, ela me lia como ninguém, sempre tinha sido assim.

— Não o julgue — murmurou de repente.

— Não estou julgando ninguém — retruquei endurecendo, sem querer, o semblante.

— Não é o que seus olhos dizem. Eles falam por você, irmã — Kayla observou.

— E as ações dele falam por si. — Eu quis dizer que as dela também, mas, por motivos óbvios, a poupei, embora não pudesse conter a acritude que perpassava minhas palavras.

— Falam, claro que falam. Falam que ele sabe o significado da palavra família.

Família da qual não faço mais parte, eu quis dizer, ventilar toda a minha mágoa, mas me contive; minha irmã estava em uma situação muito delicada, eu precisava ser prudente e considerada acima de tudo.



Fora da sala de emergência, eu caminhava para a recepção. Como se previsse minha chegada, sentado em uma cadeira, Daniel elevou a cabeça. Caminhei em sua direção e, incapaz de ocultar a exaustão que me consumia, desabei ao seu lado. Apoiei os antebraços nas coxas e, após baixar a

cabeça, soltei uma exalação.

Pelo canto de um olho, notei que ele se inclinava imitando minha postura e observava meu perfil.

— E então? — perguntou, notavelmente apreensivo. — Como ela está?

— Mais ou menos, o estado dela é delicado. Vai ficar no CTI, acabaram de arranjar uma vaga. O bebê está bem, ao que tudo indica.

— A situação é tão grave assim para que ela tenha que ficar no CTI?

— Segundo o médico, ela precisa ser monitorada. Tem a pressão alta e eles querem evitar uma eclampsia. Se até de manhã Kayla não der à luz, vão fazer uma cesariana, mas por enquanto preferem esperar até que ela esteja mais estável. Foi o que me disseram.

— Kayla contou o que houve? — Daniel perguntou sondando-me com os olhos preocupados e atentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim? — devolvi.

— Como ela se machucou daquele jeito... — começou a responder, mas eu o interrompi:

— Ué, isso não é difícil de adivinhar. Ela deve ter escorregado, pisado em falso, sei lá... — falei e notei que ele elevava as sobrancelhas naquele gesto cheio de ceticismo que já me era tão familiar, mas não dei importância.

— Vão deixar você ficar com ela? — Daniel mudou de assunto.

— Não. No CTI só permitem visitas rápidas, em horários pré-determinados. — Suspirei demarcando o cansaço que provavelmente também alterava minhas feições. — Se quiser voltar para casa... Não precisa se preocupar, eu...

— Não. Vou ficar. — Suspirou também. — Mas estou cansado, preciso de um banho, de comer alguma coisa. Você também deve estar morta — observou olhando para minhas roupas sujas de sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Concordei com a cabeça, mas me mantive em silêncio.

— O que acha de procurarmos um hotel aqui perto? Podemos descansar um pouco e depois revezamos aqui com a Kayla. Não vai adiantar nada ficarmos aqui agora. Se houver qualquer mudança no quadro dela durante a noite, eles nos ligam.

— Não sei, eu... Vá você, eu fico por aqui mesmo.

— Não. — Daniel tocou uma de minhas mãos, que repousava sobre o banco. — Se não descansar, como vai poder ajudar sua irmã? — Tentei retirar a mão, mas ele a pressionou, reiterando assim sua ideia.

— Está bem — acabei concordando. Se eu não descansasse, não teria condições de assisti-la no dia seguinte; Kayla precisaria muito de mim.

PERIGOSAS ACHERON

31

“E quando chegar a noite/Cada
estrela parecerá uma lágrima.”
Legião Urbana

Aline

Depois de terminar o banho, eu me enxuguei com uma das impolutas toalhas que pendiam num suporte, no banheiro do hotel, e vesti uma comprida camisa que Daniel havia me emprestado.

Penteei os cabelos com os dedos, lamentando não ter comprado um pente, e, através do espelho, algo me chamou a atenção. A carteira de Daniel sobre a pia e... Eu me aproximei, elevei uma mão e

peguei um dos objetos; duas caixas de medicamento. Uma delas, de tarja vermelha, eu reconhecia, era igual ao que eu mesma tomava, um antidepressivo, e, o outro, de tarja preta, eu não sabia para que servia, embora pudesse imaginar.

Olhei pensativa para a porta, não me lembrava de que Daniel tomava esses medicamentos. Não, ele não tomava, ou eu teria notado no período em que tínhamos vivido juntos na mesma casa, concluí.

Deixei as duas caixas onde estavam, intrigada, perguntando-me sobre o que estava acontecendo com ele e, ao mesmo tempo, preparando-me psicologicamente para enfrentá-lo. Estaríamos sozinhos durante bastante tempo se não nos convocassem do hospital, e Daniel não havia escondido a ansiedade por conversar comigo. Devido a uma convenção que ocorria na cidade, o hotel mais próximo não dispunha de mais quartos, e isso tinha me deixado em uma saia-justa. Eu não queria falar sobre nossa situação; não queria cutucar uma ferida que ainda doía tanto.

Inspirei fundo enquanto segurava o trinco, teria

que atuar muito bem se quisesse ocultar as emoções, os sentimentos que palpitavam em meu peito. Abri a porta e saí, dando de cara com ele, que acabava de deixar o telefone na base.

Daniel se aproximou e parou a minha frente, olhando-me detidamente. Seu olhar parecia preocupado, como se quisesse ler meus pensamentos. Fez algo inesperado, ergueu uma mão e colocou uma mecha de cabelos atrás da minha orelha, um gesto que poderia denotar cuidado, consolo; que talvez dissesse “você não está só”.

— Vai ficar tudo bem — garantiu, e eu tive a impressão de que ele continha um impulso de se aproximar ainda mais.

Por aí não, Aline, por aí não! Pare de alucinar.

Fechei os olhos abstraindo-me da dor; ela se agudizava pelo simples fato de Daniel estar sendo tão atencioso, tão carinhoso. Será que ele não podia simplesmente me ignorar?

Assenti e me distanciei. Toquei as têmporas e

PERIGOSAS ACHERON

fechei os olhos, pensando em um jeito de me esquivar dele.

— Que foi? — perguntou.

— Dor de cabeça — menti.

— Tem remédio?

Neguei com a cabeça.

— Vou comprar — anunciou, como eu esperava, e se apressou em direção à porta.

Eu poderia sugerir a ele que pedisse o telefone de uma farmácia delivery na recepção; Daniel parecia exausto e já não devia estar pensando direito. Mas eu queria justamente um pouco de distância, para evitar qualquer tipo de conversa. Não via sentido nisso quando estava tudo acabado.

Eu me sentei na cama e o observei. Mesmo cansado, vestido de modo casual, era atraente. Vestia uma calça de moletom cinza e uma camisa de malha branca, básica, como costumava ficar em casa. Fechei os olhos e inspirei. Notas de seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perfume pareciam perdurar mesmo depois de um dia inteiro.

Logo que ele saiu, tirei a colcha da cama e me acomodei em uma das extremidades. Nenhum dos dois tinha falado sobre o fato de só haver uma cama de casal, mas eu não pediria que ele dormisse no chão; não tinha cabimento.

Com sorte, quando ele voltasse eu já estaria dormindo; e minha consciência não estava pesada por obrigá-lo a ir à rua comprar um medicamento de que eu não precisava realmente. Meus instintos de autoproteção estavam em total alerta, eu precisava me resguardar.

Ele não demorou a voltar, mas meu sono, sim, tardou. Fechei os olhos bem fechados e não me mexi quando ele me chamou.

— Line. — Eu estava começando a odiar quando ele me chamava assim; essa ternura despropositada parecia repleta de um afeto proibido ou, pior, enganoso. — Aline — e agora ele adivinhava meus pensamentos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Notei que Daniel estalava a língua, parecendo frustrado, e se afastava da cama. Eu estava muito ciente dos sons que ele fazia enquanto, provavelmente, se descalçava. Notei quando entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Os minutos passaram, mas nada de eu conseguir dormir.

Os ruídos no banheiro cessaram e logo, através das pálpebras, notei a escuridão do quarto. O colchão afundou e meu coração também. Era difícil, duro demais, absorver aquela proximidade sem poder desfrutar de um abraço dele. Minha alma se encolheu dentro de mim, desolada, chorosa, doída.

Ouvi uma exalação e por um momento reinou o silêncio.

De repente ele riu baixo, um riso irônico, e eu o imaginei deitado com o antebraço sobre a testa, olhando para a escuridão do teto.

— Pensei que ia conseguir conversar com você agora — Daniel murmurou baixinho enquanto eu fingia dormir, e fiquei atenta. — Passei a viagem

PERIGOSAS ACHERON

inteira pensando nisso, esperando, porra. — Notei que ele se movia atrás de mim, talvez ficando de lado, e apertei mais os olhos, como se isso fosse tornar minha mentira mais crível. Senti um leve puxão nos cabelos. — Espera aí, Daniel estava brincando com uma mecha de meus cabelos? — Por que você tem que ser tão resolvida, Line? — sua voz era só um murmúrio bem baixinho, talvez porque ele pensasse que eu não podia ouvi-lo, supostamente adormecida. — Se tivesse me esperado em casa... — Exalou de novo e eu continuava sentindo cócegas no couro cabeludo. — Eu devia ter contado tudo antes de viajar, sobre o Nicolas, sobre nós... Sobre tudo. Mas, se você tivesse pelo menos lido minhas mensagens no celular antes de ir..., tinha entendido a parte mais importante.

Eu não entendia nada, aquele monólogo mais parecia uma colcha de retalhos, só me confundia, mas desejei ter olhado o celular antes de partir, para saber o que de tão importante assim eu ainda não sabia.

De súbito o colchão se moveu mais uma vez e,

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendentemente, senti o calor de um braço de Daniel em volta da cintura. Segurei o fôlego, sobressaltada e confusa. Meu coração saltava acelerado, tal era a emoção ao sentir sua respiração em meu pescoço. Eu tinha a impressão de que ele aspirava meu cheiro, mas devia ser só isso, uma impressão criada por aquela parte de mim que mendigava seu amor.

Eu deveria me sentir uma traidora por deixar que ele me tocasse daquela forma? Afinal, na realidade, ele já estava comprometido com outra. Uma traidora de mim mesma, talvez, ainda que no papel estivéssemos casados?

Droga, nada dentro de mim agia de acordo com esses pensamentos, e, ao contrário, eu reagia fisicamente. Minha alma vibrava e seu tiritar repercutia nos ossos, na pele, nos músculos, enquanto eu tentava reprimir um tresloucado pranto.

Já não podia me segurar. Dei rédeas soltas às lágrimas, e logo meu corpo se convulsionava. Ele, claro, notou que eu estava acordada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Line? Que foi, amor? — ouvi entre meus soluços, desmascarada.

Daniel fez com que eu me voltasse e me envolveu entre os braços.

— Shhhh... Calma, calma... — Acariciou meus cabelos com suprema ternura.

Um par de minutos passou assim, eu desabando e Daniel me consolando com supremo carinho. Quando consegui me acalmar, ele se afastou um pouco. Ainda deitado de lado, acolheu com uma mão uma de minhas faces e beijou minha testa.

— Você estava me ouvindo? — perguntou me olhando nos olhos e eu não pude negar; concordei com a cabeça. A comoção era tamanha que nem havia espaço para constrangimentos. — Estava fingindo dormir? — questionou e eu balancei a cabeça mais uma vez, confirmando. — Por quê? — quis saber parecendo de fato desconcertado, uma mão ainda em meu rosto. — Não queria conversar comigo? — sondou com delicadeza, mas notavelmente surpreendido.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não queria conversar... — respondi com a voz entrecortada.

Ele concordou com um gesto que denotava compreensão, mas em seu rosto eu via uma expressão condoída. Um polegar escorregou por minha face e limpou uma lágrima.

— Tudo bem — falou com a voz mansa. — Então não vamos conversar agora. Você já passou por muito estresse hoje, eu entendo; precisa descansar para estar bem quando voltarmos. — Beijou a ponta do meu nariz e voltou a me atrair para junto de seu peito, abraçando-me. — Durma, descanse.

Eu quis dizer a ele que precisávamos nos afastar, que aquilo não estava certo, mas naquele momento precisava da calidez daquele corpo, precisava de calor humano, de forças.

Ficamos assim, em silêncio, por um tempo imensurável, mas eu sabia que ele estava acordado, sentia seus suaves afagos.

— Fale do Nicolas — pedi num ímpeto, apesar
PERIGOSAS ACHERON

de ter dito não querer conversar.

Ele estreitou o aperto dos braços a minha volta, como que surpreendido ou, talvez, inseguro, mas logo expirou e pareceu relaxar.

— Era um garoto incrível... Alegre, sorridente, afetuoso, apesar de muito pequeno ainda. Você viu o álbum, não viu?

Confirmei com um gesto e lágrimas alagaram meus olhos mais uma vez.

— Era... bonito — continuou Daniel. — A minha cara — tentou fazer graça, tentou rir, mas notei sua voz embargada.

Durante alguns minutos, falou sobre nosso bebê, sua chegada, os preparativos; sobre como nossa vida tinha virado do avesso com seu ingresso na família; as noites insones, os risos... Falou até sobre a melancolia de Marrom após a partida de Nicolas.

— Como aconteceu? — Eu sabia, tinha lido nos jornais, mas precisava justificar de alguma forma

PERIGOSAS ACHERON

aquela proximidade que, ao mesmo tempo que parecia certa, era a meu ver tão errada.

Ele encheu os pulmões mais uma vez, claramente hesitando.

— Acho melhor não...

— Por favor. Preciso ouvir de você... — insisti.

Daniel começou a acariciar meus cabelos, um consolo prévio pelo que viria.

— Você ia levar nosso filho ao pediatra. Eu tinha combinado de encontrar com vocês lá, gostava de acompanhar as consultas também, mas nesse dia tive um imprevisto e liguei no seu celular para avisar que não iria.

“Quando você atendeu, já estava pronta para sair e tinha colocado Nicolas no bebê-conforto, em cima da cama. Ainda não tinha afivelado o cinto, nem puxado a trava da alça e... — ele se interrompeu e me apertou mais entre os braços — acabou se distraindo enquanto conversava comigo. Quando desligamos, você pegou a alça do bebê-

PERIGOSAS ACHERON

conforto e o levantou, tirando da direção da cama. A cadeira virou e...”

E Nicolas caiu. Daniel não conseguiu terminar o relato, desabando no choro, mas eu já sabia. Meu filho tinha caído por negligência minha, tinha sofrido um traumatismo craniano e falecido quase que imediatamente.

— Não foi sua culpa, não foi sua culpa — afirmou me apertando entre os braços, como se tivesse lido meus pensamentos. — Você era uma mãe maravilhosa...

Não sei por quanto tempo ficamos assim, abraçados, chorando. Quando o pranto se abrandou, minhas pálpebras pesaram qual aquelas lembranças perdidas. Deixei que elas pairassem sobre meu inconsciente, até que apaguei.

32

“Três quartos das misérias e mal-entendidos do mundo desaparecerão se nos colocarmos no lugar de nossos adversários e entendermos o ponto de vista deles.” Mahatma Gandhi

Aline

Acordei com a vibração do telefone de Daniel sobre a mesa de cabeceira. Ele parecia dormir pesado, com certeza devido aos medicamentos que estava tomando, e não acordou quando me esquivei de seu abraço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atendi, era do hospital: Kayla havia dado à luz. Troquei de roupa depressa, sem despertar Daniel. Embora fosse direito dele saber sobre o nascimento do filho, um impulso covarde e um arrebatado egoísta me compeliram a evitar testemunhar o momento em que ele soubesse; estava decidida a não ser a portadora dessa notícia.

Antes de sair, ainda de madrugada, notei outro telefone sobre a mesa em que havíamos feito a refeição. Meu celular. Imediatamente me lembrei das palavras desconexas de Daniel enquanto eu fingia dormir. ... *se você tivesse pelo menos lido minhas mensagens no celular antes de ir..., tinha entendido a parte mais importante.*

Pensei em ligar o aparelho e fiquei encarando-o por alguns segundos, mas, não sei por que razão, apenas o guardei na bolsa e saí. Ainda estava abalada pela sensação de infinita intimidade — pode-se dizer espiritual — que havia experimentado enquanto ele relatava nossa vivência com Nicolas e também a prematura partida de nosso filho.

PERIGOSAS ACHERON



Daniel

Pensei que ela tinha me abandonado outra vez, ao acordar e não a encontrar na cama, mas, ao notar a ausência do celular que eu havia deixado sobre a mesa, respirei mais aliviado. Peguei meu próprio telefone e liguei para ela imediatamente. Caixa postal.

Amanhecia quando corri para o hospital e, já na recepção, soube que o bebê havia nascido.

— E então, como ela está, como está o bebê?
— perguntei assim que encontrei Aline no corredor, perto da recepção.

— Vai ficar tudo bem. Seu filho vai ficar bem
— respondeu.

Ao ouvi-la, meu coração deu um salto, adrenalina inundou minhas veias e minha visão turvou. Eu desfalecia. Era como se, num túnel, eu voltasse no tempo; como se recebesse a notícia que

mudaria meu destino.

— Daniel, Daniel! — Senti mãos sobre meus ombros, depois no rosto e, aos poucos, recobrei a visão, vendo Aline. — Tudo bem? — perguntou com uma expressão preocupada. — Você pareceu ter desfalecido por um momento, se não estivéssemos perto da cadeira...

Balancei a cabeça, ainda meio zonzo. Baixei as pálpebras, recostado ao espaldar do assento no qual nem lembrava haver me sentado. Inspirei amplamente e, sentindo-me melhor, abri os olhos, deparando com o olhar apreensivo de Aline. Ela estava de pé e um pouco inclinada, de frente para mim.

— Vou chamar um médico, você não parece nada bem — disse ela.

Ignorei seu aviso e apoiei a cabeça à parede, tentando reaver o controle.

— Não precisa, já estou melhor — dispensei segurando-a pelo braço.

Aline se sentou ao meu lado e tocou minha mão. O contato com a pele macia pareceu me encher de vitalidade e, por um momento, foi tudo o que senti e em que pensei. Ela. A pele dela. Aline ali perto de mim, o céu escarlate e o Sol começando a alçar-se no céu. Minha vida de volta.

Ao perceber que eu estava melhor, ela se retirou atendendo ao chamado de uma enfermeira.



Aline

— Kayla! — exclamei ao entrar no quarto em que minha irmã se encontrava em observação. Pelo que tudo indicava, ela não precisaria voltar para o CTI.

— Meu bebê? — perguntou ela.

— Está bem. — Sorri. — Respira sem ajuda de aparelhos e, apesar da prematuridade, vai sair logo daqui, pelo que entendi. — Segurei sua mão e me sentei na beirada da cama, ao seu lado.

— Graças a vocês — disse ela. — Vai se chamar Daniel, um anjo na minha vida.

Sorri de novo, dessa vez sem graça.

— É... Daniel cuidou direitinho de você — reconheci modulando a voz, tentando ocultar o mal-estar.

Kayla riu sem humor, exausta, abatida.

— Não me iludo, irmã. — Negou com a cabeça. — Daniel não estava cuidando de mim, estava cuidando de você. — Bateu fracamente em minha mão. — Ele sabia que, se algo acontecesse comigo, você sofreria.

Crispei o semblante, incapaz de compreendê-la.

Ela suspirou e seu olhar escorregou para um canto qualquer da parede esverdeada.

— Quem deveria ter cuidado de mim não cuidou. Não deu a mínima.

Eu não estava entendendo nada, e, quando me

olhou, Kayla percebeu minha confusão, explicando:

— Eu não caí da escada — sua voz parecia estrangulada, obstruída pelas lágrimas que ela não deixava afluir. — Eu fui empurrada.

Meus olhos se alargaram e eu me afastei de súbito, ficando de pé. Ela falava a sério, ou era uma figura de linguagem?

— Depois de me bater, ele me empurrou — ratificou. — Fui uma estúpida ao aceitar me encontrar com ele lá. Mais uma vez aquele canalha agiu de má-fé comigo.

— O que você está dizendo? — perguntei estarrecida, tentando encaixar as loucuras que ela dizia à história que eu já havia montado em minha mente.

— Eu me envolvi com meu chefe, Aline; já estávamos juntos fazia dois anos quando... eu engravidei — contou sem esconder o constrangimento. — Só que ele é casado.

— Mas... *Seu chefe?*

— Ele queria que eu abortasse e eu ameacei procurar a mulher dele. Aquele mentiroso tinha me enganado, dizia me amar, mas só queria me usar — continuou. — Isso o enfureceu. Por causa dele perdi meu emprego e fiquei uns tempos na sua casa. Então aconteceu tudo aquilo, e eu não tive coragem de encarar você... Voltei aqui para a capital e, desempregada, passei necessidade durante meses. Quase morri de fome e acabei naquele lugar imundo onde você e Daniel me levaram. Foi quando resolvi voltar para a sua casa. Eu não sabia que você tinha perdido a memória, por isso fiquei com medo de que não me aceitasse lá. Sei que eu não merecia sua ajuda, mas eu não tinha escolha, Line.

Kayla fechou os olhos deixando ver todo o seu cansaço. Eu a olhava atônita, confusa com tanta informação. Atordoada, saí do quarto, sem esperar que ela abrisse os olhos.



Daniel

Vi quando Aline se aproximava pelo corredor e me levantei; já me havia recobrado do repentino mal-estar.

— Você precisa comer alguma coisa, beber uma água — eu disse ao notar que ela parecia descompensada, pálida, o olhar perdido, e segurei seu pulso direito.

— Não estou com fome — balbuciou enquanto tentava abrir a mão que a segurava, tentando se desvencilhar de mim.

Então toquei seus ombros e a balancei de leve, deixando clara a minha determinação:

— Vai ter que fazer um escândalo neste hospital se quiser me impedir de levar você até a lanchonete.

Ela comprimiu os lábios e me olhou de um jeito estranho. Relutante, anuiu em silêncio e me seguiu.

Na lanchonete eu a conduzi a uma mesa. Ela se sentou de costas para a porta e eu me acomodei de frente para ela. Era impossível encontrar um canto

PERIGOSAS ACHERON

reservado naquele lugar estéril, tão amplo e claro, mas pelo menos as mesas ocupadas se concentravam mais perto do balcão, a cerca de dois metros de nós dois.

Depois de convencê-la a aceitar um café com leite, que já fumegava à frente dela na mesa, dei início à longa conversa que em hipótese alguma eu adiaría.

— Aquela hora no corredor, quando você disse “seu filho vai ficar bem”, pensei que estivesse falando do Nick — confessei. — Sei que é loucura, mas senti como se tivesse voltado no tempo. Fiquei zozzo por um instante, até agora estou meio trêmulo. — Mostrei as mãos trementes. — Só depois notei a ambiguidade na sua fala.

— Não havia ambiguidade no que eu falei, era isso mesmo que eu queria dizer — retrucou Aline.

Retraí as pálpebras perguntando-me a que vinha aquela afirmação. Ela não podia estar querendo dizer que... *Merda!*

— Você não está pensando que...? — perguntei

PERIGOSAS ACHERON

temendo ouvir a resposta.

— Eu pensei que fosse. Pensei que você fosse o pai do bebê dela.

— Quê?! — exclamei, petrificado. Pelo visto a coisa era bem pior do que eu pensava.

— Pensei que fosse, vocês dois, você e a Kayla... — Aline tentava articular as palavras, desorientada, a voz tiritante.

— O único filho que eu tive em toda a minha vida foi o nosso. Nicolas! — Vi como os olhos dela se alargavam e brilhavam. — Aline, não sei o que está passando pela sua cabeça, mas não existe a mínima possibilidade de que essa criança seja minha! — eu me defendi com convicção. Sabia que nossa situação era complicada, mas não pensava que fosse tanto.

— Mas vocês... mas ela... Você e ela...

— Não existe “eu e ela”! — afirmei categórico.
— Não sei o que sua irmã disse a você, mas definitivamente não somos, nunca fomos nem
PERIGOSAS ACHERON

nunca seremos um casal, entendeu?

Emoções transformaram o rosto de Aline. Eu pude ler tantas, mas a dúvida ainda era a que mais se acentuava; e minha inimiga naquele momento.

— Você queria se divorciar de mim — balbuciou o que pareceu ser a síntese de todos os seus pensamentos.

— Porque eu não conseguia enxergar você, só enxergava a sua dor! Ou talvez nem isso. Chegamos a um ponto em que tudo o que eu via era a sua indiferença — argumentei.

Deixei que uma exalação escapasse e me ajeitei sobre a dura cadeira. Tinha chegado o momento de contar detalhes de que ela não se lembrava. Deus me ajudasse se eu estivesse me precipitando, mas, se saber sobre a morte de nosso filho não tinha sido suficiente para derrubá-la, não seria aquilo o que a puxaria para baixo. Eu tinha que ser sincero, muito honesto, para merecer a confiança dela de novo.

— Aline, quando aconteceu aquilo com nosso filho, você... — Suspirei enquanto tentava articular

PERIGOSAS ACHERON

as palavras certas. Como poderia falar sobre aquele período em que eu caminhava como um indigente entre os escombros de uma história que eu julgava acabada? — Você nunca superou a perda, e isso de alguma forma acabou afetando nosso relacionamento. — Observei seus olhos interrogantes, e isso me impulsionou a continuar. — Por algum motivo, você se distanciou de mim.

— Como assim?

— Aquela noite em que a energia acabou lá em casa, lembra? — indaguei.

Aline fez que sim e entrecerrou os olhos, obviamente incapaz de conectar minha pergunta ao assunto de que falávamos.

— Foi a primeira vez, em muito tempo, que eu a toquei. E estou falando de anos.



Aline

Soluços, bramidos e um pranto repleto de dor. O eco daquela noite escura consumiu em segundos meus pensamentos explicando em silêncio a intensidade experimentada naquela ocasião, quando tínhamos feito amor pela primeira vez depois que perdi a memória. Por isso Daniel havia chorado daquela maneira no banheiro, compreendi, incapaz de mensurar sua dor.

— Você está dizendo que... Que eu me separei... — comecei.

— Não. Não oficialmente, pelo menos. Ainda vivíamos juntos. Mas você se fechou e se recusou a buscar ajuda; parecia estar se punindo, ou me punindo, não sei. Não permitia que eu me aproximasse, que a tocasse. E, nas poucas vezes que isso aconteceu nos últimos três anos, não... não foi como antes. Pareceu desagradável para você, e isso, sua rejeição, foi acabando comigo. Chegamos a um ponto em que eu mesmo não conseguia entender o que se interpunha entre nós dois. O que antes era consequência de tudo que nos aconteceu, de repente parecia ser só desamor e egoísmo. — Ele tocou meus lábios com o dorso de uma mão e

continuou. — Não havia mais sorrisos, carinho, toque, cumplicidade... Nada. Só dor. Ela era nosso alimento, nossa água, nossa razão de existir... Era tudo.

— Por isso você quis se divorciar de mim? — eu quis confirmar.

— Esperei por muito tempo que você voltasse, Line — Daniel argumentou. — Juro que tentei, até que chegou o momento em que não suportava mais a solidão. Eu precisava virar a página.

Permaneci em silêncio por um momento, tentando encontrar uma sequência coerente para as cartas que ele havia colocado sobre a mesa. Algo não fazia sentido. Faltava uma peça.

— Você disse que não tem nada a ver com a minha irmã, então... O que foi que eu vi naquele dia? O que me fez correr para aquela encosta? — soltei.

Daniel cobriu o rosto com as mãos. Parecia esgotado, mas, quando me encarou, percebi que estava com medo.

— Eu beijei sua irmã — confessou cruzando os braços sobre a mesa.

E, apesar de tudo que eu pensava saber antes dessa nossa conversa, senti que o chão me faltava, que meu coração se pulverizava em mil pedacinhos.

Eu me afastei e apoiei as costas ao respaldo da cadeira, procurando me distanciar emocionalmente dele, daquela revelação. Meus olhos se inundaram e Daniel pareceu notar, já que buscou minha mão sobre a mesa. Tentei me esquivar de seu toque, mas ele insistiu apertando meus dedos com obstinação.

— Escuta, eu sei que nada justifica o que eu fiz, mas, Aline, eu estava muito só. Eu estava desesperado, não suportava mais aquela situação e nem raciocinava direito...

— Nada justifica a traição — rosnei taxativa, encolerizada. — Se estava decidido a se separar de mim, por que não fez isso antes de se atracar com a minha irmã?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi assim, eu não me *atraquei* com a sua irmã... Você precisa me ouvir, tenho que explicar como tudo aconteceu — pediu com um brilho de súplica no olhar, a voz branda.

Eu não sabia se suportaria ouvir tudo o que ele pretendia me dizer, mas não tive forças para me erguer e sumir dali imediatamente.

— Aline... Sua irmã passava alguns finais de semana na nossa casa e nos últimos tempos isso foi ficando mais frequente. Ela passou uma boa temporada conosco, ficava no chalé. Nós dois caminhávamos juntos de manhã, às vezes à tarde, e acabamos nos aproximando — Daniel contou, e eu tentei afastar a mão, mas ele voltou a apertá-la, acrescentando depressa: — *Como amigos*, acabamos ficando muito amigos e... e confidentes. Sua irmã sabia o que se passava em nosso relacionamento e muitas vezes tentou interceder junto a você, tentou convencê-la a procurar ajuda. Eu e a Kayla nunca fomos amantes, entendeu? O beijo que você viu foi um desabafo, um momento de... sei lá; quando assinei aquela documentação, eu acabei exprimindo tudo que estava guardando e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não vou negar, fiquei muito feliz quando recebi aquela petição, era uma porta, um escape daquele mundo de desolação que eu não suportava mais.

— Foi um beijo de amantes, um beijo de língua? — perguntei, cega de ciúmes, desejando que cada palavra fosse um maribondo colidindo com a pele dele. — Eu não sabia que as pessoas desabafavam beijando na boca, se eu soubesse, eu... — soltei um monte de incoerências e me levantei, descontrolada.

Ele também ficou de pé e caminhou atrás de mim. Daniel me alcançou num pequeno espaço vazio do amplo salão, uma ilha em meio a dezenas de cadeiras acinzentadas, um oceano de ladrilho entre mim e a paz que eu tanto almejava.

Tocou um de meus braços e deteve meus passos. Ficou de frente para mim e falou:

— Você está fazendo tudo parecer muito maior e mais importante do que é.

— Ah, estou? — ironizei.

PERIGOSAS ACHERON

— Está! Entendo sua mágoa, você tem todo direito de não querer olhar na minha cara, mas não vou ficar só olhando enquanto você transforma isso no que não é. Eu nunca quis nada com sua irmã. Jamais! Aquilo foi só um momento em que eu perdi a cabeça, confundi as emoções e meti os pés pelas mãos desabafando da maneira equivocada tudo o que eu estava guardando. Nos segundos seguintes, percebi a loucura daquilo; que tinha agido movido pela euforia. Não passou disso e, mesmo que você não tivesse aparecido no chalé e nos flagrado, eu teria parado. Aline, eu amo você! Não me deixe, por favor. Não agora que a reencontrei, que consigo ver você de novo.

Ele parecia tão sincero, e o desespero em seus olhos, patente. Meu coração golpeava forte no peito, e meus pés estavam a ponto de tocar um terreno que eu temia e desconhecia.

— Você preparou os papéis para se divorciar de mim! Pelas minhas costas! Como pode dizer que me ama?

— Eu estava equivocado! — Solto um suspiro

cansado. — Aline... não me peça para explicar isso. Sei contar como cheguei a pensar que não amava você, mas amor... amor não se explica. A gente sente, só isso! — exclamou e bateu o punho fechado contra o peito. — Aline, amor, dê uma chance a nós dois. Eu amo você e prometo fazer tudo para dar certo.

— Vou sair, Daniel. Mais tarde eu volto para saber como está minha irmã.

— Não! — suplicou juntando as palmas das mãos.

Eu o ignorei, dei-lhe as costas e continuei caminhando. Havia aquela petição de divórcio, que mesmo rasgada deixara seus rastros; havia aquele maldito beijo que ele tinha dado em minha irmã, e essas duas coisas estavam atravessadas em minha garganta, apesar do alívio que eu sentia por saber que meu sobrinho não era filho dele.

— Aline! — Daniel vinha atrás de mim, e, muito irritada, eu me virei abruptamente, quase colidindo com ele.

Não vacilei, cerrei o punho direito, que voou impulsionado por uma força sobrenatural, até colidir com o rosto dele.

Daniel rugiu e me olhou espantado.

— Aline!

— Isso... — comecei com o dedo em riste bem perto do nariz dele. — É por você ter beijado a minha irmã, seu canalha! — Eu o empurrei e saí, ignorando o burburinho que se formava entre os inesperados espectadores.

33

“Parece uma vida amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma.” Clarisse Lispector

Aline

Eu deveria ter saído, como havia dito a Daniel que faria, mas, em vez disso, caminhei cegamente pelos corredores do hospital, em direção ao apartamento em que minha irmã estava.

Esquecida de seu estado de resguardo e de que ela precisava de tranquilidade para cuidar bem do filho, irrompi no quarto despejando acusações. Agi

PERIGOSAS ACHERON

como era típico dela fazer, e não de mim:

— Ele me contou, eu sei de tudo! Já sei o que vocês faziam às minhas costas, além de tramar meu divórcio. Como você pôde, Kayla?!

O rosto de minha irmã, antes amistoso, mudou ao me ouvir. Vi estarrecimento, temor e, então, pura hostilidade perpassarem suas feições.

— O que foi que ele disse a você? — perguntou comprimindo os lábios e erguendo o queixo.

— Vocês se beijaram, e eu flagrei isso! — contei apontando-lhe um dedo, andando agitada pelo quarto.

Pensei que ela fosse gritar como sempre fazia, mas recebi uma resposta gélida, direta:

— Pois é, *irmã* — começou cinicamente —, a vida é um campo de batalha; às vezes é preciso destacar um soldado e levá-lo ao fronte para cumprir um objetivo. — Elevou a sobrancelhas. — Sobreviver, por exemplo — falou e, apesar da frieza de sua resposta, consegui sentir o rancor, a

PERIGOSAS ACHERON

mágoa. Sua voz era plana, insólita, mas, ainda assim, rude.

— Você fala como se tivesse me oferecido em sacrifício por um bem maior, Kayla — continuei, parada agora. — Eu não sou uma oferenda de que você pode dispor para conseguir seus objetivos. Sou uma pessoa, com sangue nas veias e sentimentos! — eu me exaltei, cansada de me calar diante dela. — Acha que tudo pelo que passou dá a você o direito de passar por cima de tudo e de todos? Que isso lhe dá o direito de me colocar em altar de sacrifícios? Por que quer tanto me punir, Kayla? Que culpa eu tenho se nasci bem depois de você? Se não tive que passar pelo que você passou?

— É fácil dizer isso, não era o seu bebê que estava em perigo! — argumentou subindo o tom, a velha Kayla de volta.

— Eu a teria apoiado! Não desampararia você! — contrapus.

— Não tenho certeza, você não ligava para nada — devolveu com dureza, e eu senti sua

resposta como um golpe físico; sabia que ela dizia a verdade. — Sequer com seu marido você se importava. Por que se importaria com meus problemas?

— Ainda assim, mesmo não me lembrando de nada disso, não consigo conceber a ideia de que a deixaria sozinha e desamparada. Se tivesse me contado pelo que estava passando, eu teria ajudado você, Kayla! — reafirmei, e precisava crer nisso.

— Talvez. — Encolheu os ombros, sua expressão se tornando sombria agora. — Talvez seja eu a egoísta. Sempre tive que cuidar de mim. Nunca pude esperar isso de ninguém, sequer da nossa mãe — despejou com amargura.

— Você está sendo injusta! Nós sempre cuidamos uma da outra.

— Está enganada, irmã. Até que você fosse suficientemente grande para fazer alguma coisa por quem quer que fosse, eu tive que cuidar de nós duas — atirou à minha cara.

— Fomos adotadas por pessoas maravilhosas,
PERIGOSAS ACHERON

que nos deram amor, cuidaram das duas com o mesmo carinho — ponderei, assustada com a profundidade dos ressentimentos que ela alimentava. Isso agora me preocupava mais que minha própria necessidade de desabafar.

— Adotaram você. Eu fui só um preço a pagar. Um peso.

Eu apenas balancei a cabeça, triste ao ver a crua amargura que escurecia o coração de minha única irmã.

Dei as costas para sair, ao me dar conta de que aquela conversa acontecia no momento mais inapropriado, de que estava totalmente fora de lugar, mas, ao abrir a porta, dei de cara com uma auxiliar de enfermagem.

A mulher, sorridente, carregava um rolinho branco entre os braços.

— Oi! — Riu com nosso quase encontrão. — Trouxe o bebê para amamentar. — Quer pegar um pouquinho antes? — perguntou, já me entregando a trouxinha. — Tome, dê a sua irmã. Daqui a pouco

PERIGOSAS ACHERON

eu volto para buscá-lo.

Olhei para aquele rostinho corado e bochechudo, que despontava do casulo branco em minhas mãos, e meu coração se enterneceu. Em segundos esqueci toda a chateação que albergava e só fui capaz de sentir gratidão; gratidão a Deus por poder ter nos braços, saudável, meu primeiro sobrinho.

Balançando o corpinho do bebê suavemente e murmurando qualquer bobagem sem sentido, eu me encaminhei para a cama, entregando-o com cuidado a minha irmã.

Quando consegui tirar os olhos do pequeno Daniel, olhei para ela e notei em seu semblante a mesma transformação que sentia em meu coração; ele havia se expandido de amor e já não havia lugar para ressentimentos.

Esperei que Kayla o acomodasse junto ao seio e que o bebê começasse a sugar. Só então fiz menção de me retirar, começando a caminhar para a porta de novo.

— Aline — ouvi, a mão no trinco, e parei.

— O quê? — respondi suavemente, sem me voltar.

— Desculpe. Você sabe que eu digo muita bobagem, que sou cruel quando me sinto acuada, e, quando você entrou aqui me acusando, não pensei. Você não merece ouvir nada do que eu disse, não tem culpa de nada que me aconteceu e não merecia a minha deslealdade.

— Tudo bem, só quero esquecer tudo isso — respondi e, imóvel, fechei os olhos.

— Não fica com raiva do Daniel — continuou —, ele foi uma vítima dos meus tropeços também — explicou.

— Não precisa ser a advogada do diabo, ele já assumiu os próprios erros, assumiu que beijou você — falei e, apesar do teor da resposta, já não havia recriminações; era só uma constatação.

— Típico dele — disse sem qualquer traço de ironia na voz. — Duvido que Daniel dissesse que
PERIGOSAS ACHERON

quem tomou a iniciativa fui eu. Ele não colocaria uma irmã contra a outra. Por mais que eu merecesse isso.

Cobri o rosto com as mãos, incapaz de avaliar a situação.

— Seu marido sofreu muito aqueles anos todos em que você ficou ausente — Kayla continuou. — E minha situação era tão desesperadora há uns meses, que, quando achei que o relacionamento de vocês já não tinha jeito, pensei que ele fosse minha salvação. Confesso que até há alguns dias cheguei a pensar nisso e a propor a ele... — Ela corou e não concluiu a fala. Nem precisava. — Pensei que talvez pudéssemos... Ah, eu *viajei*, não estava pensando com a cabeça — exalou a admissão. — Naquele dia do... ahn, do beijo, ele estava muito eufórico, achava que tinha encontrado a solução para a infelicidade dele, e eu me aproveitei disso. Daniel estava suscetível, carente, solitário demais. Estava fora de si enquanto me mostrava aqueles documentos que tinha recebido do advogado e eu soube que era o momento perfeito para colocar minhas ideias na cabeça dele. Só que me enganei,

era impossível.

Eu me volvei e a encarei. Sabia que ela dizia a verdade. Uma verdade triste, dolorosa, difícil de digerir, mas, ainda assim, verdade.

Kayla baixou a cabeça e, ao ver que o bebê dormia, retirou-o do seio e o apoiou ao ombro direito, massageando-lhe as costas com suavidade. Voltou a me olhar e continuou o relato:

— Aproveitei aquele momento para abraçar seu marido, com o pretexto de comemorar, e então o beijei — assumiu e enrubesceu, mas não desviou o olhar. — Ele correspondeu por uns segundos, é verdade, mas logo se afastou caindo em si. Eu vi nos olhos dele o arrependimento imediato. Não tínhamos nada a ver, aquilo estava muito errado, e Daniel se deu conta disso antes de ver você na porta do chalé. Ao contrário de mim. Eu só “acordei” quando fiquei sabendo que você quase tinha morrido naquela encosta. Fiquei desesperada, Line, mas não tinha coragem de encarar você.

Cruzei o espaço que me separava da cama e

elevei uma mão, roçando-a na cabecinha calva do bebê.

— Obrigada por me contar — falei, sem saber ao certo se cabia um agradecimento.

— Eu devia isso a vocês — respondeu ela.

— Independentemente de qualquer coisa, Kayla, nunca vou desamparar vocês — prometi a despeito da decepção, do desapontamento que, eu sabia, meus olhos não ocultavam.

— Eu sei, Line. Fui muito estúpida por duvidar disso. Fui desleal.



Eu me retirei, mas não tive forças para caminhar mais que uns passos fora do quarto. Acabei desabando em uma cadeira no corredor e por lá fiquei um bom tempo, mergulhada em pensamentos, remoendo, alheia a todo o movimento a minha volta. A Aline de vinte e um anos que eu era estava cheia de empatia, já se

PERIGOSAS NACIONAIS

colocava no lugar de Daniel, e queria correr para os braços dele, sem pensar nas consequências; mas, ao mesmo tempo, sentia-se vulnerável, despida, ao notar pela primeira vez a falta da bagagem que perdera no caminho, tudo o que havia experimentado e aprendido na última década. Estava perdida, insegura, principalmente sobre as últimas revelações, a devastação que havia provocado na vida dele ao não saber lidar com a culpa. Essa culpa que a acossava dia a dia, mesmo que ela não tivesse recuperado a memória.

Depois de desabafar meus ciúmes, tudo em que eu conseguia pensar era no passado que me assombrava mesmo que eu não me lembrasse dele e, quando eu fechava os olhos, ouvia o eco dos textos deixados pela Aline de alma aniquilada que havia desaparecido. Eu temia que isso fosse uma barreira entre mim e ele, e nem o desapontamento pelo comportamento de minha irmã era páreo para isso.

Precisava conversar com alguém, mas com quem?

PERIGOSAS ACHERON

Peguei o celular na bolsa pensando em ligar para Tessa. Eu o liguei, mas, quando a tela inicial se acendeu, li o aviso de mensagens não lidas do aplicativo. Eram muitas. Sem pensar, toquei o ícone de cor verde e comecei a lê-las.

Contraí o cenho, admirada; pelo visto Daniel tinha estado muito preocupado comigo naqueles três dias de ausência. Li uma por uma as mensagens e não pude evitar um sorriso triste ao constatar que ele “sentia imensamente a minha falta”; até que encontrei uma mensagem muito significativa:

"Aconteceram tantas coisas nos últimos meses, recobramos um pouco do que tínhamos, e tenho tanto ainda sobre nós para contar, para mostrar a você... Mas o principal eu ainda não disse, desculpe."

— O principal — sussurrei e prossegui, lendo a próxima:

"Amo você. Amo demais, loucamente."

Então isso é o mais importante, constatei
PERIGOSAS ACHERON

lembrando-me de novo do que ele havia dito na noite anterior. Daniel havia se declarado tantas vezes naquele dia — e em tantos outros momentos, ainda que sem palavras —, mas só agora eu compreendia que isso era o que importava. Determinada, eu me levantei da cadeira e perambulei pelo hospital até encontrar o amor.



Daniel

Eu tinha decidido parar de planejar cada passo da minha vida na noite anterior, ao saber que Aline não queria conversar. Naquele momento decidi simplesmente deixar rolar. Ainda era estranho fazer isso, não me sentia eu mesmo e precisava de muita força de vontade para distrair a parte mais racional do meu cérebro; mas logo eu começaria a colher os frutos da espera (eu não diria despreocupada, mas resignada) da maneira mais inusitada.

Assim, reunindo toda a paciência de que eu era capaz, mais de uma hora depois de levar um gancho de direita perto no nariz eu ainda estava em

PERIGOSAS ACHERON

frente à porta de uma sala do P.A., com um saco de gelo na cara.

E, inferno, aquilo doía.

Apesar de estar de olhos fechados, senti quando ela parou frente a mim. Foi quase como sentir sua sombra deslizar-se sobre meu colo, como se eu a tivesse conjurado, e isso foi... fascinante. Abri os olhos e encontrei Aline agachada entre minhas pernas. Ela me olhava com o que parecia genuína preocupação.

Elevou uma mão e ameaçou tocar meu nariz, mas um gesto meu, de puro medo, a fez parar.

— Quebrei seu nariz? — perguntou com uma expressão culpada no rosto.

Esvaziei os pulmões antes de responder.

— Meu nariz, não, mas meu coração... — tentei brincar, joguei a bolsa de gelo numa das cadeiras que me ladeavam e me inclinei para a frente, olhando-a nos olhos.

— Desculpe — Aline pediu e mordeu o lábio inferior. — Fiquei com muito ciúme — confessou, e eu, surpreendido, suprimi um sorriso. Isso era um bom sinal, não era? Ciúme, com certeza, era melhor do que raiva e ressentimento. Talvez fosse um sinal de que eu não estava enganado, de que ela me queria.

— Diga que isso foi um sim. Um sim para nós dois — pedi em um quase murmúrio. Era um absurdo pensar que aquele soco poderia ser indício de reconciliação, mas era preferível pensar assim; qualquer coisa menos “jogar a toalha”.

Aline não respondeu. Em vez disso desviou o olhar, que notei meio tristonho.

— Pode ser que você ame esta Aline que está aqui agora, mas e a outra, Daniel? Como vai ser quando ela voltar? — Voltou a me encarar, os olhos cobertos de interrogante súplica.

Então Aline tinha entendido como havíamos chegado tão perto do fim, pelo menos no que concernia a ela, compreendi e fui tomado por uma

mescla de sentimentos conflitantes. Por um lado, eu sabia que era necessário, que a consciência da verdade e aquela conversa eram necessárias para que houvesse mudança; mas, por outro, eu queria protegê-la de tudo, de todo e qualquer sofrimento.

— Não existe isso de “outra” — comecei. — É tudo sobre você. Ou melhor, sobre nós, porque tudo que diz respeito a você me afeta. “A outra” é você, é uma parte sua, eu aprendi isso. E, se existe algo “nela” que não lhe faz bem, cabe a você mudar.

— Por isso mesmo. Um dia eu posso me lembrar. Como vai ser se eu voltar para o fundo desse poço em que você disse que eu estava? E se o tormento for grande demais, a ponto de eu precisar escapar de novo? Eu sinto, Daniel, essa escuridão está me espreitando, está muito perto de me alcançar de novo. Eu sinto aqui — e pousou uma mão sobre o peito.

Eu me reclinei um pouco mais, sentado agora na ponta da cadeira, e segurei suas mãos. Havíamos chegado ao que concernia a mim.

— Não pretendo deixar que isso aconteça — declarei com firmeza. — Mas se eu falhar, se não puder impedir, vou oferecer a minha mão e vou com você aonde for. Não vou sossegar enquanto não a trazer de volta, isso é uma promessa. Garanto que não vou perder você de vista de novo, Aline. — Pensei vê-la titubear ante minhas palavras. Toquei seu queixo e a olhei nos olhos, temendo que ela se evadisse. Eu era vagamente ciente do repentino silêncio a nossa volta, mas ainda não me havia dado conta dos vários pares de olhos expectantes sobre nós. Tínhamos plateia. — Diga que sim, que vai dar outra chance a nós dois, não me abandona, amor. — Eu tragava as lágrimas, não sabia por quanto tempo mais poderia me conter. — Você não é um vasinho de porcelana, Line — argumentei. — É uma mulher forte, guerreira. Só que caiu de um lugar muito alto para qualquer ser humano. Nós éramos felizes demais, você era mãe de um menino incrível e...

— Eu tenho medo, Daniel — revelou, ainda agachada diante de mim.

— De quê? — perguntei.

— De nunca mais ser inteira.

Olhei-a por um momento tentando compreender o que significava viver sem uma parte de si. Tentando me colocar no lugar dela.

— Nesse caso, vou dedicar minha vida a preencher cada espaço vazio da sua alma — prometi solenemente. — Posso até não conseguir isso, mas vou morrer tentando, e isso vai dar sentido a minha vida, porque ela só tem sentido com você perto de mim.

Notei que Aline inflava os pulmões. Ela afastou o torso e eu temi que isso fosse um sinal de distanciamento, de que ela recuava emocionalmente, então ouvi:

— Você também tinha o coração partido... — afirmou e eu pisquei tentando coibir as lágrimas, mas elas caíram, *as malditas*.

Aline elevou uma mão e enxugou meu rosto com delicadeza.

— Eu devia ter renunciado àquelas lembranças

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dolorosas — continuou.

— Não — eu me opus veementemente, não menosprezaria seus sentimentos. — A perda de um filho não é algo que se esqueça, não sem uma pancada na cabeça, ou um susto de morte como aconteceu com você.

— Mas parece que não administrei isso bem — Aline argumentou.

— Nisso eu concordo. Mas tudo tem um jeito, amor, eu vou estar sempre ao seu lado. Nada está perdido. Ainda mais agora que a sua mente encontrou uma maneira de proteger você de si mesma.

— Remoer a culpa daquele jeito estava me levando a um limite muito perigoso, beirava à insanidade pelo que entendi. Fui egoísta ao obrigar você a ruminar isso comigo, Dani. Desculpe.

Mais uma vez tentei conter um sorriso, mas dessa vez falhei. Ela tinha me chamado de “Dani”, *meu Deus*. Estava cada vez mais perto de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso, sim, é um sim — arrisquei otimista.

— É um sim. E eu vou fazer o possível para que seja um “para sempre” também.

— Eu não me contentaria com menos. — Ainda segurando suas mãos, coleí a testa na dela, sorria feito um bocó. Quem diria que eu resolveria minha vida num corredor fedorento de hospital.

— Nunca esqueci meu amor por você — confessou me surpreendendo. — Percebi isso logo, mesmo que não admitisse — assumiu me arrancando um sorriso largo e bobo. — Amo você, Dani — declarou com a voz embargada.

— Line... — sussurrei e a envolvi entre os braços. — Meu amor... Que bom ter você de volta. — Procurei seus lábios e a beijei apaixonadamente, sem me importar com o lugar em que estávamos. Ouvi os murmúrios da “plateia”, contidos vivas e risos, e me afastei, recusando-me a dividir aquele momento com mais alguém além dela. — Vem, quero conhecer nosso sobrinho. — Puxei Aline pela mão para que ela se levantasse. — Será que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

posso vê-lo? Vão deixar? — perguntei passando um braço sobre seus ombros e já caminhando com ela em direção ao berçário.

— Acho que só pelo vidro — respondeu passando um braço em minhas costas, na linha da cintura.

Caminhamos pelos corredores, subimos alguns lances de escada em direção à maternidade e seguimos até a extensa janela de vidro que nos separava do berçário, onde paramos. Por um momento ficamos perdidos entre os vários bercinhos de acrílico.

— Você sabe o que aconteceu com a Kayla? — perguntou Aline. — Sabe do caso dela com o tal chefe?

— Sei. Do caso, quer dizer. E desconfio do que possa ter acontecido, fiz algumas suposições.

— Aposte nas piores.

Presei os lábios lamentando e olhei para minha esposa.

PERIGOSAS ACHERON

— Depois conversamos sobre isso — sugeri acariciando a mão que me tocava na cintura. — Vamos pensar num jeito de ajudar sua irmã, e aquele otário não vai sair impune — prometi, e ela assentiu.

Aline voltou a olhar para o berçário, visivelmente mais tranquila. Procurou e não demorou a encontrá-lo, num dos berços mais próximos do vidro.

— Ali! — Apontou. — Ah, ele é lindo, né? — derreteu-se.

— Hum... — inclinei a cabeça avaliando —, tem cara de joelho.

Ela riu.

— Bobo. — Aline me cutucou com um cotovelo. — Ah, quase me esqueci de contar: o nome dele é Daniel.

— Quê! A Kayla ficou louca?! — Pensei nas implicações disso, mas respirei aliviado ao lembrar que tudo estava esclarecido.

— Ainda não. Só está muito grata.

Encolhi os ombros e fiquei em silêncio. Não via motivos para tanta gratidão. Não merecia ser canonizado só por cuidar da minha família.

Pelo canto de um olho vi que Aline se movia ficando de lado e fiz o mesmo. Quando estávamos de frente um para o outro, ela segurou minhas mãos e inclinou a cabeça para me olhar nos olhos.

— Obrigada por cuidar da Kayla mesmo com tudo o que ela fez — disse. — E obrigada por cuidar de mim quando eu estava perdida.

— Bobinha. — Sorri. — Eu agi em interesse próprio, não sei viver sem você, linda. — Beije seus lábios e a apertei com força entre os braços. Inspirei o perfume de seus cabelos, profundamente grato por tê-la de volta, e então me afastei, voltando a segurar suas mãos. Apesar de admitir a possibilidade de não conseguir preencher todos os vazios da sua alma, adverti: — A partir de hoje, senhora Romano, não quero mais ser guardião da sua tristeza, ouviu? Quero ser guardião da sua

PERIGOSAS NACIONAIS

alegria, da sua felicidade.

— Eu aceito — Aline brincou e me presenteou com um daqueles sorrisos que iluminavam meu dia.

— Ainda bem, linda, porque eu não aceitaria uma recusa.

— Não sou boba. — Encolheu os ombros, um sorriso matreiro curvando seus lábios.

Eu ri.

— Claro que não, nunca achei que você fosse, mas, então, já que aceita minha proposta de viver sorrindo pelos cantos e em qualquer lugar... Espera — pedi e enfiei uma mão num bolso da calça, pegando a carteira. Retirei de lá o objeto que selaria nosso reencontro e nosso “para sempre”, devolvendo a carteira ao bolso. Peguei a mão esquerda da minha mulher e devolvi a aliança a seu devido lugar. Então me inclinei e beijei o anel solenemente. — Pronto — anunciei ao me erguer e olhá-la nos olhos, sem soltar sua mão. — Agora podemos voltar para casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Para casa — Aline ecoou e me abraçou na linha da cintura, enterrando o rosto em meu peito.

Eu fechei os olhos e correspon-di ao abraço, comprazido, abrigado... *Em casa.*

Epílogo

Queria ter aceitado/A vida como
ela é/A cada um cabe alegrias/ E a
tristeza que vier. Sergio Affonso e
Eric Silve

Daniel

Vários meses depois...

Atrasado, estaciono o carro na garagem de casa
e saio apressado em direção à varanda, apalpando
os bolsos à procura da chave. *Esqueci no carro,*
PERIGOSAS ACHERON

droga!

Puxo a porta torcendo para encontrá-la aberta, em vão. Não quero gritar e nem tocar a campainha. Se não ficar em silêncio, danou-se...

Impaciente, ando até a janela e afasto a cortina. Ela está lá, sentada no sofá, com o celular na mão, está me esperando. Aquela camisa larga, branca, deixa um ombro à mostra; confere a ela um ar despojado, sexy. Por baixo deve estar usando só um short curto... — retraio as pálpebras sondando, distraído por sua sensualidade.

Ela afasta uma mecha de cabelo e coloca atrás da orelha esquerda, mordendo um polegar. Seus gestos mais simples ainda me excitam como à porra de um adolescente.

Por fim, ela nota minha presença e eleva a cabeça, olhando exatamente para onde estou. Tira-me dos devaneios com um sorriso radiante e se levanta, apressando-se em direção à entrada.

— Você demorou! — acusa em um murmúrio baixo, ao abrir a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Ignoro a reprimenda e a envolvo entre os braços, tirando seus pés do chão.

— Hum, saudade da minha mulherzinha linda.
— Tomo seus lábios, beijando-a profundamente. —
Onde ela está? — pergunto interrompendo o beijo, caminhando com ela sem soltá-la, em direção à escada.

— No quarto, dormindo, mas você demorou muito, ela já deve estar...

— Não importa — resmungo e a beijo na boca de novo.

Sugo seus lábios com uma fome insana, seus pés no chão agora, e vou caminhando com ela pela sala, sem deixar que fale ou se separe de mim. Deslizo as mãos sob sua camisa e desço os lábios até seu pescoço, roubando seu cheiro, seu gosto. Aliso a pele suave, minhas mãos subindo, e desabotoo o fecho frontal do sutiã. Continuo andando, levando-a comigo.

— Daniel, acho melhor não...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Shhh... — Deslizo a palma de uma mão sobre um mamilo e arranco dela um gemido, um silencioso “sim”. — Saudade, linda, não aguentava mais — confesso e começo a despi-la com urgência, assim que alcançamos o primeiro degrau da escada.

Ela se vira e ri subindo os degraus, de costas para mim, as roupas ficando pelo caminho.

— Não dá para esperar chegarmos ao quarto?
— pergunta ainda risonha.

Eu agarro sua cintura e atraio para mim.

— Não, não dá, querida, e a culpa é sua — falo enquanto tiro minha própria camisa, quero senti-la, sua pele macia e morna.

Desabotoo seu short e puxo para baixo, deixando-o deslizar pelas pernas dela. Aline o chuta para um lado e eu envolvo sua cintura, devorando sua boca, carregando-a degraus acima.

— E não dá para esperar a noite? Quando ela...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não dá, amor, quero você agora, quase morri de saudades esses dias... E à noite nunca se sabe o que ela pode aprontar. — Paro no largo degrau que precede o segundo lance da escada e reforço meu argumento moendo-a contra o guarda-corpo, deixando que ela saiba o quanto estou doido por ela.

— Daniel... — suspira meu nome, rendida.

— Fala, amor... — murmuro ao seu ouvido, tocando os seios macios, apertando-os.

Em resposta ela enreda os dedos entre meus cabelos. Pede silenciosamente mais, arqueando o torso em minha direção. Aprecio os peitos lindos em minhas mãos, e os acaricio com a língua suavemente. Sei que estão sensíveis.

Sinto as mãos dela sobre meu dorso, na cintura e então no cócs da calça, que ela começa a desabotoar apressadamente. O jeans resvala por minhas pernas enquanto tiro a calcinha dela, e uma mão escorrega para dentro da minha cueca, tocando-me com atrevimento. Exalo um som rouco,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendido, temendo esquecer dela e me fixar apenas na resolução do “problema” duro entre minhas pernas. Contenho as carícias segurando-a e afastando os dedos atrevidos.

Entre beijos úmidos por todo lado, desço, chupando com supremo cuidado um de seus seios. Toco-a com carinho mais abaixo, entre as pernas, fazendo um esforço mental por me obrigar a subir os poucos degraus que faltam e, ao contrário do que disse, alcançar o quarto. Mas qualquer boa intenção fica apenas nos pensamentos, suprimidas pelo calor úmido que ocupa minha mão. Insanos, escorregamos devagar para baixo e, quando dou por mim, já sentei minha mulher sobre um degrau; estou de joelhos entre suas pernas, na portinha do paraíso, começando a penetrá-la.

Um som agudo, um chiado que não provém nem dela nem de mim, me detém e me lembra do mais importante sobressalto da minha vida.

— Ah, não! É ela? — pergunto ofegante, contendo um impulso do quadril.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum-hum. — Balança a cabeça, nós dois imóveis, ouvidos atentos.

— Ah, merda — resmungo chateado. — Parece que ela adivinha a hora exata — lamento com os lábios colados aos de Aline, analisando-a.

Não posso culpar o acaso e tampouco o destino por sequer poder transar em paz, afinal sabia o que fazer amor com uma mulher sem me proteger poderia acarretar. O homem que calculava tudo não tinha planejado, mas me deixar arrastar pela paixão inconsequente não poderia resultar em nada mais belo.

— Parou — sussurro e, devagar, volto a beijá-la e a movimentar o quadril, quase inteiramente dentro do meu lugar preferido.

Tenho a impressão de ouvir outro guincho vindo lá de cima, onde ficam os quartos, mas Aline pressiona as pernas ao meu redor e retém toda a minha atenção.

— Não para! — exige.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu obedeço arremetendo e investindo duro, fundo, contra ela. Se há mais algum som além de nossos gemidos, eu já não ouço, enquanto sinto o quentinho que desliza em torno de mim.

Outro berro, agora mais alto.

— Não vou parar! — rosno.

— Não, para! — choraminga ela.

O choro persiste. Mais alto.

— Para! — ela ordena de repente.

— Não! — protesto num rugido e invisto contra ela com tudo.

— Para logo! — e me empurra fazendo menção de se levantar. O instinto materno fala mais alto, para minha infelicidade.

— Tá, paro. — Fecho os olhos, derrotado, e alivio o peso de sobre ela. — Calma... — peço, não sei se para ela ou se para meu amiguinho rígido logo aqui embaixo, e beijo uma têmpora suada de

PERIGOSAS ACHERON

Aline. Com o rosto junto ao dela, retendo seu ímpeto por levantar-se, lamento: — Queria tanto passar o resto da tarde com você.

— Sonhar não é pecado — zomba, ri e me empurra com força, induzida pelos gritos exaltados no andar superior.

Resignado, eu me afasto e me ergo. Enquanto Aline se levanta, pego minha cueca e a visto. Antes que ela possa descer para pegar as próprias roupas, eu me aproximo e a pego no colo, nua como está. Subo o lance de escada que falta e caminho até nosso quarto, sem soltá-la, fazendo de tudo para ignorar os balbucios chorosos que vêm do outro cômodo. Alexia é muito apegada à mãe, exige muito dela e, ao contrário do temperamento plácido de Nicolas, é enérgica e exigente. Sei que Aline anda esgotada e procuro poupá-la sempre que possível, mas o pesado acaba sobrando para ela.

Deixo minha mulher na cama e pego uma camisa minha no armário, para que ela se vista.

— Já volto. — Entrego a ela a blusa, beijo seu

rosto com carinho e saio.

No outro quarto, ao me ver, a danadinha da voz estridente abre um sorriso banguela e, sorte dela, irresistível. Um par de minutos depois, eu volto ao meu quarto, com a trouxinha inconveniente e empata-foda no colo.

— Olha quem acordou, mamãe!



Aline

Sorrio, deixo o algodão com que higienizava os seios de lado e abro os braços ao vê-lo entrar com nossa princesa no colo. Nosso presente inesperado.

Sei que Daniel está cansado da viagem, mas eu não recusaria o mimo; é raro poder esperá-la na cama quando ela dá seus shows durante a tarde. Sempre que pode, ele me ajuda, mas ela ainda mama várias vezes na noite e se contorce em cólicas, então não permito que ele se levante sempre, já que precisa trabalhar o dia inteiro; mas

isso me deixa exausta.

Saber da gravidez vários meses atrás foi uma grata surpresa, um sopro de esperança, um vislumbre do amanhã que, de repente, descobrimos que podíamos almejar. Mas, antes de chegar aqui, nem tudo foram flores. Pelo menos não flores que eu pudesse tocar. Percorremos um árduo caminho; aceitar nossa própria humanidade, nossa imperfeição, foi como andar entre espinheiros. E receber as tristezas que me cabiam viver, um exercício, se não de superação, de transformação forjada nas agruras irrevogáveis da vida.

Ainda me lembro da última vez que li aqueles textos deixados pela outra Aline. Daniel me flagrou enquanto eu os lia e ficou horrorizado. Logo, com o álbum de Nicolas nas mãos e um sorriso cheio de promessas no rosto, ele me convenceu a apagá-los. Também me convenceu de que, ainda que intocável, aquele jardim de lembranças exalava um perfume doce que nos alcançava, e que esse aroma nos enterneceria. Só precisávamos fechar os olhos para as circunstâncias e deixar que ele nos envolvesse. Aquela conversa tinha sido como uma

oração vinda dos Céus direto para meu coração, e eu soube que Deus tinha estado sempre ao meu lado.

Foi difícil abrir mão daquela herança de tristeza, daqueles textos. Chorei muito após deletar os escritos da outra Aline — e continuo insistindo em chamá-la assim... — Mas Daniel me deu colo a noite inteira. Colheu minhas lágrimas, e regou nosso jardim de lembranças com palavras promissoras e o calor de seu abraço confortador, dizendo incansavelmente o quanto estava orgulhoso de mim. Com uma delicadeza surpreendente, ele cobrava aqueles sorrisos e a alegria que eu havia prometido, a felicidade que ele queria guardar e proteger.

A partir de então enchemos a casa de retratos. Nicolas para todos os lados em que olhávamos, mas presente sobretudo em nosso coração. A princípio ao olhá-los, eu sentia os olhos alagados, mas, aos poucos, dia após dia, ia brotando um sorriso, e vários outros, cada vez mais abertos, até que essas imagens se tornaram tão parte da minha vida que eu não saberia viver sem as ver

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os dias. E essas memórias já não se alimentavam de nossas lágrimas, mas da luz de nossos sorrisos.

Já não sei viver sem elas, sem as flores do meu *Jardim de Inverno*.

Já a outra carta, a que escrevi a pedido do psiquiatra, depois de perder a memória, essa eu nunca abri. Já não preciso dela, estou curada. Ela está guardada e lacrada, à espera da outra Aline, para quando ela voltar. Se é que voltará um dia.

Ciente das cócegas em meu seio direito, baixo o rosto e contemplo os olhos da minha pequena. Olhos de alexandrita, como diz Daniel; foi ele quem escolheu o nome da nossa filha, Alexia. São iguaizinhos aos meus, o oposto das gemas escuras, lapidadas de ternura, que Nicolas herdou do pai.

Volto a fitar o porta-retratos, maravilhada com a verdade patente que tilinta junto ao meu coração, em meu peito. Mesmo de longe, inalcançáveis, esses olhos escuros têm o poder de me preencher. Enchem-me de coragem e força para seguir em

PERIGOSAS ACHERON

frente.

— E aí, ela já largou meus peitos? — Daniel brinca ao deixar o banho, penteando os cabelos com as mãos. — Fominha, pensa que eles são só dela. — Ele para a nossa frente, incapaz de dissimular o olhar transbordante de amor.

— Que eu saiba eles não são de nenhum de vocês dois, são meus — retruco rindo.

— Deixa de ser egoísta, vai fazer o que com eles? — Deita-se ao meu lado e não tira os olhos de meus seios.

— Exibir num decote? — Inclino a cabeça simulando um ar pensativo.

Ele me olha feio, resmungando, mas logo levanta o lençol que cobre minhas pernas e se mete debaixo dele, a cabeça coberta. Sinto seus lábios úmidos e suas mãos em minhas pernas, a barba me fazendo cócegas, enquanto ele me enche de beijos e mordidas inocentes.

— Ai, Dani! — reclamo e tento me esquivar,
PERIGOSAS ACHERON

mas ele nem liga, continua debaixo dos lençóis me provocando.

Daniel também está transformado e me prova, a cada dia, que disse a verdade ao afirmar que era um homem bem-humorado. Vive sorrindo, despreocupado, e, sempre que está em casa, senta-se no quintal, com Marrom, para apreciar o pôr do Sol.

— Quero ir ao shopping — solto de repente, e ele, alojado entre minhas pernas, levanta o lençol expondo a cabeça.

— Shopping?! — pergunta sondando meu rosto. — Fazer o que no *Shopping*? — a pergunta horrorizada é típica em se tratando de um homem.

Reviro os olhos suspirando e respondo:

— Não terminei minhas compras de Natal e preciso comprar umas coisinhas para a Alexia e para o Danielzinho.

— Está bem — abandona os lençóis e se aproxima, esfregando a barba em meu pescoço. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas à noite a senhora não me escapa, vou comer você inteirinha, mocinha — adverte apertando meu quadril e se afasta. — Vou me vestir.

Cerca de uma hora depois, estamos dentro de uma grande loja especializada em artigos para bebês. Daniel carrega nossa filha no colo, e eu, uma bolsa e uma sacola.

A vendedora se aproxima trazendo o produto que, na última hora, pedi para ver. Deposita a cadeirinha em uma ampla bancada e deixa que a exploremos. Daniel a toca, lê uma etiqueta e faz perguntas à funcionária da loja. Eu apenas observo o objeto pensativamente.

— E então? — Daniel me sonda com olhos perscrutadores, obviamente preocupado.

— Vamos levar — digo, resoluta, e noto a expressão surpreendida que se desenha em seu semblante.

— Tem certeza? — Crispa o cenho, concentrado em meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho. — Abro a bolsa de Alexia e retiro dela o protetor que ganhei de minha irmã, no chá de bebê. Sei que, ao me dar isto, Kayla queria transmitir uma mensagem encorajadora. Ela se esforça por se redimir. — Podemos levar esta? — pergunto à vendedora, apontando com a cabeça para a cadeirinha.

— Claro! Vou retirar o plástico. — Ela faz o que disse e pede licença um instante, para incluir o produto na nota.

Eu não respondo. Concentrada, dedico-me a forrar a cadeira com o protetor. Daniel me observa em silêncio. Sinto seu olhar, grave, sobre mim, mas logo ele sai para realizar o pagamento.

Alguns minutos depois, retorna e eu estendo os braços para pegar nossa filha. Acomodo Alexia na cadeirinha e afivelo o cinto. Puxo a correia conferindo e então, sim, elevo a alça ao máximo, prestando suma a atenção ao clique que ela faz ao travar. Fecho os olhos e, ainda com a mão na alça, respiro fundo. Embora não tenha observado as instruções da vendedora, como Daniel fez, sei com

exatidão como proceder em relação à segurança, como se tivesse feito isso inúmeras vezes. Estamos prontos.

— Tem certeza? — ouço o murmúrio de Daniel, que me abraça por trás, aconchegando o rosto ao meu pescoço.

— Tenho — respondo com firmeza; é hora de virar mais uma página.

Daniel fica de lado para a cadeirinha, bem perto, e faz com que eu me volte de frente para ele. Encosta os lábios nos meus demoradamente.

— Estou tão orgulhoso de você, amor — diz com a testa colada à minha e me abraça. Sinto seu coração disparado e a carga de sentimentos que emana dele: a emoção é esmagadora. — Vamos? — chama ao se afastar. — Preciso saber do Gabriel, ando preocupado com ele.

Eu estranho o comentário, mas concordo com a cabeça.

— Vamos, claro — concordo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel pega a cadeirinha pela alça, demonstrando total confiança em mim, e eu sorrio em gratidão. Ele me abraça com o braço livre e seguimos nosso caminho pelo corredor enfeitado com motivos natalinos.

— Por que está preocupado com o Gabriel? Aconteceu alguma coisa? — pergunto casualmente.

Daniel suspira e me beija o rosto.

— Passei na empresa para entregar uns documentos antes de ir para casa, e ele estava lá. Não parecia nada bem.

— Por quê? — insisti. — Está doente?

— Uma história meio louca... Barra pesada. Vamos à praça de alimentação, sentar e comer alguma coisa. Lá eu conto tudo.

PERIGOSAS ACHERON

fim

[\[1\]](#) Na mitologia grega, os Rios Estige e Aqueronte separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Caronte é o barqueiro de Hades (Deus do Mundo Inferior) e transporta as almas dos recém-mortos sobre as águas desses rios. É necessária uma moeda para pagar pelo trajeto e, de acordo com alguns autores, caso o morto não a possua, fica condenado a vagar pelas margens por cem anos.